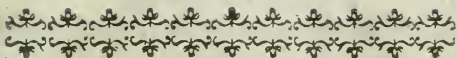
A edição original é em francês.
Autor, o P.e Laffitau, S. J.
Tradução livre, o Capitão
Manoel de Sousa

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO

TOMO I.

LISBOA
NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.
MDCCLXXXVI.
Com licença da Real Meza Censoria.

Vende-se na logea da Viuva Bertrand e Filhos, Mercadores de Livros junto á Igreja dos Martyres ao Xiado, em Lisboa.

S.ta Cruz de Coim-
bra.

PREFACÇAÕ.

POſto que a Naçaõ Portugueza, deſde a ſua origem, ſe tenha conſervado com gloria por muitos ſeculos, com tudo nada a faz mais recomendavel, que o que ella fez n'eſtes ultimos tempos pelos ſeus deſcobrimentos, e conquiſtas no novo Mundo. Que couſa pode haver maior, do que ter levado a noſſa Santa Religiaõ até ás extremidades da terra, e fazer comque infinitas Naçoens ſepultadas nas trevas do Mahometiſmo, ou da Idalatria, abriſſem os olhos á luz da verdade? Que couſa mais illuſtre, que trazer á todos os povos da Europa as commodidades do commercio, de que hoje goſaõ, traçando-lhes huma derrota deſconhecida até entaõ, para os meter

* de

de posse dos thesouros , e riquesas dos paizes mais desconhecidos ?

Por pouco que nos pertençaõ estas grandes vantagens , devemos sentir que o nosso reconhecimento lhes he obrigado por nolas haverem procurado , principalmente se attendermos que saõ o fructo de quasi 200. annos de trabalhos , e fadigas immensas. Neste longo periodo de tempo , ve-se esta Naçaõ , no curso d'huma historia seguida , e sempre interessante , vencer os obstaculos os mais insuperaveis por huma paciencia , e hum valor á toda a prova , pôr grandes homens em todo o genero sobre a scena , serem superiores em toda a parte onde appareceraõ ; e a pezar do seu pequeno numero , estabelecer sua reputaçaõ , seu dominio sobre a ruina dos Imperios , e forçar d'algum modo a fortuna em seu favor sempre com felices acontecimentos.

Isto deve parecer tanto mais digno de admiraçaõ a considerar-se Portugal em si , que he hum Reino mui-

muito pequeno , e comprehendido em mui estreitos limites , naõ era natural de presumir que pôde-se achar em si mesmo tantos recursos , formar taõ vastas empresas , abraçar huma taõ grande extençaõ de paiz , supprir a tantas despezas , subjugar tantos Povos diversos , e pôr em acçaõ hum taõ grande numero de sugeitos capazes de executar os seus projectos com tanta gloria.

Os descobrimentos , e as conquistas dos Portuguezes tiveraõ muita reputaçaõ no seu tempo , para serem ignoradas. He com tudo de admirar que se naõ tenha escrito a sua historia em Francez , e foi este o motivo que me obrigou a dalla ao Publico , por honra d'huma Naçaõ a quem o mundo se acha taõ obrigado , e de quem as grandes acçoens merecem tanto serem transmitidas miudamente á posteridade. Tanto gosto tinha de ver nas maõs dos Francezes as traduçoens da bela historia das conquistas do Mexico , e de Peru , que tanta honra fizeraõ aos

Hespanhoes, quanto me desgostava de que ninguem entre nos tivesse emprehendido reunir n'hum corpo de obra, o que os Portuguezes tem feito digno de gloria da sua parte.

He verdade que antigamente deraő d'isto hum ensaio com o titulo de *Historia de Portugal, que contém as empresas, navegaçoens, e feitos memoraveis dos Portuguezes tanto na Conquista das Indias Orientaes por elles descubertas, como nas guerras d'Affrica, e outros descobrimentos, &c.* Porém este livro, impresso ha mais de 150 annos, naő he propriamente mais do que huma traducçaő da Chronica d'ElRei D. Manoel escrita na lingoa latina pelo celebre Osorio Bispo de Silves nos Algarves, e dos livros de Lopes de Castanheda. Isto naő he por consequencia se naő huma parte d'esta historia misturada com muitos outros factos, que lhe saő estranhos. O seu estilo he taő antiquado, que naő se pode aturar a liçaő.

A' Naçaő Portugueza naő tem fal-

faltado Efcritores que tenhaõ celebrado a gloria das fuas conquiftas em diverfas lingoas da noffa : e pode fer que o merecimento d'eftes Efcritores tenha defcorfoado os d'entre nós, que o quizeffem emprehender, feja porque tenhaõ temido arrifcar-fe a ordenar a hiftoria, ou que tenhaõ efmorecido de chegar á força das fuas expreffoens com huma fimplex traduçaõ. Eu affentei naõ fer melindrozo nefte ponto. Bafta-me que a hiftoria feja intereffante por fi mefma, e que ella poffa dar gofto aos leitores.

Fernam Lopes de Caftanheda foi o primeiro que começou a efcrever em Portuguez a hiftoria do defcobrimento, e conquifta das Indias, a qual deo em 8 livros, e chega até quafi ao fim do Governo de Nuno da Cunha. Foi impreffa em Coimbra em 1552. O merecimento d'efte Autor he mediocre. He por extremo difufo, e miudo. Com tudo como elle tinha eftado nas Indias em companhia de feu Pai, que alli tinha hum offi-

officio da Judicatura, fala como homem entendido, e inſtruido nos factos que conta.

Joaõ de Barros homem de qualidade, porém mais recomendavel ainda pelo ſeu goſto nas belas letras, eſcreveo tambem quaſi no meſmo tempo a hiſtoria das Indias na ſua lingoa com tanta felicidade, que adquirio o nome de Tito Livio Portuguez. Deo tres Decadas em ſua vida, que appareceraõ ſucceſſivamente em 1552. em 1553, e em 1563. Eſta obra tem conſervado a reputaçaõ de ſeu Autor, que paſſa por elegantiſſimo, exactiſſimo na verdade dos factos, e muito entendido na deſcripçaõ Geografica, que faz dos paizes de que falla. O merecimento deſte Autor he com tudo conteſtado por algum dos noſſos Eſcritores, que diſſe que Barros naõ tinha feito mais do que borrar papel. Barros tinha ſido tres annos Governador em S. Jorge da Mina ſobre a Coſta d'Africa, e foi depois Theſoureiro Geral da Caza da India; donde tirou

as

as memorias ſobre que eſcreveo por ordem d'ElRei. A ſua terceira Decada acaba com o Governo de D. Henrique de Menezes.

A quarta Decada deſte celebre Eſcritor he huma obra poſthuma, a qual foi comprada muito cara a D. Luiza Soares, viuva de Jeronymo de Barros primeiro filho do Autor, e dada á luz por Joaõ Baptiſta Lavanha Chroniſta de Filippe. III. Rei d'Heſpanha, e por ordem deſte Principe o Editor a alterou muito, ajuntou, e cortou. E meſmo lhe incherio coiſas poſteriores á morte de ſeu Autor, o que diminuio muito o ſeu merecimento. Porém a ediçaõ deſta Decada, que foi feita em Madrid em 1615 na Impreſſaõ Regia, he magnifica pelo papel, letra e Cartas Geograficas de que eſtá enriquecida. Eſta Decada vai até ao fim do Governo de Nuno da Cunha.

Diogo do Couto continuou a Hiſtoria de Barros, e começou por huma quarta Decada, que entra na daquelle ſabio Eſcritor, a qual naõ

ti-

tinha ainda apparecido. Couto tinha feito grandes progreſſos nas bellas letras, e na Filoſofia na qual fora diſcipulo do Beato Bartholomeu dos Martyres, que a Igreja venera nos Altares. A morte do Infante D. Luiz tendo-o privado da poderoza protecçaõ, com que eſte Principe honrava os Sabios, paſſou ás Indias, onde ſervio na primeira vez oito annos; depois do que voltou para á Europa. Tornou depois ás Indias ſegunda vez, e ſe eſtabeleceo em Goa, onde foi Guarda mór da Torre do Tombo. Alli tendo-ſe feito ſenhor das noticias neceſſarias para eſta hiſtoria, ſe arrojou a continuala por ordens, e ſob os auſpicios de Filippe II. Suas 4. 5. 6., e 7. Decadas foraõ impreſſas em Lisboa em 1602. 1612. 1614., e 1616. tinha continuado até á duodecima incluſiva mente; porém eſtas ultimas ficaraõ em manuſcritos, que ſe conſervaõ nas maõs d'alguns curiozos. O Senhor Couvei Secretario d'ElRei, e Cavalleiro da Ordem de Chriſto taõ

conhe-

conhecido pelo ſeu bom goſto na literatura , como pela ſua deſtreza nos negocios , me fez a honra de me communicar a oitava , e nona , que elle conſerva na ſua precioza Bibliotheca. Sinco livros da duodecima, foraõ impreſſos em Ruaõ em 1645 pelas diligencias de D. Manoel Fernandes de Villa-Real Enviado dos negocios de Portugal na Corte de França. A ſetima Decada de Couto acaba com o Governo de Joaõ de Mendonça. Eſte Autor he exacto, e circunſtanciado. A ſua obra lhe deo honra, e á ſua Naçaõ.

Mafeo taõ eſtimado pela elegancia da ſua excellente latinidade , paſſou determinadamente á Portugal para compor a ſua hiſtaria das Indias, que ordenou até á morte d'ElRei D. Joaõ III. , e que dividio em 16 livros. He facil de ſuſpeitar que o lugar onde elle eſcreveo lhe deo huma pouca daquella ſugeiçaõ , que he taõ contraria á liberdade do hiſtoriador , e á verdade da hiſtoria. He

com

com tudo fiel, e naõ fez mais que passar ligeiramente por certos pontos, que elle julgou dever prudentemente dissimular.

O Padre Antonio de S. Romaõ, naõ fez mais do que traduzir Mafeo em Portuguez. Manoel de Faria diz delle, que he muito inferior ao seu original, e que o seu mesmo traductor Italiano o desbanca.

Manoel de Faria, e Souza Cavalleiro da Ordem de Christo, conhecido por muitas obras, celebrou elle mesmo os elogios da sua Naçaõ, que acompanhou nas quatro partes do mundo. Porque além dos quatro volumes da sua Europa Portugueza, deo a sua Asia Portugueza em 3. volum. em folio. A Africa Portugueza em 2, e a America Portugueza em hum. O primeiro tomo da sua Asia naõ he mais do que hum rezumo das 4. Decadas de Barros, de que guardou a ordem, e o methodo debaixo d'outros titulos. Naõ julgou violentar a sua modestia comparando-se a Floro, e a Justino, dos

dos quaes hum rezumio a hiſtoria de Tito Livio, e o outro a de Trogo Pompeo. O ſegundo Tomo, que acaba na morte do Cardeal Rei D. Henrique, he igualmente hum rezumo das Decadas de Diogo do Couto[5], da Chronica d'ElRei D. Joaõ III., e de muitos outros livros, e munuſcritos. O terceiro comprehende o que ſe paſſou nos Indias nos Reinados dos tres Filippes d'Auſtria Reis de Heſpanha, e de Portugal até ao anno de 1640, que foi o da Revoluçaõ, e do eſtabelicimento da Caza de Bragança ſobre o Throno de ſeus Reis. Eſte Autor preferio á ſua lingoa nativa a Caſtelhana; que achou mais conforme ao ſeu eſtylo elevado, grave; e ſentenciozo. Seu eſtylo he nobre, concizo, e algumas vezes eſcuro por ſer muito concizo. O caracter de verdade que affecta o faz atrevido, e livre. Suas reflexoẽs mui frequentes o levaõ a digreſſoẽs que podia cortar. As ſuas agudèzas daõ com tudo goſto. Em tudo falla como homem ſuperior,

que

que applaude os ſeus penſamentos.

A eſtes Autores, que eſcreveraõ de propoſito a Hiſtoria dos Portuguezes no Novo Mundo, he precizo ajuntar os Autores das Chronicas dos Reis, ſob que foraõ feitos os deſcubrimentos, e as conquiſtas. Entre os quaes os mais conhecidos ſaõ Jeronymo Oſorio, Damiaõ de Goes, e Franciſco d'Andrade. Os dois primeiros eſcreveraõ a Hiſtoria do Reinado de D. Manoel, e o ultimo a d'ElRei D. Joaõ III. Oſorio chamado o *Cicero Portugues*, naõ cede com effeito a ninguem na beleza da lingoa Latina, na qual eſcreveo, e que poſſuhia perfeitamente. Damiaõ de Goes, e Andrade eſcreveraõ na ſua lingoa materna, e ambos muito bem. Goes, e Oſorio ſe correſponderaõ com todos os Sabios do ſeu tempo, os Bembos, os Sadoletos, os Joves, os Eraſmos, os Goclens, os Nannios, &c. Elles meſmos tinhaõ grande reputaçaõ de Sabios.

Devem-ſe conſiderar tambem co-

como hum ſoccorro neceſſario para á Hiſtoria Geral deſtes deſcubrimentos, e conquiſtas, os Autores de algumas hiſtorias particulares, de algumas Relaçoẽs, e de alguns factos ſeparados, que fazem como parte daquella. Tais ſaõ os Commentarios d'Affonſo d'Albuquerque, a Vida do Vice-Rei D. Joaõ de Caſtro, e a Hiſtoria de Antonio Pinto Pereira. Os Commentarios d'Albuquerque ſaõ eſcritos com huma ſimplicidade modeſta, que eleva infinitamente eſte Heroe, e com huma moderaçaõ, que naõ faz menos honra a ſeu filho, que os dirigio, e deo ao Publico. A Vida de D. Joaõ de Caſtro, eſcrita em Portuguez por Jacinto Freire d'Andrade he inſigne no ſeu genero, e reſpeitada como tal em Portugal. Eſta hiſtoria foi bem traduzida em Latim novamente pelo Padre Franciſco Maria del Roſſo Jeſuîta, e impreſſa em Roma em 1627. Antonio Pinto Pereira eſcreveo no tempo d'ElRei D. Sebaſtiaõ, a Hiſtoria do primei-

primeiro Governo do Vice-Rei D. Luiz d'Ataide, Conde d'Atouguia, que os Portuguezes conſideraő como outro Noé depois do diluvio, e como o reſtaurador dos ſeus negocios nas Indias. Eſta obra, que he hum volume de quarto baſtantemente groſſo, naő contém mais que dois livros d'uma narraçaő muito curioza, e muito inſtructiva.

Eu chamo com tudo, pedaços ſeparados á deſcripçaő Latina de Damiaő de Goes do primeiro cerco de Diu; ou tres Commentarios do meſmo Autor ſobre a ſegunda guerra de Cambaia; a Hiſtoria do ſegundo cerco de Diu por Diogo de Teive, obra que naő he inferior a Goes: algumas viagens feitas naquelles tempos, e outras peças avulças, que ſe achaő na Colleçaő de Ramuſio, a expediçaő de Chriſtovaő da Gama eſcrita por Miguel de Caſtanhoſo; a viagem de Franciſco Alvares á Corte do Preſte Joaő; as Hiſtorias de Ethyopia de diverſos Autores; as do Braſil por

Pe-

Pedro de Magalhaẽs, e pelo Padre Joaõ Jozé de Santa Tereza; a de Bartholomeo d'Argenſola das Ilhas Molucas; a Hiſtoria do Padre Luiz de Guſmaõ das primeiras Miſſoẽs da Companhia de Jeſus; as cartas eſcritas de differentes Miſſoẽs, &c.

Nós deſejamos hoje muitas obras, que ſó foraõ manuſcritas, d'onde ſe poderiaõ tirar grandes lucros. Eſtes manuſcritos eſtaõ ignorados, ou perdidos, ou dificeis de tirar das maõs dos curioſos que os poſſuem.

Em fim nós temos alem d'iſto infinitas Relaçoẽs modernas de todos os paizes onde os Portuguezes tem eſtado. Eſtas Relaçoẽs desfiguraõ muito as couſas, e no las repreſentaõ algumas veſes bem differentes do que nós as vemos nas hiſtorias antigas. He verdade que por huma longa frequencia tem deſcuberto muitas coiſas, que naõ conheceraõ bem no principio em materia de coſtumes; uſos que naõ ſe aprendem ſe naõ por hum conhecimento perfeito das lingoas eſtrangeiras, e hum grande uſo de commer-

ciar

ciar com os naturaes do paiz, e huma grande attençaõ em reflectir sobre estes mesmos usos. Mas he preciso dizer tambem que tudo tem mudado muito com o tempo, naõ sómente em razaõ dos Imperios, que tem sofrido grandes revoluçoẽs; mas ainda em razaõ dos costumes, que se alteraõ sempre pela frequencia, e communicaçaõ dos estrangeiros, sem fallar na cautela que se preciza ter, e na prudente prevençaõ na leitura dos que fazem Relaçoẽs, a quem o contagio de dizerem coisas novas, e a inveja de falar do que viraõ, e ouviraõ, antes de esperarem tempo de o profundar, e de o conhecer bem, fazem arriscar muitas particularidades, cuja facilidade evidente, ou a pouca verisimilhança se manifesta contra elles. Fernam Mendes Pinto adquirio má reputaçaõ por esta causa entre os Portuguezes mesmo. A sua obra parece huma Novella. Com tudo eu sei, que pessoas instruidas o justificaõ, e affirmaõ que elle naõ dissera ainda tudo. He

He ponto que naõ decido. Eu naõ precizei delle para eſta hiſtoria, nem de muitos outros, cuja fé me he ſuſpeita. Igualmente me acautelei das Relaçoẽs modernas, ainda que as leſſe. Uzei do meſmo em razaõ das antigas, ſem exceptuar ainda as dos Miſſionarios de qualquer Ordem que foſſem; naõ porque eu deſconfie da ſua virtude, ou da ſua ſinceridade; mas porque ſei que os obreiros Evangelicos, unicamente attentos ás funçoẽs do zelo, naõ ſaõ commummente milhor informados em materia de negocios de Politica, e de Governo, do que o he o Povo ſobre as noticias que correm: que o zelo meſmo os tem feito ver algumas vezeas coiſas com huns olhos bem difs ferentes dos do commum, ou ſeja quando approvaõ, ou quando reprehendem; e que a neceſſidade que elles tem das peſſoas empregadas para ſuſtentarem os ſeus trabalhos Apoſtolicos, os obriga a calar o que elles poderiaõ dizer em deſabono

destas mesmas Pessoas, ou a elogiar com encarecimento o que pode lisongear o seu gosto.

Eu unicamente me encostei, o mais que pude, aos Autores que escreveraõ esta historia de proposito, assim por ser conhecido o seu merecimento neste genero, como porque tendo sido encarregados, pela maior parte, deste trabalho pelas ordens dos Soberanos, lhes foi o deposito confiado, que elles beberaõ nas verdadeiras fontes, que saõ os arquivos de Goa, e de Lisboa, os Gabinetes dos Ministros, e as memorias particulares dos que tem tido parte no Governo, ou em Portugal, ou no novo Mundo.

Eu fixei a epoca desta historia no memoravel acontecimento, que reunio Portugal ás outras Coroas da Monarquia de Hespanha. Naõ julguei dever hir mais longe, como fez Manoel de Faria, porque com effeito aqui acabam os descobrimentos, e as conquistas; e depois daquelle tempo os negocios de Portugal

gal no novo Mundo foraõ taõ def-prezados por hum Miniſterio intereſ-ſado em enfraquecer hum Eſtado, de quem temia as forças, e pelo amor dos ſeus Principes naturaes, que he huma eſpecie de prodigio, que entaõ os Portuguezes naõ perdeſ-ſem tudo, o que tinha ſido o fru-cto de tantos annos, e de tantas deſ-pezas, trabalhos, e fadigas.

As conquiſtas dos Portuguezes no novo Mundo, naõ tem a meſma graça viſtas de huma vez, que tem as conquiſtas do Mexico, e do Peru. Neſtas veſſe hum Conquiſta-dor ſó, que pela força do ſeu va-lor, ſua invencivel paciencia, a ca-pacidade, e extençaõ do ſeu genio; ſua habilidade em achar recurſos, e ſua attençaõ a aproveitar-ſe de to-das as ſuas vantagens, pode em mui breve eſpaço de tempo, e com muito pouca gente conquiſtar hum Eſtado poderoſo, e eſtabelecer-ſe ſolidamente ſobre as ruinas d'hum grande Imperio. Parece, como no Poema Epico, naõ ſer mais do

que huma acçaõ reveſtida de alguns Epiſodios. Nos primeiros pelo contrario he hum longo periodo d'annos, huma multidaõ de paizes differentes, hum numero infinito d'acçoẽs, diverſos Chefes, que ſe ſuccedem com idéas differentes, hum ajuntamento de coiſas diſparatadas, que naõ tem nem unidade, nem ordem, e huma eſpecie de cahos, d'onde naõ reſulta hum todo, ſe naõ por ſer huma Naçaõ que obra ſempre, e á qual tudo ſe refere.

Eu concedo que iſto meſmo produz huma ſorte d'embaraço, que ſe fez ſentir d'hum modo deſagradavel aos meſmos Autores que eſcreveraõ. Cercados deſta multidaõ de factos, diſtrahidos pela diſtancia, e diverſidade dos lugares, e naõ ſabendo, por aſſim dizer, ao que acudiſſem para appreſentar o todo com ordem, e com methodo, elles meſmos ſe captiváraõ, impondo-ſe huma lei d'eſcrever por modo de Annaes ſegundo a Chronologia dos tempos: o que cortando-lhes as nar-

ra-

raçoẽs, os torna languidos, e desagradaveis ao leitor, que esperando ver a consequencia d'hum artigo, que começou a ler com gosto, e no qual já tomou algum interesse, se vê logo transportado naõ sei para onde, e obrigado a devorar hum numero de Capitulos de pontos menos interessantes, antes de poder encontrar aquelle de que suspirava ver o fim.

He por evitar este inconveniente, que a mim mesmo me cansou, e que eu julguei que devia tomar mais alguma liberdade. He verdade que segui huma ordem Chronologica no que toca aos annos dos Governadores, e dos Vice-Reis, assentando as principaes acçoẽs na ordem natural, que ellas deviaõ ter, principalmente quando ellas se fizeraõ com a sua assistencia, e que elles alli se acharaõ em pessoa. Porém nas acçoẽs, que naõ tem o mesmo esplendor, ou que se passaraõ em lugares apartados, procurei de as restringir muito para as representar n'um golpe de vista, que mostra differentes perspectivas, sem

ter

ter tanto refpeito á ordem Chronologica, que eu naõ deixei de apontar coteando os annos á margem, ou no mefmo corpo da narraçaõ: por onde creio ter remediado, o que podem ter de defagradavel, e de faftidiozo as narraçoẽs eftropeadas, ou muito extenfas, cujo effeito he de produzir faftio, e confufaõ no efpirito.

Porém fem pretender diminuir em nada a gloria, que os Hefpanhoes adquiriraõ; fe as fuas conquiftas fe fazem fuperiores pela vantagem que tem de fe fazerem ler com gofto por caufa da unidade da acçaõ, he precizo convir tambem, que ellas faõ muito inferiores, fe compararmos conquiftas á conquiftas, Reinos á Reinos, Naçoẽs á Naçoẽs. Os Mexicanos, e os Peruvianos, pofto que compozeffem Eftados policiados, ricos, e florecentes, eraõ com tudo huma efpecie de Barbaros, que fe naõ defendiaõ melhor, que os povos falvagens da America, nem menos faccis de vencer do que os Ne-

gros

gros Africanos. Os povos das Indias Orientaes pelo contrario, posto que muito máos soldados por si mesmos, tinhaõ com tudo grandes soccorros, por usarem já das armas de fogo, e terem hum numero consideravel de tropas auxiliares, compostas de Christaõs arrenegados, e de quantidade de diversas Naçoés Musulmanas, que tinhaõ d'antes feito cara ás tropas de todas as Potencias da Europa, que ellas tinhaõ vencido muitas vezes na Asia no tempo das Crusadas. Que se a pesar disto se quiserem obstinar, e confirmarem-se no desprezo, que tem concebido dos Reis, e das Naçoés do Indostam, naõ poderaõ com tudo refusar ás armas Portuguezas o louvor que lhes he devido, se reflectirem que o Sophi Ismael Conquistador da Persia, e os Reis de Mogol estimáraõ mais procurar a alliança dellas, do que declarar-lhes guerra, e que os Califas do Egypto, e dois Sultoés taõ poderosos como o eraõ Selim, e Solimaõ Imperadores dos Turcos, que empre-

emprehenderaō perturbalas nas ſuas conquiſtas, naō fizeraō mais do que realçar-lhes a pompa pela injuria de ficarem deſtruidos, e pela inutilidade de todos os ſeus esforços.

Em fim ſe eſta extençaō de paiz, eſta variedade de Chefez, eſta differença d'acçoēs, eſta diverſidade de tempos parecem tirar á hiſtoria a ſua graça pela razaō que já diſſe, ella he compençada por outra parte por eſta meſma variedade, que tem ſeu deleite, e forra o que teria de inſipido huma mui grande uniformidade. O contraſte dos caracteres differentes das peſſoas, a diverſidade dos accontecimentos felices, e infelices ſaō como outros tantos Epiſodios, que reunidos em hum corpo de hiſtoria, nella formaō huma armonia, que algumas vezes naō agrada menos áo eſpirito, do que agrada ao ouvido a que reſulta da uniaō de diverſos inſtrumentos, e do concerto de differentes vozes.

He precizo com tudo convir, e os meſmos Portuguezes convém niſ-

ſo,

ſo, que elles teriaõ trabalhado ſolidamente na ſua utilidade, ainda mais do que pela fermozura da hiſtoria, ſe elles tiveſſem abraçado menos terreno. Se por exemplo ſe tiveſſem limitado na Ilha de Ceilaõ, que a tiveſſem bem povoada, e fortificada; ſe com ella elles tiveſſem uſado dos ſeus direitos com menos ſoberba, e tratado os povos com mais humanidade, colocados como no centro de todo eſte Oriente, e em eſtado de fazerem todo o commercio, ſeriaõ elles hoje ſós os ſenhores, e naõ lhes teria cuſtado quaſi nada, em comparaçaõ do que com effeito lhes cuſtaraõ as Indias, abſorvendo-lhes milhoẽs de homens, e de dinheiro.

A hiſtoria naõ deve eſtar no goſto do Panegyrico. O Autor que intenta louvar tudo, ſahe do caracter do hiſtoriador, que deve ſer verdadeiro, e igualmente apartado d'uma exageraçaõ demaſiada dos factos que merecem algum louvor; como tambem d'uma diſſimulaçaõ que lhes faz

ca-

calar os que saõ dignos de reprehensaõ. Os homens que entraõ no tecido da historia naõ saõ todos bons, e virtuosos; as acçoẽs que formaõ a baze nem todas tem o maravilhoso, e o brilhante. No painel ha de ordinario mais sombra, do que luz, porém huma serve de fazer sobresahir a outra, e pelo acordo de ambas he que o painel fica perfeito, quando saõ bem distribuidas. Eu conheço que huma Naçaõ vê com gosto na historia do seu paiz, o que pode contribuir a fazer-lhe honra; as acçoẽs de virtude, e de valor, os exemplos que podem servir de modelo, e excitar a admiraçaõ; que pelo contrario tem pena dalli achar certos rasgos que destroem, fraquezas, crimes atrozes, perdas de batalhas, e outros acontecimentos, com que a lembrança se afflige. Ainda que pessoalmente naõ tenhaõ nisso tido parte alguma, sentem-se unicamente porque interessaõ á Naçaõ, e que naõ quereriaõ ver renovar a memoria das coisas, que parecem deshonral-

ralla : porém querer tirar isto do corpo d'uma historia, he desfigurala, e formar della huma idéa puramente imaginaria.

A historia que eu pretendo dar aqui ao Publico, tem grandes, e belas coisas, sem duvida; porém nem tudo he belo. O mesmo Leitor alli achará lances que tem escapado a particulares, e de que naturalmente deve ser tocado. Será admirado principalmente do que eu digo das Molucas, onde verdadeiramente os Portuguezes se entregaraõ em diversos tempos a estranhos excessos, que eu mesmo tive pena de ler, e de escrever. Seraõ com tudo menos admirados, se derem attençaõ a que a maior parte que enviaraõ a estas Colonias, naõ se compunha da melhor gente, e que se achava nas equipagens dos navios huma especie d'homens, de que Portugal se teria livrado pelos supplicios, se naõ tivesse achado huma via de o fazer d'hum modo mais facil, deixando-lhes a vida, de que eraõ indignos. Estes homens

mens naõ ſe faziaõ melhores na diſtancia, e naõ emendavaõ os ſeus coſtumes, ainda que foſſem mais felices em fazer fortuna, que a gente de bem, que o merece melhor do que elles. Quaſi todas as Naçoẽs, que tem tido Colonias para fundar, tem experimentado o meſmo inconveniente. As conquiſtas Heſpanholas tem tido a meſma nota. Ainda que ſeja o que for, e julguei que era da obrigaçaõ d'hum Hiſtoriador de dizer a verdadade, eu naõ diſſe mais do que o que os Autores Portuguezes eſcreveraõ antes de mim, e eſtudei em fazelo com mais moderaçaõ do que elles. Se elles exageraraõ algumas vezes as ſuas vantagens, naõ caláraõ o que lhes podia fazer injuria. Eu penſo que elles julgaraõ prudentemente, que alguns erros peſſoaes naõ diminuem em nada a gloria de tantas outras fermozas acçoẽs, pelas quaes as más ſe apagáraõ, e aniquiláraõ.

Por reſpeito a eſta exageraçaõ em materia de coiſas que podem liſon-

ſongear, e entereſſar verdadeiramente, parece algumas vezes ſenſivel na diſcripçaõ de certas acçoẽs, e no ganho das batalhas. Eu digo que parece, porque a rezaõ repugna naturalmente a crer huma taõ grande deſproporçaõ entre a vantagem, e a perda. Eu me contentei de o apontar algumas vezes; porém commummente ſegui os meus Autores, deixando as reflexoẽs ao Leitor judicioſo, capaz de fazer hum juſto diſcernimento ſegundo as occaſioẽs.

O deſcubrimento, e as conquiſtas das terras deſconhecidas, onde os Portuguezes levaraõ as ſuas armas, e o eſtabelecimento da fé que plantaraõ neſtas meſmas terras, ſaõ os dois grandes objectos, que veraõ ſempre n'hum longo tecido de factos de acçoẽs memoraveis; de maneira com tudo, que fazendo o meu capital do primeiro deſtes objectos, naõ poſſo mais que tocar de paſſagem o ſegundo. A conquiſta eſpiritual do novo Mundo, os trabalhos dos miniſtros Apoſtolicos, que cheios do eſpirito

de

de Deos, e debaixo dos auſpicios da Corte de Portugal, conſagraraõ ſeus ſuores, e ſeu meſmo ſangue no eſtabelecimento do Evangelho, devem fazer a materia de outra obra diſtincta, e merecem bem de ſer eſcritos, ſem ſerem miſturados com todos eſtes factos, que podem divertir a attençaõ.

Como eſtrangeiro de Portugal, eu naõ ſei que parte tomaõ as familias Portuguezas nos nomes que acharaõ neſta hiſtoria, e dos que uſaõ hoje. Eu ſei ſómente que ahi há huma grande confuzaõ deſtes meſmos nomes ſem parenteſco nem alliança. Os meſmos Indios tomavaõ os nomes dos Albuquerques, e das mais illuſtres caſas para ſe honrarem, e adquirirem alguma protecçaõ. Eu naõ pude nem quiz inſtruir-me neſte ponto; porque como no elogio dos grandes homens naõ tive entereſſe algum em eſpalhar os louvores, tambem eſtou exempto de toda a paixaõ para com aquelles, que naõ pude deixar de reprehender, naõ me tendo propoſto mais que a gloria da Naçaõ em geral, a feli-

cida-

cidade divida á verdade dos factos; ao bem, e á utilidade do Publico.

A ſimilhança deſtes nomes cauſa algumas vezes huma eſpecie de eſcuridade. Muitas vezes podem confundir diverſas peſſoas em humn ſó, e ahi ha lugar de ſe admirarem de verem alli reviver, quem julgaõ que o Autor fez morrer; he eſta huma confuzaõ inſeparavel de todas as hiſtorias. Eu procurei deſembaraçar tudo o mais que pude, e ſegui as minhas memorias.

Eu advertirei aqui, acabando no que reſpeita ao Dom, que he hum titulo honorifico que tomaõ as familias nobres, e illuſtres, mas naõ he hum ſinal inteiramente diſtinctivo da Nobreza, que todos os Nobres poſſaõ tomar, nem inteiramente ſuperior aos ſimplices fidalgos, que naõ ſeja applicado ſe naõ ás caſas titulares, porque ha muitas que naõ o tomaõ como as dos Cabraes, dos grandes Albuquerques &c. porque ellas ſaõ d'uma Nobreza caracterizada de longo tempo antes da origem deſte titu-

tu-

tulo honorifico: ainda que com tudo ſe dé aos Reis, e aos Principes de ſangue. Como eu naõ tenho baſtante conhecimento do Nobiliario de Portugal, para applicar eſtas diſtinçoés a cada familia, conformei-me aos Portuguezes, ſobre quem eſcrevo. Aſſim ninguem terá lugar de ſe queixar.

HIS-

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO I.

Ann. de J. C.

OR mais apurada que estivesse a Arte de navegar nos tempos, que nos precedêraõ, a dilatada vastidaõ do Oceano servio sempre como impenetravel barreira, e como hum dique, onde esbarrava a cubiça, e ambiçaõ dos homens, fecundo manancial da sua industria. As pasmosas expediçoens destes Heróes paravaõ nas Columnas de Hercules;

Ann. de J. C.

nem a Antiguidade tinha noticia alguma, ou muito pouca de coisa ao Poente dellas. Os Fenices, taõ famigerados pelo seu commercio, naõ conhecêraõ mais do que as margens do Oceano pela parte da Europa, e de Africa, e, se desembocáraõ o Estreito, naõ se desviáraõ além de Cádis. Se comparâmos a viajem dos Argonautas com as das nossas éras, merecerá ella ser taõ decantada dos Poetas? As Ilhas Fortunadas, e as Atlánticas eraõ taõ pouco conhecidas dos Antigos, que por muito tempo passáraõ por Fabulas, como tudo quanto dellas dizem: ainda hoje he ponto de controversia, que coisa era o Ofir de Salomaõ, e a Tharsis da Escritura, dizendo cada hum o que se lhe antoja, encontra razoens, com que o abonar; ainda hoje he coisa Problematica, se os Antigos torneáraõ a Africa, ainda que em Heródoto se achem indicios de se haver emprehendido esta viajem, ou talvez feito no tempo dos Carthaginezes, de Neco, Rei do Egypto, e de Xerxes; mas ainda supponde que assim succedesse, por quantos seculos foi isto ignorado, ou avaliado por fabula? Ultimamente qualquer coisa que se retirem das raias do Imperio Roma-

mano Ptolemeo, Strabo, e os de mais Geografos antigos, quaõ defeituosos, e escuros ficaõ. Os mesmos Romanos no auge da sua maior fortuna nos representáraõ a Grã Bretanha, e a famosa Thule, como o fim do mundo pela parte do pólo Arctico.

Ann. de J. C.

Acaso estava embaraçado entaõ o penetrar mais ávante, como se fez nos ultimos seculos, cujos descobrimentos foraõ taõ magnificos? Havia entaõ menos ancia de conhecer, conquistar, e accrescentar Imperios a Imperios, amontoar cabedaes a cabedaes? Faltavaõ meios de aperfeiçoar, e polir os conhecimentos, apurando a Arte de navegar? He certo que naõ; e he incomprehensivel o porque entaõ se naõ póde conseguir o que com tamanho successo se levou ao fim nos nossos dias.

Isto nos obriga a recorrer aos eternos decretos da Providencia incomprehensivel, cujos abismos nos naõ he licito sondar, mas que tem momentos prefixos para levar tudo ao seu fim, e fazer com que brilhe a sua gloria. Do adoravel proceder desta Providencia temos claras provas desde a origem do mundo no que respeita ao estabelecimento da Religiaõ, em que o dom da Fé preciosa, mas ambulante,

Ann. de J. C.

te, passava successivamente de huns póvos a outros, desmerecendo huns o thesouro, de que estavaõ senhores, e de que parecia cançarem-se, ao mesmo tempo que outros, quando menos o esperavaõ, o agazalhavaõ anciosos. He o que por mais sensivel maneira vimos nestes seculos ultimos; a Fé alterada com as heresias, ou esmorecida com os costumes dos Christaõs; parecia querer desamparar pouco a pouco a sua antiga morada para hir buscar couto em paizes até entaõ desconhecidos, em que indistinctamente Naçoens barbaras, e polidas alcançáraõ o bem de curvarem as cabeças sob o jugo do Evangelho, e abraçarem a lei de J. C. Feliz a naçaõ Portugueza que foi o instrumento, de que Deos quiz servir-se para pôr em execuçaõ tam grande designio.

JOAÕ I. REI DE PORTUGAL.

O Estado de Portugal era adoptado para os designios da Providencia. Tendo sido por muito tempo alvo das invasoens dos Mouros, de que a traiçaõ do Conde Juliaõ inundára toda a Hespanha, no Reinado de Roderigo Rei ultimo dos Visigodos, cujas desgraças saõ bem sabidas, naõ sómente se tinha sustentado, com a Castella, contra a tyrannia de seus antigos inimigos,

mas

mas tinha tido de mais a ventura de ſer o primeiro que deſpejou delles todo o ſeu Eſtado, obrigando-os a repaſſar os mares, e de mais os foi perſeguir na meſma Africa, obrigando-os a por-ſe em huma defenſiva nas ſuas meſmas terras, onde começáraõ a coſtumálos a trazerem os ſeus grilhoens.

Ann. de J. C.
JOAÕ I. REI DE PORTUGAL.

Em circumſtancias taes ſuſcitou Deos, por me ſervir da fraſe da Santa Eſcritura, o eſpirito do Infante D. Henrique, Duque de Viſeu, Graõ Meſtre da Ordem de Chriſto, aſſim como n'outro tempo ſuſcitára o de Gedeaõ contra os inimigos do ſeu povo, ſervindo-ſe deſte Principe moço, para lançar como a pedra fundamental da grande obra dos decretos da ſua Miſericordia. Naſcido taõ proximo ao throno, que teve todo o merito para ſubir a elle, o arredou a ordem do naſcimento quanto baſtou, para viver como vaſſallo; mas iſto meſmo foi o que o pôz em caminho de obrar couſas, que lhe eſtorvaria fazer o pezo todo do Governo, e de trabalhar por ſucceſſos, dignos fructos da ſua applicaçaõ, os quaes lhe grangeáraõ tamanha gloria, e pelos quaes bem ſe pode aſſeverar que desbancou Hercules, e Jaſon taõ gabados da Antiguidade.

Era

Ann. de J. C. João I. Rei.

Era quinto filho delRei D. Joaõ I. cognominado o Vingador, e de D. Filippa de Lancastre, irmã de Henrique IV. Rei de Inglaterra. Acompanhára seu Pai á sua expediçaõ de Africa, e á vista delle se assinalou nos seus primeiros annos com muitas facçoens de valor; e o que mais se deve estimar, he o fructo, que tirou das suas primeiras campanhas, pois ponderando em si a qualidade de Christaõ, e de Graõ Mestre de huma Ordem, que fôra unicamente fundada para pelejar com os Musulmanes, inimigos da Lei de J. C., se tinha por mais obrigado a sobmetêlos á doçura do seu jugo, do que como Principe, a trabalhar por dilatar os Estados dos Reis seus avoengos. Estimulado destes nobres motivos, tomou por diviza estas palavras Francezas: *Talent de bien faire*, que depois se viraõ entalhadas em todos os paizes de novo descobertos sob os seus auspicios, ou porque quizesse mostrar com estas palavras de idioma estranho o apreço, que fazia de huma Naçaõ, cujos Soberanos avaliava como tronco da sua Casa; ou porque nesta diviza já feita achasse huma idéa, que correspondia perfeitamente aos seus desejos.

Pon-

Ponderando com effeito que hum Principe tem maior obrigaçaõ do que outro qualquer, a sustentar a superioridade da sua Jerarquia pelo respeito do seu merecimento, accrescentou ás virtudes Christás, e Heroicas todo o estudo, e applicaçaõ, que podiaõ enriquecer hum fundo já de si abastado pelos excellentes conhecimentos, que daõ as Sciencias, e Bellas Letras, estudo entaõ bem raro, e a que naõ faziaõ tiro os Principes do seu tempo.

Deo particular applicaçaõ ás Mathematicas; e como ellas tem differentes partes, deo-se principalmente ás que o podiaõ levar ao fim, que se havia proposto. Para melhor o conseguir, assentou que se devia retirar do tumulto da Corte: fez a sua morada no Algarve junto a *Sagres*, em huma das suas cazas vizinha ao Cabo de S. Vicente. Alli em agradavel retiro, que suavizava a companhia de alguns Sabios, e o entretenimento dos livros, se arraigou cada vez mais na persuaçaõ, em que estava, pelas noticias, que lhe haviaõ dado os mesmos Mouros, e pelos conhecimentos, que tinha pelo estudo da Geografia, de que era possivel fazer uteis descobrimentos, seguindo a Costa d'Africa. Se-

gu-

Ann. de J. C.

JOAÕ I. REI.

guraõ todavia que teve coiſa mais efficáz, que o incitaſſe, e eſcreve Odorico Raynaldi na continuaçaõ dos Annáes de Baronio, que voltando a Lisboa alguns Francezes da baixa Bretanha, a quem huma tormenta levára muito longe para o Occidente no mar Atlantico, deſcobrindo alli novas terras, lhe tinhaõ dado parte das ſuas aventuras, e deſcobrimentos.

Entaõ era muito imperfeita a navegaçaõ deſtes mares: o pavor que cauſava a viſta do Oceano, a ignorancia dos meios, que depois ſe deſcobriraõ para a navegaçaõ facil, faziaõ com que ſe naõ affoitaſſem a deſpegar-ſe das Coſtas; e como nas pontas, ou Cabos, que fazem as terras, que bojaõ para dentro do mar, a corrente, que as agoas ahi tem dos dois lados, engroſſa as ondas, e fica mais expoſta á agitaçaõ dos ventos, a difficuldade de os dobrar intimidava os mais ouzados. O primeiro Cabo da Africa, que ſe encontra da parte da Europa, paparecia tam temeroſo, e de tam difficil acceſſo, que lhe tinhaõ dado o nome de *Cabo de Naõ*, para exprimir ou a impoſſibilidade, que havia de o dobrar, ou que era baldada, e inutil a eſperança de ſe recolher, ainda quando ſe dobraſſe.

Aug-

Augmentava o susto deste risco a extravagante tradiçaõ, que se conservava desde a Antiguidade, e era que, supposto o Universo repartido em sinco Zonas, estavaõ capacitados de que sómente as duas temperadas tinhaõ habitadores; que ás duas ultimas senaõ podia chegar pelo frio, que enregelava; e que a Zona torrida, que ficava no centro, era taõ ardente em razaõ do calor do Sol, que era huma regiaõ de fogo; e que as aguas vizinhas a ellas ou eraõ torrentes de chamas, ou se gastavaõ pouco a pouco com o nimio calor. Parecia que isto se conhecia passando os Cabos, que ficaõ a ella vizinhos; porque entrando em golfos, onde as terras saõ summamente baixas, se via que as aguas diminuiaõ sensivelmente, e parecia que ferviaõ nos baixos de arêa, onde tem maior agitaçaõ.

Ann. de J. C. 1412. JOAÕ I. REI.

O Infante D. Henrique, que naõ acreditava estas quiméras, produzia todas quantas razoens podiaõ desvanecer estas preoccupaçoens, e punha todo o cuidado na escolha de habeis Pilotos, e bons Marinheiros, naõ poupando despeza de navios, nem mimos, e donativos, que fossem premios de huns, e estimulassem a nobre

emu-

Ann. de J. C. 1412. Joaõ I. Rei.

emulaçaõ de outros. Gastaraõ-se todavia perto de dez annos, sem mais adiantamento do que dobrarse o cabo de *Naõ*, e adiantar trinta legoas ávante até ao cabo *Bojador*, assim chamado, porque as terras nelle fazem hum grande circuito, recolhendo-se para dentro. Os Capitaens das náos sempre temerosos da idéa destas arriscadas viajens, se davaõ por satisfeitos com fazerem alguns desembarques, e gloriosos com o pouco, que faziaõ, se recolhiaõ muito satisfeitos de si, e de suas pessoas.

O Infante dissimulando o seu conceito os agazalhava sempre bem, e naõ os dissaboreava. Aquelles que em tudo quanto he novidade querem achar maravilhoso, dizem que este Principe se resolvèra a pôr a maõ nesta emprêza por alguma inspiraçaõ celeste, ou algum sonho profetico, e que isto mesmo o alentou a continuar. Mas esta constancia se póde muito bem attribuir, sem recorrer a prodigio, ao genio nobre deste Principe, cuja alma naturalmente grande naõ era capaz de se dobrar aos primeiros estorvos, por muito grandes, que parecessem.

O Ceo lhe quiz recompensar a cons-

constancia, e inesperadamente fez o que naõ tinhaõ conseguido nem a animosidade dos Pilotos, nem a sua capacidade. Offereceraõ-se para hirem dobrar o Cabo Bojador, e passarem além no seu descobrimento dois Cavalheiros da sua Casa, chamados Joaõ Gonçalves Zarco, e Tristaõ Vaz, em huma pequena embarcaçaõ, que elle lhes esquipou: carregou sobre elles huma forte tempestade, que engolfando-os no mar largo, lhes deo por guarída, quando menos o esperavaõ, huma Ilha até entaõ desconhecida, a que puzeraõ o nome de Porto Santo, porque para elles foi hum Porto de salvaçaõ.

Ann. de J. C. 1412.
JOAÕ I. REI.

O seu maior empenho foi trazerem pessoalmente a Portugal taõ festiva, novidade. O Infante teve a maior alegria della, e tendo dado a Deos solemnes acçoens de graças, tornou a despachar tres navios capitaneados pelos mesmos Joaõ Gonçalves Zarco, e Tristaõ Vaz, a quem acompanhava Bartholomeo Pereitrello, que era hum Cavalheiro da Caza do Infante D. Joaõ seu Irmaõ. Esta segunda viajem foi ainda mais feliz que a precedente, pelo descobrimento da Ilha da Madeira, taõ excellente pela sua fertilida-

1418.
JOAÕ I. REI.

Ann. de J. C. 1418. João I. Rei. 1419. 1420. 1422.

dade, e hoje taõ nomeada pelos ſeus delicados vinhos. Entaõ naõ era mais do que huma mata baſtiſſima, que viſta da Ilha do Porto Santo, apparecendo no horizonte della como huma pequena nódoa fixa, deo a Triſtaõ, e a Zarco algumas ſuſpeitas de que podia ſer terra, e fez com que ambos tomaſſem a reſoluçaõ de ſe deſenganarem. Deraõ-lhe o nome da Madeira, em razaõ da mata, que a cobria, e foraõ os primeiros, que tomaraõ poſſe della. O Infante com permiſſaõ delRei ſeu Pai a repartio em duas Capitanias, com que os premiou, naõ ſó por eſte deſcobrimento, mas tambem pelos antigos ſerviços, com que ambos ſe tinhaõ diſtinguido na Conquiſta de Ceuta, e no cerco de Tangere, onde tinhaõ acompanhado o Infante, merecendo o ſeu valor que os fizeſſe entaõ Cavalleiros.

D. Duarte Rei. 1433.

A felicidade, com que pouco tempo depois dobrou Gil Annes o Cabo Bojador, tido até entaõ pelo fim do mundo, cuja empreza ſe avaliou de maior conta, do que n'outro tempo ſe eſtimou a Conquiſta do Vellocino, fez com que o povo deixaſſe os ſeus erros antigos, e deo alentos aos Portuguezes. De toda aparte de dentro,

tro, e de fóra do Reino, concorriaõ pessoas de toda a especie a offerecerem-se ao Infante, para hirem descobrir, e povoar as novas terras, levados igualmente do cortêz acolhimento, que elle fazia a quantos lhe faziaõ similhantes offerecimentos, e da aduladôra esperança dos grandes proveitos, que dahi tirariaõ.

Ann. de J. C.
D. DUARTE REI.
1433.

Com tudo, como no Estado nunca fallecem pessoas, ou sobejamente prudentes, ou nimiamente timidas, a quem as novidades causaõ suspeitas, e ciumes; muitos, principalmente entre a Nobreza, que pareciaõ discorrer mais ajustados, tomavaõ a liberdade de condenarem estes novos estabelecimentos, e censurarem em alto tom o proceder, e os projectos do Infante.

Parecia-lhes mal „ que ao mesmo „ tempo que o Estado se esgotava de „ homens, e cabedal para acudir á „ guerra contra os Mouros, e manter „ as Conquistas d'Africa da parte de „ Ceuta, e Tangere, houvesse tama- „ nho desperdicio, expondo aos riscos „ de hum mar temeroso com borras- „ cas, e tormentas, e pela sua ex- „ tençaõ, tantos vassallos uteis, que „ se podiaõ empregar a bem do Rei- „ no, repartindo por elles terras em

„ Por-

Ann. de J. C.

D. Afonso V. Rei.

1433.

„ Portugal, onde ainda naõ faltavaõ „ maninhos, que dessem muito pro- „ veito, se se agricultassem, ao mesmo „ tempo que naõ apparecia claraõ de „ esperança de tirar solido proveito des- „ tas terras incognitas, que sem du- „ vida seriaõ êrmas em razaõ do ni- „ mio ardor do Sol, e naõ seriaõ mais „ do que ardentes arêas, quaes as dos „ desertos de Lybia. Diziaõ mais, que „ se dellas tivesse havido esperança de „ alguma utilidade, os seus predeces- „ sores, remontando aos tempos dos „ Romanos, e Fenices, teriaõ tenta- „ do estes descobrimentos, e pois el- „ les o naõ fizeraõ, era certo que naõ „ dariaõ mais que huma solida preoc- „ cupaçaõ, que mostrava a liviandade „ destes quimericos projectos. Que, ain- „ da que pelo tempo adiante se po- „ desse recolher algum fructo, este „ sendo incerto, e remoto, naõ de- „ via antepor-se ao mal presente, e „ sem duvida assás sensivel, pelo nu- „ mero de naufragios, que enchia de lu- „ tos as familias, multiplicando o nu- „ mero de viuvas, e orfãs. Que, se „ no Infante havia tamanho zelo do „ bem Publico, deveria mandar beni- „ ficiar as rendas, que o Rei seu Pai „ lhe havia consignado, conforman-

„ do-

„ do-se com a opiniaõ deste Principe, „ cujo exemplo lhe condenava o seu „ proceder, pois que elle tinha dado „ no Reino terras, que arrotear a hum „ Fidalgo Allemaõ, e a familias vin- „ das do Norte, no que mostrava quaõ „ fora de tençaõ estava de permittir „ a seus vassallos o deixarem o Rei- „ no, para hirem assentar morada além „ dos mares. „

Ann. de J. C. 1438.

D. Afonso V. Rei.

Estas especiosas razoens, que faziaõ impressaõ nos animos, armáraõ ao Infante huma especie de perseguiçaõ, mas que se o naõ desalentou, antes assentou ter em pouco os discursos populares. Menos os teve em conta o Rei D. Duarte que succedêra a D. Joaõ I. e para dar animo ao Infante lhe doou em sua vida o dominio de Porto Santo, da Madeira, e das mais terras, que se descobrissem na Costa Occidental; dando particularmente a jurisdiçaõ espiritual da Ilha da Madeira á Ordem de Christo, com approvaçaõ dos Summos Pontifices. O Infante D. Pedro, Irmaõ do Infante D. Henrique, e Regente do Reino na minoridade do Rei D. Affonso V. seu sobrinho, confirmou esta doaçaõ. Em virtude della fundou o Infante nesta Ilha duas Igrejas, huma

com

ANN. de J. C. D. AFFONSO V. REI.

com a invocaçaõ de N. Senhora do Calhao, e a outra de N. Senhora da Aſſumpçaõ: deſta ultima foi depois erigida em Arcebiſpado, e muitos annos teve a prerogativa de Primáz das Indias.

1440.

Spond. Ann. Ecc. de 1420. n. 12. Barros. Maff. Manoel de Faria.

O Infante, a fim de ter maior auctoridade, contente aliàs com alguns eſcravos que Antonio Gonçalves, e Nuno Triſtaõ, que haviaõ chegado até Cabo Branco, lhe trouxeraõ, que eraõ as primicias deſtas terras, aſſentou mandar hum menſageiro a Martinho V. que entaõ occupava a Cadeira de S. Pedro, a dar-lhe conta dos ſeus deſcobrimentos, e conſeguir algumas graças, viſto os grandes bens que daqui podiaõ vir á Religiaõ, e honra a Santa Sé. Para eſta negociaçaõ fez eſcolha de Fernaõ Lopes de Azevedo, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e nella Commendador, já condecorado com o titulo de Conſelheiro delRei, e recommendavel pela auctoridade, que a ſua rara prudencia lhe tinha grangeado.

Chegado eſte Cavalleiro aos pés do Throno do Vigario de Chriſto, repreſentou a S. Santidade em pleno Conſiſtorio com muitas efficacias, e energia, as infinitas obrigaçoens, em

que

que a Igreja estava a seu amo „ Fez „ pomposo alardo do zelo do Princi- „ pe, que havia mais de vinte annos „ gastava com largueza Real para „ descobrir immensos paizes, ludibrio „ da ignorancia, e do erro, que ge- „ miaõ havia muitos seculos debaixo „ do jugo tyrannico do demonio, escra- „ vos do Mahometismo, e da Ido- „ latria: que o principal motivo, que „ o incitava a este trabalho, era a „ gloria de Deos, propagaçaõ da Fé, „ e dilatar o curral do Bom Pastor: „ que consagrando a naçaõ Portugueza „ com este fim o seu cabedal, e a „ mesma vida exposta a tantos nau- „ fragios, e outros perigos, rogava a „ S. Santidade quizesse animar, e re- „ conhecer-lhe o zelo, em lhe dilatar „ a Fé, appropriando á Coroa de Por- „ tugal todas as terras, que descobris- „ sem pela Costa d'Africa até ás Indias „ inclusivamente, visto que todas as „ Naçoens infieis, que nellas estavaõ „ d'assento, se podiaõ avaliar como in- „ justos possuidores, cuja salvaçaõ uni- „ camente se lhe buscava: que ao „ mesmo tempo prohibisse a todos os „ Principes Christaõs sob as maiores „ penas Canonicas, o estorvarem as em- „ prezas dos Portuguezes, ou inquie-

Ann. de J. C. 1440.

D. Afonso V. Rei.

Ann. de J. C. 1440. D. Afonso V. Rei.

„ tálos por qualquer modo que fosse, „ ou tivessem pertençaõ de se estabe- „ lecerem nos paizes por elles desco- „ bertos, e que por esta razaõ eraõ na- „ turalmente seus: ultimamente que „ como se tratava da salvaçaõ, e bem „ das almas, abrisse S. Santidade os „ thesouros da Igreja, e repartisse gra- „ ças com os que, expondo a sua vi- „ da á cortezia de hum elemento pou- „ co seguro, se aventuravaõ a mil ge- „ neros de morte, e acabarem fóra da „ sua Patria, da sua familia, e de to- „ dos os soccorros espirituaes, e tem- „ poraes, de que podiaõ ser providos „ em suas cazas „

Folgaraõ de ouvir estes discursos, e das miudezas, que lhes contou Azevedo, o Papa, e o Sacro Collegio; e conceberaõ grandes esperanças a bem da Religiaõ, e naõ se enganaraõ nas suas conjecturas: de sorte que S. Santidade com o voto dos Cardiaes despachou huma Bulla pela fórma, e teor, que o Infante a desejava, concedendo liberalmente á Coroa Portugueza o supremo dominio sobre todas as terras, que descobriissem até as Indias inclusivamente; ameaçando com censuras todos quantos os inquietassem nas suas Conquistas, como usurpado-

res,

res, e ratificando quanto o Rei D. Duarte doára ao Infante, e á Ordem de Christo, accrescentando depois muitos privilegios, graças, indulgencias especiaes aos maritimos, e a algumas Igrejas, que o Infante fundára nas terras descobertas: com isto se recolheo o Enviado muito satisfeito da sua mensagem. Estas doaçoens, e privilegios foraõ depois confirmados, e augmentados pelos Summos Pontifices Eugenio IV. Nicoláo V. e Xysto IV. &c.

Ann. de J. C. 1444.

D. Afonso V. Rei.

Succedendo as coisas ao Infante como desejava, e adiantando-se cada vez consideravelmente mais o progressos dos descobrimento, suffocaraõ-se as murmuraçoens dos politicos. Os povos susceptiveis de novas impressoens causadas pelas occurrencias dos successos, começáraõ a fazer-lhe justiça. Atroavaõ todo Portugal os elogios, que lhe faziaõ; e desde logo o avaliaraõ como Restaurador de hum Estado esgotado com as guerras de Castella, e Africa. Cada dia se via engrossar o numero dos que aspiravaõ a servir sob os seus auspicios: de toda a parte concorriaõ Estrangeiros, até do centro da Dinamarca, a offerecer-lhe serviço, e pertenderem delle emprêgos, ou terras, que cultivassem no novo Mun-

Ann. de J. C. 1444.

D. AFFONSO V. REI.

do; mas de tudo o mais solido foi, que, sendo elle até esse tempo o unico sobre quem carregava toda a despeza das armadas, cujo proveito naó cobria o dezembolço, começaraó entaó a armar-se sociedades, e Companhias de interessados, que, pagando-lhe o quinto, e outros direitos, que o Rei lhe tinha concedido, ou ajustando-se com condiçoens ainda melhores, tomavaó sobre si toda a despeza.

A Cidade de Lagos foi a primeira, que armou seis Caravelas, cujo mando teve hum Official chamado Lançarote, que fôra creado do Infante. Passados poucos tempos, fez outro armamento de quatorze Caravelas, commandadas pelo mesmo General: offereceraó-se mais outros muitos particulares, em que tem maior lugar Gonçalo de Sintra, Sueiro da Costa, Alvaro de Freitas, e Rodrigo Eanes; de sorte, que em pouco tempo se achavaó 26, ou 27 navios prestes a partir, ou já na viagem. Derramadas as Caravelas de Lagos com hum tempo forte, e naó levando todos o mesmo rumo, aportáraó a diversos sitios da Costa d'Africa, de Cabo Branco, Rio do Oiro, Ilhas d'Arguim, até a Cabo Verde, e mais ávante delle, do qual

qual até entaõ senaõ havia passado: alguns delles chegaraõ ás Canarias, e tomaraõ o porto de Gomeira; e sendo recebidos pelos seus habitadores com grande amizade, os persuadiraõ a que os ajudassem n'huma entrada contra os da Ilha de Palma, com quem estavaõ de guerra: mas voltando, acabada a expediçaõ, á Ilha de Gomeira, e reparando que desta viajem naõ tinhaõ desfrutado quanto esperavaõ antes que partissem de Portugal, quizeraõ resarcir-se á custa dos hospedes, que os haviaõ recebido taõ amigavelmente, e formando hum grande numero delles por escravidaõ, levaraõ ancora para voltarem a Lisboa.

Ann. de J. C. 1444.

D. AFFONSO V. REI.

O Oceano Atlântico está encravado de Ilhas, que se prolongaõ assás pelo mar, pelo lançamento da Costa d'Africa. Tiveraõ os Antigos noticia de algumas, ou supposto que as havia, nos deixáraõ huma confusa idéa dellas, com o nome de *Fortunadas*, *Gorgades*, *Hesperides*, e *Cassiterides*: mas desde a Origem do Christianismo se tinhaõ absolutamente perdido, ou ignorado até ao decimo quarto seculo, em que alguns Aventureiros Genovezes, Malhorquinos, Castelhanos, Biscainhos, Francezes, e Inglezes come-

——— meçaraõ a deſcobrílas. Os Biſcainhos foraõ os primeiros, que fizeraõ huma expediçaõ na de Lançarote, donde trouxeraõ 170 peſſoas, e alguns fructos da terra. Luiz de la Cerda Conde de Clermont, Principe de ſangue de Heſpanha, e de França, ſobrinho de Joaõ de la Cerda, chamado o Principe desherdado, e que tomou para ſi o epítheto de Principe da Fortuna, moſtrou algum deſejo de ſe hir eſtabelecer alli; e para eſte fim ſe valeo do Rei de Aragaõ, e depois do Papa Clemente VI. que o coroou Rei das Canarias em Avinhaõ, dando-lhe o dominio deſtas Ilhas, com condiçaõ de que as foſſe conquiſtar, e mandaria prégar alli o Evangelho; mas eſte Principe antepondo a iſto coiſa mais ſolida, veio a França buſcar emprêgo, e ſervio muito bem na guerra contra os Inglezes. Os Reis de Portugal, e Caſtella pediraõ eſta doaçaõ ao Papa, como conſta das ſuas Cartas, que traz Raynaldi; queixando-ſe ambos de ſe ter feito ſem o elles ſaber. Pertendia o primeiro que as Canarias lhe pertenciaõ, por ſerem primeiro deſcobertas pelos Portuguezes; e fundamentava-ſe o ſegundo em que o ſeu jus era mais natural, e immediato á Conquiſ-

Ann. de J. C. 1444.

D. Afonso V. Rei.

Spond. Ann. Eccl. ann. 1344. t. 7. &c.

quiſta d'Africa, de quem as Canarias era hum pertence.

Ann. de J. C. 1444. D. Afonso V. Rei.

O primeiro, que ſe eſtabeleceo neſtas Ilhas do Oceano, foi hum Francez, nobre, chamado Joaõ de Betancourt, o qual empenhára o ſeu morgado de Betancourt, e de Grainville a Robin de Braquemont, Almirante de França ſeu primo, e tendo acompanhado a Heſpanha a Henrique o Magnifico, e feito a eſte grandes ſerviços para o ſegurar no throno de Pedro o Cruel, obteve deſte Principe as Canarias com titulo de Rei para Joaõ de Betancourt ſeu parente. Joaõ de Betancourt conquiſtou algumas deſtas Ilhas, mas naõ pôde conquiſtar a grande Canaria: faltando-lhe depois dinheiro, voltou a Europa, deixando a ſeu ſobrinho Menaud, ou Maſſiot de Betancourt, para lhe conſervar as ſuas Conquiſtas. Deſavendo-ſe eſte com o Biſpo, ou Vigario Geral, que Joaõ levára para as Canarias, enfaſtiado por outro lado do muito, que ſeu tio tardava em França, onde o demoraraõ primeiro moleſtias, depois inſtancias delRei, que carecia delle, naõ podendo Maſſiot conſervar-ſe, ſe ajuſtou com o Infante D. Henrique, em quem fez ceſſaõ de todo o jus, que ti-

Ann. de J. C. 1444.

D. Affonso V. Rei.

tinha, a troco de algumas terras na Ilha da Madeira, onde aſſentou ſua familia, que depois tomou affinidade com a de Gonçalves Zaco, que tinha a principal Capitania das Ilhas.

Entrando o Infante, em virtude deſte contrato na poſſe deſtas Ilhas, que davaõ hum novo commodo aos ſeus deſcobrimentos, entrou em maior zelo de acabar a conquiſta dellas, para eſtabelecer ahi a Religiaõ Chriſtá; e por iſſo pôz em 1424. huma grande armada, em que ſe tranſportaſſem 2500 Soldados de Infantaria, e 120 cavallos, cujo mando confiou a Fernando de Caſtro, Governador da ſua Caza. O pouco, que ſe tirava deſtas Ilhas, que naõ podia baſtar para ſuſtento de tanta gente, fez com que o Infante tiraſſe maior perda do que lucro. Com tudo iſſo ſempre teve a ſatisfaçaõ de ver utilizado o ſeu trabalho na converſaõ deſta gente pagá, que foi o unico fructo, que aproveitou; porque tendo-ſe apoſſado deſtas Ilhas os Reis de Caſtella, como pertencendo-lhe por direito, por quanto era verdade que Betancourt pertendêra a ſua conquiſta com ajuda dos Caſtelhanos, e a elles jurára preito, e omenagem, foraõ cedidas aos Reis Ca-

Catholicos em hum Tratado concluido entre Castella, e Portugal.

Ann. de J. C. 1444.

D. AFONSO V. REI.

Era inexplicavel o cuidado, com que o Infante se applicava a que florecesse o commercio nos paizes de novo descobertos, ou em plantar solidamente as Colonias. Os descobridores, que partiaõ por ordem sua, naõ aportavaõ a Ilha alguma êrma, em que naõ deixassem algumas cabeças de gado, e outros animaes doméſticos, que, multiplicando sem estorvos, davaõ depois cómmoda subsistencia aos que lá hiaõ viver. O Quanto nisto se esmerava, se póde bem conjecturar do que fez na Ilha da Madeira; pois naõ contente, além das familias com que a mandou pavoar, de a supprir de toda a casta de mecanicas, até mandou buscar a Chypre, e a Sicilia cannas de assucar, e ás Ilhas do Arquipélago as melhores cepas de Malvasía, que lá mandou plantar: E tam fructuoso foi este trabalho, que passados vinte e sinco, ou 30 annos depois da sua plantaçaõ, podia já sustentar 1800 Soldados de tropa. Barros nos attesta que no seu tempo valia sómente o quinto do assucar para a Ordem de Christo em alguns annos 60 arrobas.

A

Ann. de J. C. 1444. D. Affonso V. Rei.

A respeito do commercio das Costas d'Africa, escreve Alviso Cadamosto, hum dos Descobridores do Infante, que das Ilhas de Arguim se tiravaõ todos os annos entre 7, e 800 escravos para Portugal. O oiro em pó, que se sacou do Rio do oiro, foi com tanta abastança, que delle cunhou Affonso V. hum dinheiro muito fino, a que chamou cruzados, em razaõ da Cruzada, que o Papa Callisto III. concedêra, e em que este Principe entrára por voto. Ainda hoje dura em Portugal esta moeda com o mesmo nome.

Este commercio foi espinhozo nos seus principios, naõ sómente por ser deserta a Costa d'Affrica além de Cabo Branco, onde pega hum ermo de arêa ardente, de mais de 60 jornadas de cavallo, até ao paiz dos Negros, onde vai confinar, e foi necessario tempo para lá chegar; mas ainda pelos inconvenientes inevitaveis nos estabelecimentos.

Os Negros, naçaõ pobre, quasi nua, que viviaõ em huma terra esteril, e areenta, sem leis reguladas, tendo por morada algumas cabanas, sustenstando-se com hum pouco de milho, do leite do seu gado, e de al-

alguma carne, ou peixe ſeco ao Sol, naõ tinhaõ atè eſſe tempo mais do que hum pequeno trato por terra com os Mouros de Barbaría. Eſtes com jornadas em caravanas chegavaõ aos Reinos de Tombut, e de Melli, onde commerciavaõ com os Negros em ſal, marfim, oiro, malagueta, e eſcravos, a troco de cavallos, que tiravaõ do Reino de Granada, de Sicilia, e de Tunes. Eſtes Negros, que antes dos Portuguezes, nunca tinhaõ viſto os Europèos, ficaraõ aſſombrados á primeira viſta das ſuas velas, e enleados com eſte eſtranho eſpectaculo, já os julgavaõ aves ou peixes, conforme ſe lhes affiguravaõ as velas altas, ou deſcidas; outras vezes medindo o eſpaço, que eſtes vaſos tinhaõ andado em huma noite, lhes pareciaõ faſtaſmas, ou larvas, que os illudiaõ. O verem deſembarcar os Portuguezes lhes cauzou novo paſmo; augmentou o ſeu terror, e eſpanto o verem eſtes homens taõ differentes delles, veſtidos de ferro, que traziaõ nas maõs, o raio, e o trovaõ. Da outra parte os Portuguezes, que lhe ignoravaõ o idioma, e naõ podiaõ dar-ſe a entender, de balde ſe valiaõ de affagos para os retirarem do ſeu primei-

Ann. de J. C. 1444.

D. Afonso V. Rei.

ro

Ann. de J. C. 1444. D. Afonso V. Rei.

ro espanto, vendo-se obrigados a recorrerem á violencia para apanharem alguns, e trazêlos como mostra a Portugal, derramaraõ entre elles o temor, e a consternaçaõ, principalmente quando disparavaõ os canhoens, e arcabuzes, e esta simples gente viaõ cahirem-lhe mortos aos pés os companheiros, sem verem coisa, que lhes tocasse, e os offendesse.

Isto foi causa de que nos primeiros annos, os que foraõ a este descobrimento, naõ fizessem sociedade alguma com pessoas taõ esquivas, que se entranhavaõ no certaõ das terras o mais longe que podiaõ, logo que viaõ a borrasca, que os ameaçava, e sómente poderaõ usar de huma especie de pirataria, pilhando algumas palhoças de pescadores, que naõ tinhaõ tido tempo de se porem em salvo na fuga, usando com estes miseraveis de injustiça com taõ pouco remorso, que mal lhes faziaõ a honra de os distinguir de brutos. Isto durou até que alguns destes escravos aprenderaõ o Portuguez, para lhes servirem de Lingua, e alguns Portuguezes, e entre outros hum chamado Joaõ Fernandes, se aventurou a viver entre estes povos barbaros, para lhe aprender a lingua. En-

Entaõ teve principio hum trato regular entre as duas Naçoens.

Para o arraigar mais, fundou El-Rei D. Affonso huma feitoria na Ilha de Arguim, onde este Principe, ou como outros querem, o mesmo Infante fundou huma especie de Castello. Deo-se o commercio exclusivo a Fernaõ Gomes por sinco annos, com condiçoens mais a seu favor delle, do que do Rei, como succede ordinariamente nestes contratos. Obrigou-se Fernaõ Gomes, além disso, a proseguir em descobrir a costa até mais sincoenta milhas, começando do Cabo de Serra Leôa, onde fizeraõ termo os de Pedro de Sintra, e Sueiro da Costa. Este contrato enriqueceo summamente a este Fernaõ Gomes, com que se reformou, e prorogou por muitos annos: fez grandes serviços á Coroa, e acodio ao Rei em varias precisoens, por cujo motivo este Principe o fez nobre, e lhe deo licença para tomar por armas hum escudo em campo de prata, tres cabeças de Mouros com collares de ouro com tres aneis de prata hum no nariz, e os outros dois nas orelhas. Permittio-lhe tambem que tomasse o appellido de Mina, nome de huma terra, que elle descobrio,

Ann. de J. C. 1461.

D. Affonso V. Rei.

Ann. de J. C. 1463.

brio, em que ſe fazia o maior reſgate deſtas partes em oiro em pó. Eſte meſmo adiantou o deſcobrimento até ao Cabo Santa Catharina a dois gráos e meio de latitude Auſtral.

D. Affonso V. Rei.

ElRei D. Affonſo V. tinha ſubido ao throno de idade de 6 annos: a ſua minoridade foi aſſás tranquilla pela prudencia do Infante D. Pedro ſeu Tio, que cazou com elle huma filha ſua; mas eſte cazamento foi fatal a ambos, pois que encheo de ciumes o Infante D. Joaõ, irmaõ de D. Pedro. Tratou eſte de entregar o governo do Eſtado a ſeu Sobrinho, e do ſeu retiro ſe lhe armou culpa, e ao tempo que eſte Principe infeliz voltava á Corte para ſe juſtificar, deſgraçadamente acabou com as armas na maõ contra o ſeu Rei, e genro, em hum daquelles encontros, que nem ſe podem precaver, nem evitar. A guerra, que Affonſo fez a Caſtella, pertendendo ſucceder alli, a que fez na Africa, bem que com melhor ſucceſſo, a preoccupaçaõ, em que depois entrou a reſpeito da Cruzada, que publicára Calliſto III. fizeraõ conhecido damno ao progreſſo dos novos deſcobrimentos, que a naõ ſobrevirem todos eſtes contratempos, poderiaõ ſer adiantados com mais efficacia, e fructo. Quan-

Quanto ao Infante D. Henrique, a pezar dos desgostos, que lhe causaraõ os alvoroços domesticos, e a pouca igualdade da fortuna do Estado, sempre trabalhou com toda a efficacia, que lhe foi possivel, accommodando-se ao tempo, e naõ affroxou neste ponto o seu zelo. E bem que adoptasse por amor, que lhe tinha, ao Infante D. Fernando seu sobrinho, e irmaõ do Rei D. Affonso, e tivesse cedido nelle todo o jus, e rendas dos novos descobrimentos; todavia o Infante D. Henrique ajudou este novo Principe quanto pôde, naõ abrindo maõ desta empreza até a sua morte, que foi em 1463. aos 67 annos de idade, no terceiro do Reinado de D. Joaõ II. seu segundo sobrinho.

Ann. de J. C. 1463.

D. JOAÕ II. REI.

Por mais que tenha dito em louvor seu, naõ posso deixar de dar aqui delle huma idéa maior, para fazer justiça ao merito de hum Principe, verdadeiramente digno da immortalidade; por unir em si todas as prendas naturaes, e virtudes adquiridas, que adornaõ os homens grandes, e bons Principes. Era de mediana estatura, mas grosso de carnes, de hum temperamento forte, e robusto: a téz de excellente côr alva, e corada, os cabel-

Ann. de J. C. 1463. D. JOAÕ II. REI.

bellos louros, e alguma coisa cres-
pos, o modo grave e severo,
que á primeira vista assombrava;
mas esta severidade apparente mo-
derava-a huma rara bondade, e per-
feita igualdade d'alma, tudo effei-
to de hum genio generoso, da can-
dura dos seus costumes, e perfeito
imperio, que tinha nas suas paixoens.
Este imperio se conhecia em todo el-
le por effeito da solida piedade, e de
huma virtude fóra de toda a suspeita,
boa ordem no seu proceder, e na sua
Caza, que se regía como se fôra hum
Mosteiro, e n'huma modestia mui a-
purada em todas as palavras, trajo,
meza, e serviço da Caza. Com tu-
do isto era de altos pensamentos, taõ
liberal, que quasi chegava a prodigo,
e gastava com maõ verdadeiramente
Real em tudo quanto se encaminha-
va ao adiantamento da Religiaõ, gloria
da Naçaõ, e bem do Estado. Pro-
tector das sciencias, em que se dis-
tinguio igualmente que na Arte mili-
tar, em que deo repetidas provas de
valor, e destreza; repartio immensos
thesouros, que se gastaraõ em convo-
car de todas as partes sujeitos ha-
beis, a quem mantinha com largas
despezas, e em fundar Academias, a
quem

quem dava os proprios Paços, e as mais ſeguras rendas. Todos os moços Nobres do ſeu tempo lhe deviaõ a educaçaõ, e o affecto, que entaõ tinhaõ ás Sciencias, naõ ſe contentando com buſcar-lhe os meios trazendo-lhes bons meſtres, lhes ſuppria as neceſſidades aos Cavalheiros pobres, mandando-os eſtudar a ſua cuſta, e tomando depois ſobre ſi a ſua accommodaçaõ. Porém o em que mais brilhou a ſua magnificencia, foi nas incontaveis ſomas, que gaſtou neſtes deſcobrimentos, applicando ſem deſcanço, até aos ultimos momentos o talento, que tinha para obrar bem, para deſempenhar por todos os modos a diviza, que tomára, empobrecendo-ſe a ſi para enriquecer algum dia o Eſtado; de ſorte que com juſtiça o pode Portugal eſtimar por hum dos ſeus maiores Principes, que lhe buſcou maior honra, e a quem deve as maiores obrigaçoens.

Ann. de J. C. 1463. D. JOAÕ II. REI.

Succedendo a D. Affonſo ſeu Pai ElRei D. Joaõ II. do nome, apenas ſubio ao throno, logo ſe applicou com ancia a ſeguir os veſtigios dos Reis ſeus anteceſſores, e do Infante D. Henrique, ſeu ſegundo Tio. Além de hum coraçaõ magnifico, e nobre, ti-

1481.

Ann. de J. C. 1481.

D. JOAÕ II. REI.

nha hum zelo ardente pela gloria de Deos, e accrefcentamento da Monarquia, de que eftava Senhor; e a experiencia propria lhe tinha enfinado os bens, que Portugal começava a desfrutar dos feus novos defcobrimentos; por quanto huma parte das rendas do feu bolcinho em quanto Principe dos Algarves, e herdeiro jurado do Reino, era affentada nos direitos do trato dos paizes defcobertos de novo; e affim inteiramentẽ perfuadido das conveniencias defte commercio, naõ fe defcuidou de meios para o fuftentar, animar, e lançar folidos alicerces.

Os que foraõ primeiros a efte defcobrimento nos feus principios contentavaõ-fe com deixarem arvoradas Cruzes nas praias onde aportavaõ, e com entalharem a diviza do Infante nas arvores vizinhas com os nomes, que punhaõ ás terras novas, e algumas outras noticias, que fe lhe antolhavaõ. No Reinado defte Principe fe começáraõ a erigir padroens em toda a parte, e no topo delles huma Cruz, nos quaes fe viaõ gravadas as armas de Portugal, o nome do Principe, que entaõ reinava, e do Capitaõ, que fizera o defcobrimento, o anno, e dia delle, para fervir

de

de inftrumento, e teftemunho authentico da poffe, e dominio Real de todas aquellas terras em nome do Rei, e Coroa de Portugal. Por efte modo mandou affentar nove padroens pelo comprimento da Cofta d'Africa inclufivamente até ao Cabo de Boa-Efperança, onde tiveraõ termo os defcobrimentos, que fe fizeraõ nos feus tempos.

Ann. de J. C. 1481. D. JOAÕ II. REI.

Paffados poucos annos, accrefcentou D. Joaõ aos antigos titulos o do Senhor de Guiné, e Cofta d'Africa, e a fim de fegurar o dominio effectivo mandou acabar a Fortaleza da Ilha de Arguim, começada alguns annos atrás, e mandou fazer outra mais forte em S. Jorge da Mina, onde acodia o maior refgate de oiro em pó.

Compunha-fe a fróta, que determinou para hir fazer o Caftello da Mina, de dez Caravelas, duas Urcas, e huma barca mais pequena. Nefta fróta carregou toda a pedra lavrada, tijolo, madeira, e materiaes precifos para a Fortaleza, que baftava erigirfe; hia mais a frota apercebida de todos os víveres, e muniçoens de boca, e guerra para 600 homens, em que entravaõ cem pedreiros, e officiaes para a obra. O navio pequeno

Ann. de J. C. 1481.

D. JOAÕ II. REI.

era para pefcar na Cofta, e chegar mais á terra nas bahias, onde naõ poderiaõ chegar as Urcas, e Caravelas.

Diogo d'Azambuja, peffoa de merito, e experiencia, que como tal fôra efcolhido por ElRei para Capitaõ mór defta frota, tendo-fe feito á vela em 11 de Dezembro de 1481 tocou o porto de Bezeguiche, para confirmar hum Tratado de paz feito com o Senhor daquella Cofta. Pedro d'Evora Capitaõ do navio pequeno, que fe tinha adiantado para efte effeito, terminou felizmente efte negocio; e profeguindo dalli a fua derrota, aportou na Mina aos 19 de Janeiro do anno feguinte. Por ventura encontrou naquelle porto hum pequeno navio Portuguez delRei, cujo Capitaõ, que alli eftava refgatando oiro, lhe fervio de intérprete para mandar notificar ao Senhor do lugar a chegada do General, e o defejo, que tinha de fe verem ambos fem dilaçaõ.

Caramança, que affim fe chamava o Senhor defta povoaçaõ de Negros, moftrou-fe contente com a chegada do General Portuguez, e defembarcou Diogo d'Azambuja, e logo fe apoffou de huma eminencia vizinha á aldêa, que lhe pareceo difpofta para alli

fe

ſe fazer a Fortaleza, onde mandou arvorar a bandeira com as armas de Portugal, tomando poſſe em nome delRei ſeu Senhor, e alli erigio hum Altar encoſtado a huma grande arvore, onde ſe cantou a primeira Miſſa, que ſe diſſe naquellas terras: todos os que aſſiſtiaõ ſe desfaziaõ em lagrimas de devoçaõ com alegria, e eſperança de verem que J. C. tomava poſſe deſtas terras, onde até entaõ ſómente reinava a ſuperſtiçaõ, e a idolatria.

Ann. de J. C. 1481.

D. Joaõ II. Rei.

A viſta do General Portuguez, e do Principe dos Negros ſe fez com todo o apparato poſſivel: cada qual ſe eſmerou em dar de ſi grande conceito na maior pompa, que era poſſivel, bem que de ambas as partes foſſe bem pouca: a Corte do Negro fez pouco eſpanto aos Portuguezes; pelo contrario eſtes aſſombraraõ aos Negros, que nunca tinhaõ viſto taõ numeroſo, e rico cortejo.

Paſſadas as primeiras ceremonias, e comprimentos fallou Azambuja ao Principe com grande enfaſe neſta ſubſtancia: ,, Senhor, tendo ElRei meu ,, Senhor ſabido com muita ſatisfaçaõ ,, ſua, o bom aviamento, que ſeus vaſſal- ,, los encontraõ no ſeu trafego neſta

,, Coſ-

Ann. de J. C. 1481. D. João II. Rei.

„ Costa d'Africa do vosso dominio, pe-
„ la benevolencia, com que os protegeis;
„ quer da sua parte ser grato a taõ
„ grande serviço, com hum benefi-
„ cio taõ notavel, que he o unico, que
„ dignamente recompensa quanto bem
„ lhe tendes feito, e o bom desejo, que
„ tendes para com elle. Consiste, este
„ bem em trazer-vos ao conhecimento
„ de hum Deos, Senhor, e Creador do
„ Ceo, e da terra, Remunerador dos
„ que crem no seu nome, e o servem
„ com fidelidade. Todos os Principes
„ da Europa reconhecem este Deos de
„ Magestade, e sobmetrem as suas ca-
„ beças ao jugo da sua Lei: se a que-
„ reis reconhecer, aceitai o santo ba-
„ ptismo, que he a publica profissaõ desta
„ Lei, e ElRei meu Senhor vos terá
„ entaõ por irmaõ, e aliado, pois que
„ sois unidos com o mesmo vinculo de
„ Religiaõ, e haveis participar no Ceo
„ da mesma Bemaventurança, que nun-
„ ca tem fim. Com esta condiçaõ fará
„ comvosco hum Tratado, e Liga offen-
„ siva, e deffensiva contra os communs
„ inimigos, e fará comvosco huma es-
„ pecie de communidade de bens, man-
„ dando para vossos Estados toda a ri-
„ queza dos seus; mas para guarda de
„ hum e outro cumpre, que lhe deis
„ li-

„ licença para fazer nos vossos Estados
„ huma caza forte, onde se possaõ re-
„ colher seguros os vassallos, que elle
„ enviar a estas terras, para que tenhaes
„ sempre promptos os Portuguezes em
„ hum sitio, que lhes possa servir de
„ asylo contra os seus inimigos, e os
„ vossos, e tambem de armazem para
„ o seu commercio. „

Ann. de J. C. 1481.
D. JOAÕ II. REI.

Caramança, que tinha mais entendimento, e politica do que se presume ordinariamente em hum Negro, mostrou huma pasmosa gravidade em toda a conferencia: attendeo á falla do General com silencio, e attençaõ maravilhosa, bem que naõ comprehendesse o sublime della; e depois de meditar hum pouco, respondeo succintamente, gratificando ao Rei de Portugal, e ao que representava alli a sua pessoa, bem que sem depositada decizaõ no ponto essencial, que era o artigo da Cidadella, que o General tocára superficialmente.

Ambos conheciaõ bem as consequencias, e nenhum explicava ingenuamente o que entendia. Azambuja, que suspeitou no animo do Negro alguma desconfiança, replicou, e disse quanto entendeo ser mais eficaz, para desvanecer toda a suspeita; e

ou

Ann. de J. C. 1481.

D. JOAÕ II, REI.

ou Caramança senaõ sentisse com forças para se oppôr a tanta gente, que facilmente lhe podia dictar a lei, ou attendesse entaõ a certas ponderaçoens de interesse presente, que suffocaraõ os temores futuros, alli mesmo tomou o seu acordo, e batendo nas maõs elle, e os seus em final de approvaçaõ, deo entaõ de boa vontade a permissaõ, que talvez naõ pudesse recusar.

Logo no dia seguinte, sem dilatar mais tempo, começou o General a trabalhar em abrir os alicerces do sitio, e mal os pedreiros começaraõ a cavar, e quebrar certos penedos, que a superstiçaõ dos Negros havia consagrado, logo elles acodiraõ armados a estorvar o trabalho: aqueceraõ-se os animos, e talvez começava huma Scena funesta quando Diogo d'Azambuja, que estava dando as ordens para se tirarem os materiaes do navio, tendo logo noticia pelos Linguas, de que a Religiaõ naõ entrava tanto neste arroido, como o descontentamento de naõ terem ainda recebido os presentes, que se deviaõ, dar ao Principe, acodio sem demora, reprehendendo os seus, e mandando-os cessar com hum ar de auctorida-

dade, e indignaçaõ, que aquietou o motim. Immediatamente se entregaraõ os presentes com pompa: os Negros os receberaõ com muito prazer, vendendo por este modo, quasi sem darem tino disso, a liberdade, que deviaõ prezar sobre tudo. Trabalhou-se com tanta ancia, que em vinte dias se poz o Castello em estado de defeza. Diogo d'Azambuja edificou tambem huma Igreja no mesmo sitio, onde erigíra primeiro o Altar na sua chegada; e tanto á Igreja, como á Fortaleza foi dado por Orago S. Jorge. Na Igreja se estabeleceo huma Missa quotidiana in perpetuum pela alma do Infante D. Henrique; e ElRei concedeo á Fortaleza o foro de Cidade. Diogo d'Azambuja ficou com 60 homens para guarniçaõ da Fortaleza, e despachou o resto para Portugal nos navios com oiro, escravos, e outros generos, que tinha resgatado.

ANN. de J. C. 1481. D. JOAÕ II. REI.

Passados alguns annos, mandou ElRei outra armada muito mais grossa a fazer outra Fortaleza, que tinha projectado na fóz do Rio do Senegal, a qual entendia ser de muito maior importancia, e que teve successo bem differente: direi o seu motivo.

En-

ANN. de J. C. 1481. D. JOAÕ. II. REI.

Entre os povos que habitaõ as Regioens entre os Rios Gambea, e Senegal, eraõ entaõ mais conhecidos dos Portuguezes os Jalofos, que vizinhavaõ com a Costa. O Principe, que entaõ governava, tendo em pouco seus dois Irmaõs mais velhos, filhos do Rei defunto, deo o regimento do Reino a outro Irmaõ, que tinha sómente da parte da Mãi, chamado Bemoim, e elle se entregou soltamente a toda a casta de vicios. A escolha deste valido foi menos bem succedida, do que deveria ser: tinha elle talento, prudencia e valor; e para se manter contra os Pincipes seus rivaes, se aproximou mais ao mar, e fez huma Liga estreita com os Portuguezes, e para os ter satisfeitos naõ omittia diligencia com que os contentar; favorecia em tudo o seu commercio, pagava-lhes até os cavallos, que morriaõ na jornada, como se ja fossem embarcados por sua conta; e assim tudo foi em seu favor, durante a vida do Rei; mas sendo este mandado assassinar pelos dois Irmaõs, esteve Bemoim de repente abraços com huma grande guerra: para isto se soccorreo a seus aliados, e D. Joaõ II. lhe prometteo todo o soccorro, com condiçaõ de se fa-

fazer Chriſtaõ, e receber o baptiſmo, e para eſte fim lhe mandou Embaixadores, preſentes, e Miſſionarios. Bemoim prometteo quanto lhe pediraõ, dando todavia por deſculpa, que o tempo de huma guerra civil era muito pouco proprio para huma mudança, que naturalmente ſe ſoblevaria o reſto, que eſtava do ſeu bando; mas que elle huma vez que ſe achaſſe Senhor quieto, entaõ ſe podia converter, com eſperança de que comſigo converteria tambem toda a naçaõ.

Ann. de J. C. 1481.

D. JOAÕ II. REI.

Gaſtou hum anno neſtas dilaçoens, entretendo ſempre com boas eſperanças. Entretanto a guerra, em que hia deſcahindo, inquietava muito o commercio: comprava a credito, e naõ podendo pagar, ſe via muito alcançado: os commerciantes Portuguezes vendo que os negocios ſuccediaõ mal, avizaraõ a ElRei, que vendo que Bemoim naõ punha em effeito a promeſſa, que tinha feito de abraçar a Fé, ordenou com graves penas a todos os ſeus vaſſallos, que o deixaſſem, e ſe recolheſſem ao Reino.

Conhecendo Bemoim que eſta ordem ſeria cauſa da ſua ruina, fez hum esforço, e do ſeu cabedal, e do de ſeus amigos, pagou quanto devia

Ann. de J. C. 1481.

D. JOAÕ II. REI.

via; mas vendo que nem aſſim podia reter os hoſpedes, mandou embarcar com elles hum ſeu ſobrinho, entregando-lhe huma manilha de oiro, e cem eſcravos eſcolhidos, para dar a ElRei, implorando o ſeu ſoccorro; mas naõ houve tempo de o eſperar; porque foi desbaratado, e a muito cuſto ſalvou a peſſoa na fortaleza de Arguim, onde ſe embarcou, e veio a Portugal com vinte e ſinco dos principaes da ſua Corte, que o naõ quizeraõ deſamparar neſta deſgraça.

Sabendo ElRei da ſua chegada aos ſeus Eſtados, o quiz receber, naõ como hum Chefe de barbaros pobres, e miſeraveis, mas como hum Monarca Soberano, e Potentado; muito mais para dar a toda a Europa hum alto conceito das ſuas Conquiſtas, do que com o fim de ſer grato aos ſerviços, que recebêra de Bemoim a ſua gente. Aſſim mandou que foſſe conduzido ao Paço de Palmela, onde lhe deo Caza, e onde foi aſſiſtido á cuſta del-Rei, em quanto ſe diſpunha para dar em Lisboa a ſua entrada publica.

No dia aprazado eſperaraõ o Principe negro o Rei, e a Rainha, cada hum em ſeu Palacio ſeparado, acompanhados de grande Corte de

Da-

Damas, e Grandes do Reino, vestidos ricamente, e com muita pompa, ao qual conduzia D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, que o fôra conduzir com grande companhia de Fidalgos moços. Bemoim, tendo cruzado com este estado as ruas de Lisboa, que estavaõ armadas, como em hum dia de triunfo, entrou no Paço, e foi á sala do Throno: logo que foi visto delRei, tirou este hum pouco o barrete, e dando alguns passos o veio buscar. Bemoim se debruçou aos pés do Rei, fazendo final de querer tomar terra com as maõs, e lançála sobre a cabeça, em final de respeito, e vassallagem, e levantando-o ElRei com agrado, se chegou elle ao throno, onde esteve em pé encostado a elle, e mandou ElRei ao interprete, que lhe dissesse que fallasse. Bemoim, que era hum homem bem apessoado, e prudente, e estava no vigor da idade, começou o seu discurso com desembaraço e o continuou com tanta graça, e gravidade, sem deixar motivo algum, que pudesse provocar a compaixaõ do seu estado presente, que ElRei se commoveo, e ficou muito contente de todas as perguntas, que lhe fez, concebendo delle o con-

Ann. de J. C. 1481.

D. JOAÕ II. REI.

Ann. de J. C. 1487. D. João II. Rei.

conceito de ser hum homem cordato, e de discurso, e fez delle maior caso, do que tinha feito pelas primeiras noticias, que lhe tinhaõ dado. Bemoim passou depois a beijar a maõ á Rainha, a Affonso Principe de Portugal, pedindo a ambos em huma falla breve, e bem ordenada, que quizessem empenhar-se por elle para com ElRei, em quem tinha toda a sua esperança, e acabado isto foi conduzido para o Palacio, que lhe fôra destinado com igual acompanhamento, e com a mesma ordem, com que viera.

Como a maior ancia delRei era pela conversaõ deste Principe Africano, a primeira coisa, a que deo ordem foi a entregálo a Ecclesiasticos de virtude, e letras, que o doutrinassem, e a todos os da sua companhia. Com facilidade o catequizaraõ, por quanto Bemoim já de longo tempo estava instruido: e interesses bem differentes, dos que agora tinha lhe haviaõ estorvado o pôr por obra o que com tanto apêrto se lhe pedia, e parecia que bem fóra de proposito; de sorte, que pedindo élle agora com ancia o santo Baptismo para si, e para os seus, foraõ sem demora admittidos a receberem esta graça.

Fes-

Fez-se esta ceremonia com toda a pompa possivel. Na noite de 3 de Dezembro de 1489. foi levado á pia baptismal com dois dos principaes da sua companhia por ElRei, Rainha, Principe, Duque de Beja, que depois subio ao Throno, Nuncio do Papa, e Bispos de Tangere, e de Ceuta. Fez o officio este ultimo, e foi hum dos Padrinhos: deo-se a Bemoim o nome de Joaõ por obsequio a ElRei; e os outros Negros foraõ aposentados por outras Damas, e Fidalgas. No dia seguinte se seguio a esta ceremonia outra, com que ElRei armou Cavalleiro ao Principe Africano, dando-lhe por brazaõ huma Cruz de oiro em campo vermelho, e os sinco escudos de Portugal por orla: Bemoim fez omenajem de todos os seus Estados ao Rei, e Coroa de Portugal: o Nuncio remetteo a S. Santidade huma relaçaõ exacta de quanto se tinha passado, e hum instrumento authentico da obediencia, que este Principe novo Christaõ dava ao Papa, como Cabeça da Igreja.

ANN. de J. C. 1489.

D. JOAÕ II. REI.

Muitos dias duraraõ em Lisboa as festas pela entrada, e baptismo do Principe negro: tudo eraõ funçoens, e divertimentos, fogos de artificio,

Ann. de J. C. 1489. D. João II. Rei.

ficio, illuminaçoens, cannas, touros, momos, e outros entretenimentos, que assombrando os pobres Africanos, lhes inspiravaõ hum grande conceito da potencia de Principe taõ magnifico, que os agazalhava com tamanho apparato, em comparaçaõ do que elles podiaõ fazer na sua miseria. Mas nem por isso deixaraõ elles da sua parte de divertir a Corte de Portugal com a sua agilidade, e destreza: hiaõ acompanhando os cavallos na carreira, e de salto se lhe punhaõ na sella, onde se conservavaõ em pé, e da mesma sella desciaõ a tomar pedras, que lhes lançavaõ de espaço a espaço, e tornavaõ a saltar em sima dos cavallos com tanta soltura, que desbancavaõ muito os Mouros de Barbaría, que, pela muita desenvoltura, que tem neste exercicio, saõ o assombro dos mais povos.

Com tudo ElRei, que se occupava mais do solido, que dos divertimentos, mandou armar com presteza vinte caravelas bem provídas de Soldados, armas, muniçoens de guerra, e boca, e mais aprestos necessarios para fazer huma Fortaleza. A Capitania mór desta fróta teve Pedro Vaz da Cunha, por alcunha o Bisagu-

gudo. Juntamente mandou ElRei certo numero de Missionarios, e por maioral delles o Padre Alvaro seu Confessor, da Ordem de S. Domingos, homem de muito nobre, e de muito maior virtude: mas todas as grandes esperanças delRei acabáraõ de golpe por huma das maiores barbaridades; pois apenas chegoú esta frota taõ grande, e causou em toda a terra tamanho terror, mal se tinhaõ aberto os alicerces da Fortaleza, quando o General desgostoso de haver começado a Fortaleza em terreno pouco sadio, e enfastiado de se ver obrigado a ficar em sitio taõ doentio, chegando-se a Bemoim, o matou ás punhaladas com o falso pretexto de que este lhe urdia traiçaõ. Este caso, que foi causa de motins entre os Negros, e os Portuguezes, anojou extremamente a ElRei; com tudo o deixou sem outra vingança, mais do que os remorsos, que elle causaria ao seu auctor, que he pena assás dura para hum homem, que tem humanidade; mas muito leve para quem he capaz de commetter similhante covardia.

ANN. de J. C. 1489.

D. JOAÕ II. REI.

D. Joaõ além do desejo de restituir ao throno hum Principe confederado, que lhe devia a sua fortuna,

Ann. de J. C. 1489.
D. JOAÕ II. REI.

affeſtava a outro alvo, a que de muito tempo fazia interiormente pontaria, que era acarear para os ſeus Eſtados o commercio com as Indias, e deſcobrir caminho para entrar nellas. Os ſeus Mathematicos lhe ſeguravaõ que iſto naõ ſómente naõ era impoſſivel, mas muito provavel, e por mais de hum caminho; por quanto por huma parte lhe ſeguravaõ, que ſe podia rodear a Africa, e lhe apreſentavaõ huma Carta Geografica, que o Infante D. Henrique houvera dos Mouros, na qual ſe apontava o caminho, o qual a experiencia moſtrava ſer infallivel: por outra parte, que todo o mundo eſtava cheio da noticia de hum poderoſo Monarca Chriſtaõ, conhecido pelo nome de Preſte Joaõ, ou Padre Joaõ, cujos Eſtados até entaõ ſe ignoravaõ. Enganados muitos com relaçoens antigas, principalmente com as de Marco Paulo Veneziano, os julgavaõ muito no interior da grande Aſia; pelo contrario outros os demarcavaõ, onde ſaõ legitimamente na Ethiopia ſuperior, perto do mar das Indias, ſobre as cataractas do Nilo, o que tinha a confirmaçaõ de alguns Sacerdotes Abexins, que tinhaõ vindo a Heſpanha, e de alguns Frades Europêos,

que

que tinhaõ passado a Jerusalem. Tinha ElRei huma grande ancia de se desenganar neste ponto, com tençaõ de fazer huma aliança com este Principe, para lhe dar a ultima instrucçaõ na Fé, sobmetêlo á obediencia do Vigario de J. C. estabelecer entre os seus Estados, e os deste Principe mutua correspondencia, que lhe asseguraria immensos proveitos, se ella abrisse caminho para as Indias taõ desejado, e que era o objecto da sua maior paixaõ.

Ann. de J. C. 1489.

D. JOAÕ II. REI.

Tinha além disso alcançado algumas noticias de que pelos Reinos novamente descobertos na Costa d'Africa, se podia fazer caminho para entrar nos Estados deste Principe; por quanto lhe contára hum Embaixador do Rei de Benim, que em 1486 passára com Joaõ Affonso d'Aveiro a celebrar hum Tratado com a Coroa de Portugal, e pedir sujeitos, que lá fossem prégar o Evangelho, e instruílo a elle, e a seus vassallos nos pontos da nossa Santa Religiaõ, que a o Oriente do Reino de Benim a trezentas, e sincoenta legoas pelo certaõ, estava hum poderoso Monarca, chamado *Ogane*, que tinha sobre todos os Reis vizinhos jurisdiçaõ espiritual, e temporal. Que

Ann. de J. C. 1489. D. JOAÕ. II. REI.

o Rei de Benim, e os mais vizinhos quando ſubiaõ ao throno, lhe mandavaõ Embaixadores com grandes preſentes, de quem recebiaõ a confirmaçaõ, cujos ſinaes, e Reaes inſignias eraõ hum bordaõ em lugar de Coroa, e huma Cruz de lataõ, ſem as quaes inſignias naõ eraõ reconhecidos Reis legitimos: que os Embaixadores em todo o tempo, que alli reſidiaõ, nunca o viaõ, e que unicamente lhes moſtrava hum pé no dia da ſua audiencia, o qual beijavaõ com todo o acatamento, como coiſa ſanta; e que no dia da ſua partida lhes lançavaõ tambem ao peſcoço aos Embaixadores em nome do Principe huma Cruz de lataõ, o que lhes ſervia como ſinal de liberdade, que os livrava de toda a ſervidaõ, e era entre elles huma Ordem de Cavallaria, que lhes dava nobreza.

O meſmo com pouca differença contára Bemoim a ElRei, dizendo-lhe que para o Oriente do Reino de Tonguburu ficavaõ muitos Principes, principalmente hum, a que chamavaõ Rei dos povos Moſaicos, que nem era Mouro, nem gentio, e profeſſava huma lei, que tinha arremedos da dos Chriſtaõs. D. Joaõ, a quem todas eſtas no-

ti-

ticias, confrontando com as relaçoens, que tinha do Preste Joaõ, alentavaõ a grande ancia, que tinha de hir topar com elle, se persuadio muito de que o viria a conseguir, subindo pelo Senegal, que, conforme as suspeitas dos seus Mathematicos, tinha a sua nascente nas mesmas montanhas, d'onde vem as do Nilo na altura das terras, e por isso tinha mandado, que, levantada que fosse a Fortaleza na sua barra, se subisse por ella assima até onde se podesse chegar. E como nas relaçoens, que lhe trouxeraõ, lhe fallavaõ em cataractas, e saltos iguaes aos do Nilo, deo ordem que se chegasse á sua fonte. Projecto nobre, e sem duvida magnifico, mas que parece naõ tinha ainda pezado a sua difficuldade, ou impossibilidade.

Ann. de J. C. 1489.

D. Joaõ II. Rei.

Havia alguns annos, que pelas primeiras noticias, que tivera do Preste Joaõ, assentára mandar em busca delle por mar, e por terra, até o encontrar. Os dois, que mandou primeiro, voltaraõ de Jerusalem sem passarem ávante, por quanto lhe disseraõ que sem o conhcimento do Arabigo, que elles ignoravaõ, lhes seria impossivel, e inutil proseguir na sua jornada. Depois disto enviou ElRei outros

do-

Ann. de J. C. 1489. D. JOAÕ II. REI.

dois, que o ſabiaõ muito bem. Hum delles era Fidalgo da ſua Caza, chamado Pedro de Covilhá, e outro Affonſo de Paiva: foraõ deſpedidos, e entregues as ſuas cartas de crença em Santarem a 7. de Maio de 1487. preſente o Duque de Beja D. Manoel, Succeſſor de D. Joaõ.

Tomando a derrota de Nápoles, paſſaraõ a Rhodes, onde ſe embarcaraõ para Alexandria, e depois foraõ ao Cairo, continuando daqui a ſua derrota até Adem, Cidade ſituada no golfo Arabigo, aſſima da embocadura do mar roxo. Chegados alli a tempo de monçaõ ſe ſepararaõ. Affonſo de Paiva foi ter a Ethiopia, e Pedro de Covilhá navegou para a India, e aportou em Cananor, e paſſou a Calecut, e Goa, onde ſe embarcou para Sofála, na Coſta Oriental de Africa; e daqui voltou a Adem, depois ao Cairo, onde tinha ajuſtado tornar a ver-ſe com Affonſo de Paiva: chegando lá teve noticias de que eſte era fallecido, mas encontrou lá dois Judeos Portuguezes com novas Ordens delRei. Por quanto eſte Principe, a quem hum deſtes Judeos tinha contado com miudeza o commercio da Cidade de Ormús ſituada na boca do golfo Pérſico, on-

onde concorriaõ todas as riquezas da India, da qual se transportavaõ depois para a Syria, e Egypto, para della se passarem a Europa; assentou mandar este Judeo, e seu companheiro com novas instrucçoens para Pedro de Covilhá, nas quaes lhe ordenava que lhes despachasse o outro Judeo com huma relaçaõ miuda das suas viajens, e que acompanhasse o primeiro até Ormus, e que ultimamente proseguisse sempre em buscar o Preste Joaõ, e naõ descorçoasse até o encontrar.

Ann. de J. C. 1489.

D. JOAÕ II. REI,

Pedro de Covilhá por cumprir com as Ordens do seu Principe, deo hum extenso diario do que havia passado ao Judeo, que ElRei lhe apontava, e contando-lhe de palavra quanto lhe foi possivel, se tornou a embarcar com o outro, e tornando a Adem, passou a Ormus; e tendo alli examinado tudo muito bem, despedio o seu novo camarada, ordenando-lhe que partisse com as cafilas, que vaõ a Alepo, e elle se embarcou em direitura para o mar roxo, e ultimamente chegou á Corte do Principe, que com tantas fadigas, suores, e perigos tinha buscado.

ElRei para se naõ poupar a diligencia alguma, escreveo a todas as

Es-

ANN. de J. C. 1489. D. JOAÕ II. REI.

Escalas do Levante, aos Consules da naçaõ Portugueza, ou aos mais fortes negociantes, que alli estavaõ estabelecidos, para buscar alguma noticia do que elle pertendia saber. Ultimamente veio de Roma hum Sacerdote Abexim chamado Lucas Marcos, que respondendo a todas as perguntas, que ElRei lhe fez do seu Paiz, ElRei lhe mandou que escrevesse cartas, que se remettêraõ a varios portos do Oriente, para se entregarem aos Abexins, vassallos do Principe, de quem se buscavaõ noticias, com esperança de que se alguma chegasse ás suas maõs, serviria de dar maior credito a Pedro de Covilhã, no caso que este tivesse tido a ventura de chegar ao termo da sua viajem. Depois disto mandou partir o mesmo Sacerdote Abexim com varias cartas, de que tinha dado as copias, tendo-lhe dado com maõ larga.

Os que ElRei mandou pelo Oceano Atlantico em busca deste Principe, foraõ Bartholomeo Dias, e Joaõ Infante, cada hum em hum navio, e em sua companhia huma naveta carregada de víveres, para acodir aos que se gastassem nesta longa navegaçaõ, e para tirar a estes aventureiros o bom pretexto de voltarem, como tinhaõ

nhaõ feito muitos outros antes delles.

Ann. de J. C. 1489. D. JOAÕ II. REI.

A navegaçaõ começava entaõ a facilitar-se mais: ElRei, que tinha na Corte os mais habeis Mathematicos, e naõ perdia o cuidado de inventar coisa, que facilitasse o successo dos seus descobrimentos, por muitas vezes os incitava a imaginarem algum expediente, que desse algum commodo, e facilidade á Arte de navegar. Correspondeo o negocio á sua esperança; porque os Auctores Portuguezes lhes daõ o louvor de que achassem o meio de tomarem a altura por meio de astrolabio, e de terem feito as taboadas de declinaçaõ para uso dos Pilotos, e quando naõ fizessem outra coisa, basta o serviço, que entaõ fizeraõ á Europa, para os eternizar; pois desde entaõ se puderaõ os navegantes afastar da Costa, e engolfar no alto mar, sem susto de perderem de vista a terra, o que faz que a navegaçaõ seja muito mais curta, e livre de risco.

Dias, e Infante levavaõ ordem de proseguirem os seus descobrimentos desde o rio Zaire, onde puzeraõ termo os de Diogo Cam, de quem daqui a pouco fallaremos; e de pôrem padroens em toda a parte, e deixa-

rem

Ann. de J. C. 1489. D. Joaõ II. Rei.

rem pela coſta Negros, e Negras bem veſtidas, e bem enſinadas do que deviaõ dizer, ou foſſe para tomar informaçoens do Preſte Joaõ; ou para dar bom conceito de Portugal, e acender deſejos de buſcarem a ſua confederaçaõ.

Dias ſoffreo grandes trabalhos nas terras onde chegou: eraõ-lhe incognitos os idiômas, até aos meſmos Negros, que levava: a ſua gente muitas vezes ſe amotinou contra elle; o que accommodou ſempre com brandura, e coſtancia; mas em toda a viajem naõ achou noticia do Principe, que procurava; com tudo deſcobrio 350 legoas de paiz, pelos quaes pôz ſeis padroens, e chegou aos fins de Africa ao Cabo, a que pôz o nome de *Cabo Tormentoſo*, em razaõ dos grandes mares, que alli encontráraõ. O ſeu animo era paſſar ávante; porém a gente, que eſtava cançada, ſe lhe oppôz, e aſſim convcio voltar, e na volta encontrou a navera dos mantimentos, de que havia nove mezes andavaõ ſeparados: de nove homens, que nella havia, ſómente reſtavaõ tres, hum dos quaes paſmou de alegria de ſe tornar a encontrar, de que logo morreo; e Dias chegou em fim a Lisboa em Dezembro

bro de 1487 havendo dezaseis mezes, e dezasete dias, que della partíra. Foi muito bem recebido delRei, que ouvida a relaçaõ, que lhe deo do *Cabo Tormentoso*, lhe quiz dar o nome de *Cabo de Boa Esperança*, com feliz agouro dos grandes proveitos, que se podiaõ tirar deste descobrimento.

Ann. de J. C. 1489. D. JOAÕ II. REI.

Diogo Cam, que antes da expediçaõ de Dias, tinha descoberto desde o Cabo de Santa Catharina até ao rio Zaire, onde dá principio o rio de Congo, achou huma nova naçaõ de Negros, cuja lingua naõ entenderaõ seus primeiros descobridores: esta nova naçaõ, bem que assombrada com a primeira vista dos Portuguezes, naõ ficou taõ fóra de proposito, que em vez de fugir, como tinhaõ feito todos os mais povos, se familiarizou com os hospedes, que vinhaõ de taõ longe, de sorte que pareciaõ já de longos tempos conhecidos. Diogo Cam vendo que gastava muito tempo por falta de Lingua, se resolveo em apanhar alguns dos que vinhaõ ao navio, e deixar-lhes outros em refens, para que ambos aprendessem o idioma do paiz: o que sortio bom effeito; porque tendo colhido quatro dos principaes, deo a entender aos outros

por

Ann. de J. C. 1490.

D. João II. Rei.

por geſtos, e ſinaes, e pelo melhor teor, que lhe foi poſſivel, que a ſua intençaõ era util á ſua terra: que elle havia tratar muito bem os que trazia comſigo, e que dahi a quinze luas os tornaria a reſtituir; e que em penhor da ſua palavra lhes deixava alguns dos ſeus, que no emtanto aprenderiaõ a ſua lingua, e ſe poriaõ em eſtado de lhes ſerem uteis.

Eſta violenta acçaõ, feita taõ rapidamente, e que era huma eſpecie de hoſtilidade ſortio bom effeito por huma eſpecie de prodigio, e milagre da Providencia. Os Negros naõ ſe deraõ por offendidos, e logo ſe aquietaraõ: o ſeu Rei ſendo diſto informado, naõ ſe deo por offendido, e tratou muito bem os Portuguezes, que Diogo Cam lá deixára com tamanha imprudencia á ſua deſcriçaõ, e reſſentimento; e aprendendo eſtes alguma coiſa do idioma, fizeraõ com que o Rei eſtimaſſe a noſſa Religiaõ, e a elles meſmos: com tudo tendo Diogo Cam voltado a Portugal, ElRei o mandou voltar quaſi logo com os Negros, que tinha trazido; e vendo-os os ſeus compatriotas ſaõs, e ſalvos, e além diſſo ſatiſfeitos do bom agazalho, que tinhaõ experimentado, teve Diogo mais facil

cil entrada na Corte. O Rei de Congo o teve particularmente em tanto credito, que assentou tornálo a mandar com hum daquelles mesmos, que tinhaõ levado, a quem associou dois mancebos dos mais nobres em modo de Embaixada, pedindo a ElRei de Portugal que os mandasse instruir, e baptizar, e depois lhos tornasse a remetter em companhia de pessoas capazes, por quem elles, e seus vassallos podessem ter a mesma ventura.

ANN. de J. C. 1490.

D. JOAÕ II. REI.

Foraõ os Embaixadores recebidos em Lisboa com muita distinçaõ, e sabendo ElRei ao mesmo tempo, que o Rei de Congo era hum Principe muito mais poderoso, e seus vassallos hum povo muito menos boçal, do que os que entaõ se haviaõ descoberto, assentou que os devia tratar com mais distinçaõ, e catequizados foraõ baptizados com muita pompa. O Rei, a Rainha, e alguns dos Fidalgos principaes, e Damas do Paço os levaraõ a fazer Christaõs, e lhes deraõ o seu nome, e respondendo depois aos desejos do Rei de Congo, os tornou a mandar em huma frota com ricos presentes para ElRei de Congo, cujo mando deo a Gonçalo de Sousa, que morrendo no caminho teve por successor

Ann. de J. C. 1490. D. João II. Rei.

for seu sobrinho Ruy de Sousa, que acompanhava o tio sem cargo algum, e se mostrou digno da escolha, que delle fizeraõ.

A penas esta frota chegou á barra do rio Zaire, quando hum tio del-Rei, Senhor desta Provincia, veio buscar o Sousa com todas as mostras da maior alegria. Era hum velho veneravel, que ancioso aspirava pelo momento de receber o Santo Baptismo, e em quem a graça já tinha operado grandes maravilhas. Foi isto o que logo pedio, e com tamanha ancia, e taõ solidas razoens, que o Sousa naõ lho pôde negar. Tres Religiosos de S. Domingos, que vinhaõ na frota, acabaraõ de o instruir, e o baptizaraõ com a maior solemnidade que foi possivel, no dia de Pascoa do anno de 1491. a elle, e a hum pequeno filho, que tinha. O respeito que guardavaõ ao Rei, que desejava o baptismo, foi causa de senaõ baptizarem mais: o mesmo filho mais velho deste Governador o naõ pôde conseguir: seu proprio Pai lhe representou que elle mesmo naõ tomaria a ouzadia de o fazer primeiro que o seu Soberano, senaõ temesse aventurar nesta demora a sua salvaçaõ, em razaõ da sua muita ve-

velhice, e a daquelle menino, para quem requeria a ventura, que elle naõ era capaz de pedir, em razaõ dos seus tenros annos, a quem pouco bastava para lhe tirar a vida. Ao tio do Rei, que assim se baptizou, puzeraõ o nome do Duque de Beja, D. Manoel, e ao menino, o nome de Antonio.

ANN. de J. C. 1491. D. JOAÕ II. REI.

ElRei de Congo se deo por taõ contente desta acçaõ de seu tio, que por isso lhe fez huma doaçaõ de mais trinta legoas ao longo da Costa com dez para o certaõ. A graça da agua Saudavel se deo a conhecer na pessoa deste velho veneravel, que depois sempre foi cheio do espirito de Deos, e taõ zeloso por tudo quanto dizia respeito á Religiaõ, taõ ancioso de ouvir a palavra de Deos, que nunca cansava de a ouvir, e teve tal respeito aos altares, principalmente quando ouvia Missa, que tendo feito alguns moços Nobres hum arruido ao tempo que ella se celebrava á porta da Igreja de rama, que se tinha levantado para a ceremonia do seu baptismo, na qual todos os dias se offerecia este Santo Sacrificio, os quizera mandar matar, por entender que era faltar ao devido respeito, se o General Portuguez, e os Religiosos naõ tivessem maõ neste excesso de zelo.

Sou-

Ann. de J. C. 1491. D. João II. Rei.

Sousa, que sabia que o Rei de Congo contava todos os instantes, que elle tardava em chegar, naõ pôz demora em por-se a caminho para a Capital. D. Manoel lhe deo os escravos precisos para levarem os homens, e a sua fardagem pelas terras do seu governo, e o acompanhou em pessoa até a raia. O Rei mandou repetidas vezes ao caminho a comprimentar o General, e dar-lhe toda a honra da marcha até a cidade Real.

A entrada do General, e a sua marcha até aos Paços delRei, foraõ com o maior apparato, que sofria o Paiz, e a multidaõ, que o cercava era tal, que a muito custo se podia romper. ElRei o esperava no seu Paço sentado em huma cadeira de marsim, posto sobre hum estrado. Tudo inculcava mageſtade neste Principe: tinha na cabeça hum barrete de folhas de palma a modo de mitra tecido com muita delicadeza: o corpo estava nú até á cintura, e o resto cingido até aos pés com hum panno de algodaõ: o braço esquerdo tinha por adorno hum bracelete de lataõ, e pendia-lhe do hombro hum rabo de cavallo, que he entre elles a insignia Real.

Tendo o Sousa acabado a sua fal-

falla, e exposto o motivo da sua Embaixada, mostrou os presentes, que levava, e o Rei os esteve examinando com toda a attençaõ, pedindo a explicaçaõ de tudo, e querendo que lhe repetissem muitas vezes o que lhe tinha sido dito. Era notavel o silencio em tamanho concurso, e incrivel a attençaõ; mas o mais digno de reparo era, que os Negros imitavaõ fielmente os Portuguezes em todos os gestos, reverencias, genuflexoens, inclinaçoens, e final da Cruz, como se comprehendessem todo o mysterio.

He inexplicavel a ancia, com que o Rei queria receber o Baptismo: na Corte, e no povo havia o mesmo desejo, e imitavaõ o Soberano; com tudo era necessario instruir, e apurar alguma coisa estes Neófytos; e além disso cumpria que mediasse tempo, porquanto naõ eraõ bastantes os Missionarios; mas hum inopinado caso decidio o successo, e lhe apressou a ventura. Alguns povos Insulanos, que habitavaõ em hum lago, que pertendem ser o Certaõ da Africa, e nascente dos Rios principaes, que a regaõ, se tinhaõ de novo rebelado contra o Rei de Congo; e faziaõ correrias nas suas Provincias: faziaõ-se temidos, pois se-

guraõ que podiaõ aliſtar 30000 combatentes, e cumpria que o Rei foſſe peſſoalmente ao encontro deſtes levantados. Os riſcos da guerra foraõ motivos mais que poderoſos, para que todos os guerreiros entraſſem no numero dos Soldados de J. C.

Deo-ſe principio, levantando huma grande Cruz, que ſe plantou aos tres de Maio com muita ſolemnidade, que naõ foi menor pelo baptiſmo de Neofytos taõ illuſtres: o Rei de Congo, a Rainha ſua principal mulher, e o Principe herdeiro, houveraõ os nomes de Joaõ, Leonor, e Affonſo, que aſſim ſe chamavaõ o Rei, a Rainha, e o Principe de Portugal: baptizaraõ-ſe depois tantas peſſoas de toda a qualidade, e condiçaõ, que canſavaõ os braços dos Miſſionarios.

Antes que ſe abriſſe a campanha, entregou Ruy de Souſa ao Rei de Congo hum precioſo eſtandarte, que o Papa Innocencio III. enviára ao Rei de Portugal, e huma Cruz, para que entraſſe elle, e os ſeus na participaçaõ dos meritos da Cruzada, que ſe havia publicado contra os Infieis. ElRei ſe encheo de Fé neſte ſaudavel ſinal, e naõ ſe lhe malograraõ as eſperanças, voltando victorioſo de ſeus ini-

migos; perſuadido que o devia a Deos, e ao adoravel ſinal da noſſa Redempçaõ.

Aos primeiros impetos de grande fervor acompanha de ordinario hum preſtes arrependimento; e ſerve de o precipitar no exceſſo da relaxaçaõ oppoſta. Aſſim o experimentou eſta nova Chriſtandade feita ſem eſtar ſazonada: a verdade dos myſterios da noſſa Religiaõ foi pouco cuſtoſa para eſtes Neófytos, pouco lidados, e menos capazes de diſputarem ſobre eſtes pontos; pareceraõ-lhes muito juſtos os principios da noſſa Moral, e fundados em razaõ; mas como a vida do Chriſtaõ he huma guerra aturada, que convem ſuſtentar contra ſi meſmo, eſtes homens cortidos no vicio deſde o berço, conhecèraõ quaõ difficil era fazer cara continuadamente a paixoens, que adulaõ, e mortificar-ſe, para ſe conformar com maximas, que denegaõ o deleite. O eſpirito da ſuperſtiçaõ, naõ ſe tinha extincto de todo nas cinzas dos ſeus Feticos, e dos ſeus Moquiſios, que ſolemnemente tinhaõ queimado, quando profeſſaraõ o Chriſtianiſmo: o fogo da luxuria, da avareza, da intemperança, e das mais paixoens ſe ateára mais

Ann. de J. C. 1491. D. JOAÕ II. REI.

com a resistencia, que poucos dias se tinha feito a estas paixoens: o mesmo Rei que, tinha envelhecido nestes habitos, achava mais pezado do que os outros o pezo da nova personagem, que lhe cumpria representar; de sorte que em pouco tempo se armou huma conspiraçaõ contra a nova Religiaõ, na qual entravaõ os Infieis, que ainda restavaõ, de que era cabeça hum filho do Rei, que senaõ quizera baptizar, e os Christaõs covardes, que eraõ os primeiros, que lhe condenavaõ a inconstancia. Estes esporeados pelos Sacerdotes, e Feiticeiros do paiz, estimulados pelas mulheres, e concubinas, que o Christianismo obrigára a repudiar, puzeraõ a Religiaõ em risco tal, que quasi estava afogada no berço, e os Missionarios Portuguezes, que Sousa lá tinha deixado, corrêraõ tamanho risco de vida, que a todo o momento esperavaõ ver-se matar.

Mas Deos, que tinha piedade deste povo, oppôz a esta torrente hum dique, que a reteve, e foi o Principe D. Affonso, filho mais velho do Rei de Congo. Este Principe, que era o unico Christaõ fervoroso, e verdadeiro Heróe, estava entaõ nas suas terras, onde fazia as vezes de Apósto-

lo,

lo, ao mesmo tempo, que era hum como impenetravel muro contra os inimigos do Estado. Sabendo o risco, que corria a Religiaõ, se empenhou com o Pai com tanta efficacia, que atalhou nelle a impressaõ, que tinha feito a sua covardia; mas Affonso correo risco de ser victima do seu zelo; a borrasca descarregou sobre elle: as diligencias dos inimigos da Religiaõ se incorporaraõ contra elle sómente. Indignaraõ contra elle o espirito delRei com as mais atrozes, e extravagantes calumnias. „ O Baptismo, diziaõ, „ o tornou encantador, e estragado „ com os costumes estranhos tinha odio „ á patria, e ao mesmo Rei, que lhe „ dera o ser; que mudava os mon„ tes, secava os rios, e tolhia ás no„ vidades, fazia enloquecer os ho„ mens, e ainda fazia coisas mais „ odiosas, manchando o leito nupcial „ com hum louco amor, que por for„ ça de feitiços tinha metido nas es„ posas de seu Pai.„ Tinha o Rei amor a D. Affonso; mas o talento debilitado com os annos o fez acreditar estes desvarios: talvez mostrasse crêlos para se accommodar ao tempo, e se deixou levar da indignaçaõ contra este filho amado, e lhe tirou as rendas, e as honras.

ANN. de J. C. 1491.

D. JOAÕ II. REI.

Fi-

Ann. de J. C. 1491. D. João II. Rei

Ficaria perdido totalmente D. Afonso, a naõ ser a arte de Leonor sua Mãi: deixou esta prudente Rainha passar tempo, até que aquietasse hum pouco este alvoroço de espirito, e entaõ se valeo dos Grandes da Corte mais aceitos pelos seus annos, e prudencia, que, persuadindo a ElRei a injuria, que fazia a si proprio no triste estado, a que tinha reduzido o Principe seu filho, que com o seu valor lhe tinha segurado tantas vezes a Coroa na cabeça, fizeraõ com que entrasse em cautelas, e em desejo de examinar solidamente, se este Principe era calumniado com effeito, e cahindo em si, usando de profunda dissimulaçaõ, fez secretas indagaçoens; e tendo conhecido a innocencia do filho, o restituio a todas as honras antigas, mandando matar os seus accusadores com a ultima pena.

Este rigor, bem que justo, servio sómente de irritar mais o partido, que tinha conspirado em dar o throno a Pansa Aquitimo, irmaõ do Principe, e capital inimigo dos Christaõs, e dos Portuguezes; mas tendo feito menos ouzado o temor, que inspirou, veio a ser mais arriscado, e o Rei foi o enganado: com tudo deo-se por satisfeito

com

com avizar o filho de que moderasse o seu zelo, e atalhasse com politicas as desgraças, que lhe podia acarear a elle, e á sua Caza. Mas naõ mudando Affonso por isso de teor, o Rei o chamou á Corte; mas o Principe instruido secretamente por sua Mãi, demorando o obedecer com diversos pretextos, eludio sempre o vir até a morte de seu Pai, que bem conhecia naõ poder tardar muito, e de que em breve tempo foi certificado.

Ann. de J. C. 1491. D. JOAÕ II. REI.

Entaõ tomando o acordo de hum homem de entendimento, e valor, marchou com pressa para a Capital, onde entrou de noite, e ao amanhecer congrega os povos, a quem fallou com vehemencia, e com tanto fructo a favor da sua justiça, que dobrou os animos de todos, e foi geralmente reconhecido por legitimo herdeiro do Throno. Pansa Aquitimo, que estava alojado fóra da Cidade, ficou atordido deste lanço dirigido com tanto segredo, como prudencia; e naõ querendo dar ao Irmaõ tempo de se melhorar, commette direito á Cidade, tendo repartido a sua gente em dois corpos. Affonso mais confiado em Deos, do que no numero, e qualidade dos que o acompanhavaõ, congregou os guerreiros,

Ann. de J. C. 1491. D. JOAÕ II. REI.

ros, que pôde encontrar, e levando-os ao cómbate, mandou abrir as portas da Cidade, e invocando a altas vozes o nome de J. C, e de S. Tiago, como faziaõ os Hespanhoes, se lançou como hum leaõ á primeira batalha dos inimigos, que desordenados logo ao primeiro ataque, foi dar na segunda, que assim desbaratou, que nem huns, nem outros se podéraõ melhorar; de sorte que a victoria logo se declarou pelo melhor partido, em cujo favor se declarou o Ceo.

Quiz a desgraça de Aquitimo, que na fugida cahisse em hum cepo armado para apanhar as feras, onde foi tomado, estando mortalmente ferido. Affonso intentou salvar-lhe a vida, mas este homem feroz antepôz a perda do corpo, e alma ao recorrer á clemencia do Irmaõ, e a abrir os olhos á verdade. O seu General mais cordato, pedindo que o deixassem morrer Christaõ, e receber o Baptismo, conseguio a vida com condiçoens assás humanas.

Esta victoria pôz a Affonso Senhor pacifico do Throno, todo o restante dos seus dias. Reinou sincoenta annos, nos quaes se mostrou sempre muito agradecido a Deos, e affeiçoado

do aos Portuguezes ſeus confederados, e com razaõ ſe pode julgar o Apoſtolo dos ſeus Eſtados, a quem elles devem a Religiaõ, a qual com o decurſo do tempo veio a eſmorecer muito, e quaſi a arruinar-ſe: todavia foi hum dos mais ſeguros amigos, que Portugal tem tido.

Ann. de J. C. 1497. D. JOAÕ II. REI.

Por eſte tempo, em que ElRei D. Joaõ ſe applicava tanto, e fazia taõ groſſas deſpezas para os novos deſcobrimentos, principalmente para tocar nas Indias, que era o porque mais ſuſpirava, teve hum dos maiores deſgoſtos, e entendeo ver roubado por eſtrangeiros o que elle entendia ter nas ſuas maõs. Foi tanto mais vivo o ſentimento, por dever imputar a ſi meſmo, e naõ attribuir a outrem eſta culpa.

Tendo Chriſtovaõ Colomb, Genovez de naçaõ, navegado muito tempo para Levante, quiz experimentar fortuna no mar Atlantico, para ſeguir o que entaõ andava em voga. Pertendem alguns, que elle fôra aſſentar vivenda na Madeira, e que tendo recahido em ſua caza as reliquias de hum navio Françez, que naufragára, tivera pelo Piloto delle noticias da America, da qual nunca quiz deſcobrir a ori-

Ann. de J. C. 1497. D. Joaõ II. Rei.

origem, eſtando ſeguro do ſegredo, por quanto todos quantos eſcapáraõ do naufragio tinhaõ morrido de miſeria, e dos trabalhos, que tinhaõ padecido.

Como quer que foſſe, Colomb paſſou a Portugal, e veio offerecer-ſe a ElRei com grandes promeſſas de lhe dar a poſſe de hum novo mundo ao Oeſte dos confins do Oceano. D. Joaõ, que achou pouco fundamento neſte homem, o teve por hum homem, que fantaſeava, fazendo pouca conta delle. O meſmo lhe ſuccedeo com as de mais Potencias maritimas, e ultimamente depois de ter padecido por ſete annos muitas repulſas, e lidas, alcançou Colomb pelo valimento do Arcebiſpo de Toledo, que a Rainha D. Izabel lhe mandaſſe armar tres Caravelas, com as quaes, depois de padecer varias contradiçoens da equipagem, ultimamente deſcobrio as Ilhas-Antilhas: aportou em algumas, e deixando ahi parte da gente em hum Forte da Ilha Heſpanhola, voltou a Europa, trazendo comſigo dez, ou doze naturaes do paiz, e oiro, e outros generos do paiz por amoſtra, e para darem idéa deſtas terras, e ſeus deſcobrimentos.

Ape-

Ann. de J. C. 1497. D. JOAÕ II. REI.

Apenas entrou no Tejo, e ancorou no porto de Lisboa, tendo ElRei noticia da ſua chegada, lhe quiz fallar. Colomb altivo com o ſucceſſo da ſua viajem, fallava com tanta ſoltura, e encarecimento, miſturando algumas reprehenſoens a ElRei, de naõ ter dado credito ao que lhe diſſera, e ter aſſim perdido muito, que parecia ter vindo depoſitadamente inſultálo. Eſte atrevimento ſem reſpeito o pôz em riſco de vida, pois os Fidalgos da Corte indignados delle o quizeraõ matar, e chegaraõ a propor iſto a ElRei, que rejeitou a propoſiçaõ com horror, e até fez capricho de premiar a Colomb, e aos da Ilha, que trouxera em ſua companhia; mandando veſtir a eſtes ultimos de eſcarlate, e fazendo-lhes muitas mercês.

Naõ deixaraõ todavia de eſtimular a eſte Principe a vaidade de Colomb, e os ſeus mal comedidos diſcurſos; mas o que mais o abalava, era ver os Inſulanos, todos peſſoas bem diſpoſtas, e mais airozos do que os Negros de Africa; e parecendo-lhe pelo modo, que talvez foſſem da India, ou de paizes, que lhe pertenceſſem, preparou ſem dilaçaõ huma grande

de armada para ſenhorear eſtes paizes.

Ann. de J. C. 1497. D. Joaõ II. Rei.

ElRei D. Fernando, bem que ainda naõ tiveſſe em grande conta eſte deſcobrimento de Colomb, todavia, como era hum Principe muito politico, e cuidadoſo no que era da ſua juſtiça, mal teve novas deſte armamento delRei de Portugal, logo ſe lhe mandou queixar por ſeus Embaixadores, como de huma hoſtilidade, e infracçaõ dos Tratados feitos entre as duas Coroas. A' viſta deſtas queixas ſuſpendeo D. Joaõ os apreſtes, e conſentio que eſte jus ſe pleiteaſſe amigavelmente; e por diverſas vezes ſe nomearaõ Plenipotenciarios de ambas as Coroas; e Fernando chegou a mandar Embaixadores expreſſamente a iſto a Portugal; porém como eſte ardiloſo Principe nada queria concluir antes de ſaber quanto importava o negocio, ſeus Embaixadores naõ faziaõ mais que alongar o negocio, ſem o levarem ao fim. Iſto deo occaſiaõ ao dito galante delRei D. Joaõ, que eſta Embaixada naõ tinha pés, nem cabeça, alludindo á qualidade deſtes dois Embaixadores, dos quaes hum era coixo, e outro paſſava por hum pouco eſtouvado; com tudo ambos eraõ aſſás expertos para eſte negocio. Ultima-

timamente se remetteraõ ambos á decisaõ do Papa Alexandre VI. que entaõ occupava a Cadeira de S. Pedro. Sua Santidade repartio o novo mundo entre estas duas Potencias, que entaõ quasi nada tinhaõ nelle, por huma linha imaginaria tirada de Norte a Sul a cem legoas a Oeste das Ilhas de Cabo Verde, e dos Açores.

ANN. de J. C. 1497. D. JOAÕ II. REI.

D. Joaõ nunca perdeo o arrependimento de ter rejeitado Colomb, e naõ o ter attendido: póde-se com tudo dizer que foi effeito da Providencia, que governa o coraçaõ dos Reis, e faz com que se accommodem ás suas intençoens. Portugal era muito acanhado para abarcar tanto; o novo campo, que se abria, era por outra parte taõ amplo, que podia dar que fazer a muitas Potencias, e estancar a ambiçaõ a mais desmedida. Se a de D. Joaõ se contivesse em raias mais comedidas, tinha assás de que se contentar. O nome Portuguez enchia a Europa toda, e tinha feito escurecer a gloria, que tinhaõ ganhado na Arte da navegaçaõ Fenices, Cathaginezes, Gregos, e Romanos; toda a Costa Occidental da Africa tinha franqueado os seus portos aos navios desta Naçaõ; protegiaõ o seu commercio as

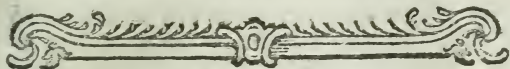
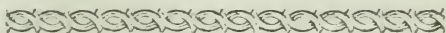
For-

Ann. de J. C. 1497.

D. João II. Rei.

Fortalezas, que alli tinhaõ levantado, e confederaçoens, que tinhaõ ajuſtado: os Reis de Benim, de Tongubutu, de Mandinga, de Congo, pertendiaõ a ſua amizade por meio de ſeus Embaixadores; tinha interpoſto a ſua auctoridade, para ajuſtar as ſuas differenças, tendo entre elles tanto credito, que obrigava a depôr as armas aos meſmos vencedores. Mas como o ſeu grande alvo foi ſempre a India, como iſto lhe levava todo o cuidado, perdendo o ſono, e o ſocego, naõ póde conſeguir neſte ponto a ſatisfaçaõ, que eſperava, e a morte, que o roubou nas veſperas dos grandes ſucceſſos, que eſperava, deo a moſtrar que elle ſómente ſemeára, para ſe aproveitar outro mais feliz do que elle.

Fim do primeiro livro.

HIS-

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO II.

RA D. Manoel, Duque de Beja, o homem feliz, para quem a fortuna, ou para melhor dizer a Providencia tinha destinado o colher o fructo, que outro plantára. A morte de D. Affonso, Principe herdeiro de Portugal, e filho de D. Joaõ II. a quem a queda de hum cavallo lançára na cova na flor dos annos, desempedio a Manoel o caminho para o throno, para onde o chamava o direi-

Ann. de J. C. 1497.

D. MANOEL REI

Ann. de J. C. 1497.

D. Manoel Rei

direito do nascimento, e a disposiçaõ testamentaria do Rei defunto. Era filho do Infante D. Fernando, irmaõ delRei Affonso V., a quem o Infante D. Henrique adoptára, e amára com excesso; de sorte que parece, que Deos quizera premiar os merecimentos deste Principe virtuoso, fazendo com que viesse a recahir na pessoa, que elle prezava tanto, a abundancia de bens, cujo caminho elle tinha arroteado. Parece que foi especie de vaticinio da futura grandeza de D. Manoel, que D. Joaõ, que o tinha por herdeiro presumptivo da sua Coroa, o obrigou a meter no escudo das suas armas huma esfera, ou mappa-mundo por emblema, como se desde logo antevíra, que este Principe moço algum tempo havia de ter dominio em todos os paizes, que o Sol allumêa.

Estava D. Manoel em Alcacer do Sal com a Rainha sua irmã, quando teve noticia da morte delRei, e da sua disposiçaõ testamentaria, e logo foi acclamado, e reconhecido Soberano legitimo por todos os Estados do Reino. Estava entaõ nos vinte e hum annos de idade: era dotado de todas as prendas, que engrandecem os Reis, e superior á sua mesma fortuna.

na. Como todos os ſeus cuidados lhe levava o bem da Monarquia, que Deos lhe entregára, teve repetidos conſelhos ácerca de muitas coiſas, que careciaõ de reformaçaõ, e a fim de delinear hum plano geral do Governo.

ANN. de J. C. 1497. D. MANOEL REI

Opinou-ſe grandemente neſtes conſelhos ácerca dos negocios do novo mundo, e os pareceres diſcordaraõ em tres ſyſtemas, tendo cada hum delles ſeus partidarios: os mais ardidos ſe acoſtaraõ á negativa, e queriaõ que abſolutamente ſe abriſſe maõ de huma empreza, para que olhavaõ como infallivel ruina do Eſtado: as razoens já allegadas contra os projectos do Infante D. Manoel accreſcentavaõ o quanto eſtavaõ de nós remotas as Indias, e terras do Preſte Joaõ; o grande riſco de ſe ſublevarem todas as potencias Mahometanas, a impoſſibilidade de ſupprir a tantas deſpezas, e reſiſtir a taõ potentados inimigos: os ſegundos com mais moderaçaõ votavaõ que paraſſemos no que até entaõ eſtava deſcuberto, e que niſſo ſe houveſſem com mais moderaçaõ: os terceiros, mais levados do zelo da gloria da naçaõ, aſſentavaõ que cumpria hir ávante, aſſentando que as mer-

Ann. de J. C. 1497.

D. Manoel Rei

cês, com que Deos os tinha protegido no bom succeſſo deſtes deſcobrimentos, lhes afiançava, que era do ſeu agrado proſeguir nelles: a eſta opiniaõ ſe encoſtou ElRei, como mais conforme ao ſeu propoſito, á nobreza dos ſeus ſentimentos, e á gratidaõ, que devia á memoria delRei ſeu anteceſſor, do Infante D. Fernando ſeu Pai, e de D. Henrique, ſeu ſegundo Tio.

Apenas tomou eſte acôrdo, quando mandou aparelhar tres navios de maior toque que os ordinarios, a fim de reſiſtirem melhor ás groſſas correntes do Cabo de Boa Eſperança, e com eſtes mandou huma naveta carregada unicamente de mantimentos: Declarou depois Capitaõ mór Vaſco da Gama, homem Fidalgo, valente, e deſembaraçado, e a quem ElRei defunto já deſtinára para fazer eſta viajem. Deo as outras Capitanias a Paulo da Gama, irmaõ de Vaſco da Gama, e a Nicoláo Coelho, e da naveta foi Capitaõ hum creado de Vaſco da Gama por elle eſcolhido.

Preſtes os navios, ponderando D. Manoel a importancia da empreza, quiz dar com ſolemnidade as inſtrucçoens preciſas ao General della, e mandando-o chamar a Eſtremoz a el-

le,

le, e aos outros dois Capitaens, e principaes Officiaes, lhes fez huma falla eſtudada, na qual tendo encarecido a grande confiança que tinha na ſua fidelidade, e valor, os exhortou grandemente a deſempenharem o conceito, que fazia delles, do qual dava hum authentico abono na honroſa eſcolha, que fizera das ſuas peſſoas; animando-os depois com as mais magnificas promeſſas, e eſperanças de premios mais avultados; recommendando-lhes particularmente a ſobordenaçaõ, que deviaõ ter ao ſeu General, que repreſentava a peſſoa delle Rei, e a eſte a prudencia, moderaçaõ, e conſtancia, que foſſe neceſſaria nas occorrencias do cargo, com que o honrava. Acabada eſta falla, entregou a Vaſco da Gama as cartas de crença para os Reis da India, o Itinerario de Pedro de Covilhã, e outras muitas inſtrucçoens, rematando a ceremonia com entregar-ſe nas maõs de Vaſco o eſtandarte, que em todo o diſcurſo tivera deſenrolado hum Secretario de Eſtado, no qual eſtava pintado o adoravel ſinal da noſſa Redempçaõ: e poſto Vaſco da Gama de joelhos jurou omenagem a ElRei em ſeu nome, e dos ſeus, e tomando a ban-

ANN. de J. C. 1497.

D. MANOEL REI

 dei-

Ann. de J. C. 1497.

D. Manoel Rei

deira partio com todo o acompanhamento para Lisboa, onde se havia de embarcar.

Huma legoa distante desta Cidade havia huma Ermida, ou Capella, que o Infante D. Henrique mandára fundar na praia sob a invocaçaõ de Nossa Senhora, para alentar a devoçaõ dos Marinheiros, e buscar-lhes a protecçaõ da Mãi de Deos. Vasco quiz fazer aqui a vigilia da sua partida com a mais companhia, gastando a noite em oraçaõ, e dispondo-se para a viajem com os Santos Sacramentos, merecendo assim a bençaõ do Ceo com estes actos de Religiaõ. Tendo assim desafogado a sua piedade, se recolheraõ em procissaõ do mesmo modo, que tinhaõ hido, levando cada hum na maõ hum cirio entoando Hymnos, e Psalmos, acompanhados de grande numero de Sacerdotes, e Religiosos, e atrás immenso povo, que convidára de toda a parte a novidade do espectaculo.

Bartholomeo Dias, e seus companheiros tinhaõ dado huma idéa taõ temerosa do Cabo de Boa Esperança, que sómente se temiaõ naufragios, e aos miseraveis desgraçados, que se expunhaõ a tentar esta passagem, avalia-

liavaõ como victimas, que eraõ levadas á morte quafi inevitavel, e tomados defta perfuafaõ os acompanhavaõ como fe foffem para a fepultura. Eftavaõ todos lavados em lagrimas de verem a tantos, e taõ robuftos mancebos deixar pais, parentes, e cabedaes para hirem em bufca da morte infallivel na flor dos feus melhores annos.

Affim foraõ acompanhados até ao porto os noffos novos Argonautas feguidos do mais maviofo apparato: alli poftos de joelhos receberaõ de novo a abfolviçaõ geral, como agonizantes, e depois embarcáraõ entre foluços, e choros de hum povo inteiro, que naõ podia defpegar delles os olhos, e o coraçaõ, nem defpregar a vifta do mar, fenaõ depois que desfraldando as velas, hum vento favoravel os alongou de forte, que naõ podéraõ fer viftos da praia.

Partio Vafco da Gama nos principios de Julho de 1497, e foi direito ás Canarias, donde feguio a fua derrota fem fe demorar ás Ilhas de Cabo Verde, onde ancorou com treze dias na de S. Tiago, e fez aguada, e tomou algum refrefco. Tornando a fazer-fe ao largo lutou quatro mezes com os ventos, e foi obrigado a deman-

Ann. de J. C. 1497. D. Manoel Rei

mandar terra. Tomou o porto em huma grande, bahia, que depois houve o nome de S. Helena, onde topou com hum povo barbaro, miseravel, mas de bom coraçaõ, e generoso. Hum Soldado chamado Fernaõ Velloso obteve do General licença para hir ver sem mais companhia a sua vivenda: foi delles recebido com grande humanidade, mas tomado de repente de hum terror panico, de que nunca pôde dar os motivos, entrou a correr para os navios com toda a pressa: o pobre gentio, que ignorava a causa desta apressada fuga, o seguio para o tranquillizar, e como isto mesmo lhe dobrava o temor do Soldado, lhe dava azas para melhor fugir. A chusma do navio, que estava fazendo aguada, vendo-o vir taõ afadigado, e perseguido, temendo alguma traiçaõ, lançou maõ das armas: os Negros acometidos se poem em defeza, e lançaõ hum chuveiro de pedras, e flexas, e com huma feriraõ o General em hum pé. Seria de maiores consequencias o combate, se o naõ atalhasse a prudencia do Gama, que mandando tocar a recolher se fez á vela, dando-se por feliz de se salvar a taõ pouco cus-

custo, depois de correr tamanho risco pelo estouvamento de hum só homem.

Ann. de J. C. 1497. D. Manoel Rei

Como a esse tempo se ignorava ainda que em certas paragens havia ventos geraes, que facilitaõ a navegaçaõ em tempo de monçaõ, e a fazem muito arriscada, ou talvez impossivel, fóra della, infelizmente se conheceo que Vasco da Gama partíra na estaçaõ do anno a mais opposta; de sorte que quando chegou ao Cabo de Boa Esperança sómente achou tormentas, e temporaes taes, que os marinheiros cansados do trabalho de huma navegaçaõ de sinco mezes, aborrecidos dos ruins mantimentos, e mais espantados das fantasmas, com que se lhe assigurava o risco deste Cabo temeroso, dizem que por muitas vezes se levantaraõ contra elle, e correria risco a sua vida, a naõ ser o seu grande animo, e constancia; por quanto mandando prender os cabeças do motim, e entre elles os Mestres, e Pilotos, tomou sobre si o governo da náo, e naõ fazendo nos muitos dias, que durou a tempestade, mais que bordejar, e correr em arvore seca, assim soube fazer rosto aos obstaculos, e perigos, que ainda

fa-

Ann. de J. C. 1497. D. Manoel Rei

faziaõ ſer maiores a gente levantada, do que os mares, e os ventos, paſſou em fim eſte famoſo Cabo em ſinco dias, de 20 de Novembro até 25; e encontrando depois tempos mais macios, teve a ſatisfaçaõ de ver os eſpiritos mais quietos com o acalmar das borraſcas, e tomou porto perto de 60 legoas além do Cabo para o Oeſte em huma bahia, a que depois ſe pôz o nome de aguada de S. Braz.

Aqui tomou algum folego do trabalho, que paſſára, e achou-o logo nos Cafres deſta Coſta; que ſem receio lhe deixaraõ prover-ſe de algumas coiſas a troco de caſcaveis - miſſangas, e outras quinquilharias de, pouco valor; mas começando a haver entre elles, e os ſeus algumas porfias ácerca do reſgate do gado, aſſentou mudar-ſe para mais longe para outro porto pequeno, no qual tendo repartido por todos os navios os ſobrecellentes, que reſtavaõ na naveta, a queimou conforme as ordens, que tinha. Daqui ſe fez á vela dia de N. Senhora da Conceiçaõ, e ſahindo o tomou outra tormenta, que por muitos dias lhe apurou a paciencia; acalmou todavia ſem lhe ſucceder accidente algum, e ſe achou na Coſta,

a

Ann. de J. C. 1498.

D. MANOEL REI

a que chamou do Natal, pela defcobrir neffe dia, e fer coftume recebido dar ordinariamente ás terras, que de novo fe defcobriaõ, nomes dos myfterios, do dia do Santo, cuja fefta fe celebrava. Pela mefma razaõ pôz o nome de *Rio dos Reis* a hum grande Rio, que abocou no dia da Epifanía do anno feguinte. Os Cafres de huma aldêa defta Cofta o communicaraõ, e fe fez ahi hum commercio taõ pacifico, que elle lhe pôz o nome de *Aguada da Boa Paz*, e fazendo-fe á vela para feguir a fua derrota, paffou de noite o Cabo, a que chamou *das Correntes*, em razaõ da muita violencia, com que as aguas, correndo para terra, o apanhavaõ para dentro de huma grande bahia, da qual temeo, que naõ podeffe fahir, e por efte motivo fe foi tanto ao largo, que paffou fem ter vifta de toda a Cofta de Sofala, taõ celebre pelas fuas minas de oiro, e a que alguns Sabios tem com muita probabilidade pela Ofir, onde Salomaõ enviava as fuas frotas, e de que tirava os cabedaes, que fizeraõ florecente o feu Reinado.

Os noffos Aventureiros andavaõ até effe tempo mais defefperados: em toda a fua navegaçaõ naõ tinhaõ topado

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

pado mais do que povos meſquinhos, cuja lingua naõ entendiaõ, e com quem cumpria eſtar ſempre com reſguardo, de quem mal aproveitavaõ alguns viveres para manterem a vida, ſem verem o menor claraõ de melhor fortuna; mas o Ceo começou a abençoálos neſtas terriveis circumſtancias de animo conſternado; porque entrando em hum rio no alcançe de algumas almadias, canoas, ou pequenos barcos, que tinhaõ as velas de folhas de palmas, tomaraõ algumas eſperanças de mudarem, que lhes deraõ bons preſagios, e foi motivo de pôrem a eſte rio o nome de rio dos *Bons Sinaes*. Com effeito eſtes povos naõ eraõ negros como os outros; entre elles ſe via alguma miſtura de fulos, que davaõ ſuſpeita da vizinhança de brancos, e além diſſo tinhaõ mais policia, e melhores veſtidos. Alguns vinhaõ embrulhados em pannos de algodaõ, e linho tingidos, com toucas de ſeda, e pannos tecidos com oiro, e prata. Alguns davaõ por algumas palavras Arabigas, e fallaraõ com Fernaõ Martins, que ſabia ſufficientemente, e ſervia de lingua ao General. Mas o que os encheo mais de conſolaçaõ foi darem-lhe ſinaes,

que

que mais para o Nascente encontrariaõ homens brancos como elles, e navios quasi da feiçaõ dos seus, que navegavaõ por aquelles mares, fazendo alli commercio.

Ann. de J. C. 1498.

D. MANOEL REI

Bem se pode julgar qual seria a satisfaçaõ de Vasco da Gama, vendo taõ felices sinaes. Alentado com esperanças mais bem fundadas do que as passadas, pôz neste rio hum novo padraõ, a que chamou S. Rafael, e determinou dar pendor aos navios, que o necessitavaõ muito: ajudaraõ-no nisto os naturaes, que amigavelmente lhe acodiraõ com tudo quanto puderaõ: mas poucas saõ as alegrias sem desconto: agoou a de Vasco hum novo genero das molestias até entaõ naõ conhecidas, que era o escorbuto, que fez grande estrago na sua gente. Tiveraõ-no por huma especie de erysipela, que inchando as gingives, e fazendo-as apodrecer, lhes arrancava todos os dentes e causava outros symptomas tristes: conheceo-se a sua causa verdadeira, e que procedia das carnes salgadas, e ar grosso do mar. Alguns morreraõ, mas a maior parte escapou.

Naõ passou só este perigo: esteve quasi para morrer na bateira do na-

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

navio, e por bem pouco eſcapou de ficar em hum banco d'arêa; mas ſalvando-ſe felizmente de ambos os riſcos, chegou ſinco dias depois á Ilha de Moçambique, e foi ancorar em huns Ilheos para ſima della, coiſa de huma legoa, onde pôz hum novo padraõ, e chamou aos Ilheos S. Jorge.

He Moçambique huma pequena Ilha pouco afaſtada do continente da Coſta Oriental d'Africa, em quatorze gráos e meio de latitude Auſtral. Em poder dos naturaes da terra, que ſaõ Cafres do Reino de Quiloa, era coiſa de pouco momento, porém derramados os Mouros Sectarios de Mahomet pela Coſta, tinhaõ alli aſſentado huma eſcalla para o commercio de Sofala, e Indias, em razaõ da bondade, e abrigo do ſeu porto. Na Ilha naõ havia mais que Mouros, accommodados pobremente em pequenas cabanas de terra, cobertas de palha, nem havia mais edificio de pedra, e cal além da Meſquita, caza do Xeque, que alli tinha Ibrahim, Rei de Quiloa, para lhe cobrar os direitos, e governar em ſeu nome. Quando os Portuguezes ſe ſenhorearaõ della, fizeraõ alli a eſcalla das ſuas frotas, que navegavaõ para a India; e Moçambique

que veio a ser hum porto dos mais famosos; mas como o ar he pouco sadio, esta terra, que consome os seus habitantes, foi o sepulcro de infelices, que sómente haviaõ resistido ao mais rude trabalho desta navegaçaõ, para alli darem fim á vida cançada de lidas.

Ann. de J. C. 1498.

D. MAMOEL REI

Apenas deraõ vista de Vasco da Gama, correraõ a elle sete pequenas almadias cheias de gente, e de tocadores de instrumentos, que acompanhavaõ hum Official do Xeque, e, do mais longe que pôde, os saudou em Arabigo, e perguntou d'onde vinhaõ, e para onde hiaõ aquellas velas. Logo que pela bandeira, e pela resposta se desenganou de que eraõ Portuguezes, e que andavaõ indagando o caminho para as Indias, quando elle, que por Religiaõ era inimigo jurado dos Christaõs, e pela patria dos Portuguezes, por quanto era vassallo dos Reis de Fez, e Marrocos, armou a tençaõ de os perder. Com tudo, como naõ era possivel conseguílo á força descoberta, dissimulou quanto pôde, mas naõ pôde ser tanto, que Vasco, que o examinava com attençaõ, naõ presumisse pela sua inquietaçaõ os seus perversos designios; porém como era conveni-

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

veniente disfarçar estas suspeitas, gastando o tempo em reciprocos comprimentos, naõ se pouparaõ demonstraçoens de alegria; e a pezar do respeito do Alcoraõ, beberaõ os Mouros com profusaõ vinho, que lhe offertaraõ; deraõ-se mutuamente presentes por varias vezes, e ajustaraõ-se em dar aos Portuguezes mantimentos pelo seu dinheiro, e dois Pilotos pelo preço que ajustassem. Mas naõ podendo estar muito tempo suffocado o odio destes Infiéis, se deo logo a conhecer em muitos lanços de traiçaõ, e má vontade. Os Pilotos escaparaõ a nado: sumíraõ alguns Abexins, com quem o Gama tinha começado a tratar, para ter noticias dos Estados do seu Principe, e ultimamente romperaõ em hostilidades, investindo algumas almadias com os bateis Portuguezes, que hiaõ fazer aguada.

Tendo-se o General queixado, e pedido justiça, lhe foi tornada huma resposta muito altiva, que determinou com alguns insultos seguidos de huma nuvem de frechas. Agastado o Gama mandou dar algumas descargas de artilharia, que mataraõ quatro possoas, e entre elles hum dos Pilotos, que fugiraõ para o lado do Xeque.

Este

Este estampido das bombardas, que matavaõ, até entaõ pouco conhecidas, ou pouco usadas nestas terras, causou taõ subita consternaçaõ, que n'hum instante os Mouros todos se salvaraõ da Ilha para a terra firme. O Xeque espavorido ficou mais brando, e concedeo ao Gama quanto elle quiz, e Vasco se contentou com hum Piloto, e immediatamente se fez á vela para mais longe.

O temor naõ tinha emendado a ruim vontade deste, e ou estivesse assim ajustado com o Xeque, ou fosse naturalmente inclinado a fazer mal, assentou que podia perder os navios, na resoluçaõ de ou se perder a si, ou salvar-se a nado; andava muito vigiado, e elle o conhecia; com tudo naõ tardou muito em se manifestar, metendo os navios entre humas ilhetas, que dizia ser hum Cabo, ou ponta pegada ao continente. Isto lhe custou caro, porque conhecendo-lhe Vasco a malicia, o mandou açoitar fortemente, de sorte que sempre se conservou disto memoria nestes sitios, chamando-se a estas Ilhas *as Ilhas do Açoitado.*

Este castigo dado a tempo causou nelle hum apparente arrependimen-

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

mento, e prometteo levar as náos á Quiloa, Cidade opulenta, e conhecida pelo seu commercio com a India, habitada em parte de Christaõs Abexins. O que naõ declarava era, que havendo lá informaçaõ de quanto havia passado em Moçambique, estava capacitado de que se applicariaõ os meios precisos, para se vingar dos nossos; mas naõ podendo em razaõ dos ventos, e correntes pôr por obra os seus projectos, entendeo o perfido Piloto que o poderia conseguir hindo a Mombaça, onde dizia que se encontrariaõ os mesmos commodos de Quiloa; e Gama vendo-se falto de viveres reduzido a extrema necessidade, foi obrigado a lá se deixar levar.

Era neste tempo Mombaça huma Cidade muito forte, governada por Mouros, que tinhaõ seu Rei independente de Quiloa: estava cercada, ou quasi cercada de mar, e formava huma especie de Ilha, ou Peninsula, cujo porto tinha duas bocas defendidas de hum Forte muito bom. Os edificios eraõ de pedra, e arremedava muito as Cidades de Europa: o ar he sadio, e bom o terreno, e com tudo isto era muito povoada, e abastada em razaõ do seu commercio, e

o

o commodo da vivenda, que nella havia, fazia que fosse huma Cidade muito deliciosa.

ANN. de J. C. 1498.

D. MANOEL REI

Vasco da Gama, a quem as antecedentes traiçoens tinhaõ feito acautelado, naõ quiz entrar no porto, e surgio ao largo da bahia; e foi recebido com as mesmas mostras, que lhe deraõ em Moçambique. Vieraõ a bordo dos navios algumas almadias cheias de homens vestidos á Turca, com turbantes, armados de sabres, punhaes, e broqueis, acompanhados de musica, e com todas as demonstraçoens exteriores de alegria. O General, que em tudo attendia, naõ deixou entrar mais de quatro, que eraõ os mais bem tratados, a quem primeiro tirou as armas. Passados os comprimentos, brindes, e presentes ordinarios nestas occasioens, lhe representaraõ estes que era politica, até mais seguro, recolher-se ao porto; por que além dos riscos, que corria em hum porto mal seguro, diziaõ elles que causava suspeitas com este extraordinario procedimento, e ficaria exposto ás guardas costas, que elles traziaõ, que lhes dariaõ caça como a Piratas.

Tinha-se posto huma grande vigia em que o perfido Piloto naõ con-

Ann. de J. C. 1498. D. Manoel Rei

versasse com elles ; a pezar deste resguardo teve elle modo de os noticiar de quanto tinha succedido em Moçambique, e tendo-lhe isto ateado o odio, e inspirado nelles os mesmos sentimentos de vingança, e dissimulaçaõ, apertaraõ mais com o General para que metesse os navios no Porto. Gama, que lhes queria tirar toda a suspeita, e ao mesmo tempo segurar-se, lhes prometteo fazêlo no seguinte dia, com tanto que lhe mandassem hum bom Piloto, e nesta esperança os despedio contentes do bom gazalhado, que tinhaõ achado, e dadivas, que tinhaõ recebido.

Quando Vasco partio de Portugal, levou dez homens tirados da cadéa com sentença de morte pelos seus crimes, os quaes alcançariaõ o perdaõ tentando casos, em que pedia a prudencia senaõ aventurassem homens de maior probidade. Destes se devia servir nos casos de suspeita, e já tinha deixado alguns no caminho. Ao seguinte dia voltaraõ a visitalo alguns Mouros honrados, apertando com elle que lhe cumprisse a palavra, e elle pedio mais dois dias de dilaçaõ, com o pretexto de que aquelles eraõ da Pascoa dos Christaõs : e que

no

no emtanto mandaria dois ſujeitos, dos de mais conta, a viſitar ElRei da ſua parte, e certificalo de que ao terceiro entraria no porto. Eſtes dois homens eraõ daquelles criminoſos, a quem elle dera as inſtrucçoens neceſſarias, porém ſendo trazidos de maõ pela Cidade com as cautelas, que ſe praticaõ nas Praças d'armas, e em tempos de ſuſpeita, naõ podéraõ informar ſenaõ da quantidade da gente, que viraõ, da grandeza do Paço del-Rei, e da audiencia, que eſte lhes dera.

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

Reſoluto em fim o General a enfiar o porto no dia ajuſtado, os Mouros em modo de o feſtejarem, e acompanharem, concorreraõ em muitos barcos bem enfeitados, nos quaes o numero, e variedade de inſtrumentos faziaõ huma harmonia barbara, mas naõ totalmente deſentoada. Alguns ſe chegaraõ aos navios, e por mais cautela, que niſſo ſe puzeſſe, ſubiraõ em maior numero do que queriaõ. Fez Vaſco da Gama ſinal para disferir as velas com grande prazer dos Mouros, que aſſentavaõ ter já a preza nas maõs; mas ſoltas as velas, naõ querendo a Capitania tomar vento, receando o Gama que por falta de naõ

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

querer governar, defcahiffe em hum baixo, mandou immediatamente lançar huma ancora, e carregar as velas; e como efta manobra repentina requer muitos movimentos, e á vifta do rifco dava maior calor aos mareantes, os Mouros, que andavaõ nas outras náos, e ignoravaõ a caufa defta manobra taõ inefperada, affentaraõ que lhes tinhaõ raftreado a traiçaõ, e todos fe lançaraõ ao mar para fe falvarem a nado. Os que eftavaõ na Capitania lhes imitaraõ o exemplo, e com elles o traidor Piloto de Moçambique, auctor fecreto defta confpiraçaõ. Vafco da Gama defenganado entaõ da fua confpiraçaõ, que depois lhe confirmaraõ as diligencias, que os Mouros fizeraõ de noite, para lhe cortar as amarras, deo graças a Deos de o tirar falvo defte rifco, e fe fez á vela para hir bufcar hum porto mais feguro, e gente menos atraiçoada.

No caminho encontrou dois zambucos, que hiaõ para Mombaça, e os tomou, e bem que a maior parte dos Mouros fe lançaffem ao mar, ficaraõ treze que pôz a ferros; e inquirindo-os á parte, foube que alli vizinha eftava huma grande Cidade chamada Melinde, cujo Rei favorecia fum-

fummamente o commercio, e agazalhava muito bem os Eftrangeiros, e que lá poderia achar Pilotos para a viagem das Indias, e mantimentos a efcolher, e todos os mais generos; com cujas noticias affentou hir para lá.

Correfpondia todavia a Cidade de Melinde á pintura, que della fe tinha feito: era affentada em huma chapa de terra cercada de excellentes jardins: o feu Rei era hum velho veneravel, e pofta de parte a fua Religiaõ, tinha todas as qualidades de honra e probidade; e quando Vafco lhe mandou dar conta da fua chegada por hum deftes honrados menfageiros, de que tenho fallado, e hum dos Mouros, que tinha cativado, eftimou a chegada dos Portuguezes, e teve por honra o verfe bufcado de taõ longe por hum Principe taõ poderofo, de quem quanto lhe contavaõ dava tamanho conceito. O que fuppofto, houve entre o General, e a Corte huma alternada correfpondencia de politica, e boa fé, com reciproca fatisfaçaõ de ambos. ElRei, que pela fua muita idade fenaõ levantava da cama, entregára todos os negocios de importancia a hum filho legitimo, herdeiro dos feus Eftados, e digno pelas fuas boas

pren-

Ann. de J. C. 1498.

D. MANOEL REI

prendas de tal Pai. Eſte, que tinha tomado verdadeira affeiçaõ aos Portuguezes, ſe eſmerou em dar-lhes todas as provas de eſtimaçaõ, e querendo que o General foſſe a terra, lhe rogou que quizeſſe viſitar a ElRei ſeu Pai, que o deſejava ſummamente ver, e a quem as ſuas moleſtias impediaõ ſahir de caza, offerecendo-ſe para o ſegurar, e deixar-lhe em refens ſeus dois filhos.

Vaſco, a quem até o bom gazalhado era ſuſpeitoſo, ſe deſculpou dizendo, que tinha ordem expreſſa del-Rei ſeu amo, para o naõ fazer; accreſcentando todavia que ſe elle lhe queria fazer a honra de lhe vir fallar, o hiria receber a meio caminho. O Principe, que obrava com ſinceridade, e por effeito da eſtimaçaõ, neſta occaſiaõ cedeo das formalidades do ſeu grão, e conſentio niſſo. Vaſco da Gama, ſatisfeito de hum proceder, que o punha a pár com hum Soberano, tendo dado as ordens para a ſegurança dos navios, mandou embandeirar o batel, e ſe eſmerou em tudo quanto podia dar pompa a eſtas viſtas. O Principe da ſua parte querendo dar alguma moſtra da ſua grandeza, veio ao porto lançado em hum palanquim

acom-

acompanhado de grande numero de Nobreza entre acclamaçoens, e musica, que tocava em roda delle. Apenas foi visto pelo General, logo se embarcou, mas sendo a marcha do Principe mais vagarosa do que elle entendia, suspendeo a marcha, esperando sobre o remo que o Principe chegasse. Chegados ambos, saltou o Principe francamente no batel do Gama, a quem abraçou amorosamente, e tornado a si da torvaçaõ, que lhe causaraõ as salvas de artilharia dos navios, a quem o Gama fez sinal para pararem, travaraõ huma graciosa conversaçaõ, em cujo tempo andou o Principe examinando os navios em roda delles. O General tambem se chegou a ver a Cidade, sem desembarcar; e tendo feito juntos muitas voltas, se separaraõ muito contentes hum do outro, e o Principe muito mais satisfeito com o presente, que Vasco lhe fez dos treze Mouros, que tomou, do que do mais, que lhe tinha dado, e de quanto lhe tinha dito.

Quando Vasco da Gama chegou ao porto, estavaõ surtos nelle quatro náos das Indias, nas quaes dizem que havia alguns Christaõs daquellas partes, alguns Baneanes, e hum Mouro

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

ro Guzarate, que folgaraõ muito de ver os Portuguezes, e Vaſco da Gama nada menos de os encontrar. Teve toda a liberdade de os communicar, e nas frequentes conferencias, que tiveraõ tirou noticias, e inſtrucçoens proficuas em todos os pontos, que eraõ de maior importancia para elle.

Querem alguns que entaõ aprendeſſe hum novo modo de tomar a altura, e fazer uſo da buſſôla, dois pontos os mais eſſenciaes da navegaçaõ, ſem os quaes ſeria impoſſivel cruzar largos mares, e com os quaes ſe navega para toda a parte. Se a iſto ſe podeſſe juntar o conhecimento das longitudes, e o modo de as tomar, andar-ſe-hia taõ ſeguro no mar, como em terra. Dizem que moſtrando-lhe Vaſco o ſeu aſtrolabio, e o que os Mathematicos delRei D. Joaõ II. tinhaõ inventado para uſo dos Pilotos, lhes naõ fizera novidade, e lhes moſtraraõ outros inſtrumentos mais perfeitos neſta materia, que diziaõ ſerem vulgares aos Arabios, que navegavaõ pelo mar Roxo, e a todos quantos frequentavaõ os mares da India: que lhe deraõ particulares noticias da admiravel harmonia do ferro, e do iman na agulha cevada; e que voltando

Vaſ-

Vaſco a Lisboa publicou eſtes conhecimentos todos, o que certamente ſeria hum dos maiores ſerviços, que Portugal poderia fazer á Europa. Mas ainda que eu eſteja perſuadido de que a noticia da buſſola particularmente vieſſe á noſſa Europa da India por via dos Arabios, aſſim como a da impreſſaõ, e polvora, que já havia na China muitos ſeculos antes das viagens dos Européos ao Cataio, no tempo das Cruzadas, naõ vejo que conſte que eſte conhecimento ſe nos communicaſſe pelos Portuguezes; antes pelo contrario vejo que os Auctores daõ eſta honra a Flavio de Melfe no Reino de Napoles, dois ſeculos antes das navegaçoens dos Portuguezes.

ANN. de J. C. 1498.

D. MANOEL REI

Conſervou-ſe ſempre huma perfeita harmonia entre a Corte de Melinde, e o General Portuguez. Eſte, que naõ podia viſitar peſſoalmente o Rei já velho, o mandou fazer por dois officiaes ſeus, de quem ElRei ſe deo por muito contente. Vaſco achou todo o commodo para ſe prover de mantimentos, e acodir a tudo quanto lhe era neceſſario. Alguns Mouros, e Indios, que naõ eraõ de Melinde, lhe pediraõ que os quizeſſe levar por paſſagei-

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

geiros á India, e o Principe herdeiro lhe deixou pôr hum padraõ com as armas de Portugal em teſtemunho da ſua confederaçaõ: deo-lhes hum habil Piloto, Indio de naçaõ, em quem teve grande confiança, e para remate de toda a politica, o obrigou a que lhe prometeſſe tomar na volta o porto de Melinde, para fazerem mais ſeguros os vinculos de amizade, e tomar os Embaixadores, que em ſeu nome queria mandar a El-Rei de Portugal.

O golfo de Melinde na Coſta de Malabar he de quaſi ſetecentas legoas. O Piloto pôz logo a proa ao Norte, e deſcobriraõ a eſtrella pelas que havia muitos tempos tinhaõ perdido: tornaraõ a paſſar a linha, e cortando depois direito ao Indoſtan, paſſados alguns dias, ajudados de hum vento favoravel deſcobriraõ huma terra alta, que ainda por dois dias naõ poderaõ bem reconhecér por eſtar enevoada: ultimamente o Piloto diſtinguio os montes de Calecut, e veio dar eſta feliz noticia ao Gama, e tranſportado de alegria, como ſe elle, e os ſeus tiveſſem chegado ao termo dos ſeus trabalhos, deraõ a Deos ſolemnes acçoens de graças. Poucas ho-

horas paſſadas, tomou terra a duas milhas abaixo deſta Cidade a 18 de Maio de 1499. havendo vinte dias que tinhaõ partido de Melinde, e onze mezes depois de terem deſamarrado de Lisboa.

Ann. de J. C. 1499.

D. MANOEL REI

Bem que debaixo do nome de Indias Orientaes ſe comprehendaõ todas eſtas amplas Regioens da grande Aſia, que ficaõ além do mar da Arabia, e Reino da Perſia, propriamente fallando ſó ſe pode dizer India a grande Regiaõ de terra firme, terminada ao Poente pelo Rio Indo, que dá nome a todo eſte paiz, e que por eſte lado a ſepara da Gedroſia, e da Carmania, da Perſia, e de Ariana, provincias, que ſe dilataõ até ao mar Caſpio. Tem pelo Nórte os montes Imaos, que ſaõ huma producçaõ do Caucaſo, e as dividem da Scythia, e Tartaria, ficando-lhe ao ſeu Oriente a China. Banha-a pelo Meio dia o mar Oceano, chamado tambem mar Indico, pelo qual ſe entranhaõ muito as duas grandes Peninſulas áquem, e além do Ganges, entre o mar da Arabia, e o mar da China, onde ſe acha hum Arquipelago encravado de huma multidaõ de Ilhas ſem numero, muitas das quaes por ſi ſó fazem

hum

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

hum florecente Estado. Todavia a India tomada em mais rigor, e reduzida a mais estreitos limites, ao que os mesmos naturaes chamaõ *Indostan*, contém as terras, que jazem entre o Indo, e o Ganges, que rebentando ambos do monte Imao, correndo Norte, e Sul, vaõ vazar no mar das Indias.

Hoje quasi todo o Indostan está no Imperio do Graõ Mogor, de quem tem sido conquista de quasi dois seculos. No tempo, em que os Portuguezes o descobriraõ, estava repartido entre sinco Reis poderosos, cada hum dos quaes tinha seus Reis tributarios. Eraõ elles os Reis de Cambaia, de Delli, de Decan, Narsinga, e de Calecut. Este ultimo era mais conhecido pelo nome de Samorim, que corresponde ao de Imperador, do que pelo da sua Cidade Capital: seus estados eraõ todos maritimos, e se estendiaõ por todo o Malabar.

Estes principaes successores de Poro, eraõ originariamente Gentios. A Religiaõ dominante da maior parte, e que ainda se conservava com esplendor, era a Idolatria antiga, e as Orgias de Bacco conservadas por tradiçaõ. Via-se entre elles a mesma dis-

distinçaõ de linhagens, ou de Tribus, de que nos fallaõ os antigos Geografos, e Auctores, que tem escrito dos factos de Alexandre. Entre estas linhagens distinctas pelo nascimento, e eternamente ciozas da superioridade, que tem humas sobre outras, superioridade fundada sobre fabulas da sua origem, da sua Religiaõ, as de maior calibre saõ as dos Bramanes dos Naires, ou Nobres.

Ann. de J. C. 1499.

D. MANOEL REI

Os Bramanes oriundos do sangue dos antigos Gymnosofistas, herdeiros do seu espirito, e disciplina, saõ os unicos depositarios da Religiaõ dos seus maiores, Oraculos dos seus Deoses, Interpretes das suas Leis, e os unicos, que tem jus ao Sacerdocio, e ministerio do Altar. Crem em hum Ente supremo, chamado *Parabrama*, o qual gerou tres Deoses superiores a tudo o mais, e que segundo a opiniaõ dos Nianigulos, todos juntos formaõ huma Divindade, bem que hoje no conceito commum, e popular sejaõ tres Deoses creados, e subalternos, sobre quem descança em tudo o ser supremo. Brama o principal delles, he o Creador: delle emanaraõ os Reis inferiores, e todos os Entes visiveis, e invisiveis. Vichnou he o Deos con-

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

ſervador, e Routren o Deos deſtruidor. Os Bracmanes em memoria deſtes tres Deoſes trazem tres cordoens unidos, e compoſtos de tres fios cada hum de ſua differente cor, que ſaõ hum teſtemunho, e profiſſaõ da ſua Fé, e pertendem que he huma idéa eſtragada da revelaçaõ do myſterio da Santiſſima Trindade, e hum ſinal diſtinctivo do ſeu eſtado, e linhagem. Eſtes tres Deoſes tem encarnado por differentes vezes, e com fórmas diverſas, e tem alcançado dos demonios muitas victorias, que ſe vem diverſamente expreſſadas ſob figuras emblematicas de idolos adorados nos ſeus templos.

Além deſtes tres Deoſes, ha infinitos outros repartidos em diverſos *Chorcams*, ou Paraiſos. As ſuas idéas ácerca das encarnaçoens dos ſeus Deoſes dizem baſtante relaçaõ com as fabulas da mythologia dos Gregos, e às ſuas varias esferas de Divindades correſpondem ás idéas dos antigos Egypcios, e Platonicos, de que Jámblico nos deo aſſás larga noticia no ſeu Livro dos myſterios. A ſua doutrina ácerca da Palingeneſia, ou renaſcimento do mundo, e a tranſmigraçaõ das almas, he inteiramente confor-

forme a de Plataõ, e de Pythagoras. Naõ ha coisa mais extravagante do que a sua Religiaõ debaixo da casca das fabulas, com que está envolta. Os principios da sua Moral seriaõ excellentes, se fossem coherentes, e se a sua mesma Religiaõ os naõ alterasse, e corrompesse. As suas ceremonias legaes saõ sem conto, misturadas com todos os horrores do culto da milicia do Ceo, de todas as fatuidades da Astrologia judiciaria, da Magia, e de huma superstiçaõ taõ miuda, que se póde dizer que chega ao ultimo excesso.

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

O *Vedam*, dividido em sinco livros contém toda a sua Religiaõ, mysterios, e preceitos. Tem-no por tradiçaõ immemorial, e he entre elles taõ respeitado como entre nós as Santas Escrituras, e está em hum idioma taõ antiquado, que poucos ha entre elles, que o entendaõ. Os commentarios supprem o texto, e fazem hum estudo, que he quasi toda a occupaçaõ da sua vida. Começaõ-no desde o primeiro uso de razaõ, e á proporçaõ que crescem em annos, saõ admittidos a conhecimentos mais elevados, aos gráos das suas Universidades, e ás differentes ordens da sua Jerarquia.

Es-

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

Eſte curſo de Eſtudos he ao meſmo tempo hum curſo de iniciaçoens, cujas provas ſaõ hum duro noviciado, e ſaõ mais aſperas á medida que vaõ ſendo promovidos a graós mais elevados, e conſequentemente mais ſantos no ſeu conceito. A ſua vida geralmente he muito cheia de auſteridades, e ſujeita a infinitos preceitos legaes. Naõ comem coiſa, que tenha vida, vivem de eſmolas, e capricháõ de extrema regularidade: regularidade apparente, que aſſombrando povos ſummamente dados á ſuperſtiçaõ, faz que ſejaõ o objecto da ſua veneraçaõ, e lhes inſpira tanta vaidade das ſuas peſſoas, e tanto deſprezo dos mais, que o mais miſeravel da linhagem dos Bramanes, ſe teria por manchado, ſe foſſe tocado por hum Rei, ou ſe comeſſe com elle, no caſo que os Reis proprios naõ foſſem Bramanes, bem que naõ ponhaõ duvida em ſerem ſeus cozinheiros, ou ſervílos nos mais vís emprêgos.

A auſteridade de vida naõ he em todos a meſma: varía conforme as ſeitas, e differentes Deoſes, que ſervem por profiſſaõ com mais particularidade. Huns vivem no mundo, outros retiraõ-ſe delle; huns cazaõ-ſe, outros

pro-

professaõ o celibato: alguns ha, que vivem em grandes Communidades, e outros, que se entranhaõ nos ermos: e entre estes ha muitas ordens de Penitentes, cuja vida he cruamente deshumana, que senaõ pode ler sem horror as cruezas, com que se haõ comsigo proprios.

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

A segunda linhagem he a dos Nobres repartidos em duas classes, a que se pode chamar primeira, e segunda Fidalguia. A primeira he dos Raias, ou Caimaes, que saõ pequenos Soberanos, ou outras pessoas auctorizadas, como entre nós os Duques, Marquezes, Condes &c. A segunda Nobreza comprehende os Naires puros. Estes fazem profissaõ das armas, e se criaõ de idade de sete annos nas Academias, que fazem as vezes das Escolas da nossa antiga Cavallaria na Europa. saõ extraordinarios os rigores, e se saem destros na Arte militar, bem se pode dizer que o compraraõ com terriveis provas. Nem podem servir nos Exercitos, nem trazer as armas por compostura, sem que seja primeiro armado cavalleiro com todas as ceremonias passados alguns annos, que terminaõ o curso dos seus penosos estudos. No tempo destes exercicios ad-

——— Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

quirem huma grande desenvoltura, força, e ligeireza indizivel, e hum desprezo á morte superior a tudo isto. Os Naires, a que chamaõ *Amoucos*, e que tem jurado a vida a algum Principe, saõ os mais arriscados e formidaveis, por quanto fiéis ao juramento naõ faltaõ em seguir seu amo até ao sepulcro, e para o salvarem naõ ha risco, em que senaõ metaõ, genero de morte, com que naõ invistaõ. Com tudo isto saõ supersticiosos em extremo, e altivos nas suas superstiçoens, bem que pobres, e miseraveis. A penas entraõ em huma rua começaõ a bradar que se retirem, e despejem, para os naõ mancharem, se lhes tocar algum do povo baixo. O mais singular he, sustentarem muitos juntamente huma mulher, principalmente se saõ irmaõs, a quem trataõ sem ciume: as heranças passaõ aos filhos das irmãs, ou de outros parentes da parte materna.

As outras castas de povo miudo se distingue, como nos conta Heródoto dos primeiros Egypcios, pelas profissoens, em Negociantes, lavradores, porqueiros, vaqueiros, e até ladroens. A mais mesquinha de todas he a dos *Parias*, que comem carne de animaes, por cuja causa saõ taõ

abo-

abominaveis, que a penas ſaõ avaliados por homens.

A condiçaõ das mulheres he aſſás penoſa na India, pela obrigaçaõ, que tem de ſe queimarem ſobre o corpo de ſeus maridos, ſobpena de incorrerem no maior deſprezo, e ſerem obrigadas a ſe proſtituirem para o ſerviço dos Templos; abominaçaõ auctorizada pela ſua Religiaõ, juntamente com o deshumano coſtume de ſe deixarem eſmagar pelas rodas dos carros des Idolos, ou de ſe deixarem barbaramente matar em honra delles.

A nada he comparavel a magnificencia dos ſeus templos, ou Pagodes, a ſer verdade o que nos ſeguraõ alguns Auctores, que ſómente o Portico de hum deſtes Templos, onde ſe guardavaõ as victimas deſtinadas para os Sacrificios, ſe compunha de 700 colunas, que emparelhavaõ em belleza com as do Pantheon de Roma. Pode-ſe dizer que ombreavaõ, ou talvez desbancavaõ os edificios do antigo Egypto. Os ſeus Pagodes ſaõ ainda muito ricos, os ſeus Moſteiros muito numeroſos, e muito bem edificados, ſeus idolos cheios de joias de muito grande valor, de ſorte que ſe faria huma grande idéa da ſua Religiaõ,

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

se ella se avaliasse pela opulencia.

Calecut, que era entaõ o assento do Sacerdocio, e Imperio, era tambem a Cidade mais populosa destas Regioens, e a feira universal de todas as riquezas do Oriente. Viaõ-se girar em negocio os diamantes, e preciosas pedrarias das ricas minas do Indostan, perolas, oiro, prata, ambar, marfim, loiça, sedas, pannos pintados, algodaõ, indigo, assucar, madeiras preciosas, arômas, e geralmente quanto póde concorrer para o uso, e mimos da vida.

O Indostan he cortado por huma cordilheira de montes, que o separaõ pelo meio, e vai fenecer no celebrado cabo Comorim. O mais pasmoso he, que no mesmo clima, na mesma estaçaõ, e em taõ pequena distancia quanto he a grossura destes montes, saõ reguladas as sazoens taõ alternadamente, que ao tempo que os de Leste tem hum Estio muito enchuto, e formoso, estaõ os de Poente alagados de hum rigoroso Inverno, que dura pelos mezes dos calores da Europa. O Inverno sente-se mais pelas chuvas aturadas, e ventos taõ fortes, que fazem impraticaveis os mares da India, do que pelo rigor do frio;

o que obriga aos Eſtrangeiros, que ſabem o tempo prefixo, a prevenilos, aproveitando as monçoens, para ſe recolherem, e os naturaes do paiz a ſalvarem as ſuas embarcaçoens, metendo-as pelos eſteiros, ou guardando-as em armazens, onde as conſervaõ.

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

Como o tempo, em que o Gama chegou á India foi rigoroſamente neſte, iſto deo ainda melhor ſinal de virem de paizes remotos, do que a figura dos ſeus navios, e quaõ pouca noticia tinha daquelles mares. Quiz ſua boa ventura que, chegando os que elle mandou a terra dar conta ao Samorim do motivo da ſua vinda, encontraſſem alli hum eſtrangeiro, que tirando pelas feiçoens quem ſeriaõ pouco mais ou menos, lhes perguntou em bom Heſpanhol, que demonio os conduzíra alli, e que hiaõ lá buſcar; e dando-ſelhe depois a conhecer, lhes tomou tal affeiçaõ, e foi taõ eſſencialmente preſtadio, que ſe póde dizer que a ſua ſalvaçaõ lhe veio da parte d'onde menos o deviaõ eſperar.

Era eſte hum Mouro natural de Tunes, chamado Monçaide: ſabia muito bem a lingua Heſpanhola, e tratára com os Portuguezes em Oraõ; e bem que inimigo delles por patria,

e

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

e Religiaõ, como em todas as naçoens ha homens honrados, em quem a probidade faz juſtiça ao merecimento verdadeiro, a pezar da variedade de doutrina, e ciumes da naçaõ, lhes tomou tal affeiçaõ, que as victorias, que elles tinhaõ alcançado em Africa, a tinhaõ feito avultar, em vez de a diminuir. Era o ſeu officio em Calecut Corretor, e agente do commercio: e tinha por amigo outro Mouro daquelles, que Vaſco mandava em companhia de hum dos degradados; de ſorte que recebendo-os em ſua caza, ſe inclinou a ſervir os Portuguezes com ſinceridade, e politica, que Deos depois premeou nelle com a graça da converſaõ.

Tendo tratado primeiramente com o Catual, que era o Miniſtro encarregado das coiſas do commercio em Calecut, e alhanado as primeiras difficuldades, tratou primeiro de pôr em ſeguro a pequena frota, mandando-a para o porto, que diſta alguma coiſa da Cidade. Houve-ſe depois por modo, que, vendo o Samorim adulada a ſua vaidade, e intereſſe, por ſer buſcado por huma naçaõ nobre, guerreira, rica, e poderoſa, vinda do outro cabo do mundo em buſca da ſua amizade, e

a pe-

a pedir-lhe por mercê lhe abrisse os seus portos, quiz receber o Gama como Embaixador de hum dos maiores Monarcas.

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

Como para este fim era conveniente que o General aparecesse em pessoa, fez isto hum embaraço no conselho em razaõ da desconfiança, que os Portuguezes tinhaõ de todas estas costas barbaras, e até entaõ desconhecidas. Paulo da Gama, irmaõ do General, encontrava com as maiores forças que nenhum outro, o seu desembarque, e trouxe os outros ao seu voto com razoens muito solidas; mas Vasco da Gama, que era hum homem de animo, naõ quiz dar ouvidos a alguma destas razoens suggeridas mais pelo sangue, e pelo susto, do que pela prudencia. Cortou com a sua resoluçaõ todas as difficuldades, e tendo dado regimento a seu Irmaõ, para fazer as vezes de General em seu lugar, e mandado a Nicoláo Coelho para commandar os bateis, chegando-os o mais proximo á terra, que podesse, a fim de se poder recolher a elles, se o caso o requeresse, mandou a Paulo, que, ainda quando o visse trazer cravado o punhal, antepozesse o serviço del-Rei ao cuidado da sua vida: que naõ fi-

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

fizesse o menor movimento pelo salvar, e soccorrer; mas que se aparelhasse sem demora, para voltar a Portugal dar conta a ElRei seu Senhor, das circumstancias da sua viajem, do descobrimento das Indias, e do seu triste destino.

Este discurso do General espremêo a todos as lagrimas dos olhos; mas elle conservando sempre a presença do animo, e hum ar intrepido, que alentava os animos descahidos, escolheo doze pessoas, para o acompanharem, mandando-lhes que se preparassem com o aceio conveniente á occasiaõ, como elle tambem se preparou. Mandou aparelhar os bateis, e desembarcou entre salvas de artilharia dos navios, ao som de tambores, e pifaros, e trombetas, o que tudo fazia huma certa pompa, e espectaculo a quem fazia estimavel a novidade.

Recebido pelo Catual, que o esperava ao desembarcar, acompanhado de duzentos homens, parte para lhe levarem o fato, e parte para o escoltarem, com grandes demonstraçoens de amizade, e politica o fez subir a hum palanquim, e elle se meteo em outro: os Portuguezes da companhia os hiaõ seguindo dois em dois, metidos em

hum

hum motim de povo, que concorria de toda a parte puchado da curiosidade, a quem a figura, e vestido dos novos hospedes pareciaõ taõ extravagantes, como os Indios pareciaõ aos Portuguezes.

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

Cumpria caminhar assim até Pandarane, Caza de prazer do Samorim, onde entaõ assistia, sinco milhas distante de Calecut. Passaraõ por esta Cidade sem se ahi demorarem, e foraõ dormir em hum lugar fóra della: no dia seguinte tornaraõ a caminhar, e encontraraõ no caminho dois templos de Idolos, onde entraraõ. Os Portuguezes, que estavaõ persuadidos de que todos os Indios eraõ Christaõs antigamente convertidos á Fé por S. Thomé, julgaraõ serem Igrejas, e confirmou-os nesta opiniaõ verem os Bramanes, que á porta lhes davaõ as suas aguas lustraes, que elles entedèraõ ser agua benta, com a qual se benzeraõ com muita devoçaõ: depois offereceraõ-lhes humas poucas de cinzas feitas de bosta de vaca, que com grande humildade puzeraõ na cabeça, e tendo entrado nos Templos ajoelharaõ aos Idolos. He verdade que a sua figura os enganou, e se tranquillizaraõ com a de hum, que arremedava bem a

da

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

da Mãi de Deos com o menino Jesus nos braços; e pronunciando alguns Indios o vocabulo *Marian*, entenderaõ elles que era com effeito aquella, e a honraraõ com toda a devoçaõ, que se sabe ser particular á naçaõ Portugueza para com a Mãi do Redemptor; mas hum delles, que desconfiou mais, exclamou: „ Que elle adorava a Deos, e „ que se aquelles eraõ Diabos, renuncia- „ va de todo o coraçaõ „ Vasco naõ pôde soffer o riso ao ouvílo, mas nem elle, nem os outros o mostraraõ, porquanto o seu riso era do agrado dos Indios.

A hum destes Templos veio esperar o Embaixador o irmaõ do Catual, de maior dignidade, e acompanhado de grande numero de Naires, com companhia mais limpa, e nobre do que a primeira: Vasco da Gama subio a outro andor rico, e magnifico, e estava taõ satisfeiro da sua sorte, que muitas vezes repetia com complacencia: „ Que bem pouco se enten- „ dia entaõ em Portugal, que taõ longe „ de lá fizessem á naçaõ tamanha hon- „ ra, como a que elle recebia entaõ. „

Chegaraõ em fim aos Paços del-Rei. Os grandes do Estado vieraõ receber o Embaixador á entrada, e o

acom-

acompanharaõ por ſinco grandes páteos, a cujas portas havia Guardas, que com páos afaſtavaõ o povo, mas era tal o empenho de ver os eſtrângeiros, e tamanha a preſſa, que houve muitas feridas, e alguns abafados.

Ann. de J. C. 1499.

D. MANOEL REI

A ſala da Audiencia, grande, e deſabafada, eſtava armada de rica tapeçaria de varias cores: o chaõ eſtava alcatifado de veludo verde, e toda em roda amobelada de cadeiras poſtas em modo de amfitheatro, e muito ricamente eſtofadas. No fundo da ſala eſtava huma eſpecie de cama, a que elles chamaõ Catel, onde eſtava lançado o Samorim com a cabeça ſobre algumas almofadas. Moſtrava ter meia idade, de boa figura, e agrado: tinha na cabeça huma eſpecie de carapuça em forma de tiara, ou mitra; veſtia huma tunica branca de algodaõ ſemeada de rozas de oiro, que lhe chegava ao joelho, e era todo o ſeu veſtido: nas maõs varios aneis de oiro com pedras de valor ineſtimavel. Os braços, e pernas nuas, e enfeitados com braceletes com tanta, e taõ rica pedraria, que deslumbrava. Tinha diante dois grandes vaſos de oiro, n'hum dos quaes eſtava o betel, que lhe miniſtrava hum Grande dos mais chegados parentes, e

o

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

e o outro cheio d'agoa para lavar a boca, e eſcarrava em huma bacia do meſmo metal.

Apenas appareceo o Embaixador na entrada da ſala, ſe encaminhou para elle o Bramane, ou Pontifice da Corte, velho venerando pelos annos, e pela dignidade, e o conduzio até ao meio da ſala, e o apreſentou ao Rei. Feitas as cortezias ao modo do paiz, de que já eſtavaõ inſtruidos, os mandou ſentar o Samorim, e depois mandou repartir por elles algumas frutas, e outros acepipes, que os Portuguezes comeraõ de boa vontade, e ou o Samorim goſtaſſe do modo, com que comiaõ os eſtrangeiros, ou do ſeu ar, fallava manſo com o Fidalgo, que lhe apreſentava o betel, e parece que elles eraõ o aſſumpto da paleſtra, e que folgavaõ com elles. Acabada a comida pediraõ os Portuguezes de beber, e lhes deraõ agua, e querendo elles accommodar-ſe ao uſo do paiz de beberem ſem tocar no vaſo com os beiços, para ſenaõ enſovalharem, fizeraõ iſto tam mal, por naõ eſtarem avezados, que deraõ novo aſſumpto de riſo.

O Samorim mandou depois dizer ao Embaixador, que elle podia communicar a ſua legaçaõ a alguns daquel-

les

les, que o acompanhavaõ. Vaſco da Gama entendendo que a honra de ſeu amo ſe intereſſava niſto, que elle julgava huma eſpecie de deſprezo, reſpondeo com altivez, que os Reis ſó communicavaõ com os Reis, e com ſeus Miniſtros, preſentes poucas peſſoas: o Samorim, que conheceo eſta delicadeza, teve a complacencia de condeſcender com a ſua vontade, e paſſou a outro quarto, para onde elle foi em peſſoa com alguns officiaes.

Alli ſe lêo a carta delRei de Portugal, e Vaſco fez huma falla, que continha quaſi o meſmo, e a tudo reſpondeo o Samorim com muita bondade, com grande conciſaõ, que bem inculcava o caſo, que elle fazia da aliança de hum Principe, que ſe anticipava por modo taõ grato, e moſtrou eſtar prompto a favorecer o commercio, huma vez que ſe lhe notificaſſe quaes generos ſe haviaõ trazer, e quaes ſe buſcavaõ. Tendo depois perguntado ao Embaixador qual queria antes viver com os Mouros, ou com os Chriſtaõs, iſto he com os Indios Gentios, que o Gama avaliava como Chriſtaõs, o tornou a mandar reconduzir para Calecut, e lhe mandou dar cazas para elle, e os da ſua companhia, onde foi tratado

corref-

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

correſpondentemente á ſua dignidade. Até aqui tudo ſuccedeo bem; mas ſobrevieraõ duas coiſas, que alteraraõ todas as eſperanças do bom ſucceſſo. A primeira foi o naõ ter o General modo de preſentear dignamente ao Principe, a quem era mandado; o que lhe offereceo era de taõ pouco valor, que ſe deſdenhou com deſprezo: baſtaria qualquer raridade da Europa, porém iſto naõ lembrou á Corte de Portugal. Vaſco ſe deſculpou o melhor que pôde. Diſſe ,, que ,, os Portuguezes havia quaſi hum ſe- ,, culo que buſcavaõ caminho para che- ,, garem á Corte do Imperador das ,, Indias: que quantos Capitaens até ,, agora tinhaõ ſido mandados, ſe tinhaõ ,, recolhido deſeſperados de fazerem ,, eſte deſcobrimento: que elle meſ- ,, mo partíra muito duvidoſo de o le- ,, var ao fim, e que chegara lá depois ,, de inexplicavel trabalho: que a ami- ,, zade delRei ſeu amo valia mais que ,, quantos preſentes do mundo, e que ,, ſe queriaõ preſentes, quando elle, ,, ou os que lhe ſuccedeſſem voltaſſem ,, á India, os trariaõ de tamanho valor, ,, que deſſem a verdadeira eſtimaçaõ ,, do Principe, de quem elle era vaſſal- ,, lo ,,. Eſtas razoens eraõ verdadeiras,

e

e legitimas, mas era coiſa bem triſte naõ ter para dar mais do que boas palavras a huma naçaõ intereſſeira, em que he coſtume naõ entrar nunca com as maõs vazias diante dos Reis, e ſeus Miniſtros.

ANN. de J. C. 1499.

D. MANOEL REI

Mas o que arruinou tudo, e foi cauſa ſegunda do ruim ſucceſſo, foraõ as diligencias, com que os Mouros ſe empenharaõ pelos arruinar. Naõ ſe amotinaraõ ſómente em razaõ do odio, que tem aos Chriſtaõs, houve aqui mais politica, do que Religiaõ: tinhaõ em Calecut hum grande commercio, e daqui paſſavaõ ás Coſtas d' Africa, e Arabia, e eraõ os unicos depoſitarios de todas as riquezas da India, de que a Europa ſe provia por elles, como da primeira maõ; e vendo que os Portuguezes abriaõ eſte caminhaõ, receavaõ juſtamente que lhes tiraſſem eſte trafego. Alentado o ſeu ciume com eſte motivo, ſe determinaraõ a perdèlos, para atalharem hum mal, que temiaõ, e trabalharaõ para que naõ voltaſſe hum ſó a Portugal com a noticia deſte fatal deſcobrimento. Com dinheiro, que repartiraõ ſem meſquinharia, compraraõ o Catual, e maiores Miniſtros, e mudaraõ a tençaõ, que havia a favor dos novos hoſpe-

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

pedes, a quem já tinha desacreditado a sua pobreza, e chegaraõ a offerecer requerimentos ao Samorim, nos quaes pintavaõ os Portuguezes, como „ miseraveis Piratas, sem fé, sem hon„ra, e que em toda a sua derrota ti„nhaõ deixado vestigios da sua cruel„dade, e perfidia, de que eraõ segu„ros abonos o que elles tinhaõ obrado „na sua passagem em Moçambique, e „Mombaça. Accrescentavaõ a isto, que „se era verdade o que elles assoalhavaõ, „serem vassallos de hum Monarca po„deroso, com maior razaõ se deviaõ „oppor ás pertençoens de huma naçaõ „altiva, a quem a ambiçaõ, e desejo de „conquistar, traziaõ do fim do mun„do, e que por toda a parte dava „mostras de tyrannia, do que dar-lhes „favor com perjuizo dos Mouros, que „havia tempo immemorial, que comer„ciavaõ nestes paizes com paz, e com „tanto lucro do Estado, que nos di„reitos de entrada, que pagavaõ, tinhaõ „a renda mais apurada do Monarca. „

Estas razoens, apoiadas sob maõ, fizeraõ o seu effeito, e facilmente conheceo Vasco da Gama a mudança da Corte a seu respeito, avisado aliàs por Monçaide, que foi taõ honrado, que naõ quiz entrar na conspiraçaõ

dos

Ann. de J. C. 1499.

D. MANOEL REI

dos da ſua ſeita, ſe vio de repente metido no maior riſco, em que nunca eſtivera, e comprehendeo todas as conſequencias, que podiaõ originar-ſe deſta conſpiraçaõ; com tudo naõ perdeo o acordo: attento a tudo eſcreveo primeiro aos navios, que tiveſſem reſguardo ſobre ſi, e o ſeu eſſencial cuidado era embarcar-ſe, o que com effeito conſeguio; mas primeiro foi neceſſario desfazer muitos enredos, diſſimular, e vencer muitos procedimentos ruins. Conſeguio em fim fallar ao Samorim, e moſtrar a juſtiça da ſua cauſa, e tendo deixado em terra como refens algumas mercadorias, ſe recolheo a bordo com Monçaide, que ſenaõ deo por ſeguro entre os ſeus, e quiz acompanhar a fortuna do General, a quem ſempre fôra fiel. Vendo-ſe entaõ o Gama hum pouco mais deſabafado, algumas repreſalias que fez a tempo, e alguns Indios, que tomou, ſerviraõ para ſe lhe entregarem as fazendas, e refens: ultimamente obteve do Samorim huma Carta para ElRei ſeu amo, na qual eſte Principe „ moſtrava eſtimar „ muito a aliança, que ElRei de Portu„ gal queria contrahir com elle, e deſcul„ pava de algum modo o ſeu proceder, „ pela falta de intelligencia dos ſeus Mi-

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

„ niſtros com os Portuguezes, e prometia a liberdade do commercio, com „ tanto que ſe fizeſſe ſem violencia, e „ ſem perjuizo das outras naçoens, que „ eraõ já lá antes de poſſe delle, e que „ elle por fortes razoens devia conſervar.

Satisfeito o General com eſta leve vantajem, ſoltou as velas para as Ilhas de Anchediva, aſſim chamadas em Arabigo, por ſerem ſinco. Eſtaõ ſituadas na coſta ſincoenta legoas aſſima de Calecut. Aqui tendo eſpalmado os navios, e feito aguada, ſe fez outra vez ao largo, onde as calmarias o retiveraõ muito tempo antes de chegar á Coſta d'Africa. A primeira terra, a que chegou, foi á Cidade de Magadaxó, que ſalvou com a artilharia, ſem ſe demorar mais por hum reſquicio de má vontade, e deſgoſto, que tinha contra os Mouros. Paſſou a Melinde, onde recebeo o Embaixador, que eſte Rei lhe pedio, que trouxeſſe a Portugal: tendo depois tocado na Ilha de Zanzibar, onde foi muito bem recebido, e nas Ilhas de S. Jorge perto de Moçambique, onde deixou o ſeu navio S. Rafael, perdido em hum baixo de arêa, dobrou o Cabo de Boa Eſperança no mez de Março do anno de 1499, e foi a ſua derrota pelas

Ilhas

Ilhas de Cabo Verde, e Açores, e chegou em fim a Lisboa no mez de Setembro, paſſados mais de dois annos depois da ſua partida, trazendo ſómente ſincoenta homens dos 170 com que partíra. Tinhaõ acabado de eſcorbuto, e outras moleſtias, particularmente Paulo da Gama, que deixou ſepultado na Ilha Terceira. Vaſco da Gama teve grande magoa da perda deſte irmaõ, que lhe naõ era inferior em merecimento, a pezar de tudo iſto foi baſtantemente feliz, porquanto depois de paſſar tantos trabalhos em mar, e terra, bem ſe póde ter a ſua volta como huma eſpecie de milagre.

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

Vaſco da Gama, antes de entrar na Cidade, teve huma novena na Ermida de N. Senhora, onde antes de partir tinha feito as ſuas devoçoens, para dar a Deos ſolemnes acçoens de graças pelo ter ſalvado de tantos riſcos., ElRei, que já eſtava informado de todas as circumſtancias deſta viajem por Nicoláo Coelho, que com tormenta ſe ſeparára de Vaſco da Gama nas Ilhas de Cabo Verde, e que entrára no Tejo aos 10 de Julho, o mandou viſitar da ſua parte pela primeira Nobreza do Reino, e depois

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

lhe fez huma ſolemne entrada como a hum Principe, e feſtejou a ſua vinda com publicos divertimentos de touros, fogos, e luminarias; e para lhe dar premio competente, lhe fez mercê de poder uſar de *Dom*, e que accreſcentaſſe no eſcudo das ſuas armas huma peça das da Coroa: nomeou-o Almirante das Indias, com mil eſcudos de renda, e licença para poder empregar todos os annos duzentos cruzados em mercadorias, exemptas de direitos, para mandar para a India, os quaes rendiaõ quaſi 700 cruzados, e pelo tempo adiante o fez Conde da Vidigueira. Premiou eſte Principe tambem, e á proporçaõ do ſerviço, todos quantos tinhaõ entrado neſta expediçaõ, de ſorte que nenhum, que mereceſſe premio, ſe podia queixar de naõ ter participado dos ſeus beneficios.

E para fazer eterna a memoria deſte ſucceſſo, como Principe verdadeiramente Chriſtaõ, tendo mandado dar a Deos ſolemnes acçoens de graças por todo o ſeu Eſtado, mandou edificar hum ſoberbo Templo debaixo da invocaçaõ da Mãi de Deos no meſmo ſitio, onde eſtava a pequena Ermida do Infante D. Henrique, e hum Convento da Ordem de S. Je-

ro-

ronymo, para a servirem: dotou este Convento de grandes rendas, com obrigaçaõ de receberem alli para doutrinarem todos os mareantes, que alli quizessem ter exercicios de devoçaõ: quiz que este santo lugar tivesse o nome de Belem, que era o do sitio do nascimento do Resgatador do mundo, e bem que o escolhesse para sepultura sua, e dos Reis seus successores, parece que quiz particularmente honrar ao Infante D. Henrique, primeiro motor das viajens, e descobrimentos dos Portuguezes; pois fez pôr a Estatua deste Principe no lugar mais eminente sobre a porta principal da Igreja, impondo novos encargos aos que já havia, para rogarem pela alma deste grande Principe.

ANN. de J. C. 1499.

D. MANOEL REI

Naõ havia cousa mais apparatosa para D. Manoel, do que a vista que os seus descobrimentos lhe representavaõ, e o que entaõ figurava no mundo. Herdeiro presumptivo por hum filho, que acabava de ter, de todos os Estados dos Reis Catholicos Fernando, e Isabel pela Infanta de Hespanha sua esposa, estava em vesperas de ser hum dos mais potentados Principes da Europa: á grandeza, e numero destas Monarquias accrescentava el-

Ann. de J. C. 1500. D. Manoel Rei

elle o commercio das tres partes maiores do mundo Africa, Asia, e America, em razaõ dos descobrimentos que acabavaõ de fazer os Portuguezes, e Castelhanos; de forte, que alentado sobre maneira destas aduladoras esperanças, naõ lhe dando cuidado o ver esgotado o seu Erario, os infinitos riscos de viajens taõ compridas, a perda de tantos navios, e de tanto numero de vassallos, que acabavaõ nestas navegaçoens, assentou que naõ devia abrir maõ dos bens, que podiaõ accrescer á Religiaõ, e ao Estado, e se confirmou de novo nas suas tençoens; e accrescentando aos seus novos titulos de Senhor da navegaçaõ, Conquista, e commercio d'Africa, Arabia, Persia, e India; naõ se deo por contente com remetter alguns navios, mas aparelhou frótas de poder, que podessem dictar Leis em toda a parte onde chegassem.

A primeira, que se aparelhou, esteve prestes a levar ancora no mez de Março do anno seguinte de 1500. Constava de 13 velas, em que embarcáraõ 1500 Soldados, além da marinhagem. Foi General desta armada Pedro Alvares Cabral, homem Fidalgo, hindo por segundo outro Cavalheiro,

por

por nome Sancho de Tovar; todos os mais Capitaens eraõ pessoas de merecimento, e experiencia.

Era o regimento, que levava Pedro Alvares Cabral, o ir á Costa de Sofala buscar noticias do seu commercio, visitar os Reis da Costa de Zanguebar, e particularmente o de Melinde, a quem havia entregar o Embaixador, que o Gama tinha trazido, e trabalhar por fazer aliança com estes Principes, assentando, se podesse ser, alguns sitios nesta Costa, que servissem de escalla, e feitoria para as viajens, e voltas da India: daqui devia enfiar direito a Calecut, e diligenciar com todos os meios de brandura, que o Samorim deixasse assentar huma feitoria nesta Cidade, que podesse servir para se fazer seguro commercio entre as duas Naçoens, e persuadíló occultamente a que se desfizesse dos Mouros, com esperança de que tiraria maiores lucros dos Portuguezes, do que de outra Naçaõ alguma. Ultimamente se devia empenhar com elle, para que permittisse que nos seus Estados prégassem o Evangelho sinco Religiosos Franciscanos, representando-lhe este ponto unicos, como o maior bem, que lhe podia buscar, e o

ma-

Ann. de J. C. 1500. D. Manoel Rei

maior final, que lhe podia dar de estimaçaõ; e se o Samorim se mostrasse rebelde a todas estas proposiçoens, lhe houvesse Cabral de declarar guerra aberta, e vingar por todos os caminhos os ruins modos, com que se houvera com Vasco da Gama.

ElRei antes de elle partir, querendo conformar-se em tudo com o espirito de Religiaõ, e para merecer as bençoês do Ceo a esta empresa, e dar-lhe maior conceito com as brilhantes ceremonias, acompanhou o General, e a todos em prociffaõ á Igreja de Belem, como fizera a Vasco da Gama. Todo o tempo, que durou a funçaõ, esteve Cabral á ilharga del-Rei: o Bispo de Viseu disse a Missa de Pontifical, e fez ao General hum Sermaõ muito eloquente, e capaz de lhe avivar a ambiçaõ, e excitar a emulaçaõ dos seus competidores; depois benzeo huma bandeira com as armas de Portugal, que ElRei entregou a Pedro Alvares Cabral, Pondo-lhe tambem na cabeça do General hum chapéo bento, que o Papa lhe mandára; e acabada a ceremonia, o acompanhou na mesma ordem até ao embarcar, affectando fallar-lhe com muita privança, a fim de o honrar mais com estes si-

finaes de confiança, e naõ fe recolheo ao Paço, fenaõ depois de o ver embarcado entre o eftrondo da artilheria dos navios, e da fortaleza, e vivas de todo o povo.

Ann. de J. C. 1500.

D. Manoel Rei

Foi feliz a navegaçaõ até ás Ihas de Cabo Verde, onde chegaraõ em treze dias: paffados dois dias, deo tino de lhe faltar á fua efquadra hum navio, que provavelmente teria hido a pique, e de que nunca mais teve noticia; e tendo-o efperado dois dias inutilmente, fe pôz em caminho. Empégou-fe tanto para fugir ás calmarias da Cofta d'Africa, que aos 24 de Abril fe achou á vifta de huma terra incognita fituada ao Oefte; e obrigando-o o mar a coftear, correo até 15 gráos de latitude Auftral, onde encontrou hum bom porto, a que por efta caufa pôz o nome de *Porto Seguro*, tendo dado á terra do Continente, onde aportára o de Santa Cruz, cujo nome fe trocou depois no de Brazil, que he o de hum páo affás conhecido hoje, como tambem os antigos Povos, que eraõ os primeiros habitadores do paiz.

Tendo o General mandado á terra gente, que a defcobriffe; tendo informaçoens de que a terra dava mof-

tras

ANN. de J. C. 1500. D. MAROEL REI

tras de fertil, retalhada de rios cabedaes, cuberta de arvores de fructos de varias castas, e habitada de homens, e animaes, assentou desembarcar para dar á gente algum refresco, e tomar posse della.

Mandou apanhar alguns barbaros, e os mimos, e presentes, que lhes deraõ, serviraõ para abrandar os outros, que em se familiarizaraõ em pouco tempo, e trouxeraõ ás náos dos fructos da terra: estes barbaros andaõ nús de todo, e tintos do pé até a cabeça de vermelho, que todos os dias renovaõ a cuja pintura accrescentaõ varias figuras. Os homens rapaõ a cara, e a cabeça, e cortaõ os cabellos por baixo das orelhas, quasi como a coroa dos Frades: furaõ as orelhas, nariz, beiços, e faces, onde inserem grandes bolas de louça feita de casca de marisco, o que os faz horrendos: os de mais enfeites consistem em alguns tecidos de pennas, collares, e braceletes de louça, de fructos secos, que fazem hum som, como de chocalhos: saõ altos, bem feitos, e de bons humores, muito ligeiros, astutos, e os seus exercicios saõ a caça, a pesca, e a guerra. As suas armas saõ arco, e flexa,

e

e huma eſpecie de adarga , e a maça : uçaõ de canoas de arvores cavadas , que levaõ até 60 peſſoas : ſuas mulheres , que ſaõ aſſás bem parecidas , trazem os cabellos ſoltos , ou em duas tranças , e os tem muito compridos , e negros ; e elles tem todo o cuidado da caſa. Cultivaõ milho groſſo , e a raiz da mandioca , de que fazem bolos de farinha de páo : Sécaõ as carnes ao fumo , e tambem fazem bebidas , que embriágaõ , e de que uſaõ nos ſeus feſtins. As cabanas deſtes Gentios ſaõ compridas , e pobres : todas as riquezas ſaõ algumas macas , onde dormem , e alguns vaſos de barro : o que mais os caracteriza he , que as primas com irmãs naſcem eſpoſas de ſeus primos com irmaõs ; que os maridos ſe póem de cama , quando lhes parem as mulheres : que comem ſeus inimigos nas feſtas ſolemnes , depois de os terem apedrejado ; e que poem a ſecar os corpos dos ſeus defuntos , e os ſécaõ , e lhes bebem as cinzas.

ANN. de J. C. 1500.

D. MANOEL REI

Vendo Cabral hum povo , que lhe parecia manſo , e ſingelo , e em quem naõ deſcobria veſtigio algum de Religiaõ , Leis , nem governo Civil , condoeo-ſe delle , e quiz que o Padre Henrique , Superior dos ſinco Miſſionarios

rios

Ann. de J. C. 1500.

D. Manoel Rei

rios, homem de merito, e que depois foi Bispo de Ceuta, lhe prégasse o Evangelho, o que elle fez com hum bom Sermaõ Portuguez, de que os Gentios, bem que estiveraõ promptos ao ouvir, naõ comprehenderaõ nada: mas o Missionario naõ teve por isso menos merito diante de Deos, nem menos gloria com os da sua naçaõ, que gostáraõ summamente da prégaçaõ, que lhes pareceo muito forte, e approváraõ o seu zelo.

O General depois de assentar hum padraõ para tomar posse desta terra, deixou ahi dois degradados, a quem a pena de morte foi commutada na de degredo, e enviando dalli hum navio, em que mandou hum destes Gentios para trazer a Lisboa a noticia deste descobrimento, tornou a fazer-se ao largo, cortando direito para o Cabo de Boa Esperança. A travessa he de quasi 1200 legoas: estava excellente o tempo, brandos, e variaveis os ventos, e as calmas amiudadas: hum cometa, que appareceo por dez dias successivos, pareceo vaticinar a desgraça, que succedeo. Estavaõ pandas todas as velas, e esperávaõ pelo vento: ignorávaõ os Pilotos as consequencias desta manobra em hum sitio, onde os

fu-

ſuracoens ſaõ taõ frequentes, e rapidos, como hum relampago: de repente veio hum tufaõ taõ furioſo, que voltou quatro navios em hum inſtante, que foraõ a pique ſem ſe lhe poder acodir, nem ſe ſalvar alguem delles. Era Capitaõ de hum aquelle Bartholomeo Dias, que deſcobrio o Cabo de Boa Eſperança, e acabou aqui a vida digna de melhor ſorte. Durou vinte dias a borraſca, que ſe ſeguio, e derramou os navios, que ficáraõ, hum dos quaes voltou a Portugal. A Capitania acompanhada de outros dois, que ſempre andáraõ em arvore ſeca, paſſáraõ o Cabo de Boa Eſperança, ſem o perceberem; e os tres, que reſtávaõ, ſe lhe uniraõ na Coſta de Sofala.

Ann. de J. C. 1500.

D. Manoel Rei

Tendo Cabral junto o reſto da ſua frota enfraquecida de mais de metade: foi até Moçambique, onde foi mais bem recebido do que fôra Vaſco da Gama, pelo temor, que cauſou com a ſua chegada. Eſte meſmo temor fez com que foſſe mais circumſpecto Ibrahim Rei de Quiloa, a quem o General fallou no mar, como o Almirante tinha feito com o filho do Rei de Melinde; e com tudo o temor naõ foi baſtante para que Ibrahim deixaſſe de armar alguma maldade,

Ann. de J. C. 1500.

D. Manoel Rei

de, e além de a perceber o General, foi avizado por hum irmaõ do Rei de Melinde, que eſtava entaõ em Quiloa. Por mais vontade que Cabral tiveſſe de dar hum caſtigo a eſte perfido Rei, todavia aſſentou que convinha mais aos intereſſes delRei ſeu amo, disfarçar por entaõ, e paſſar a Melinde, cujo Rei fiel á amizade, que havia contrahido com o Rei de Portugal, chegou a paſſar por huma guerra cruel, que lhe movêra o Rei de Mombaça, e ficou mnito ſatisfeito com a volta dos Portuguezes, e do ſeu Embaixador, que lhe traziaõ com preſentes conſideraveis; deſorte, que tendo tratado o General com toda apolitica, e tendo-o provido de refreſco, e de toda a caſta de mantimento da terra, lhe deo dois Pilotos Guzarates, com os quaes ſe pôz em viajem, e chegou a Anchediva em breve tempo com feliz navegaçaõ.

Sabendo o Samorim a chegada da fróta, mandou ao caminho em buſca do General principaes Senhores da Corte, para o comprimentarem da ſua parte, e offerecer-lhe quanto dependeſſe delle, para ſegurança do commercio, moſtrando extremo contentamento da ſua vinda aos ſeus Eſtados,

e

e muito agradecimento á honra, que lhe fazia ElRei de Portugal, de querer ter com elle aliança. Cabral, a quem o modo do Samorim deo altivez, e tinha acautelado o como elle se houvera com Vasco da Gama, lhe mandou pedir huma audiencia; mas ao mesmo tempo o mandou desenganar de que elle naõ desembarcaria, sem ficarem refens, que abonassem a sua fidelidade, e pedio nomeadamente em refens o mesmo Catual, e Ministros, em que mais podesse confiar-se.

Ann. de J. C. 1500.

D. MANOEL REI

Esta proposiçaõ mais que affouta assombrou o Samorim, e ou fosse vencido do medo, ou, o que he mais provavel, pelo conselho dos Grandes, que tinhaõ sido comprados pelos Mouros, dissimulou com o maior excessó, a fim de trazer os Portuguezes a cahirem no laço, que lhes armava, e em fim passados alguns dias de alteraçaõ neste ponto, se entregáraõ os refens.

A audiencia foi das mais soberbas. Cabral foi a ella com toda a magnificencia Portugueza: o presente, que lhe levou em nome delRei seu amo, era digno do Monarca, que o mandava. O Samorim, que queria tratar com honra este Embaixador, estava carregado de joias, e acompanha-

nha-

Ann. de J. C. 1500. D. Manoel Rei

nhado do mais brilhante da Corte, e as honras, que se fizeraõ ao Embaixador, foraõ sem exemplo; e assim como naõ faltou coisa alguma á pompa do recebimento, tambem senaõ negou coisa alguma das que foraõ pedidas. O Samorim deo ao Embaixador, huma casa, que se podia chamar hum palacio, de que lhe fez total doaçaõ, cuja escritura se escreveo em letras de oiro. Permittio-lhe que nella arvorasse a bandeira de Portugal, e de fazer alli huma seitoria: André Corrêa foi nomeado Feitor, ou Consul da Naçaõ, e immediatamente tomou posse tranquilla, e começou a preparar os armazens.

Eraõ muito bons estes principios, para deixarem de ser suspeitosos. O que tinha succedido com o Almirante Vasco da Gama, as differentes tentativas, que os refens fizeraõ para se escaparem, e outras muitas circumstancias, eraõ bastantes para elles se acautelarem. O General de si mesmo desconfiado era deste acordo; mas a nimia confiança de Corrêa venceo todas as suas suspeitas, e se deixou levar demaziado dos conselhos deste homem, cego pelo seu interesse, e preoccupaçoens, de que elle foi a primeira victima.

Os

Ann. de J. C. 1500. D. Manoel Rei

Os Mouros tinhaõ em Calecut dois ſeus nacionaes, e da ſua Religiaõ, que tinhaõ a ſeu cargo tratarem do commercio, e ſerviaõ o officio de *Xabandar*, iſto he, Conſules: hum tinha juriſdiçaõ nas caravanas de terra, e outro preſidia á Marinha. Chamava-ſe o primeiro Coge Bequi, e o ſegundo Coge Cemeri. Eſtes dois Mouros tinhaõ entre ſi paixoens, como ſuccede entre peſſoas, que tem entre ſi intereſſes. Coge Bequi tinha probidade, e ſeguio o partido dos Portuguezes, e tam religioſamente, que iſto lhe cauſou pelo tempo adiante a ſua morte: Coge Cemeri tambem affectou ſer-lhes affeiçoado, mas com dobrez, e velhacamente; e como tinha mais maquinaçaõ do que o ſeu collega, quiz a deſgraça de Correa, que deſpreſando os aviſos de Coge Bequi, ſe fiaſſe inteiramente do ſeu rival, que abuſando inſenſivelmente do imperio, que pouco a pouco hia grangeando ſobre elle, fez com que elle cahiſſe tres mezes ſucceſſivos em toda a caſta de laços.

O principal eſtudo delle era, em fazer com que Correa cometeſſe faltas, que recahindo ſobre os Portuguezes, lhes alheaſſem o animo dos Indios,

Ann. de J. C. 1500.

D. Manoel Rei

o que ſortio o melhor effeito, e o meteo em duas coiſas de conſideraçaõ: foi a primeira metêlo em fazer inveſtir, e tomar á força hum grande navio carregado com ſete elefantes por conta dos Indios, perſuadindo-o ſerem de Mouros contrabandiſtas por hum diſcurſo, que elle armou. O Samorim, que abrigava tudo iſto, folgou de ver eſte combate, e tirou delle todo o proveito: a ſegunda falta em que o meteo, foi induzilo a inveſtir no meſmo porto outro navio, com outro falso motivo. Naõ podiaõ os Portuguezes achar carga para os ſeus navios. Coge Cemeri perſuadio a Aires Correa, que o Samorím tinha culpa diſto, e que com deſculpa de a naõ haver, mandava dar de noite toda aos Mouros, e que o navio, de que ſe tratava, eſtava carregado. Negando-o o Samorim, deo licença aos Portuguezes para tomarem o navio; eſtes o inveſtem, entraõ, e o ſucceſſo os convenceo de que em lugar de eſpeciaria, naõ tinha outra coiſa mais do que mantimentos por conta dos Indios.

Coge Cemeri; que occultamente repreſentava outra figura, amotinou o povo, juntou quatro mil homens,

que

que acometendo a casa dos Portuguezes, lhe arrombam as portas, roubaõ, e levaõ tudo a ferro, e fogo, antes que se podesse dar aviso ás náos. Dos setenta Portuguezes ficáraõ mortos sincoenta, e entre elles Aires Correa: os outros escapáraõ com muito custo na praia, onde os recolheraõ os bateis vindos dos navios á primeira revolta, a maior parte delles feridos, e sem forças de cançados, e do muito trabalho, que tiveraõ para se recolher.

Ann. de J. C. 1500.

D. Manoel Rei

O General duvidoso se o Samorim entrava, ou naõ em hum successo, em que se violava o direito das gentes com tamanha atrocidade, esperou por alguns dias alguma satisfaçaõ; mas vendo que ElRei naõ acodia por isso, se aparelhou para investir treze navios grossos de Mouros, que estavaõ no porto, e fazendo sobre elles hum terrivel fogo de artilharia, foraõ queimados, ou tomados, pondo grilhoens a quantos escaparaõ de queimados, ou afogados; e para que naõ sentissem sómente os Mouros os estragos, e penas da traiçaõ, que lhe tinhaõ feito, por dois dias inteiros varejou a Cidade com tanto dano della, que tendo demolido muitas casas, morto mais de

Ann. de J. C. 1500.

D. Manoel Rei

600 peſſoas, obrigou ao Samorim a fugir para o campo, aſſuſtado de ver cahir-lhe ao lado de huma bala hum valido ſeu.

Cabral, tendo-ſe tambem vingado, ſe fez á vela para Cochim trinta legoas além de Calecut para o Meio dia. Eſta Cidade ſituada na foz do Mangat, que a cerca, era Capital de hum pequeno Reino tributario do Samorim, cujo Rei, prudente, e ſempre aſſoberbado com a vizinhança de hum Principe nimiamente poderoſo, eſcandalizado do dano, que cauſava ao commercio de ſeus vaſſallos, deo faceis ouvidos ás razoens do preſente intereſſe, ſem precaver as futuras conſequencias, e forjou os ſeus proprios grilhoens, buſcando aliados, que vieraõ depois a ſer ſeus ſenhores.

O nome dos Portuguezes tinha enchido todo o Indoſtan, e os Prinpes todos do Malabar deſgoſtoſos do Samorim, trataváõ de encoſtar-ſe a elles para hum caſo de neceſſidade: naõ entendia o General que tiveſſe ainda taõ diſpoſta a India em ſeu favor, antes pelo contrario medindo os Indios todos por igual bitola, deſconfiava de tudo, e aſſim naõ ſe reſolveo tratar com Trimumpara (aſſim ſe chamava o Rei

de

de Cochim) ſenaõ por intervençaõ de hum Jogue, que Fr. Henrique tinha convertido á Fé; encontrou porém neſte Principe tal facilidade, que ajuſtou com elle quanto quiz para o preſente, e para o futuro: e como eſte paiz era muito fertil em eſpeciarias, e mais drogas do Indoſtan, em breve tempo teve o General carga, qual podia deſejar.

Ann. de J. C. 1501. D. Manoel Rei

Eſtava a ponto de partir, quando ſe vio buſcado dos Reis de Coulaõ, e Cananor; mas como já tinha ajuſtado os ſeus negocios, os houve entaõ de ſatisfazer com boas palavras, paſſando ſempre por Cananor na volta para o Reino, onde foi recebido com todas as moſtras de honra, e amor, que elle podia eſperar. Ainda que já tiveſſe carregado, tomou alli algumas drogas, e embarcou hum Embaixador, que ElRei de Cananor mandava a Portugal, imitando o de Cochim, que tambem mandava o ſeu ſegurar mais os vinculos da perfeita amizade. Partio depois para Lisboa, onde aportou com felicidade, veſpera de S. Joaõ do anno 1501; havendo perdido no caminho a náo de Sancho de Toar, que tocou nos baixos de Mombaça. Cabral ſe vio obrigado a mandar-lhe pôr o fogo depois de deſpejada de gente, e car-

Ann. de J. C. 1501.

D. Manoel Rei

carga, e Sancho reparou bem esta desgraça, por quanto mandado em huma pequena embarcaçaõ a Sofala, conforme as ordens delRei, fez aliança com o Cheque, ajustou hum tratado de commercio, e voltou a entrar no Tejo no mesmo tempo que o General.

A ancia, com que D. Manoel tratava de ter exito nos negocios da India, naõ lhe permittia que esperasse noticias de Cabral: aparelhou quatro velas para hirem ter com elle, e servir-lhe de reforçar a armada; e sabendo pouco tempo depois do descobrimento do Brazil pelo navio, que tinha voltado, fez outra armada de seis náos commandada por Gonçalo Coelho para ir indagar maior noticia, e mais segura posse.

Joaõ de Nova, Fidalgo Gallego. homem habil, e desembaraçado, que tinha a Capitania mór das náos, que hiaõ para a India, nunca se póde encontrar com o General Portuguez, a quem era remetido, e em tudo o mais teve venturosa navegaçaõ. Descobrio na hida a Ilha da Conceiçaõ. Na aguada de S. Braz achou huma carta pendurada em huma arvore dentro de hum sapato, em que se referia a viajem

jem de Cabral quando hia para a India : pôz o ſeu nome a outra Ilha que deſcobrio na Coſta de Zanguebar. Chegado a Melinde achou noticias mais miudas da falſa fé , com que o Samorim ſe havia havido ultimamente com os Portuguezes , e obrigando-o iſto a havelo como inimigo , deo caça a dois navios delle , hum dos quaes tomou , e lhe pôz fogo : fazendo depois viajem para Cananor , chegou a bom tempo para ſe aproveitar do ſeu commercio , e ganhar baſtante honra.

Tendo por fim a politica dos Mouros , negociantes de Calecut , deſgoſtado os Portuguezes de hum commercio taõ remoto , puzeraõ todo o empenho em lhes impedir a carga ; o que tinhaõ , aſſas adiantado com as manhas , que tinhaõ praticado com Aires Correa , e tumulto , que ſe lhe tinha ſeguido. Embaraçava-os porém a confederaçaõ , que os Portuguezes tinhaõ aſſentado com os Reis de Cochim , e Cananor , e eſtavaõ de acordo de a revolver por todos os modos. Sabendo que Cabral eſtava em Cochim , lançáraõ no mar de intelligencia com o Samorim huma frota de mais de 60 vaſos , nos quaes entrávaõ vinte e ſinco navios groſſos.

Ca-

Ann. de J. C. 1501.

D. Manoel Rei

Cabral, a quem elles encontraraõ sahindo de Cochim, naõ lhes pôde dar batalha, por estarem muito cozidos com a terra, e elle estar muito ao largo; de sorte que proseguio o seu caminho sem se deter. Tiveraõ elles este retiro como affectada victoria, a qual lhes deo tal alento, que assentáraõ lançálo de Cananor, assim como basofeavaõ telo feito deixar Cochim; porém chegáraõ muito tarde, e a tempo que já Cabral estava longe, mas muito a tempo para embaraçar Joaõ de Nova, que chegou depois da partida do outro, e se dispunha para voltar. Teve Joaõ de Nova avizo da chegada da armada para se aparelhar, e com effeito no dia seguinte appareceraõ mais 100 velas, que bloquearaõ a barra do porto. Tinha Joaõ de Nova demaziado brio para voltar costas, nem se perturbou, nem perdeo o animo, e dispondo os seus navios de sorte que naõ podesse ser abordado, e passada toda a artilharia para hum dos bordos, varejou a frota inimiga por todo o dia sem descançar com tamanha furia, que tendo metido no fundo 19, e estropeado mais de 400 homens, obrigou os inimigos a levantarem bandeira de paz, recolhendo-se a Calecut, onde levaraõ o estra-

trago, e deshonra de ſerem desbaratados.

Ann. de J. C. 1501.

D. Manoel Rei

Tentou mais o Samorim colhêlo com propoſiçoens artificioſas, mas advertido Joaõ de Nova por Coje Bequi, e por outro Portuguez ahi cativo, que eſcapara ao desbarate de Calecut, nem ſequer tornou reſpoſta a eſte Principe diſſimulado, e enganador, e dando á vela para Portugal, deſcobrio mais de caminho a pequena Ilha de Santa Helena, que com a excellencia das ſuas aguas, e ar, e com os mais refreſcos, que alli ha, parece ſer depoſitadamente poſta para commodo de taõ prolixas jornadas, naõ havendo quaſi navio algum, que naõ diligencêe entrar nella.

Gonçalo Coelho naõ teve tamanha ventura: hum furioſo furacaõ lhe fez perder quatro embarcaçoens das ſeis, que commandava; as outras duas chegaraõ com effeito ao Braſil, e voltáraõ de lá, mas naõ trouxeraõ mais carga do que páo Braſil, macacos e papagaios: pobre retorno attendendo á deſpeſa de tamanha armada! Mas quanto ſe enganaõ os penſamentos humanos! Eſte paiz, que ao principio pareceo o mais miſeravel deſcobrimento, que teve Portugal, he hoje entre

to-

Ann. de J. C. 1501.

D. Manoel Rei

todos o de que tira maiores proveitos,

As honras, com que D. Manoel acolhia os que voltavaõ das viajens do Ultramar, principalmente quando tinhaõ algum ſucceſſo, tinhaõ eſpalhado por todo o Reino incomprehenſivel emulaçaõ: os maiores Fidalgos entráraõ nella, como ſe o exercicio de aventureiro foſſe em certo modo a unica pórta por onde ſe entrava para a fortuna. Gaſpar Corte Real, homem nobre, e bem empregado na Corte, querendo deſtinguir-ſe como os de mais, obteve licença delRei, e entendendo que para o Sul naõ havia que deſcobrir, foi direito ao Norte, e deſcobrio com effeito a Ilha de Terra Nova, e a terrá de Lavrador, a quem chamou Terra Verde, que depois teve por muitos annos o nome de Terra de Corte Real. Achou os Eſquimáos naturaes do paiz, barbaros abſolutamente differentes de todos os mais povos da America, a reſpeito dos quaes parecem eſtrangeiros: ſaõ ſummamente deſconfiados, e bem que foſſem os primeiros, que ſe deſcobriraõ, ainda ſe naõ poderaõ amanſar, nem tratar com elles, ſenaõ com a eſpingarda em cara, e com todas as cautelas, que inſ-

pira

pira o medo da traiçaõ. Quando Corte Real voltou a Portugal, deo conta da sua expediçaõ, e voltou o mais breve, que póde. Foi para elle fatal esta segunda viajem, pois nella acabou, ou morto pelo Gentio, ou em algum naufragio. Seu irmaõ Miguel, que lhe quiz ir no alcançe, para buscar noticias delle, e para este fim armára dois navios, teve igual sorte. ElRei, que estimava muito estes dois irmaõs, mandou expressamente outros navios em busca delles, mas sendo inuteis todas as diligenciâs, perdeo a esperança de os salvar, e naõ quiz dar licença a Joaõ Vasco Corte Real, seu primeiro irmaõ, e Mordomo da sua Casa, para que emprehendesse esta jornada, que o amor fraternal lhe inspirára que fizesse pessoalmente, com a esperança baldada de os poder encontrar.

ANN. de J. C. 1501.

D. MANOEL REI

No em tanto vinha-se Cabral recolhendo para Portugal, e tendo dado conta da sua viajem, e do Estado da India, ElRei D. Manoel, que, naõ obstante o ter perdido metade da armada, concebeo firmes esperanças do bom successo, pôz ainda sobre ancora vinte velas, que repartio em tres Capitanias. Tinha a primeira esquadra de tres navios o Almirante

Vas-

Ann. de J. C. 1502.

D. Manoel Rei

Vaſco da Gama, que já tinha tido tempo de deſcançar das fadigas da primeira viajem. Vicente Sodré, e Eſtevaõ da Gama, primo de Vaſco capitaneavaõ cada hum ſinco náos das outras dez, e ambos hiaõ ſujeitos ao Almirante. Sodré levava particular encargo de cruzar o mar das Indias, e conſervar nelles o reſpeito á bandeira Portugueza, dando caça a todos os inimigos da Coroa. Devia dar favor ás duas feitorias aſſentadas em Cananor, e Cochim, e ultimamente pôr todo o cuidado em embaraçar o commercio do mar Roxo, guardando a paſſagem de Babel-Mandel.

O Almirante tendo eſtabelecido no caminho duas feitorias na Coſta de Zanguebar, huma em Sofala, e outra em Moçambique, veio ancorar com toda a frota no porto de Quiloa. Aſſombrado Ibrahim com a viſta de taõ grande armamento, contra o qual naõ tinha modo de ſe precaver, ſe vio obrigado a aceitar todas as condiçoens, que o Gama lhe quiz impôr, e veio de propoſito fallar-lhe ao mar. Gama, que ſe via com maiores forças, naõ fez eſcrupulo de quebrantar o direito das gentes com hum Principe, cuja falſa fé tinha experimentado,

do, e o fez prifionciro, e affentou, que lhe fazia mercê em o foltar, obrigando-o a reconhecer vaffallagem á Coroa de Portugal, e a pagar hum tributo de dois mil meticaes de oiro; o que Ibrahim prometteo falfamente. Mas efte Principe, que fe apoffara violentamente do throno, onde fe mantinha tyrannicamente, enganou o General, dando-lhe em refens hum dos maiores Senhores da Corte, de cujo merito fe receava, e de quem julgava que os Portuguezes fariaõ juftiça, vendo-fe enfadados da fua falta de palavra, facrificando-o á fua indignaçaõ. Mas efte, que era hum fujeito de talento, e probidade, defcobrio ao Almirante todo o myfterio, e pagou do feu cabedal os dois mil meticaes de oiro, e fe houve com tanta arte, e rectidaõ, que o Gama lhe deo a liberdade, e naõ pôde deixar de ficar feu amigo.

ANN. de J. C. 1502.

D. MANOEL REI

Boa vontade tinha o Almirante de fe defpicar da falta de fé de Ibrahim, receando porém as confequencias de hum negocio, que podia fer duvidofo, e demorado, e que lhe podia fazer perder a monçaõ, fe pôz a caminho para a India. Chegado á Cofta do Malabar encontrou huma gran-

Ann. de J. C. 1502.

D. Manoel Rei

grande náo chamada *Meris*, que o Soldaõ do Egypto mandava todos os annos ao Indoſtan, de que ordinariamente ſe recolhia com rica carregaçaõ para o commercio deſte Principe, e ao meſmo tempo paſſava muitos romeiros, que por devoçaõ hiaõ a Meca ao Sepulcro de Mafoma. Deſafogou Vaſco com demaſia neſta occaſiaõ o ſeu rancor contra os Mouros, e ſe houve por modo indigno de Cavalleiro, porque naõ ſe ſatisfazendo com esbulhar eſte navio, que lhe naõ fizera reſiſtencia alguma, e tomar vinte meninos, que deſtinou para Religioſos do Moſteiro de Belem, trabalhou depois pelo meter no fundo, e afogar nelle quantos eſtavaõ dentro, que eraõ quaſi 300 peſſoas; e como o naõ pôde conſeguir, foi obrigado a abordalo, e queimalo, o que naõ lhe ſeria tam facil de fazer, ſe eſtes infelices, antevendo tam ruim tratamento, cuidaſſem em ſe defender.

Recolhendo-ſe depois a Cananor, foi recebido do Rei com toda a pompa poſſivel, e o tratou como igual; mas tendo-ſe havido com altivas, nada pôde concluir ácerca do commercio, e ſe retirou deſcontente para Calecut. Tomou no caminho coiſa de ſin-

ſincoenta Gentios em pequenos zambucos de peſcadores, e eſperou algum tempo á viſta da Cidade, para ver ſe o Samorim moſtrava querer entrar em concerto. Naõ tardou muito que naõ vieſſe hum homem, que abordando a Capitania com habito de Capuchinho, e dizendo *Deo gratias*, ſe deo depois a conhecer por hum Mouro mandado pelo Samorim a deſculpar-ſe do paſſado, e offerecer novas propoſiçoens. O Almirante naõ quiz dar ouvidos a coiſa alguma, ſem que primeiro ſe lhe pagaſſe quanto ſe havia roubado na Feitoria de Calecut, quando foraõ mortos Aires Correa, e outros; e ſe gaſtáraõ tres dias em hidas, e vindas, nas quaes o Samorim ſe deſculpava com boas razoens, e moſtrava que elle tinha recebido dano muito maior do que fizera; mas o Almirante, ſem querer tirar-ſe da primeira reſoluçaõ, e paſſado o prazo, que ſe dera ao Samorim para dar ſatisfaçaõ, fez o ſinal aprazado para enforcarem pelas vergas os ſincoenta Indios, que ſe tinhaõ apanhado, e ſe repartiraõ para eſte effeito pelos navios. Acabada eſta cruel execuçaõ, que ſe fez á viſta da Cidade, mandou cortar pés, e maõs a todos os cadaveres, e metendo-os em hum batel, o ſol-

Ann. de J. C. 1502.

D. MANOEL REI

Ann. de J. C. 1502.

D. Manoel Rei

soltou a tempo que enchia a maré, que os levasse a terra, para ahi dar o triste espectaculo de huma vingança tamanha como esta, dizendo ao Samorim em huma carta escrita em Arabigo. „ Que elle lhe mandava aquel„ le presente em represalia da morte „ dos Portuguezes; accrescentando que „ quanto ao preço da fazenda, elle lhes „ pagaria centuplicada „ E chegando depois os navios o mais perto que pôde á praia pela noite, esbombardeou a Cidade, sem descontinuar todo o dia seguinte, com tal estrago, que além da gente que matou, pôz por terra grande numero de edificios, e arruinou grandemente hum dos Paços do Samorim.

A solidaõ, em que este esbombardeamento poz a Cidade, lhe dava aberta para o Almirante emprehender alguma coisa maior, mas ou fosse por ignorar o que lá se passava, ou porque naõ quizesse, ou porque senaõ afoutasse a entregar nella, se contentou com o que tinha feito, e tendo largado o fogo a hum navio grande, que tomára no porto, e tinha guardado algum tempo, com tençaõ de que servisse para algum ajuste, se fez á vela para Cochim.

As

ANN. de J. C. 1502.

D. MANOEL REI

As deſavenças, que o Almirante tivera com o Rei de Cananor, davaõ algum ſobreſalto aos Portuguezes, as quaes ſe augmentavaõ mais pelas ſuſpeitas, em que eſtava o Feitor Gonçalo Gil. Eſte homem, que tinha hum genio inquieto, quiz preſuadir a Vaſco da Gama, que o Samorim tinha comprado ſob maõ os Reis de Cochim e Cananor, por intervençaõ, de alguns Bramanes, e que todo o fim deſtes eſtorvos, com que eſte ultimo repugnava concluir coiſa alguma, naõ era mais do que hum acordo tomado entre eſtes Principes, para dilatar os negocios, de ſorte que a frota ſe viſſe obrigada a invernar na India, eſperando queimala nos portos, onde ſe recolheſſe. Eſtes temores ajudados de algumas bem fundadas conjecturas, tomáraõ maior vulto com o que obrou o Rei de Cochim, que na primeira viſta, que teve com o Almirante, ſe moſtrou tam intratavel, como o de Cananor, de ſorte que o Almirante ſe deſpedio tam deſcontente delle, como do outro; mas o animo deſtes Principes era em ſi ſincero, e, ſe tinhaõ poſto algumas duvidas, era, porque as pertençoens dos Portuguezes naõ eraõ juſtas.

Ann. de J. C. 1502.

D. Manoel Rei

O Succeſſo o moſtrou aſſim; por quanto o Rei de Cananor inquieto da pouca ſatisfaçaõ, com que o Almirante moſtrara deſpedir-ſe dos ſeus portos, lhe mandou dizer por alguns Portuguezes, que tinha nos ſeus Eſtados, que elle antepunha a amizade do Rei de Portugal aos ſeus proprios intereſſes: que regulaſſe elle as condiçoens do contrato como quizeſſe, que elle tomava a ſi reſarcir aos negociantes a perda, que allegaſſem, ajuſtando-ſe com elles, e ſatisfazendo-lho nos direitos de entrada, e ſahida, e recahiria nelle todo a perda. O Rei de Cochim ainda ſe houve melhor, porque reparando que o General partia colerico, e hum tanto inquieto, foi traz elle em huma almadia ſó com quatro, ou ſinco remeiros, e tendo-o alcançado ſubio, ao ſeu navio, e lhe diſſe com aquella liberdade, que naſce da ſinceridade de coraçaõ: „ Eu conheço que ſois hum „ homem mais duro de contentar, do „ que eu de conceder quanto me pedis: Fazei o que quizerdes, e pois „ eſtais Senhor da minha peſſoa, „ que eu vos venho entregar, iſto „ vos ſervirá de afiançar a minha vontade „. O General aſſombrado, e

con-

confundido de ſimilhante acçaõ, lhe reſpondeo com cumprimentos, que moſtravaõ mais o ſeu eſpanto, do que reciproca ſatisfaçaõ de generoſidade. Com effeito ſe aproveitou da ſua palavra, e concluio o tratado á ſua ſatisfaçaõ, e como o tinha propoſto, e immediatamente foraõ feitas as eſcrituras. A penas o Rei de Cananor teve eſtas noticias, naõ ſatisfeito com o que tinha mandado dizer ao Almirante, lhe deputou mais dois Embaixadores a pedir-lhe que voltaſſe ao ſeu porto, com a palavra de que tudo ſe ajuſtaria á ſua ſatisfaçaõ.

ANN. de J. C. 1502.

D. MANOEL REI

Com tudo o Almirante eſteve quaſi cahido n'hum principio, em que o arrojáraõ a ſua nimia confiança, e preſumpçaõ. Por muito eſcandalizado que eſtiveſſe o Samorim do que havia paſſado, naõ perdia todavia a eſperança de travar ainda alguma negociaçaõ, ou o pertendeſſe com ſinceridade, ou entraſſe na tençaõ de ſe vingar. Os Eſcritores Portuguezes concordaõ em accuſar a dobrez deſtes Principes, e ſuas manhas; os Auctores Indios talvez o naõ confeſſaſſem taõ facilmente, e parece-me que lhe conheço alguma razaõ para ſe queixar, pois aſſás devia parecer duro a

Ann. de J. C. 1502.

D. Manoel Rei

taõ grande Monarca, que hum pequeno numero de Estrangeiros viessem ao seu Reino tratálo como senhores, e impôr-lhe condiçoens taes, que elle naõ podia delles colligir outra coisa, senaõ que elles lhe queriaõ dar leis, e recorrer desde logo ás vias de facto as mais violentas, no caso que elle naõ se quizesse dobrar a quanto lhe pediaõ.

Quaesquer que fossem as suas intençoens, vamos ao facto. Estando o Almirante ainda em Cochim, veio a elle hum Bramane, homem de talento, e assás adiantado em annos, trazendo-lhe dois filhos, e hum sobrinho, para lhos trazer para Portugal, onde dizia que desejava fossem educados na Religiaõ, e Sciencias da Europa. E entrando depois em pratica com o Almirante, lhe confessou que viera de mandado do Samorim, e teve modo de o persuadir a que voltasse a Calecut. Vasco da Gama assentou que hia seguro, deixando o Bramane, e os tres mancebos em refens, e entregando a frota a Estevaõ da Gama, partio contra o voto dos seus Capitaens sómente com dois navios, hum dos quaes despedio a chamar a Cananor Vicente Sodré. O Samorim naõ

con-

concluia nada, affectando dilaçoens, e o Gama se vio acometido de repente de cem almadias, que com abrigo da noite pertendêraõ queimar-lhe a náo. A traiçaõ foi tambem ordida, que senaõ deo tino della, senaõ quando já os Indios trepavaõ pelas cadêas das mesas das náos, e naõ houve tempo para mais, do que para picar a amarra, e cadèa de ferro, com que tinha dado fundo. A bom tempo se levantou hum vento de Leste fresco, mas empenhando-se os inimigos em o seguirem ao largo, se incorporou com elle a bom tempo Vicente Sodré, que tendo metido a pique com a artilheria das suas caravélas muitos paráos, espalhou os outros. O Almirante na volta para Cochim mandou enforcar o Bramane, cujos filhos, e sobrinho, ou verdadeiros, ou fingidos já se tinhaõ salvado fugindo da náo.

Ann. de J. C. 1502.

D. MANOEL REI

Além dos Embaixadores delRei de Cananor, que vieraõ a Cochim negociar com o Almirante, teve ahi mais outros dois de Cranganor. Estes diziaõ serem mandados pelos antigos Christaõs da India, oriundos daquelles, a quem convertèra S. Thomé antes de rematar a sua carreira Apostolica com glorioso martyrio; e tendolhe

Ann. de J. C. 1502.

D. Manoel Rei

lhe expendido toda a ſua tradiçaõ a reſpeito deſte glorioſo Apoſtolo de J. C., e o preſente eſtado da ſua Chriſtandade, em que ſe contavaõ quaſi trinta mil almas, regidas no eſpiritual por Biſpos, e Sacerdotes que davaõ obediencia ao Patriarca d'Armenia, como primeira cabeça, diſſeraõ „ que „ elles eraõ mandados da parte da ſua „ pequena Republica, para lhe proteſ- „ tarem quanto os alegrou a primeira „ noticia de terem alli chegado Chriſ- „ taõs, e Vaſſallos de hum dos Reis „ mais poderoſos da Europa, e a eſ- „ perança, que lhes renaſceo com a „ lembrança de que Deos os mandaria „ como Redemptores da eſcravidaõ, „ em que gemiaõ ſob a tyrannía de „ Principes infiéis daquelle Gentiliſ- „ mo, e de Sarracênos, mortaes ini- „ migos dos Chriſtaõs, a quem o ſeu „ cabedal, e tráfego tinhaõ dado „ grande credito naquellas terras. Pe- „ lo que ſe encommendavaõ na ſua bon- „ dade, e para o obrigarem a tomar „ mais de coraçaõ o ſeu amparo, lhe „ apreſentavaõ o Sceptro, pelo qual „ ſe obrigavaõ a reconhecer dahi em „ diante a ElRei de Portugal por ſeu „ verdadeiro, e legitimo Soberano „

Coiſa nenhuma podia dar maior ſa-

ſatisfaçaõ ao Almirante, do que eſta Embaixada; e por iſſo lhe reſpondeo com o maior agrado, e com grandes palavras de conſolaçaõ, aceitando a propoſta da parte delRei ſeu Senhor, e certificando aos Deputados,, que ,, neſte Monarca encontrariaõ ſempre ,, zeloſo, e efficaz Protector: e que ,, os ſeus Generaes, que eraõ ſeus lugareſtenentes, e o repreſentavaõ ,, a elle na India, tomariaõ a ſeu cargo com muito boa vontade os ſeus ,, intereſſes delles: que elles os deviaõ ,, ter por intérpretes da ſua vontade, e ,, recorrer a elles nos ſeus apertos: ,, que quanto a elle em particular, podiaõ eſtar certos da ſua boa vontade, ,, e do quanto deſejaria ſer-lhes proveitoſo: que na ſua partida, e durante a ſua auſencia, os encommendaria áquelles, que ficaſſem fazendo as ,, ſuas vezes, em que achariaõ outro ,, elle.,, Com iſto os deſpedio, deixando-os ſatisfeitos com o bom acolhimento, e liberalidade, que uſou com elles.

ANN. de J. C. 1502.

D. MANOEL REI

O Samorim, que naõ ſocegava, vendo baldados os ſeus ardís, ſe voltou a outros meios, que lhe pareceraõ mais ſeguros, e infalliveis, que foraõ eſcrever a ElRei de Cochim ſeu Vaſ-

ſal-

Ann. de J. C. 1502. D. Manoel Rei

ſallo, e trabalhar com elle já com promeſſas, já com ameaças, para o obrigar a entregar-lhe os Portuguezes, ou fazer com que os expulſaſſe dos ſeus Eſtados. Trimumpara tam conſtante, como ſincéro, reſpondeo a eſtas cartas do Samorim com huma grandeza de coraçaõ, que bem o podia deſenganar da ſua conſtancia, e reſoluçaõ. Além diſſo teve a delicadeza de naõ querer deſcobrir nada diſto ao Almirante, por lhe poupar os ſoçobros, e inquietaçoens, que talvez lhe cauſaſſe, e ſó lhe deo conta, quando ſe vio em pontos de lhe moſtrar com toda a certeza, que elle aventurava tudo por elle, e que prezava tanto a aliança, que fizera com elle, que antes queria perder tudo, do que quebrantála.

Gama eſtando de partida, foi avizado do eſtado, em que deixava eſte Principe, e fez todo o poſſivel pelo perſuadir que devia eſperar tudo da gratidaõ dos Portuguezes: e tendo-ſe deſpedido della partio para Cananor com treze navios, e no caminho encontrou junto de Pandarane huma frota de 39 velas, que o Samorim deſpedio contra elle. Sem demora apreſentou batalha; e logo tam rijo inveſ-

Ann. de J. C. 1502. D. Manoel Rei

vestíraõ com duas náos grossas de Mouros, que vinhaõ na vanguarda inimiga, os navios de Sodré, Rafael, e Petreio, que vinhaõ mais boiantes, que, faltando o animo á maior parte dos que as defendiaõ para sustentar ataque tam forte, se arrojáraõ ao mar, onde os Portuguezes, que saltáraõ nos botes, ferindo-os com lanças, remos, e maças, matáraõ mais de trezentos. O resto da frota tomado do mesmo terror tendo encalhado em terra, o Almirante, cujas náos estavaõ muito carregadas, como lhes naõ podia hir no alcance, parou em esbulhar as que tinha tomado, e pondo-lhes o fogo, seguio a sua viajem. Entre as riquezas, que alli se acháraõ, topou hum Idolo de oiro de 60 libras de pezo, que tinha os olhos de excellentes esmeraldas, e cravado de rubins pelo peito, onde tinha hum carbunculo do tamanho de huma castanha, que dava grande brilho: o manto do Idolo era bordado de oiro, igualmente rico de pérolas, e mais pedraria de grande preço.

O Almirante concluio o seu tratado com ElRei de Cananor, com as mesmas condiçoens, que aceitára o Rei de Cochim. Obrigou além disto a este Principe a entrar com o de Cochim em

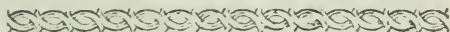
Ann. de J. C. 1502. D. Manoel Rei

em huma liga offensiva, e defensiva, para ter quem o soccorresse no caso que fosse acometido pelo Samorim, e tendo concluido tudo com grande satisfaçaõ, tomou o caminho de Europa, veio refrescar a Moçambique, e entrou em Lisboa no primeiro de Setembro de 1503.

A entrada, que ElRei lhe mandou fazer em Lisboa, teve todas as mostras de triunfo, em que com toda a solemnidade possivel foraõ levados os presentes do Rei de Cananor, e Cochim, os despojos de Calecut, o sceptro dos Christaõs de S. Thomé, e os dois mil meticaes de oiro das pareas do Rei de Quiloa, que se fizera tributario da Coroa de Portugal, cuja memoria quiz ElRei D. Manoel eternizar, mandando fazer de todo o oiro deste tributo huma rica Custodia, que dedicou ao seu magnifico Templo de Nossa Senhora de Belem.

Fim do segundo Livro.

HIS-

HISTORIA DOS DESCOBRIMENTOS, E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES, NO NOVO MUNDO.

LIVRO III.

FICARAÕ os negocios da India em grande desamparo com a partida do Almirante; e o Samorim escandalizado pelos Portuguezes, e summamente picado das vivas respostas do Rei de Cochim, entendeo que se lhe offerecia a mais favoravel conjuntura de se vingar, e que a fortuna lhe punha em certo modo nas maõs os seus inimigos; com tudo querendo naõ faltar ás solemnidades devidas, para mostra que naõ obrava sem ponderaçaõ em hum ponto, em que já estava resolvido, congregou huma junta, a que vie-

Ann. de J. C. 1503.

D. MANOEL REI

ANN. de J. C. 1503. D. MANOEL REI

vieraõ muitos Principes ſeus vaſſallos, e muitos outros do Rei de Cochim, que com temor o tinhaõ deſamparado. Neſte concelho expôz as ſuas queixas, com moſtras da maior moderaçaõ, mas com toda a arte de razoens capcioſas, que lhe ſuggeria a mais ardente animoſidade. A maior parte dos Principes comprados pelos Mouros, ou levados de paixoens diverſas, como he vulgar nas Cortes, approváraõ os motivos da ſua indignaçaõ, menos Naubeadarim, filho de ſua irmá, e herdeiro da Corôa, Principe de probidade, e valor, o qual emprehendeo deſvanecer as pretendidas razoens, e o fez por huma parte com tanto reſpeito, e pela outra com tal força, e taõ boas razoens, que juſtificando plenamente todas as acçoens dos Portuguezes, que moſtravaõ reſpeito ao Rei de Cochim, até a conſtancia, e boa fè delles aſſim elogiou, que fez algum abalo no animo de ſeu tio, e eſteve em termos de ſahir triunfante a razaõ do rancor, ſe o Coimal de Repelim, capital inimigo do Rei de Cochim, em razaõ de pertençoens, que tinha ſobre terras, que eſte lhe retinha injuſtamente, voltando todos os votos do Conſelho com a ſua altivez,

naõ

naõ fizeſſe pender a balança a favor do odio contra a razaõ.

Aſſentada a guerra, ſem demora chegou a Cochim a noticia, onde cauſou grande conſternaçaõ nos povos. Os Mouros, que havia muitos ſeculos ſe tinhaõ eſtabelecido em quaſi todas as Cidades maritimas da India, eraõ taõ poderoſos, que faziaõ ſobrançeria ao meſmo Principe; tinhaõ empenhado em ſeu favor a maior parte dos Miniſtros, e dos Naires; os Portuguezes pelo contrario eraõ ſummamente odiados do povo, e da Nobreza, ou foſſe por inſtigaçaõ dos Mouros, inimigos tanto mais para temor, quanto mais occultavaõ o ſeu odio, ou porque os Portuguezes naturalmente deſprezadores, e que ainda naõ conheciaõ bem a terra, naõ punhaõ difficuldade em ſe deſviarem dos uſos da terra, e viviaõ demaziadamente á Européa.

Eſtando os animos aſſim diſpoſtos, tinha ElRei de Cochim fortes aſſaltos dos ſeus mais fieis vaſſallos, que efficazmente lhe repreſentáraõ quanto era danoſo a elle, e a toda a familia Real o expôr-ſe a ſi, e ao ſeu povo a perderem tudo por attençaõ a huns poucos de Eſtrangeiros, a quem ninguem amava. Os meſmos Portuguezes, que conhe-

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei

conheciaõ quam arriſcados andavaõ, e que tinhaõ mais ſuſto dos habitadores, agaſtados de tolerarem violentos huma guerra, em que com razaõ temiaõ ſer victimas, do que de toda o exercito de Calecut, puzeraõ todas as forças em perſuadir ao Rei, que, accommodando-ſe ao tempo, fingiſſe deſamparalos, e ſalvaſſe a ſua peſſoa, e Eſtado, dando-lhes licença para elles ſe recolherem a Cananor, onde eſtariaõ ſeguros. Mas eſte Principe, que prezava mais a honra, do que o Reino, e a propria vida, entendendo que eſte expediente, que era hum modo decente de poder faltar á ſua palavra, offendia o melindroſo delle, naõ quiz dar ouvidos a propoſiçaõ alguma deſtas, e fazendo cara a todos moſtrou animo conſtante, e deo aos Portuguezes huma guarda de Naires, a fim de que lhe naõ fugiſſem, e para os ſalvar do furor do povo.

Neſtas circumſtancias chegou a Cochim Vicente Sodré com a ſua armada, e com a viſta delle começaraõ a reſpirar ElRei, e os Portuguezes; e bem que tiveſſe ordem expreſſa do Almirante, para que ajudaſſe ElRei de Cochim, ſe foſſe ameaçado, nunca o poderaõ reſolver a que ficaſſe com el-

elle, ou fosse covardia, ou ambiçaõ. O Feitor se empenhou para isto com razoens, com supplicas, e com lagrimas, mas todas baldadas. Este homem indigno do sangue de huma naçaõ nobre, naõ avaliando em nada a vida dos seus nacionaes, a honra delRei seu Senhor, o merecimento de hum Principe, que sacrificava tudo por pura generosidade, antepondo a tudo o proveito das suas prezas, respondeo friamente „ Que elle naõ viera para combater em terra, que se salvassem co-„ mo quizessem, ou podessem ElRei „ de Cochim, e os Portuguezes; que „ elle tinha ordens delRei de Portu-„ gal para cruzar no Golfo Arabico, „ e que cahiria em culpa, se faltasse a „ executar as suas ordens „ e com effeito partio com a sua frota, deixando em Cochim uma consternaçaõ ainda maior do que o era antes de huma retirada tam pouco presumida, e tam mal justificada.

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei.

Deos, vingador dos delictos, o punio, cegando-o de modo que sómente a si pôde imputar a sua perda. Satisfizeraõ bem no principio a sua avareza sinco ou seis prezas ricas, que lhe cahiraõ nas maõs, nas quaes sómente em oiro achou mais de 200 duca-

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei.

cados; mas depois disto foi perder-se nas Ilhas de Curia-Muria, porto no Estreito de Meca. Os Beduins, bem que Mouros, se houveraõ bem com elle, e lhe deraõ soccorro muito a tempo, na reciproca troca, que com elle faziaõ de gados pelas suas mercadorias, e depois lhe deraõ hum saudavel aviso, de que se abrigasse de hum temporal do Norte, que sobrevem nesta paragem no mez de Maio, tam forte, que naõ ha vasilha, que lhe possa resistir. Sodré naõ teve conta nem com os seus avisos, nem com os dos mais Capitaens, que se separáraõ delle, de sorte que obstinadamente teimoso, ou por melhor dizer, por hum effeito da justiça Divina, que queria que o seu oiro fosse para elle perdiçaõ, se perdeo elle, e seu irmaõ neste terrivel furacaõ, sem que nunca se podesse salvar alguma parte das grandes riquezas, que foraõ causa de huma das acçoens mais covardes, que se tem obrado no mundo.

Trimumpára, á quem o exemplo de Sodré podia dar pretexto para faltar ao promettido, assentou que naõ lhe devia seguir o exemplo, nem que huma covardia podesse justificar outra sua; ficou todavia inquieto, e confuso.

ſo. Tinha ás portas o Samorim com hum exercito de ſincoenta mil combatentes, cujo numero engroſſava cada dia com a deſerçaõ dos Principes vaſſallos de Cochim: marchava com toda a preſſa, com a confiança, e alegria, que ſaõ vaticinios da victoria. Pelo contrario Trimumpára via hum ar melancolico, e triſte em quantos o cercavaõ, e ſe tinhaõ mantido fieis; e iſto era baſtante para lhe augurar a futura ruina; porém nada o mortificou tanto como a deſerçaõ de dois Europèos transfugas, fundidores de profiſſaõ, e excellentes armeiros, que tinhaõ paſſado na armada do Gama, fingindo ſerem pedreiros, encobrindo a ſua verdadeira profiſſaõ; e a ſua apoſtaſia deo ſuſpeitas de que paſſaſſem á India, ou talvez foſſem alli mandados para embaraçar os Portuguezes: com effèito foraõ aſſás uteis ao Samorim, que ſe ſoube aproveitar delles a tempo, para tirar grandes proveitos, e conſerva-los no exercicio da ſua profiſſaõ contentando-os com groſſos ordenados.

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

A ſolemne declaraçaõ da guerra, que ao meſmo tempo chegou ao Rei de Cochim da parte do Samorim, junta com as apertadas Cartas deſte Principe, e de outros muitos Senhores

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei

seus amigos, que lhe faziaõ as maiores instancias para que tivesse dó de si proprio, e do seu povo, lhe apertáraõ summamente o coraçaõ; mas immovel a tantos abalos, qual a rocha debalde açoitada das ondas do mar, fazendo confiança na justiça da sua causa, era elle quem dava alento ao descahido valor dos seus, e dos Portuguezes, e com aquella tranquillidade de semblante, que inspira segurança, ordenou tudo, e se pôz em estado de huma vigorosa resistencia.

A Ilha de Cochim está despegada da terra firme por hum estreito de mar, que he vadeavel na baixa mar, principalmente em hum váo chamado Palurd. Por aqui pertendia romper o Samorim com todas as suas forças. Trimumpára, que conhecia a importancia da passagem, poz aqui de guarda Naramuhim, filho de sua irmã, e herdeiro dos seus Estados, conforme a lei da Gynecocracia estabelecida no Malabar, e lhe deo para commandar 5500 Naires, com quem se incorporaraõ Lourenço Moreno, e outros poucos Portuguezes. Era Naramuhim valente, e entendido, do que deo grandes provas nesta occasiaõ; porque apparecendo o Samorim a dois de Abril

pa-

para paſſar o váo, ſe houve com tal valor, que o obrigou a retroceder com baſtante deſbarate: e tendo no dia ſeguinte reforçado o Samorim a batalha commandada pelo Caimal de Repelim, ajudado pelo rio com grande numero de paráos, ſendo o combate mais prolixo, e ſanguinolento do que no dia antecedente, deo muita honra a Naramuhim, que diſtinguindo-ſe em todas as ſuas acçoens, obrigou os inimigos a vergonhoſa retirada. Naõ melhorou o Samorim nas mais diligencias, que depois tentou: Naramuhim era aſſás experto, moſtrava-ſe em toda a parte a fazer cara, de ſorte que o Samorim ſempre desbaratado, deſcorçoando do bom exito da empreſa, levantaria covardemente maõ della, a naõ ſer hum conſelho, que lhe avivou eſpiritos de honra.

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei

Naõ tendo fructo a força, reccorreo á traiçaõ: comprou com grandes ſommas o Theſoureiro do exercito de Naramuhim. Eſte traidor fingindo moleſtia ſe recolheo á Cidade, e os Naires coſtumados a receberem diariamente os ſeus ſoldos, e municoens começaraõ primeiro a murmurar da ſua auſencia, e voltáraõ em corpo a Cochim. O Theſoureiro, que antevia

 bem

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

bem o fucceffo, alli os foi detendo de hum para outro dia com varias cautelas, e como ifto dava calor á murmuraçaõ, e deferçaõ do campo, em pouco tempo fe achou Naramuhim quafi fó. O Samorim, que movia efta trama atraiçoadamente, e ajuftado com elle eftivera alguns dias fem fazer movimento algum, aproveitou efta occafiaõ de paffar o váo, para o que appareceo ao romper do dia. Avifado Naramuhim, acodio a eftorválo, e fuftentou o combate todo o dia até á noite com os poucos foldados, que tinha; mas fuffocado da multidaõ, foi roto, e morto com dois fobrinhos feus, Principes moços, que davaõ grandes efperanças, e que na ajuda de feu tio deixáraõ bem vingada a fua morte, fem cahirem fenaõ depois de terem, como elle, dado grandes provas do feu valor.

A morte deftes Principes valentes poz Cochim em confternaçaõ, e deo forças ao odio, que tinhaõ aos Portuguezes, e caufou defefperaçaõ no Rei; porém efte, cujo fentimento chegou tambem ao Portuguezes, que finceramente o choráraõ, e fentiraõ na verdade, fervio de augmentar mais a eftimaçaõ, que tinha delles, com ancia

ver-

verdadeira de ſe vingar; e juntando todas as forças, que eſtavaõ derramadas lhe foi dar batalha, onde foi desſtruido, ferido, e obrigado a ſe abrigar á Ilha de Vaipim. Entre todos os Principes da ſua Corte nenhum o quiz ſeguir ſenaõ o Caimal deſta Ilha, com os Portuguezes, a quem ElRei nunca quiz deixar, a fim de poder melhor cuidar na ſua conſervaçaõ.

ANN. de J. C. 1503.

D. MANOEL REI

Quiz outra vez o victorioſo Samorim provar a conſtancia do generoſo Trimumpára pelo caminho da brandura; porém naõ tendo a desſfortuna nada trocado em hum animo taõ fiel, deſafogou todo odio em Cochim, entrando na Cidade com furor, levando tudo a ferro, e fogo, e até ſe affoutou a hir acometer o Rei fugitivo no ſeu aſylo, bem que pela ſua Religiaõ tiveſſe immunidade Sagrada. Mas ſendo a Ilha bem fortificada, e defenſavel, ficaraõ fruſtradas todas as ſuas tençoens; e depois disſo o obrigáraõ tambem a recolher-ſe as chuvas, que começavaõ: deo todavia ordem á defenſaõ de Cochim, onde deixou alguns corpos de tropas para ſegurar a poſſe della, e voltou a Calecut ſoberbo com o ſucceſſo, com tençaõ de tornar a abrir a guer-

ra

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei

ra na entrada dos bons dias da Primavera.

Neſte trabalhoſo eſtado, em que ſe achava ElRei de Cochim a ponto de perder tudo, lhe acodio a Providencia com novo ſoccorro, que lhe cauſou tanto maior alegria, quanto menos ſe eſperava. Aſſentando D. Manoel que na India tudo paſſava com ſocego, naõ tinha apparelhado no anno precedente mais do que tres pequenas eſquadras de tres navios cada huma. Capitaneava a primeira Antonio de Saldanha com regimento de naõ paſſar além do golfo Arabigo, e de andar de guarda na boca do mar Roxo; as outras duas, que eraõ deſtinadas para a India, vinhaõ commandadas pelos dois primos com irmaõs Franciſco, e Affonſo de Albuquerque. Franciſco chegou primeiro á India, tendo perdido hum dos navios da ſua conſerva; e topou com quatro da armada de Vicente Sodré, commandados por Pedro de Attaide, de quem ſoube o que acontecera áquelle Capitaõ, e o triſte eſtado em que deixará Cochim, cujo Rei Sodré havia deſamparado no maior aperto. Eſtas noticias obrigáraõ ao Albuquerque a partir a pezar, do rigor do

tem-

tempo, que ainda durava: As mais circumſtanciadas noticias, que teve em Cananor do máo ſucceſſo da guerra de Cochim, o obrigáraõ a dar-ſe maior preſſa, e o fizeraõ reſolver a hir, ſem perder tempo, ſurgir na Ilha de Vaipim.

Ann. de J. C. 1503.

D. MANOEL REI

O Rei de Cochim, que foi dos primeiros, que reconheceo a bandeira, exclamou traſpaſſado de alegria, *Portugal, Portugal*, e correo ao porto a receber o General, a quem teve por ſeu Redemptor. Tendo-o Franciſco de Albuquerque cumprimentado da parte delRei ſeu amo, e tendo-lhe gratificado da lealdade, com que ſe houvera pelos ſeus intereſſes, lhe entregou os preſentes, que ElRei D. Manoel lhe mandava, e em nome deſte Principe lhe mandou dar dez mil cruzados do oiro, que elle tomou no theſouro da frota. Eſta liberalidade tanto a tempo, trocou os animos dos Indios vaſſallos de Cochim a reſpeito dos Portuguezes. Depois ſe offereceo Franciſco a ſervilo, promettendo-lhe reſtituilo ſem demora ao ſeu throno.

Naõ tardou com effeito o ſucceſſo á promeſſa; e tendo o General deſbaratado, e poſto em fuga a guarniçaõ, que o Samorim deixára na Ilha de

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

de Cochim, trouxe a ElRei em triunfo á sua Cidade Capital; e naõ se dando por satisfeito com isto, repartidos seis centos homens da sua frota pelos Capitaens, que o acompanharaõ, entrou nas duas Ilhas vizinhas, que eraõ dos Caimaes rebeldes, desbaratou as suas tropas, ficando hum dos Caimaes mortos no campo, queimou os Paços, talou as terras, e teve victoria de huma armada de 50 paráos, que eraõ do Samorim, fez varias correrias nas terras de Repelim, sempre com bom successo, e se recolheo a Cochim cheio de gloria. O que mais se distinguio nestas facçoens foi Duarte Pacheco Pereira. Fôra elle na primeira viajem de Vasco da Gama, e tinha-se assinalado á vista do Samorim na entrada da náo dos Elefantes, de que já fallei; e segunda vez foi á India Capitaõ de hum navio da esquadra de Affonso de Albuquerque, mas tendo-se separado delle com temporal, chegou primeiro, e á sua chegada obrou taes proezas, que pareceraõ preludios das acçoens heroicas, que fez passados poucos tempos.

O Rei de Cochim estava tam satisfeito, que o General assentou dever

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei.

ver aproveitar-se das felices disposiçoens, para lhe propor da parte del-Rei D. Manoel, que lhe deixasse ordenar na sua Cidade huma Fortaleza. Isto era verdadeiramente dar as maós á escravidaó, em que se hia metter; triste recompensa para hum Principe, a quem Portugal devia taes finezas; porém esta delicada proposta foi feita em taes circumstancias, disfarçada com taó especiosas razoens, que ainda que o Rei, e o seu Conselho antevissem certamente as circumstancias, com tudo as obrigaçoens presentes, e as circumstancias, em que estavaó, fizeraó naó sómente com que o Rei naó só conviesse, mas que concorresse com officiaes, e apparelhos para adiantar a obra. O General, que receava que o Rei se arrependesse brevemente de hum consentimento dado sem ponderaçaó, naó perdeo tempo. Escolheo hum sitio alto, que dominava a Cidade, e o Porto, delineou a planta da Fortaleza, e na falta de pedra, e cal mandou cortar troncos de palmeiras, que o Rei deo francamente. Quatro dias depois de começada a obra, chegou Affonso de Albuquerque, o qual, como trazia o mesmo regimento de Francisco, assim adiantou a

obra

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei

obra, de cuja direcçaõ tomou cargo, que ſe arrematou em breve tempo, como tambem a Igreja, que ſe fundou ſucceſſivamente.

Conſtava a Fortaleza de hum quadrado de madeiros, ſobre madeiros bem unidos, e pregados com prégos. Por dentro eſtava terraplenado, e cercado de hum foſſo, onde entrava a agua do rio; nos dois angulos do quadrado ſe fizeraõ duas torres, ou cavalleiros, em que ſe abriraõ boas baterias. A ancia, com que os dois Albuquerques ſe deraõ em aviar a carga para voltarem ao Reino, naõ lhes deo lugar a fazerem a Fortaleza de outra materia, nem tambem a Igreja, nem fazer obras mais ſolidas: terminaraõ-ſe eſtas obras com huma ceremonia ſanta, feita com a maior pompa, que permittiaõ as circumſtancias, em que ſe achavaõ os Portuguezes, a qual naõ deixou de ſer grata aos infieis, que admittiraõ os uſos da noſſa Religiaõ, e teſtemunharaõ a ſolemnidade com que a Igreja ſe benzeo, e ſe lhe deo por Orago S. Bartholomeo, dando-ſe á Fortaleza o de Sant-Iago. Os Auctores Portuguezes todos ſaõ de acordo, que Affonſo d'Albuquerque tomou neſte dia huma como poſſe Real das Indias,

e

e que com esta Fortaleza lançou os grilhoens á liberdade de todas estas provincias, e foi como a pedra fundamental de todas as mais, que elle mesmo fundou, ou depois delle se fundaraõ neste novo mundo, de que elle foi Conquistador.

Ann. de J. C. 1503.

D. MANOEL REI

Acabado este negocio, nada mais desvelou os Albuquerques do que fazerem entradas no paiz inimigo, e despicarem o Rei de Cochim dos seus vassallos rebeldes. Fizeraõ correrias, que se alcançavaõ humas a outras pelas terras do Caimal de Repelim, e do Caimal de Cambalam; talaraõ-lhe todo o senhorio, queimaraõ-lhe as povoaçoens, e mataraõ-lhe muita gente; mas como por toda a vizinhança corriaõ successivamente as noticias das suas hostilidades, em breve tempo se appelidaraõ tamanho numero de Naires, que os Portuguezes por varias vezes se viraõ em aperto, e obrigados a recolher-se apressados aos bateis. Naõ encontrando Duarte Pacheco o seu no sitio, onde o deixára, esteve em risco de ficar carregado do grande numero, mas com acçoens mais que humanas, deo lugar a que os Albuquerques o livrassem. Pouco depois retribuio igual beneficio a Affonso de

Al-

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei

Albuquerque, que devendo a elle a vida, lhe ficou tambem na obrigaçaõ de toda a gloria, que depois grangeou. Pacheco desbaratou tambem trinta, e quatro paráos de Calecut, que inquietavaõ o commercio de Cochim, e cruzavaõ por aquella Costa. Fariaõ os Generaes maiores progressos, ou talvez maiores estragos, se os naõ obrigasse a sobrestar nas suas sanguinosas execuçoens a bondade de Trimumpára, que se compadeceo dos proprios seus inimigos.

O Samorim, que nado disto ignorava, a quem já a guerra era pezada, persuadido aliàs pelo Principe Naubeadarim, que pelo seu amor á justiça, e o appreço, que fazia dos Portuguezes o tinha affeiçoado a elles, propôz a paz. Foi ella tratada, e ajustada com tamanha cautela, que os Mouros de Calecut o naõ souberaõ senaõ depois de ajustado, e assignado o Tratado. Foraõ as condiçoens delle: que viviria em boa harmonia com ElRei de Cochim; que despejaria todos os portos de navios seus, a fim de naõ inquietarem o commercio: obrigou-se além disso a pagar 500 bahares de pimenta, e alguns quintaes de outros generos em paga da fazenda, que tó-

fôra roubada a Aires Correa, e que ultimamente naõ permittiria, que os Mouros de Calecut commerciassem para o Golfo Arabico. Pertendia além disso Francisco de Albuquerque, que lhe fossem entregues os dois Christaõs transfugas; porém este Principe nunca quiz consentir em huma condiçaõ para elle taõ vergonhosa, e assim se omittio. Tornou a restabelecer-se em Calecut a Alfandega, e de huma, e outra parte se começaraõ a gozar os bens de taõ appetecida paz.

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei

Affonso de Albuquerque, que levava regimento de D. Manoel para hir tomar carga a Coulaõ, tinha já partido convidado com grandes offertas pela Rainha, que era alli Regente na minoridade delRei seu filho. O alto conceito, que ella tinha concebido dos Portuguezes, e das conveniencias do commercio, a obrigáraõ a fazer-lhes offerecimentos. He Coulaõ huma das mais antigas Cidades da India, da qual pertendem, que tenhaõ sahido as Colonias, que fundáraõ as Capitaes de diversos Reinos do Indostan; mas tendo esmorecido o seu commercio em razaõ da superioridade, que tomou a Cidade de Calecut, tinha decahido muito do seu antigo lustre; com tudo era ain-

da

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

da rica, e populosa; o seu porto era accommodado em hum Rio navegavel, e muito seguro, menos em alguns sitios, em que o Canal deste Rio estreita; e Affonso encontrou alli todos os commodos, que desejou. Fundou alli huma Feitoria com hum Feitor, e dois Escrivaens, e para sua guarda lhe deixou vinte homens. Tendo encontrado nesta Cidade alguns Christaõs de S. Thomé, lhes buscou aliviar o cativeiro, e alcançou do Governo o aliviar-lhes notavelmente os tributos, que eraõ obrigados a pagar; e tendo feito a sua carga deixou por Apostolo ao Padre Rodrigues, Religioso Dominicano, que sendo dotado de sciencia, e virtude, extendendo o seu zelo tanto aos Christaõs ignorantes, como aos Indios idolatras, fez grande fructo com huns, e com outros.

Naõ durou muito tempo a paz, bem que naõ fosse por culpa de Samorim; mas por effeito de hum lanço indigno da ambiçaõ de hum Portuguez. Tendo Fernaõ Correa, Feitor de Cochim, noticia de que passava para Cranganor hum parão carregado de pimenta por conta do Samorim, mandou-o tomar. Por mais que o Patraõ delle allegasse com a paz, e tratado

de

da aliança de novo ajuſtada, dizendo que o paráo era do Samorim, e que hia para pagar parte do que ſe devia dar aos Portuguezes, a quem ſe haviaõ já entregado 800 bahares, naõ foi attendida a ſua razaõ, e o paráo foi tomado com violencia, mortos ſeis Indios, e outros muitos feridos. Eſpalhada por Calecut huma acçaõ tam oppoſta ás leis da equidade, e da razaõ, cauſou alli grande eſpanto, e juſta indignaçaõ; mas Naubeadarim ſempre comedido tranquillizou os impetos colericos do Samorim, eſperando que ſe lhe fizeſſe juſtiça; mas Franciſco de Albuquerque, a quem ſe vieraõ queixar, fez diſſo taõ pouca conta, que bem fóra de reſtituir a preza, nem ſe quer tomou reſpoſta, e menos tratou de dar apparencias de ſatisfaçaõ; e tendo promptos, e carregados todos os navios, ſe diſpunha a paſſar a Europa.

ANN. de J. C. 1503.

D. MANOEL REI

Agaſtado ſobre maneira o Samorim, e reſolvido a deſpicar-ſe, fez os maiores apercebimentos para tornar ás hoſtilidades. Noticiado Affonſo d'Albuquerque por Coge Bequi, e pelo Feitor de Calecut, deo aviſo a Franciſco; e tendo o Rei de Cochim noticia de tudo pelas ſuas eſpias, ante-

ven-

Ann. de J. C. 1503.

D. MANOEL REI

vendo que toda esta borrasca viria rebentar sobre elle, applicou todos os meios para a desvanecer; mas inutilmente. He verdade que Francisco prometteo a ElRei deixar-lhe tropas, que o defendessem, e com effeito lhe deixou 50 homens na Fortaleza de Sant-Iago. Deixou-lhe mais hum navio, e duas caravelas com outros cem homens, capitaneados por Duarte Pacheco, o qual, depois de se haverem escusado todos os mais Capitaens, se sacrificou nesta occasiaõ pela gloria de Deos, e honra da sua naçaõ; e com effeito o sacrificio era tal, que Francisco de Albuquerque, e os de mais Capitaens, que ponderavaõ quaõ minguado era o soccorro, já olhavaõ para Pacheco, e os que comsigo tinha, como homens perdidos, cujas almas se podiaõ d'antemaõ encommendar a Deos, como se fossem já defuntos. Com tudo embaraçando-se pouco com o que succederia, se fizeraõ á vela para Portugal, tendo primeiro pedido ao Samorim os Portuguezes, que lhes retinha em Calecut, bem que antevissem que lhos naõ entregaria.

Confesso, que este comportamento dos Albuquerques parece que causaõ espanto, e poem mancha na sua glo-

gloria: o que poderia desculpar Affonso, he que dos seus Commentarios parece, que elle teve algumas discordias com seu primo, que fazendo as vezes de primeiro General, se havia com muita altivez, aconselhava-se poucas vezes com elle, e até affectava dominalo. Por outra parte parece que Affonso tinha regimento de estar ás ordens de Francisco, no que respeitava á vinda: como quer que fosse Affonso partio primeiro, e chegou a 16 de Julho de 1504 a Lisboa, onde foi bem recebido delRei, a quem fez presente de dois formosos cavallos Persas, os primeiros, que passárao a Portugal, e de algumas *Arrantas*, ou medidas de perolas de preço, e outra mais consideravel de semente de perolas. Francisco correo a mesma sorte dos Sodrés, cujo ruim exemplo tinha imitado Nicoláo Coelho, e elles se perderaõ, sem que jámais se soubesse onde, nem como. Pedro de Attaide outro Capitaõ, que vinha na sua conserva, deo na Costa de Ethiopia superior; (*) mas salvou-se a gente, e depois de muitos trabalhos passaraõ huns a Moçambique, e outros foraõ a Melinde.

ANN. de J. C. 1503.

D. MANOEL REI

(*) *Nos baixos de S. Lazaro.*

Duarte Pacheco, que acompanhá-

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

———ra os Albuquerques em Coulaõ, e de Calecut, deo pressa em voltar a Cochim, logo que elles se fizeraõ á vela. Achou o Rei de Cochim muito esmorecido com hum falso rumor, que os Mouros tinhaõ maliciosamente espalhado, tendo capacitado este Principe de que vendo Pacheco as poucas forças, e a impossibilidade de fazer cara a tamanha potencia dos inimigos, tencionava acolher-se a Coulaõ, ou Cananor com todos os Portuguezes, e que quando elle menos o cuidasse o desampararia indefeso, feito alvo de todo o odio do Samorim, sem que elle podesse esquivar-se aos tristes effeitos da indignaçaõ daquelle, visto que tanto os seus perfidos aliados, como seus mesmos vassallos se dispunhaõ a desamparalo. Trimumpára, em quem estes discursos tinhaõ feito grande abalo, naõ pôde conter-se, que naõ fallasse a Pacheco, e lhe mostrasse a sua suspeita. Pacheco naturalmente aspero, e que via quanto esta desconfiança offendia a sua honra, e melindre, se agastou taõ furiosa, e vivamente, que perdeo o respeito devido á Magestade, de sorte, que o Rei soçobrou hum pouco, porém como este Principe tinha prudencia,

cia, fazendo disto mesmo conceito da sinceridade de Pacheco, e do seu valor, de que já tinha provas abonadas, ficou inteiramente consolado. Pacheco abrandando depois lhe deo taõ boas razoens para acabar de o persuadir, accompanhadas de persuasoens taõ efficazes, e taõ cheias de confiança, e presumpçaõ, que ElRei esteve por tudo quanto elle quiz, e por seu Conselho mandou a todos seus vassallos, que lhe obedecessem como a elle proprio, prohibindo com pena de vida, que ninguem sahisse dos seus Estados.

Ann. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

Depois disto chamou Duarte a sua casa os principaes Negociantes Mouros de Cochim; congregados elles, lhes fez huma falla cheia ao principio de muitos elogios, e cumprimentos. „ Louvou-lhes o zelo, e o seu antigo amor „ ao Estado, mostrou-lhes depois com „ todo o encarecimento a tençaõ com „ que elles, e todos os Portuguezes „ estavaõ de derramarem até a ultima „ pinga de sangue em defensaõ dos seus „ bens, e vida; mas ao mesmo tempo „ lhes mostrou quaõ vergonhoso, e perjudicial seria desampararem elles a patria, as familias, as casas sem mais „ fundamento do que o de hum terror „ panico, rematando em fim, que se

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

„ entre elles havia algum taõ covarde, „ que quizesse seguir este partido, se el„ le ou viesse a presumir similhante de„ signio de fugirem, ou lhe cahissem nas „ maõs hindo em fuga, os mandaria „ sem falta enforcar. „ O semblante se lhe inflamava á proporçaõ, que hia discorrendo, mas estas ultimas ameaças foraõ proferidas com tal vehemencia, e colera, que aquelles pobres infelices se affiguravaõ já com a corda ao pescoço, e se lhe lançaraõ aos pés protestando a sua fidelidade para com os Reis de Portugal, e Cochim, por quem estavaõ promptos a sacrificar tudo. Duarte, com o mesmo espirito de politica, que o incitára a fallar-lhes, affectando naõ os ouvir, se levantou de repente, e voltando-lhes as costas, sahio a fim de lhes inspirar mais terror.

Como as palavras nunca tem tanta efficacia como as obras, mandou fazer huma exacta ronda de dia, e noite, desejando, e buscando occasiaõ de verificar as ameaças, que fizera, a fim de os intimidar mais com algum lanço de vigor; porém como ninguem se afoutava a sahir pelo grande temor, que tinhaõ delle, recorreo a hum estrategema, que sortio o mesmo ef-

feito. Encontrou a caſo alguns barcos de Indios peſcadores, e fingindo julgalos fugitivos deo ordem para ſerem enforcados. Derramada pela Cidade eſta noticia os mandou pedir ElRei, a quem elle reſpondeo altivo que a execuçaõ já eſtava feita, e que no caſo que naõ eſtiveſſe, elle os naõ entregaria: com effeito os mandou eſconder, e paſſado algum tempo os mandou entregar a ElRei em ſegredo. Eſte ardil lhe foi de proveito, e conteve todo o povo na ſua obrigaçaõ.

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

Para moſtrar por outra parte quaõ pouco medo tinha do Samorim, começou as hoſtilidades nas ſuas terras, e dos Caimaes ſeus confederados, entrando, e queimando cada dia já huma povoaçaõ, já outra; mas com taõ acceleradas correrias, com tal actividade, e ventura, que os meſmos Indios das ſuas tropas, que naõ podiaõ comprehender o como elle podia reſiſtir a tantas fadigas, nem vencer tanto, o temiaõ ſummamente dizendo delle que naõ era homem, mas demonio.

Chegados ao Samorim os clamores das continuas hoſtilidades, o obrigáraõ a naõ perder tempo em abrir a campanha: marchou a grande paſſo para Repelim acompanhado de muitos

Reis

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

Reis ſeus tributarios, e de 50ꝯ homens, de que ſe compunha o ſeu exercito por mar, e terra, reſoluto entrar a Ilha de Cochim pelo váo de Cambalam. Por extremado que foſſe o valor de Pacheco, conheceo melhor, que ninguem, que era quaſi impoſſivel reſiſtir contra taõ grande numero de inimigos ſó com 150 homens, em quem unicamente podia confiar, e que era neceſſario repartir. Todavia, como muitas vezes da neceſſidade ſe tiraõ forças, e de hum genero de deſeſperaçaõ, mandou-os juntar, e lhes repreſentou taõ vivamente as circumſtancias, em que ſe achavaõ, apertando-os igualmente, ou de indiſpenſavel obrigaçaõ, ou de empenharem as ultimas forças em defeza dos ſeus bens, liberdade, e vida, e honra da ſua naçaõ, ou de acabarem ſem honra, que excitados, e como alheados da vehemencia do diſcurſo ſe abraçaraõ mutuamente, obrigando-ſe todos com os mais ſagrados juramentos, primeiro a ordenarem a ſua conſciencia, fortalecendo-ſe com os Sacramentos, e de antes morrerem do que deſampararem huns aos outros, recuarem, ou darem o mais leve indicio de temor.

Sa-

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

Satisfeito elle da nobre emulaçaõ, que divisava em todos os destemidos soldados, que capitaneava, os repartio pelo modo seguinte. Pôz na Fortaleza de Cochim 39 homens capitaneados pelo Feitor Aíres Correa, injusto, e imprudente auctor desta guerra. Entregou 25 a Diogo Pereira, Capitaõ do navio, que deixou de guarda á Cidade: huma das suas caravelas, que necessitava ser crenada, ficou no estalleiro sem servir: o resto dos soldados repartio pela outra, e por dois bateis, em hum dos quaes hia elle, para com este debil soccorro hir para o váo de Cambalam, que emprehendeo defender. Antes de partir se foi despedir delRei, que lhe entregou 500 Naires, commandados por dois Caimaes, a quem acompanhou o Thesoureiro das suas rendas. A affectada segurança de Pacheco naõ consolou este Principe, que ao despedir-se delle naõ pôde enfrear as lagrimas, persuadido de que elle se hia aventurar a morrer infallivelmente, comparando as suas acanhadas forças com a multidaõ sem conto de seus inimigos.

Chegado á passagem do váo, pôz logo Pacheco em fugida 800 Naires,

res,

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

res, que lhe quizeraõ diſputar o deſembarque: lançou depois ancora na meſma paſſagem, de ſorte que a caravela, e os dois bateis quaſi a impediaõ toda, amarrados huns aos outros com groſſos cabos, e com cadêas de ferro, que difficilmente ſe podeſſem cortar.

No meſmo dia chegou o exercito inimigo, e na ſeguinte noite mandou o Samorim, por conſelho dos dois Chriſtaõs transfugas, armar hum cavalleiro á borda do mar, e aſſentar huma bateria. No ſeguinte dia, que era Domingo de Ramos, dia apontado pelos ſeus feiticeiros, como dia feliz, e deciſivo, ſe moveraõ os inimigos para batalharem ao romper do dia: eſtava a terra cuberta de tropas, que deviaõ forçar a paſſagem, commandadas pelo Samorim em peſſoa: a frota vinha mandada por Naubeadarim, e pelo Caimal de Repelim ſeu Tenente, e tomava todo o eſteiro, compondo-ſe de 150 vaſos de remo de diverſas eſpécies, a ſaber de 76 paráos com ſuas arrembadas, e cada hum com duas peças pequenas de artilheria, vinte e ſinco frecheiros, e ſinco arcabuzeiros; ſincoenta e quatro catures, e trinta tones, que cada hum ti-

tinha huma peça de artilheria, de feis foldados differentemente armados. A' vifta defta multidaõ de inimigos, o brilhar das armas, o fom dos inftrumentos, a fua algazarra affim amedrentaraõ os Naires do Rei de Cochim, que fe puzeraõ a fugir; e nem hum fó dos vaffallos defte Rei fez cara, menos os dois Thefoureiros, que, como eftavaõ na caravela, foraõ retidos a feu pezar pelos Portuguezes, que da fua parte moftravaõ o maior animo, que podiaõ correfpondendo á vozería do exercito inimigo.

ANN. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

Romperaõ o ataque vinte paráos encadeados, e armados de ganchos de ferro para atracar a caravela; por algum tempo fe pelejou quafi ás efcuras por tolherem o dia huma nuvem de fettas, que entaõ fe tiravaõ, e o fumo da artilheria, e como os inimigos eftavaõ taõ apinhados, que fenaõ podiaõ revolver, era maior o eftrago entre elles, do que entre os Portuguezes, que naõ deixaraõ de padecer algum tempo feu incommodo da artilheria dos paráos; mas mandando Pacheco difparar a tempo dois tiros mais groffos, meteo no fundo quatro, e quebrando a cadêa pôz os outros em fugida. Succedendo a fegunda linha

de

Ann. de J. C. 1504. D. Mamoel Rei

de paráos á primeira, meteo mais 20 delles no fundo, desarmou treze, e o resto lhe fugio. Passando o Caimal de Repelim, que regia a terceira linha, a occupar o lugar dos outros, se meteo entaõ no váo o exercito inimigo. Entaõ começou o combate a ser mais arriscado, por vir o ataque de duas partes, e tornar a começar com maior furia, e durou até à noite, tendo os inimigos, cujo animo começou a esmorecer, muito máo successo; por quanto os ultimos paráos se naõ quizeraõ chegar de mui perto ao combate, e foraõ obrigados a recolher-se com perda de 1500 homens, sem que os Portuguezes, que sempre attribuem os bons successos mais a milagre, do que ao seu valor, tivessem mais do que alguns poucos feridos.

O Samorim, bem que já desconfiado desta primeira desgraça, todavia alentado pelos seus feiticeiros, que lhe prometteraõ melhor successo no dia de Pascoa, assentou experimentar neste dia novo ataque: engrossou a frota do mar: era ella de cem paráos, cem catures, e oitenta tones, com 380 peças d' artilheria, e 15☉ homens. Repartio-a em dois corpos, hum dos quaes devia hir

aco-

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

acometer o navio, que tinha ficado em defeza da Cidade, em quanto o outro emboſcado no Rio de Repelim havia de paſſar o váo, em quanto o General andava auſente, que antevia naõ faltaria em acodir a defender o navio. Pacheco tinha noticia do dia do ataque pelas eſpias, que trazia; mas naõ ſabia o ardil, e eſtando preparado para defender o váo, ficou eſpantado de naõ ver nada; quando lhe chegou hum recado do Rei de Cochim, aviſando-o do riſco, em que eſtava o ſeu navio. Das duas caravelas, que já eſtavaõ para combater deixou huma, e hum dos bateis em guarda da paſſagem, pelo que podia ſucceder; e com outra caravela, e batel correo a ſoccorrer o navio, ajudado da enchente, e do terreno, que era a favor: a ſua preſença deſordenou os inimigos, ſem que toda a diligencia dos ſeus Generaes os podeſſe deter, e como lhes naõ podia ſeguir o alcance, proſeguia o caminho para o navio, quando os tiros de artilheria dos que metiaõ, e defendiaõ a paſſagem do váo, lhe deo aviſo: por ventura mudara o vento com a maré, e em poucas horas chegou ao combate, a tempo que já a caravela eſtava

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

va arrombada á flor d'agua, e a artilheria lhe tinha arrombado todos os bordos, como tambem do batel: andava a briga grandemente aceza de huma, e outra parte, e os Portuguezes já naõ podiaõ de cançados; mas causando a chegada do General igual temor neste novo ataque, que no primeiro, vendo-se os inimigos acometidos pelo flanco, só trataraõ de fugir, deixando perdidos perto de 300 homens, e 19 paráos, que os Portuguezes queimaraõ, sem terem mais perda, menos algum pequeno dano, e feridas de pouca conta, do que o grande trabalho deste dia.

A indignaçaõ do Samorim naõ lhe deixou esperar mais tempo para dar outro combate, que para o dia seguinte; o General, que por hum Bramane teve disto aviso, mandou aos seus que se apparelhassem, e que deixassem chegar os inimigos o mais que podessem, sem fazerem motim. O silencio lhes deo animo: vieraõ em grande numero e quasi desordenados, e apenas estavaõ a tiro, feito o sinal pelo General, desparou toda a artilheria, e mosquereria taõ viva, e felizmente, que lhes cortou de todo o animo. Por mais diligencias, que por va-

varias vezes fizessem pelos tornarem a trazer ao combate, o Naubeadarim, e o Caimal de Repelim envergonhados das injurias, reprehensoens, e opprobrios, com que os tratou o Samorim, nunca quizeraõ tornar a fazer rosto aos Portuguezes, e estiveraõ sempre afastados até ao fim do combate, que parou em vergonhosa fuga, e perda de mais de 20 paráos, e perto de 600 homens.

A afflicçaõ, que causou ao Samorim taõ vergonhosa retirada, o obrigou a deixar a empresa de nunca mais acometer esta passagem, em que tinha teimado por vaidade. Sem demora levantou o campo, e bagagens, e se retirou com precepitaçaõ. Pacheco lhe seguio a retaguarda, e no mesmo dia queimou dois Pagodes, huma pequena povoaçaõ, e desfez hum corpo de tropas. Por mais cançados que os Portuguezes estivessem, o General naõ lhes deixava tomar descanço, por naõ dar tempo ao inimigo de respitar, e como tinha a tempo noticia de todas as resoluçoens, como aquelles ataques eraõ sempre determinados pela superstiçaõ, e pela fatua escolha de dias faustos, e infaustos, aproveitava-

se

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

se de todos os intervallos, e sempre o encontravaõ, onde menos o esperavaõ: já queimava huma aldêa, já carregava sobre hum destacamento da frota, já cahia sobre hum quartel, sempre hia seguro, e nunca se recolhia sem effeito, e sem ter tido algum successo consideravel.

O Samorim estava taõ raivoso, que por mais vergonhoso, que julgasse deixar huma empreza começada com tamanha despesa, e estrondo, e com taõ numeroso exercito, contra taõ poucos soldados, sem que a podesse levar ao fim, teria pedido, e ajustado a paz, como propôz no seu Conselho, se o naõ desviassem disso o Caimal de Repelim, e os Bramanes, dandolhe esperanças de melhor successo, tentando a passagem por Palinhard, e Palurd, por onde passára a primeira vez, que entrou em Cochim.

Resolvido pois a esta nova tentativa, conduzio o seu campo. Pacheco pelos avisos que tinha, e caminho que levava o Samorim, assentava que elle se recolhia a Calecut; mas melhor informado depois da sua marcha, e sabendo que já algumas tropas destacadas tinhaõ entrado na Ilha de Araul, onde cortavaõ ramos de arvores, o que en-

entre os Indios ſe tem como ſinal de victoria, accodio alli, e carregou ſobre elles com tal rapidez, que os pôz em fugida, encravou-lhe a artilheria, que já eſtava em bateria, e mandou cortar as arvores, que havia na ponta da Ilha.

Ann. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

Os dois váos de Palinhard, e Palurd, diſtantes meia legoa hum do outro, davaõ aos Portuguezes o commodo de ſe naõ poderem paſſar ambos no meſmo tempo: o primeiro naõ ſe podia paſſar pela infanteria, ſenaõ na vazante, e ainda entaõ com muito cuſto pela altura do lodo, e baſta eſtacada, que havia da outra banda: o ſegundo dava paſſagem em barcos na prea-mar, mas naõ podia abſolutamente paſſar-ſe vazando a maré: Pacheco, que tinha reparado neſtas circumſtancias, vio que podia accodir a defendelas ambas; e tendo poſto as duas caravelas na paſſagem de Palurd bem ancoradas, e ligadas humas a outras com cadêas de ferro, andava ao tom da maré nos dois bateis bem artilhados, de ſorte que chegava a Palinhard no fim da vazante, e com a maré voltava ao paſſo de Palurt. Neſte trabalho continuou ſem deſcançar de noite, e de dia, fizeſſe o tempo, que fizeſ-

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

fizesse, em quanto teve inimigos, de que se defender. Naõ lhe deraõ estes muito tempo, pois o acometeraõ no primeiro dia de Maio com hum exercito taõ numeroso como o primeiro, mas com igual successo, e deshonra, alcançando os Portuguezes quarta vez delles victoria.

A peste, que por este tempo lavrava com grande estrago pelo exercito do Samorim, o obrigou a retirarse por algum tempo, e deo lugar ao General de espalmar os navios, juntar muniçoens de guerra, e boca, e fortificar as passagens. No que dava váo á gente de pé, mandou meter estacas, e outras invençoens com pontas de ferro, mas encravando-se estas demaziado no lodo, mandou meter estacas aguçadas de madeira dura, que a seu tempo fizeraõ bom effeito: depois fortificou o váo, metendo huma estacada por todo o Rio, de huma passagem á outra, que era guardada pelos Naires capitaneados pelo Principe de Cochim em pessoa.

Mitigada algum tanto a peste, tendo os feiticeiros escolhido o dia para a passagem do váo de Palinhard, mandou o Samorim avançar as tropas nesta ordem. Marchavaõ diante 3000

Nai-

Naires de guarda á artilheria, que eraõ 30 peças montadas em carretas. Seguia-se immediatamente a vanguarda, que constava de 12ↀ homens, em que entrávaõ 200 archeiros, e trinta espingardeiros, capitaneados pelo Principe Naubeadarim. O Caimal de Repelim dava as ordens ao corpo da batalha, que constava de outro igual numero de tropas. Fechava a marcha o Samorim com a retaguarda, que se compunha de 15ↀ homens, nos quaes haviaõ 400 armados de machados para cortarem as estacas. Tinha Pacheco para fazer rosto a todo este exercito somente quarenta homens em dois bateis, e em cada hum delles seis pedreiros, dois falconetes, e outra peça de maior calibre. Aguardou, sem fazer movimento, que a artilheria inimiga se ordenasse, e começasse a disparar; e chegando entaõ os seus dois navios mandou laborar a sua com tanto vigor, que forçou os inimigos a retrocederem até hum palmar, do qual ainda algum tempo teimaraõ em atirar sobre elle: no emtanto chegou Naubeadarim com a vanguarda, e com grande resoluçaõ entrou no váo, onde foi recebido com muito valor da parte dos Portuguezes, que

ANN. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

descarregaraõ sobre elle muitos tiros de artilheria, mosquetes, e granadas. A novidade destas pôz em grande desarranjo, e causou grande temor nos inimigos, cujo animo se quebrantou algum tanto. Pacheco, que receava que o seu batel naõ ficasse em seco no lodo, se vio precisado a mandar adiantar Christovaõ Jusarte, Capitaõ do segundo batel, que era mais pequeno, a fim de occupar a entrada, ao mesmo tempo, que elle se retirou hum pouco para o defender, esperando pela maré, que naõ podia tardar, para se hir incorporar com elle.

Este movimento naõ diminuio nada da acçaõ dos Portuguezes. Ao mesmo tempo os Naires de Cochim, que estavaõ defendendo a estacada, fugiraõ por traiçaõ de hum Caimal, parente de Trimumpára, que tendo deixado o partido deste Principe para seguir o do Samorim, tinha de novo passado deste a congregar-se com o de Cochim, a quem ainda era traidor. Estava ausente o Principe de Cochim, que havia de commandar estas tropas, nem tinha noticia do combate: o General o mandou noticiar por hum Bramane, mas o perfido Bramane lhe naõ deo noticia, senaõ qnando deo

por

por acabada a acçaõ. Juſarte que notou a deſerçaõ dos Naires, clamou a Pacheco para o noticiar della, mas o eſtrondo da artilheria, e a vozeria dos ſoldados era tamanha, que o General o naõ ouvio.

ANN. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

As mais tropas ſe tinhaõ incorporado ao exercito, e tudo carregava ao meſmo tempo: o Samorim aventurando a peſſoa, como qualquer ſoldado raſo, animava os ſeus com os geſtos, e com palavras: conhecendo-o Pacheco pelas inſignias Reaes, mandou atirar-lhe com hum falcaõ, que matou dois Naires, que o acompanhavaõ. O Samorim naõ fez mais do que afaſtarſe hum pouco, ſem deixar de exhortar Naubeadarim, e o Caimal de Repelim, que alentaſſem as gentes, antes que a maré ſubiſſe: eſtes incitavaõ os ſoldados ás pranchadas, e com effeito ſe meteraõ aſſás pelo váo; mas dando com as pontas das eſtacas, entaõ encravados nellas com dor, e incommodados por outra parte do fogo dos bateis, ſe converteo tudo em clamores, e gemidos de gentes, que acurvavaõ huns ſobre os outros, e que naõ podendo retroceder, como queriaõ, ficavaõ muito mais atolados na vaſa, onde muitos acabavaõ afogados.

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

Até este tempo tudo hia a bem dos Portuguezes; mas cortada a estacada, que ficára sem guarniçaõ, e de que o General naõ dera tino, se vio em hum instante quasi cercado. Já o inimigo lhe prendia os remos dos bateis, sem que elle pudesse manobrar. Entaõ conheceo o risco, e vendo-se perdido, accodio a Deos de todo o coraçaõ, que lhe valesse: parece que a maré accodio a ponto ao seu rogo, e com effeito foi o momento decisivo. A' medida que a agua crescia, se desembaraçaraõ os Portuguezes, e os inimigos pelo contrario se viraõ forçados a ceder; de sorte que vindo a ser impossivel a passagem, se vio o Samorim obrigado a tocar a recolher, e levar as tropas ao campo, tendo perdido mais gente nesta acçaõ, do que em nenhuma das precedentes. A sua mesma pessoa correo maior risco nesta retirada: Diogo Rafael, que o conheceo, e era Capitaõ de huma caravela do passo de Palurd, lhe apontou huma peça, que desparando matou tres pessoas das mais principaes da sua Corte, taõ vizinhas á sua pessoa, que ficou salpicado do seu sangue, e se vio obrigado a descer do palanquim, e salvar-se á pé.

Au-

Augmentava-se a indignaçaõ no animo deste Principe com as suas desditas: e enfastiado da falta de attençaõ, com que o trataraõ fazendo-lhe pontaria, agoniado com a perda de tantas batalhas, accusaõ-no de que tomasse por expediente huma traiçaõ, e ardil, vendo sempre infructifera a força declarada. Dizem que abraçando o parecer do Caimal de Repelim, espalhou varios assassinos pelo campo, a fim de matarem o General Portuguez, e que se valeo de outros, que deitassem veneno nas aguas dos poços, e fontes; e que tinha tramado outra conspiraçaõ para queimar o navio, e a Cidade de Cochim. O General, que era informado de todos estes conselhos verdadeiros, ou fingidos, e talvez armados para intimidar, affectou desprezalos, e naõ deixou de tomar com segredo todo o resguardo para os atalhar, e querendo consequentemente pagar ao inimigo, e intimidalo, lançou voz de ter feito certo desenho, e de huma maquina em que trabalhava, em que era infallivel cahir o Samorim em pessoa. Toda esta maquina se reduzia a fortificar a passagem do váo, em que abrio profundos vallos, e fazer hum reducto,

ANN. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

no

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

no qual armou huma eſpecie de força, em que na India coſtumaõ justiçar o povo baixo. Perguntado pelos Naires de Cochim para que ſervia, reſpondeo friamente, que era para alli enforcar o Samorim, cuja reſpoſta aſſim os aſſombrou, que naõ ouſaraõ replicar-lhe; mas o Samorim ſe intimidou por tal maneira, que immediatamente mandou duas peſſoas propor a paz, ſem dar diſſo conta a ninguem mais do que ao Principe Naubeadarim ſeu ſobrinho, que ſuſpirava por ella. Naõ a deſejava menos o General, mas como os Deputados particulares naõ moſtravaõ plenos poderes, e tratavaõ o negocio como da ſua parte, e em nome particular, inculcou o General fazer pouco caſo delles, e reſpondeo, que ſe o Samorim lha requereſſe, entaõ veria o que devia reſponder.

Eſta tranquilla altivez, e apparente deſprezo, ajudado aliàs do bom ſucceſſo das continuadas correrias, ſempre naõ eſperadas, acabaraõ de deſalentar o Samorim, e lhe augmentaraõ o terror; e naõ tendo mais eſperanças de paz, aſſentou experimentar outra vez o ſucceſſo da guerra, já com menos cuſto, pelo per-

persuadirem do bom exito de certas maquinas, cujo desenho era da invenção de hum engenheiro Arabe, com o fim de queimar com ellas as náos dos Portuguezes. Constavaõ estas maquinas de oito castellos de madeira, posto cada hum sobre dois paráos amarrados hum ao outro, e podiaõ estar nelles dez arcabuzeiros, que ficando mais altos, do que os navios, estavaõ sobranceiros á ponte, e combater com vantajem. Pacheco, que teve informaçoens destas maquinas, se apparelhou para lhes resistir, e para isto juntou ambas as caravelas huma a outra com a poppa em terra, sobre rageiras para alargarem, a fim de que os paraós inimigos naõ lhes pudessem chegar na acçaõ: fez em cada huma dellas hum castello de proa sobre os gurupezes com meios mastros, onde podiaõ estar seis homens em cada hum; e a fim de desviar de si os castellos dos inimigos, fez diante em conveniente distancia huma ponte de oitenta mastros de oito braças quadrada, bem segura com seis ancoras grandes com cadèas de ferro.

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

Escolhido para este grande combate o dia da Ascençaõ, marcharaõ o exercito de terra, e a frota ao

rom-

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

romper do dia. A primeira devia tentar a paſſagem do váo de Palinhard, ao meſmo tempo que a frota combateſſe com as caravelas na paſſagem de Palurd, onde deviaõ pôr o maior empenho. Levavaõ a ordem ſeguinte: vinha diante grande quantidade de balſas de fogo, que hiaõ ſobre jangadas, compoſtas de toda a caſta de materias combuſtiveis, que acezas, e ſendo largadas contra os navios, deviaõ ſer levadas pela corrente. Seguia-ſe a frota diſpoſta em tres linhas. Compunha-ſe a primeira de 20 paráos, parte ſoltos, parte prezos huns aos outros: a ſegunda de cem catures, e 80 tones; e detraz de tudo vinhaõ as oito maquinas, a quem prometiaõ taõ grande effeito, mas todas eſtas eſperanças do inimigo pararaõ em nada, e todos os ſeus projectos ſerviraõ de lhe cauſar maior perda, e enchêlo de maior confuſaõ.

As fogueiras acezas ſoltas á vazante, e deſviadas pela ponta dos Portuguezes, que fazia huma eſpecie de eſporaõ, ſe gaſtaraõ baldadamente; e bem fóra de ſortir o effeito, que os inimigos ſe prometiaõ, embaraçavaõ que a ſua frota pudeſſe paſſar ávante em razaõ do ſeu fogo, ficando aſ-

ſim

ſim ſervindo de alvo todo o tempo, que durou o incendio, a hum grande fogo de artilheria dos Portuguezes mais forte, e bem manobrada, do que a dos Indios; de ſorte que naõ perdia hum tiro, e o rio andava atulhado de mortos, e moribundos, e de eſtilhaços de embarcaçoens, metendo humas no fundo, e deſtroçando outras, de ſorte que fugiaõ do combate, e augmentavaõ a confuſaõ, e deſordem.

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

Pelo que diz reſpeito ás grandes, e peſadas maquinas, como era trabalhoſo o ſeu governo em razaõ dos dois lemes, que eraõ neceſſarios para o governo de cada huma dellas, embaraçando hum o effeito, do outro, ſómente duas ſe pudéraõ chegar taõ perto, que fizeſſem alguma coiſa. Entaõ tornou a começar a briga com maior furor, e ſe ſuſteve algum tempo, em que a fortuna balançeou a victoria com incerteza, mas mandando o General diſparar alguns tiros com huma colubrina, a que chamaõ Camelo, as duas maquinas feitas em rachas tombaraõ para o mar com horrivel bulha, e perda de quantos nellas eſtavaõ.

Naõ teve o Samorim melhor ſuc-

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

succeſſo na paſſagem do váo de Palinhard. Aqui ſe defenderaõ com ſummo valor Simaõ d'Andrade, e Chriſtovaõ Juſarte, que capitaneavaõ os bateis, de Lourenço Moreno, que regia alguns paráos dos Indios, e o Principe de Cochim, que eſtava com os ſeus Naires de guarda da eſtacada; até que ſubindo a maré, reſolveo a fortuna deſte dia, o mais funeſto de todos para o Samorim, que naõ ſabendo a que attribuir tantas deſgraças, ſe á falta de animo dos ſeus Generaes, e tropas, ou á impoſtura dos ſeus feiticeiros, que por tantas vezes o tinhaõ enganado, tendo algum tempo tenteado na ſua mente, ſe deixou levar do deſgoſto, e levantou o campo em dia de S. Joaõ para ſe retirar a Calecut. Dizem que perdêra neſta guerra, que durou quaſi ſinco mezes, 18 para 20ф homens, parte delles na peſte, e parte acabando com as armas. Naõ ſe faz conta com a perda da artilheria, navios, e mais apparelhos de guerra.

Acompanharaõ ao Samorim até Calecut hum tropel de deſgoſtos. A todo o inſtante lhe naõ ſahia da memoria o eſpectaculo deſta Cidade cheia de dô, as queixas de ſeus habitado-

res

res arruinados; a deserçaõ, e o desamparo dos Reis confederados, ou vassallos do Rei de Cochim, que todos, até o mesmo Caimal de Repelim, se tinhaõ congraçado com elle: a prosperidade deste Principe vencedor, que puchava a si todo o commercio, e desfructava ufano a doce consolaçaõ de o haver humilhado; a confiança do General Portuguez, que vaidoso das suas victorias se aproveitava da geral consternaçaõ, e ostentava ser sempre senhor; tudo isto lhe fez taõ profunda impressaõ, e o sepultára em taõ alta melancolia, que deixando as redeas do governo, renunciou o Reino, e se retirou a hum *Turcol*, especie de Ermida, para alli passar o resto dos seus dias em penitencia, e servindo aos seus Deoses.

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

Naõ tardou em espalhar-se por toda a India a noticia de taõ estrondoso retiro, o que acabou de lhe estragar os interesses; mas este recolhimento naõ durou muito tempo; sua Mãi, mulher de muito animo, e de bom entendimento, assim o estimulou ácerca da pusillanimidade de huma devoçaõ vergonhosa pelo desgosto, e pela fuga, e assim deo calor ao seu resentimento com novo desejo de vingan-

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

gança, que o obrigou a ſahir dalli, e a tornar ao Throno.

Porém já naõ era tempo de ſe deſpicar. Era a eſte tempo chegado com treze navios da ſua frota, e alguns outros, que ſe lhe achegaraõ no caminho, Lopo Soares d'Alvarenga, a quem o Rei de Portugal deſpachára eſte anno, pelas informaçoens, que lhe deo o Almirante. As novas, que Soares achou em Melinde, Mombaça, e Cananor, das proezas, que tinha obrado Pacheco, aſſim infunaraõ o ſeu animo, que ſe tornou ſummamente altivo, e deſprezador. O Samorim, a quem a vinda do novo General tinha abrandado muito, deſejava ancioſamente a paz, e tinha disfarçadamente ordenado, que ſe mandaſſe a Cananor a comprimentalo, e pedirlhe a paz da parte dos Portuguezes cativos de Calecut, e principaes mercadores deſta Cidade; mas Soares mal lhe quiz dar audiencia. Repetiraõ a diligencia preſenteando-o com refreſcos de toda a caſta, quando appareceo na barra de Calecut; mas elle ſe altanava cada vez mais com as ſubmiſſoens, e naõ quiz dar ouvidos a propoſta alguma, ſem que primeiro ſe lhe fizeſſe entrega dos Portuguezes

cati-

cativos, e dos dois Chriſtaõs deſertores. De boa vontade convinha o Samorim na entrega dos primeiros, e com iſto o deixava arbitro das mais condiçoens do Tratado; mas naõ podia acabar comſigo entregar dois homens, que por honra, e probidade era obrigado a defender, huma vez que os tinha tomado ſob a ſua protecçaõ, e que o tinhaõ bem ſervido: cerrados hum, e outro neſte artigo, mandou Soares varejar a Cidade por dois dias com horroroſo eſtrago: cahiraõ muitos edificios, e acabaraõ mais de 1300 peſſoas.

Devemos confeſſar, que eſta acçaõ he de ruim exemplo pela oppoſiçaõ eſcandaloſa de ver de huma parte, antepor hum General Chriſtaõ, para ſaciar a ſua paixaõ, e vaidade, os ſucceſſos de huma guerra, á certa vantajem da paz ſempre appetecivel, e ſacrificar as vidas dos vaſſallos do ſeu Principe, que deixava expoſtas a todo o furor dos ſeus inimigos, ſómente por carregar da ſua vingança unicamente dois homens, que, bem que criminoſos, como naõ vaſſallos de Portugal, podiaõ diſpor de ſi; e de outra parte hum Principe idolatra, offendido nos ſeus meſmos Eſtados, ſacrificar

ANN. de J. C. 1504. D. MANOEL REI

ficar a vida, e o proprio Imperio, a fim de desempenhar a palavra, que promettera; o qual se havia com tanta moderaçaõ, que sendo os outros os que primeiro quebraraõ a paz, que haviaõ jurado, o tratavaõ taõ mal, bem fóra de sacrificar ao seu despique aquelles mesmos, que já tinha em seu poder, póde dizer-se que os deixava em demaziada liberdade, pois que abusavaõ della, e estavaõ servindo de espias nas suas terras todo o tempo, qne a guerra durou.

Soares partio para Cochim, onde foi recebido delRei com muitas demonstraçoens de amor, e este lhe apresentou Pacheco como seu Redemptor. O General agradeceo a este Principe da parte delRei seu amo do constante amor, que tinha aos Portuguezes, da generosidade, com que persistia na sua aliança, e se lhe offereceo servilo, pondo-se em termos de poder cumprir o seu offerecimento.

A Cidade de Cranganor, de que já fallamos, estava situada na Costa do Malabar, quatro legoas distante de Cochim, e povoada de muitas Naçoens alli juntas, de varias Religioens, Idolatras, Mahometanas, Judeos, e Christaõs, e compunha com o seu terri-

torio hum pequeno Eſtado regido por modo de Republica, ſob a protecçaõ do Samorim, a quem pagava tributo para ſe defender dos ſeus vizinhos, e ſuſtentar o ſeu commercio. Neſta ultima guerra ſe empenhou pelo ſeu Principe por diligencia dos Mouros, que eraõ os mais poderoſos; e Cochim tinha padecido gravemente com a ſua vizinhança. Agora corria a noticia de que o Samorim eſperando pela partida da frota Portugueza, que eſtava para cedo, apparelhava alli todos os apreſtes de guerra para recahir ſobre a Ilha de Cochim, onde eſperava ter entrada pelo paſſo de Palliport: que o Principe Naubeadarim juntava alli hum numeroſo exercito de terra, e que outro Mouro por nome Maimane, homem habil nas coiſas do mar, apparelhava a toda a preſſa huma frota, e tinha já 80 paráos, e ſinco náos groſſas.

Ann. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

Aſſentou-ſe o hir-lhes á maõ com a maior preſteza, e ſegredo poſſivel: foi bem guardado o ſegredo: e mandando Soares apparelhar quinze bateis, 25 paráos, e huma caravela, partio ao amanhecer com 1000 Portuguezes, e 1000 Naires, que ſe deviaõ incorporar com mais oito centos, que o Principe

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

cipe de Cochim mandara diante tomar o passo de Paliport. Com todo este segredo, e diligencia sempre deraõ tempo aos inimigos para se pôrem em defeza. Maimane os veio receber com duas náos grossas encadeadas huma a outra, e bem providas de artilheria, que davaõ abrigo á frota. Os sinco bateis, que levavaõ a dianteira dos Portuguezes, encontraraõ com toda a resoluçaõ, e por muito tempo se susteve a briga com summo alento de ambas as partes. Maimane, e seus dois filhos, se defendiaõ com desesperaçaõ, e acabaraõ como valentes. Tomados estes dois navios, a pouco custo se derramou o restante da frota: entaõ fez o General sinal para pôrem o peito em terra, a que Naubeadarim accodio, oppondo-se com os seus soldados: foi renhido, e sanguinolento o combate, mas finalmente sendo obrigado a ceder, e levado pelos seus na fuga, tornou Naubeadarim a entrar em Cranganor por huma porta, para sahir pela outra. Foraõ-lhe os Portuguezes no alcance pela Cidade, em que passaraõ tudo a ferro, e fogo. Mandára o General, que se attendesse ás Igrejas, e casas dos Christaõs, que tinhaõ vindo implorar a sua protecçaõ; porém como

qua-

quasi todas as casas saõ de madeira, cubertas de cana, ou de ola, naõ se pôde evitar que muitas dellas se abrazassem com as outras.

ANN. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

Neste tempo teve o Samorim mais outros dois golpes de parte d'onde menos os esperava, direi o motivo. O Rei de Tanor, que era valente homem, e assás poderoso em dominio, tinha sido desapossado pouco a pouco pelo Samorim, que lhe tinha sómente deixado Panane, e Tanor. Levou isto com paciencia, como he ordinario nos Principes de pequenos Estados, que se vem obrigados a ceder a Potencia maior. Em quanto durara a ultima guerra, tinha elle servido o Samorim com o maior zelo, esperando que os seus serviços o desenganassem, e incitassem a fazer-lhe justiça; mas o Samorim bem fóra de attender a isso, tencionava invadir-lhe o restante das praças, por ficarem com commodidade para poder continuar a guerra contra El-Rei de Cochim. Resentio-se o Reĩ de Tanor, e resolveo tirar a mascara: deputou mensageiros ao General Portuguez, pedindo-lhe soccorro; mas antes que elle lhe chegasse, deo no Samorim dois golpes mortaes, e decisivos com summa celerida-

ANN. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

de; por que tendo noticia que este Principe marchava com 10ȸ homens a incorporar-se com as tropas, que tinha em Cranganor, o foi esperar em hum desfiladeiro, e o destruira totalmente, matando-lhe 2ȸ homens; e recahindo depois sobre Naubeadarim, de quem tinha informaçaõ que hia destroçado, lhe cahio em sima inopinadamente, e o acabou de derrotar de todo, e espalhar os miseraveis restos do seu fugitivo exercito.

Pouco estorvo causara a guerra no commercio dos Portuguezes. Pacheco era hum homem, que accodia a tudo, assim tinha disposto as coisas, que ninguem pudesse tomar carga, sem que primeiro estivessem providos os armazens delRei de Portugal. Se achava alguem carregando com fraude, era confiscado, e tomada a fazenda com summo rigor, de sorte que quando Soares chegou á India, achou a carga prompta, e summamente rica. Pelo que naõ tendo este General mais em que cuidar, se despedio delRei de Cochim, a quem deixou Manoel Telles Barreto com quatro velas para defensaõ das suas terras, e andar de guarda-costa na India. Bem desejava este Principe conservar Pacheco; mas o General nun-

nunca quiz convir niſſo, e Pacheco foi forçado a embarcar.

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

Soares tinha ainda que concluir huma grande facçaõ primeiro que ſe fizeſſe ao largo, para ſe recolher á Europa. Tinha noticia que em Pandarane eſtavaõ 17 grandes náos de Mouros ricamente carregadas, que aguardavaõ por vento para ſe fazerem á vela para o mar Roxo. Tendo aſſentado queimalas, para que a facçaõ ſe lhe naõ fruſtaſſe, naõ quiz dar parte ao Rei de Cochim, e fingio que naõ era a ſua tençaõ mais do que dar huma viſta a Cananor, e ſe pôz no mar com toda a frota, levando de companhia as velas, que deixava na India.

Apenas eſtava na altura de Pandarane, lhe ſahiraõ vinte paráos inimigos bem artilhados, que vinhaõ eſpialo; e vendo as caravelas, que vinhaõ diante, e que navegavaõ pouco por eſcaſſear o vento, as acometeraõ com grande reſoluçaõ; mas accodindo a frota, que vinha atrás, ſe recolheraõ a toda a preſſa. As dezaſete náos dos Mouros eſtavaõ em huma eſpecie de bahia prezas humas a outras, com a poppa em terra, e a proa armada de artilheria, com quatro mil homens em ſua guarda. A bahia eſtava am-

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

parada de hum recife, em cuja ponta havia hum reducto, com huma boa bateria: os navios Portuguezes naõ tinhaõ fundo para se chegarem a terra, por estarem muito carregados; e o General embarcou com a flor da sua milicia em quinze bateis, e vendo que as caravelas podiaõ entrar, as levou a reboque. Toda a difficuldade estava em passar o recife: a bateria junta com as dos navios estorvaraõ muito, e se durara mais, voltariaõ os Portuguezes desairosos: tomando todavia animo com a mesma grandeza do risco, cada hum dos Capitaens dos bateis investio, como se estivessem ajustados, a sua náo. Tristaõ da Silva foi o primeiro, que atracou, e subio ao navio que afferrou; todos os mais lhe seguiraõ o exemplo, e entre todos se assinalou muito Pacheco, como sempre fizera, pelejando entaõ corpo a corpo; e os Mouros mal costumados a terem rosto a similhantes inimigos, se puzeraõ a fugir como poderaõ, desamparando os navios, que foraõ preza das chamas, porque os queimaraõ com toda a fazenda por ordem do General, que vaidoso com esta victoria fez derrota para Portugal, onde chegou aos 22 de Julho de 1505; tendo gasta-

tado sómente quatorze mezes desde a sua partida de Lisboa até voltar a ella.

Ann. de J. C. 1505. D. Manoel Rei

Como era filho do Chanceller môr do Reino, foi recebido com grande distinçaõ, e assim o merecia: mas por grande que fosse a sua gloria, por mais honras, que lhe fizessem, tudo era nada em comparaçaõ do espanto, com que se punhaõ os olhos em Pacheco. Elle levava as attençoens de todos, qual David com as filhas de Israel pela morte de Goliath. Naõ se fartavaõ de o ver, nem de ouvir fallar, e referir as pasmosas proezas deste homem, que era em si mesmo hum prodigio. ElRei, que foi hum daquelles, em quem fez maior impressaõ, mandou escrever relaçoens exactas, que remetteo ao Papa, e a todos os Principes da Europa. Depois o levou ao seu lado em procissaõ á Igreja Cathedral, onde deo a Deos solemnes acçoens de graças, fazendo-lhe o elogio o Bispo de Viseu, o famoso Doutor Ortiz. Por todas as Igrejas do Reino mandou ElRei fazer o mesmo.

Tudo isto era mais fasto, e ostentaçaõ, do que solida fortuna para o pobre Pacheco. O seu desinteresse o obrigou a recusar teimosamente todos

os

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

os prefentes delRei de Cochim, contentando-fe com huma atteftaçaõ honrada, em que fe lhe louvavaõ as fuas acçoens, e com hum brazaõ d'armas para juntar ao de feus anteceffores, o qual fazia com a fua gloria mais relevante a daquelles. Trabalhando fómente pelo bem do feu Rei, trabalhou mais em merecer reputaçaõ, do que em grangear, e por iffo era muito mais digno de recompenfa; mas affim mefmo o deixaraõ por muito tempo efquecido; e como por acafo fallando alguns Grandes em feu abono, paffados já muitos annos, lhe deraõ o Governo de S. Jorge da Mina. Nem affim o deixou por muito tempo quieto a inveja fempre anciofa em perfeguir os homens do merecimento. Pacheco aliàs activo, e de temperamento naõ foffrido, incapáz de adular, nem comprazer com aquelles, que eraõ o orgaõ do Principe, e interpretes dos feus defejos, veio a fer a victima do feu genio ifento. Accufado de defencaminhos foi trazido a Portugal em ferros: muito tempo o deixaraõ definhar em efcura enxovia carregado dos mefmos ferros; ultimamente provada a fua innocencia, foi pofto em liberdade; mas ficou fempre pobre, e taõ pobre, que chegou

a

à mendigo. Excellente exemplo da confiança, que se deve ter em servir aos homens, e da gratidaõ, que deve esperar aquelle, que naõ tem a arte de se saber conduzir.

ANN. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

Hum mez antes da volta de Lopo Soares ao Tejo, tinha D. Manoel posto de verga d'alto huma poderosa armada de treze náos, e seis caravelas, de que era Capitaõ Mór D. Francisco de Almeida, Conde de Abrantes. Hia elle para residir na India primeiro como Governador, e Capitaõ General, havendo depois de tomar o titulo de Vice-Rei; mas depois de haver fundado algumas Fortalezas nos sitios, que lhe hiaõ apontados. Mandára-o ElRei assim, a fim de naõ haver descuido na construcçaõ das praças; e como elle havia de representar alli a figura delRei seu amo, queria D. Manoel que a figura fosse correspondente, e lhe reservou grandes ordenados, cem homens de guarda para a sua pessoa, Capella com Capellaens, e Musicos, e outras coisas proprias para fazer relevante a sua dignidade.

D. FRANCISCO D'ALMEIDA PRIMEIRO GOVERNADOR, E VICE-REI DA INDIA.

D. Francisco d'Almeida era filho do I. Cõde d'Abrantes D. Lopo d'Almeida.

Levantou ancora de Lisboa aos 30 de Junho, e chegou á Ilha de Anchediva aos 13 de Setembro do mesmo anno. Alli achou hum aviso de Gon-

ANN. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Gonçalo Gil Barbosa, Feitor de Cananor, para avisar os primeiros navios de Portugal, de que os armazens estavaõ cheios para poderem voltar, e para que guardassem esta Costa por todo o mez de Setembro, por se esperarem trez náos de Meca, que haviaõ de trazer algum soccorro a Calecut em serviço do Samorim. Almeida mandou em resposta hum correio, e huma caravela ás differentes Feitorias da India com a nova da sua chegada: despachou outras duas caravelas para guardarem a Costa, e elle mesmo abrio os alicerces de huma Fortaleza, em que se trabalhou com a maior ancia, como tambem em armar duas galeras, e outros vasos destinados para andarem a cosso, cuja madeira tinha vindo lavrada do Reino.

Os Portuguezes tinhaõ tomado tal superioridade no Indostan, que davaõ leis em qualquer parte, que appareciaõ. As primeiras condiçoens, que entravaõ nos Tratados de alianças com os Principes, que as queriaõ, aceitar era, reconhecerem-se por tributarios delRei de Portugal, e consentirem que os Portuguezes fizessem huma Feitoria, ou huma Fortaleza dentro nas súas Capitaes, ou nos sitios, que escolhessem.

ſem. No commercio eraõ elles quem aſſentava o preço aos generos á ſua vontade, obrigando os Indios a proverem as ſuas Feitorias primeiro que pudeſſem vender a outrem. Nenhum eſtrangeiro tinha liberdade de carregar antes delles, e ninguem, foſſe natural do paiz, ou eſtrangeiro, podia navegar ſeguro neſtes mares, que naõ foſſe por elles viſitado, e ſem cartas, ou paſſaporte dos Governadores, ou Feitores poſtos pelos Generaes. Eſta ſuperioridade naõ podia deixar de ſer odioſa, mas o medo conſtrangio a huns a ſujeitar-ſe, e outros o faziaõ de boa vontade por particulares, e peſſoaes intereſſes.

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Naõ podia deixar de fazer ſobrançeria aos Principes comarcaons eſta fundaçaõ, que Almeida fez em Anchediva, e o que mais ſe aſſombrou foi o de Onor, que ſó eſtá apartado 10 legoas. Tanto eſte, como o General Portuguez ſe buſcaraõ reciprocamente, e em breve ſe ajuſtou entre ambos huma eſpecie de tratado, a que o Rei ſó interveio pelos ſeus Miniſtros.

Para fazer conceito dos intereſſes deſte Principe convém ſaber, que os portos mais frequentados n'outro tempo

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

po eraõ os de Onor, Baticala, e alguns mais daquella Costa, que eraõ do dominio do Rei de Bisnaga, ou Narsinga, e assim eraõ os mais abastados em razaõ da succesfiva frequencia dos Mouros, que alli vinhaõ cerregar as especiarias. Hiaõ descambalas a troco de cavallos da Persia, e Arabia, que o Rei de Narsinga lhes comprava, pelo prestimo, que delles tirava para a guerra, que fazia ao Rei de Decan; mas por mais que elle tratasse por abarcar todo o trato dos cavallos, os primeiros, que lho falseavaõ por meio de contrabandos, eraõ os Mouros, que estavaõ nos seus Estados, traficando elles proprios em cavallos, que hiaõ vender ao seu inimigo; por quanto este lhos pagava melhor, e muitas vezes por dobrado preço. Tendo o Rei de Narsinga trabalhado baldadamente por evitar este contrabando, assentou tomar grande vingança delles, e exterminalos. Pelo que, no anno do Senhor de 1469, e de Egiro 917, fez huma daquellas sanguinolentas execuçoens, de que em varios tempos se tem visto muitos exemplos contra os Judeos em diversos Estados da Europa. Acabaraõ nella mais de 10ꝏ Mouros, ou Sarracenos; os que se pode-

deraõ ſalvar, cuja evaſaõ ſe favoreceo, foraõ tomar aſſento em Goa, e ſuas vizinhanças.

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Mais dano tirou ElRei de Narſinga deſta execuçaõ, do que tirava do contrabando; por quanto eſcandalizados os Mouros Eſtrangeiros da barbara deshumanidade, de que eſte Principe uſára com os ſeus vaſſallos, que tinhaõ a meſma Religiaõ, ſe vingaraõ a ſeu tempo eſquecendo-ſe do ſeu porto, e levando as riquezas do ſeu commercio aos ſeus vizinhos, e inimigos. O Rei de Onor, a quem eſte dano feria mais perto, naõ podia ver ſem deſgoſto que o Sabaio, ou Principe de Goa ſe aproveitaſſe do que elle perdia; e a proſperidade deſte rival foi huma ſemente de diſcordia, e odio, a que ſe ſeguio huma guerra prolixa entre os dois Reis: parece que a guerra de terra foi ſempre mais a favor do Sabaio, que fundou huma praça d'armas nas vizinhanças da Cidade de Onor, que aſſoberbava muito eſta Cidade. Mas o Rei de Onor mais bem ſuccedido por mar, conſeguio inquietar-lhe o commercio de Goa, e acarear pouco a pouco os Sarracenos aos ſeus portos. Para iſto tinha ſempre huma frota bem eſquipa-

da

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

da, e capitaneada por hum dos principaes Fidalgos da ſua Corte, chamado Timoja, homem valente, e de diſcriçaõ, que merecera grande conceito ſervindo eſte Principe com zelo.

Quando Vaſco da Gama chegou a primeira vez a Anchediva, parece que toda a tençaõ do Rei de Onor foi dar-lhe a morte. Para eſte fim ordenou Timoja hum ardil, unindo dois paráos para lhe queimar as náos, mas tudo foi brevemente derramado com as ballas da artilheria. O Sabaio ſe houve mais manhoſamente, mandando hum Judeo Polaco com inſtrucçoens para obrigar o General Portuguez a entrar no ſerviço do Sabaio, a fim de ſe valer delle contra o ſeu inimigo, ou de o meter em alguma cilada, onde acabaſſe; mas o Gama tendo aviſo dos naturaes da Ilha de Anchediva, de que ſe acautelaſſe deſte homem, o obrigou a confeſſar poſto a tormento, e o trouxe a Portugal, onde ſe baptizou, e tomou no ſeu baptiſmo o nome de Gaſpar, e depois fez na India grandes ſerviços aos Portuguezes.

As proezas, que Pacheco acabára na guerra contra o Samorim, tinha inſpirado a Timoja huma grande eſtima-

maçaõ aos Portuguezes. Assentou trazelos ao seu partido a todo o custo, e se meteo nisso com toda a ancia na chegada de Almeida. Até se valeo de manha para obrigar este General, que naõ estava assás informado das conveniencias do paiz, a fazer alguma hostilidade contra a praça, que o Sabaio mandara fundar em Cincatora, que incommodava grandemente a Cidade d'Onor; mas a prudencia do Governador de Cincatora desvaneceo todos os projectos de Timoja, mandando visitar o Almeida com refrescos de terra, fazendo com elle aliança, que arredou a borrasca, que o assombrava.

ANN. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Frustrado este golpe, ainda outro incidente desordenou mais a politica do Rei de Onor, e do seu Ministro. Os Portuguezes, que guardavaõ a Costa, obrigaraõ huma náo de Mouros a dar á Costa, e lhe tomaraõ a carga, em que entravaõ 12 cavallos da Persia. Embaraçando o máo tempo o embarcalos se viraõ obrigados a entregarem-nos aos que primeiro viraõ, para darem conta delles, dizendo-lhes, que já que elles eraõ amigos, e aliados, lhes deviaõ fazer o favor de lhos guardar, até que o tempo desse jazeda para os vir buscar. Quando se vieraõ

ANN. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

raõ buſcar, naõ apparecêraõ os cavallos, e deraõ em reſpoſta, que os tinha tomado o Rei d'Onor. Naõ ſe accommodaraõ os Portuguezes: o Rei d'Onor, e Timoja eſtavaõ auſentes · os Mouros da terra, e o Governador de Onor ſeguraraõ a ſua ſatisfaçaõ, e que ElRei havia de pagar os cavallos; mas entrando o General em deſconfiança por eſtas demoras, de que lhe queriaõ armar alguma falſidade, recorreo ás obras, queimou as velas, que eſtavaõ no porto, e pôz o fogo á Cidade, da qual huma parte foi abraſada.

Ou o Rei de Onor concorreſſe para eſta deſgraça, ou o vagar, com que ſe houve, embaraçaſſe o reſiſtirlhe, foi obrigado a diſſimular, a fim de atalhar mais funeſtas conſequencias, e por iſſo mandou Timoja, que adoçando manhoſamente o animo do General, deſculpou o melhor que pôde os exceſſos cometidos de parte a parte por má intelligencia; pedindo-lhe ſe deſſe por ſatisfeito com o mal, que deixava feito; prometteo grande ſatisfaçaõ pelos cavallos perdidos, bem que aſſeveraſſe que o Principe naõ ſabia delles: encareceo o deſejo, que elle tinha da amizade delRei de Portu-

tugal, a quem queria pagar tributo, moſtrando-ſe prompto a aceitar quaesquer condiçoens de paz, que lhe offereceſſem. O General, que tinha preſſa de partir, reſpondeo, que naõ tinha tempo de ſe demorar para regular as condiçoens do Tratado; mas lhe prometteo, que em poucos dias mandaria ſeu filho para eſte fim: que no emtanto tomava ſob a protecçaõ, delRei ſeu amo o Rei d'Ónor, deixando-lhe huma bandeira de Portugal, que ſeria reſpeitada de todos os Portuguezes, a quem foſſe moſtrada. Aſſim deſpedio a Timoja aſſás ſatisfeito da ſua negociaçaõ.

Ann. de J. C. 1505.

D. MANOÉL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Tendo já a Fortaleza de Anchediva altura competente para reſiſtir a algum aſſalto, D. Franciſco ſegundo as ordens, que recebêra delRei de Portugal, deixou nella por Governador a Manoel Paçanha com boa guarniçaõ, e logo paſſou a Cananor, onde tomou o titulo de ViceRei tanto que lá chegou.

O novo Vice-Rei naõ deixou coiſa alguma, que podeſſe dar luſtre á ſua nova dignidade: moſtrou-ſe em publico com a maior pompa que pôde imaginar, e nas viſtas, que teve com o Rei de Cananor, meteo o maior apparato poſſivel. Tratou eſte Princi-

pe

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

pe quasi como superior a inferior, renovou com elle os primeiros tratados, regulando as condiçoens a seu arbitrio, e obteve delle como huma especie de favor, que lhe fazia a permissaõ de fundar huma Fortaleza, que em poucos dias foi levantada, accodindo ElRei com os materiaes, e trabalhando na obra todos os Portuguezes sem distinçaõ, a fim de se acabar com presteza.

Mas o que mais deo alento á altivez do Vice-Rei, foi o ver-se ao mesmo tempo buscado pelo Rei de Narsinga, ou de Bisnaga, de quem já fallamos. Este Principe além dos grandes Estados, que tinha no Certaõ das terras, dilatava os seus dominios por toda a Costa de Coromandel além do Cabo de Comorim, e áquem era senhor das terras de Canará, que confinaõ com o Malabar por huma parte, e pela outra com o Reino de Decan. Chamava-se Rei dos Reis, e com effeito tinha muitos seus tributarios, entre os quaes tinha lugar o Rei de Onor; e requerendo os seus interesses o unir-se aos Portuguezes mandou a Almeida hum Embaixador, logo que teve noticia de ser chegado a Anchediva. Encontrou Almeida o Embaixador em Cananor, e lhe deo au-

audiencia nas mesmas náos com todo o apparato possivel. „ O Embaixador „ disse, que a grande estima, que El- „ Rei seu senhor fazia da naçaõ Por- „ tugueza, o obrigára a desejar aliar-se „ com ella: que de boa vontade esta- „ ria pelas condiçoens, que pudessem „ favorecer o commercio entre esta „ naçaõ, e os seus vassallos; e que „ para dar provas mais abonadas da „ sua vontade, dava licença ao Vice- „ Rei para fundar Fortalezas nos seus „ portos, e em qualquer parte, que es- „ colhesse, menos no de Baticala, que „ já tinha fechado a outros: ultima- „ mente, que para mais apertar os vin- „ culos desta uniaõ, que queria que „ houvesse entre elle, e o Rei de „ Portugal, offerecia ao Principe de „ Portugal em cazamento sua irmá, „ que era huma Princeza muito for- „ mosa „ Vinhaõ estas offertas acompanhadas de ricos presentes; e o Vice-Rei respondeo a esta Embaixada com nobreza, e dignidade. Regulou as condiçoens presentes conforme era conveniente ao estado dos negocios, e com boas esperanças do mais, despedio o Embaixador muito satisfeito, e com grandes presentes para ElRei, e para elle.

ANN. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

ANN. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Tendo depois entregue o governo da Fortaleza de Cananor a Lourenço de Brito, partio para Cochim, onde desejava estar, e onde determinava fazer huma acçaõ de muito apparato. Trimumpara, aquelle taõ fiel, constante, e generoso amigo dos Portuguezes, tinha renunciado o throno: a sua devoçaõ o levara a retirar-se, conforme o costume assás usado entre os Bramanes Reis, a acabar em hum ermo, e dar fim aos seus dias nos exercicios mais santos, que se praticaõ na sua Religiaõ; mas até na sua renunciaçaõ quiz dar aos Portuguezes huma notavel prova da affeiçaõ, que lhes tinha, por quanto havendo de escolher entre os sobrinhos hum successor, excluio de proposito aquelle, que se mostrava mais affeiçoado ao Samorim, e antepôz a Naubeadora, que mostrara mais affecto aos Portuguezes, bem que o outro, conforme os usos do Malabar fosse herdeiro mais proximo da Coroa. Esta troca embaraçou ao principio alguma coisa ao Vice-Rei; mas reflectindo bem, era a circumstancia mais a favor para o que elle meditava; e como Naubeadora em certo modo reinava sómente pelo favor dos Portuguezes, estes

tes se aproveitaraõ da conjunctura para lhe impôr o jugo, e reduzilo ao dominio de Portugal.

Ann. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Tendo tomado todas as medidas, e prevenido todos os apparelhos para fazer mais luzida a funçaõ; sentado o Rei entre a sua Corte, igualmente acompanhado o Vice-Rei de todos os seus Officiaes, e Guardas, lhe fallou nesta substancia. „ Exaltou primei„ro os serviços importantes, que Tri„mumpara tinha obrado em favor da „Coroa de Portugal, aventurando os „seus Estados, e a propria vida por „salvar os Portuguezes seus aliados: „accrescentou depois, que ElRei seu „amo assim prezara tudo isto, que, „querendo dar huma prova brilhante „do seu agradecimento, lhe recom„mendara tres coisas, que elle que„ria cumprir a favor do Principe rei„nante, já que Trimumpara pela „sua renunciaçaõ naõ queria aprovei„tar-se dellas.

„ Era a primeira coroalo com hu„ma Coroa de oiro, sinal distinctivo „da auctoridade Real, que em nome „delRei de Portugal lhe conferia, „exemptando-o desde logo de toda a „subordinaçaõ ao Samorim, ou qual„quer outro Principe, dando-lhe li-

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

„ berdade de cunhar moeda de oiro, „ prata, ou outro qualquer metal, „ como usavaõ, os Reis obrigando-se „ a defender o novo Rei, e seus „ successores de todos, e quaesquer „ inimigos. „ Dito isto, se levantou o Vice-Rei, tomou o Coroa, e a pôz na cabeça do Principe entre acclamaçoens de pifaros, e trombetas; sentou-o no throno, e o constituio Rei.

„ Consistia a segunda em lhe fazer offerta de huma copa de oiro „ de pezo de 6 cruzados, que ElRei „ D. Manoel mandava a Trimumpara „ para o consolar da perda, que tinha „ tido de seus sobrinhos na guerra, que „ defendera em favor dos Portuguezes; „ accrescentando que ElRei de Portugal „ lhe mandaria todos os annos outra „ similhante em testemunho do seu „ agradecimento, e protecçaõ. Depois „ levantou-se o Vice-Rei, e entregou „ a copa a ElRei.

„ A ultima coisa por fim, lhe „ diz elle, he, que trazia ordem de „ fazer outra Fortaleza mais forte do „ que a primeira, para segurança do „ Rei, e Cidade de Cochim, que servisse como de reparo seguro a esta „ Cidade.

O

O Rei, que se mostrou satisfeito de tudo, respondeo com muito agrado. „ Que elle reconhecia quantas „ obrigaçoens devia ao Rei de Portugal, de quem recebia tantos bens: „ que elle se honrava com a protecçaõ „ de taõ grande Principe, e trabalharia pela merecer, e conservar, concorrendo com os Portuguezes para tudo quanto pudesse ser de seu serviço.

ANN. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Tiráraõ-se duplicados instrumentos deste auto. Seguraõ os Auctores, que Naubeadora se reconheceo entaõ vassallo da Coroa de Portugal, e parece que desde entaõ os Portuguezes o avaliaraõ sempre como tal. O Vice-Rei contente naõ perdeo tempo, trabalhou em reforçar, e alargar a Fortaleza: depois despachou para o Reino oito náos grossas, cuja carga estava prompta nos armazens de Cochim, e Cananor, e deo o governo desta frota a Fernaõ Soares.

Cançado o Samorim das desgraças, porque havia passado pelo valor de Pacheco, mostrava só desejar a paz; mas ou por vaidade naõ quizesse ser o primeiro em pedir, ou que receasse por outra parte o affoutar-se a pôr nisso a maõ, nem fazia a paz, nem

ANN. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

nem a guerra, e eſtava na inacçaõ. Podiaõ aproveitar-ſe os Portuguezes, ſe a confiança, que inſpiraõ os ſucceſſos a huma naçaõ altiva, os naõ meteſſe naquella preſumpçaõ cega, que he conſequencia da eſtimaçaõ, que faz de ſi propria, e do deſprezo, com que trata o ſeu inimigo. Pelo que, bem longe de diſpôr alguma negociaçaõ, que era coiſa, que o Samorim deſejava com ancia, ſó trabalharaõ por azedar a deſeſperaçaõ deſte Principe com a caça, que davaõ aos navios na Coſta, coiſa, que arruinava inteiramente o ſeu commercio: na verdade que os Portuguezes eraõ neſte ponto máos politicos: era-lhes conveniente abrandar o animo dos Indios, e domeſticalos pouco a pouco, acarealos, e parece que andavaõ apoſtados a irritalos cada vez mais: ſuccederaõ tambem algumas acçoens taõ violentas da ſua parte, que naturalmente lhe cauſariaõ a ſua perda, ſe a Providencia naõ trabalhaſſe pelos conſervar, em certo modo a ſeu pezar.

Antonio de Sá, Feitor de Coulaõ, homem violento, e intereſſado, foi hum dos que pôz a naçaõ em grande riſco pela ſua avareza, e aſſomamento. O cuidado, com que impe-

pe-

ANN. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

pedia, que alguem tomasse carga primeiro, que os armazens estivessem cheios, foi causa de hum leve reboliço contra os Portuguezes, em que alguns foraõ mortos: succedeo isto em tempo, em que Pacheco tinha todo o mando das Indias, e isto o obrigou a hir pessoalmente a Coulaõ; mas por mais activo que fosse, assentou dissimular com prudencia o passado, atabafar o negocio, e segurar a conveniencia para o futuro. Chegado Almeida a Anchediva, hindo a Coulaõ Joaõ Homem, Capitaõ da caravela, que fôra mandada a levar a noticia da vinda do novo General, Antonio de Sá vaidoso de se achar fortalecido com a chegada da nova armada, assentou repetir as suas instancias com vigor. Estavaõ no porto de Coulaõ hum bom numero de navios de Mouros, que pediaõ carga a ElRei, e naõ esperavaõ outra coisa para partirem: embaraçára-o Sá até entaõ, por mais vontade que elle tivesse de os satisfazer; mas receando, que ElRei se deixasse vencer, expôz a Joaõ Homem os seus temores, e este mais violento, e despejado do que Sá, lhe expôz friamente, que convinha naõ se aventurar a ver, que o Rei lhe fal-

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

faltasse ao promettido, e que para o obrigar a manter a palavra, era necessario, sem entrar em consultas, effectivamente lançar maõ dos lemes, e velas de quantos navios estrangeiros estavaõ surtos, e fechar isto nos armazens: este projecto concebido com nimia leviandade, foi executado ainda com maior altivez, e depois Joaõ Homem se fez á vela taõ vanglorioso, como se tivesse alcançado huma grande victoria.

Foi extrema a indignaçaõ, que causou acçaõ similhante aos Mouros, e Gentios, e bem que estes se pudessem vingar a pouco risco, por naõ estarem em Coulaõ mais de 15 Portuguezes, naõ quiz consentir o Ministro delRei em acçaõ alguma, sem que primeiro se diligenciassem todos os meios de brandura. Assim mandou requerer primeiro ao Feitor, que lhe quizesse fazer entrega do que tinha tomado, e ter tento com as consequencias, que se podiaõ originar de hum caso taõ opposto ao direito das gentes; mas este homem hum pouco leve, naõ pesando bem o risco, em que se achava, desgostoso das exprobraçoens, que lhe fazia o mensageiro, e deixando-se cegar da cólera de pala-

lavras, passou a pôr-lhe as maõs. Isto foi como appellidar o povo amotinado, que lançou maõ das armas, matando todos os Portuguezes, de que a maior parte morreraõ queimados em huma Igreja, onde se tinhaõ feito fortes, ou esmagados por quererem evitar o fogo.

Ann. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

Apenas teve o Vice-Rei noticia deste catástrofe, logo mandou a seu filho Lourenço de Almeida, que o fosse vingar. A empresa foi encarregada a sujeito capaz: D. Lourenço, bem que moço, era hum dos maiores homens, que se criaraõ em Portugal, e já tinha nome por muitas acçoens boas. Partio sem demora, e entrou no porto de Coulaõ, e vendo que nem da parte da Regencia, nem do Rei se lhe queria dar satisfaçaõ; antes pelo contrario os navios, que alli estavaõ, se encadeavaõ huns com os outros, e se dispunhaõ para huma teimosa resistencia, embarcou os soldados nos bateis, e depois de huma crua batalha pôz fogo a todos os navios, que chegavaõ a 24, todos com rica carregaçaõ. Escolheo D. Lourenço Joaõ Homem para vir trazer a seu pai a nova desta victoria. Tinhase este homem distinguido muito na bri-

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

briga, e tinha-lhe dado fobre a adarga huma bala de bombarda, que lhe cahio aos pés fem entrar, nem lhe fazer mal, e dizem os Efcritores Portuguezes, fer ifto hum milagre com que o Ceo parecia approvar a vigorofa acçaõ, que elle fizera. Porém o Vice-Rei eftava taõ indignado defta acçaõ, e muito mais quando foube que a morte dos Portuguezes fôra trifte confequencia della, que fez bem diverfo juizo; porque o rifcou do ferviço, tirando-lhe a capitania da caravela, em vez do premio, que elle efperava.

Como quafi todos eftes navios eraõ de Mouros de Calecut, fentio vivamente o Samorim a fua perda. Efte Principe, pofto que fe confervaffe, como diffemos, em huma efpecie de inacçaõ, fallando a verdade naõ paffava de fer apparente; porque além de diligenciar com outras Cortes por todos os modos da fua politica, a fim de fufcitar hum geral levantamento contra os Portuguezes, naõ ceffava de obrar fecretamente os maiores apparatos a fim de fortirem effeito os feus projectos: redobrou-os com maior efficacia, para que os naõ percebeffe o inimigo, mandou vigiar os

feus

ſeus portos taõ apertadamente, que ninguem tinha liberdade para ſahir, mas foraõ deſcobertas as ſuas tençoens, a pezar de todas as cautelas.

ANN. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Achava-ſe entaõ em Calecut hum Romano da nobre familia de Patrizzi, mais conhecido pelo nome de Luiz Barthema Bolonhez, como elle ſe denomina nas ſuas memorias. Correra todas as eſcalas do Levante até ás Indias a ſua curioſidade, e o amor de viajar, disfarçando o nome, e a patria: e tendo eſperteza para penetrar quanto paſſava na Corte do Samorim, teve meios de ſahir da Cidade, e dar de tudo fiel conta a D. Lourenço de Almeida, ſendo a ſubſtancia do que dizia: „ Que picado o Samorim de „ ver embaraçado o ſeu commercio, „ tendo junto o maior numero de of„ficiaes, que lhe fôra poſſivel, appare„lhara huma armada a maior, que ſe „ tinha até entaõ viſto, para comboi„arem os navios mercantes, que vieſ„ſem ao ſeu porto: que eſperava a„panhar ás maõs os navios Portu„guezes eſpalhados, e que andavaõ „ a corſo por differentes partes: que „ ſe aproveitava grandemente dos dois „ Chriſtaõs transfugas, de quem ha„vemos fallado: que eſtes lhe haviaõ

„ fun-

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

„ fundido boa porçaõ de peças de artilheria de differente calibre, e lhe „ tinhaõ dado a planta da fórma de „ muitos navios, de que a sua frota se „ compunha; mas que estes dois renegados, que com isto tinhaõ feito „ tanto mal aos Christaõs, estavaõ vivamente atormentados de remorsos „ de consciencia, e que sómente se „ conservavaõ no serviço dos infieis „ por huma especie de necessidade, e „ que de boa vontade voltariaõ aos „ Portuguezes, se pduessem conseguir „ hum salvo conducto, e hum seguro „ do seu perdaõ.

Instruido o Vice-Rei de tudo por este Fidalgo, que lhe foi mandado, despachou immediatamente o mesmo Fidalgo a seu filho com ordem de o fazer passar a Calecut, e favorecer quanto pudesse a fuga dos dois desertores, e para que juntasse todas as velas, que andavaõ derramadas, e hir em busca da frota inimiga, e brigar com ella. D. Lourenço executou fielmente as ordens de seu Pai; mas a ancia dos transfugas foi causa da sua perda: a vontade, que elles tinhaõ de trazerem comsigo mulheres, filhos, e cabedal; as diligencias, que fizeraõ para este fim, deraõ a conhecer o designio, al-

alvorotaraõ o povo, que os fez em pedaços: o Cavalheiro Romano mais experto salvou-se com custo.

Ann. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI.

Naõ tardou muito em apparecer a frota dos inimigos conforme os avisos, que havia: compunha-se ella de mais de 200 velas, a saber 84 navios grandes, 124 paráos; estava o mar coalhado de vasilhas. Inquietou-se D. Lourenço por se compor a sua armada unicamente de onze navios: tres galeoens, ou náos grandes, 5 caravelas, duas galeras, e hum bergantim; e receou que os seus soldados naõ desmaiassem olhando para a desproporçaõ de forças com esta innumeravel multidaõ de inimigos, cuja vista bastava para os fazer descoroçoar. Assentando todavia de pelejar conforme as ordens positivas, que para isso tinha, pôz toda a sua confiança na ajuda do Ceo, e fez voto de fundar huma ermida a N. Senhora da Victoria. Os inimigos, naõ obstante as suas forças, naõ deixaraõ de se tomarem de medo, que mostraraõ pedindo passagem livre: talvez quizessem imputar a culpa aos Portuguezes com dizerem, que elles naõ tinhaõ ordem de pelejarem com os Christaõs, mas sómente de comboiarem as náos da sua conserva.

No

ANN. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

No primeiro dia naõ houve grande conflicto por escassear o vento; mas refrescando no dia seguinte, D. Lourenço, que queria naõ ficar cercado, tomou o largo, e o barlavento: começaraõ a disparar as duas armadas, mas com bem differente successo. A artilheria dos inimigos mal manobrada fez pouco dano nos navios Portuguezes, que tinhaõ entre si grandes intervallos, ao mesmo tempo, que estes naõ perdiaõ tiro na multidaõ de vasilhas taõ bastas, e apinhadas, de sorte que se empeciaõ nas evoluçoens. Apenas o General reparou na desordem da armada, e no estrago, que causava a sua artilheria, mudando entaõ o systema de combater sómente de lonje, veio a abalroar a capitania: tres vezes lançaraõ fóra os arpéos, e só á quarta ficou atracada. Foi D. Lourenço o primeiro, que entrou acompanhado de Joaõ Homem, que ainda que descontente do Vice-Rei, quiz acompanhar seu filho como voluntario, e ter parte na honra deste conflicto. Ao mesmo tempo entraraõ F lippe Rodrigues, Vicente Pereira, Fernaõ Peres d'Andrade acompanhados de outros muitos. Estavaõ na náo 600 Mouros escolhidos, que brigíraõ

no

no principio muito bem ; mas efpontados dos grandes golpes , que davaõ os Portuguezes , fe lançaraõ ao mar , deixando a coberta juncada de mortos.

Tinha Nuno Vaz Pereira, imitando o feu General , afferrado outra náo , que naõ era menor do que a precedente , em que eftavaõ embarcados 500 homens , mas com bem differente fucceffo ; por quanto fendo a fua caravela muito pequena em comparaçaõ della, foffria muito trabalho : as pancadas, que o navio dava na caravela, parecia que a meteriaõ no fundo , e os inimigos apinhados nos caftellos d'avante , pelejando de fima para baixo, feriaõ com muita vantajem. Foi a fortuna de Vaz o ter D. Lourenço entrado o navio , que afferrara, e teve modo de lhe acodir , e depois de hum rijo combate tomou efte fegundo , e tendo a tomada deftas duas náos pofto em defordem a frota inimiga , fe derramou a maior parte dos navios de mercadores, voltando huns a Calecut , e outros feguiraõ a fua derrota ; mas tirando os paráos , e mais navios da efcolta novas forças da fua defefperaçaõ , fe moveraõ todos a hum tempo , e alargando-fe para cercarem os navios ,

o

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

o fizeraõ com tamanha resoluçaõ, e ventura, que os Portuguezes muito tempo estiveraõ duvidosos de serem opprimidos do numero. De ambas as partes era indizivel a animosidade: de ambas se combatiaõ com o mais vivo ardor. Os Portuguezes obravaõ maravilhas, Joaõ Serraõ, e Simaõ de Andrade se distinguiaõ entre elles, e pelejavaõ como Heroes. Ultimamente depois da acçaõ, que durou todo o dia, e parte da noite com o claraõ da Lua, a frota inimiga se pôz em fuga, e se retirou com perda de mais de 3[illegible] homens, e de muitos navios metidos a pique, e nove apreados; os quaes o vencedor levou comsigo ao porto de Cananor, onde foi recebido com grande applauso do Rei, e de todo o povo, que fôra testemunha do combate.

Por este tempo o Sabaio; Principe de Goa, cioso da aliança, que os Portuguezes tinhaõ feito com o Rei d'Onor seu inimigo, espreitando abertas de se aproveitar, mandou huma armada a Anchediva, logo que soube que D. Lourenço, que tinha hido bastecer esta praça, tinha partido para pelejar com a frota de Calecut. Compunha-se ella de 60 navios de

re-

remo, capitaneada por hum Portuguez renegado, por nome Antonio Fernandes, que fôra calafate. Era hum dos renegados, que disse já ter sido lançado por Pedro Alvares Cabral na Costa d'Africa. Ficára em Quiloa, e mudando alli de Religiaõ, tomando o nome d'Abdala, achou depois maneira de penetrar até ás Indias, onde grangeou alguma estimaçaõ: acometeo a praça com muito vigor, mas o Governador Manoel Peçanha a defendeo de sorte, que obrigou a levantar o cerco, e recolher-se a Goa muito mal tratado. Vendo o Vice-Rei, que esta praça muito remota se conservava com muito custo, e tinha muito pouca serventia, a mandou demolir passados alguns dias por voto dos do Conselho.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Hum novo incidente, que sobreveio, esteve a ponto de excitar novo motim geral pela India contra os Portuguezes, e causar a perda a toda a Naçaõ; e foi a acçaõ verdadeiramente das mais atrozes, e por culpa de hum só homem. Sahindo Gonçalo Vaz de Goes de Cananor, para se hir incorporar com a frota de D. Lourenço de Almeida, deo caça a hum navio Mouro, que sahio do mesmo porto:

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

——— o ſeu Capitaõ muito ſenhor de ſi, veio a bordo ao ſinal, e moſtrou hum paſſaporte paſſado em termos por Lourenço de Brito, Governador da Fortaleza de Cananor; mas o ambicioſo Goes, que ſómente buſcava hum pretexto para tomar o navio, exclamou deſatinado, que o paſſaporte era fingido, ou extorquido; imputou ao Capitaõ ruins tençoens, e ſem o abalarem as razoens, e lagrimas deſtes infelices, accreſcentou á barbaridade a injuſtiça, e tomando o navio mandou, enforcar quantos vinhaõ dentro, e atados, e cozidos nas velas os lançou no mar.

As ondas, que levaraõ eſtes cadaveres á praia do meſmo porto de Cananor, deſcobrio toda a iniquidade deſta acçaõ, e excitou o horror, que ella merecia. Tinha Cananor mudado de Senhor, e o Rei era falecido poucos dias antes, tendo o Samorim com as ſuas maquinaçoens, e dinheiro conſeguido o nomear hum ſucceſſor taõ oppoſto aos Portuguezes, quanto o antecedente fôra propicio. O Capitaõ do navio, que tinhaõ morto, era ſobrinho do Mouro mais poſſante de Cananor, cujo credito era muito grande em todo o Malabar. Mal eſte infe-

feliz velho pôz os olhos no cadaver de hum ſobrinho, que tanto eſtimava, chamando toda a ſua parentela, e a de todos os que tinhaõ tido igual ſorte, correo á Fortaleza tomado de furor, e lavado em lagrimas, clama que quer fallar ao Governador, lança-lhe em roſto a ſua traiçaõ, e má fé do ſeu paſſaporte. Lourenço de Brito, que nem tinha modo de juſtificar a barbara acçaõ de Goes, nem de provar a ſua innocencia, ficou enleado, e falla ſem proveito. O velho agoniado cada vez mais, corre ao Paço do Rei com a meſma companhia, e com a de infinito povo, que ſe lhe incorporou, e pedindo audiencia ao ſeu Soberano, implora a ſua equidade, expoem-lhe a iniquidade da acçaõ, e enche o Paço de gritos. O Rei já diſpoſto com os impetos do odio, lhe parece ainda mais vivo o horror do crime; teve interior alegria no ſeu coraçaõ, e conſolando o velho affligido o melhor que pôde, lhe prometteo fazer a diligencia, para que lhe fizeſſem juſtiça.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Parece que tudo concorria para avultar o mal; porque pelo meſmo tempo eſtava a Cidade de Cochim conſternada com hum deſaſtre acon-

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei.

tecido, naõ digo por covardia, mas por demaziada prudencia da maior parte dos Capitaens da frota de D. Lourenço de Almeida. Tinha efte Fidalgo moço ordem de correr a Cofta com huma armada de 10 navios, para favorecer o commercio delRei de Cochim, que tinha entaõ muitos navios, que recolher. Chegado D. Lourenço a Dabul, teve noticia, que alli fe achavaõ muitas náos de Cochim impedidas pela frota do Samorim. Efta frota, que eftava dentro no rio, naõ lhe podia efcapar, e depois de ter livrado os aliados podia confeguir nova victoria defta frota. Defejava D. Lourenço dar a batalha, mas no confelho foraõ do voto contrario o maior numero dos Capitaens, e cedendo D. Lourenço com violencia foi obrigado a deixar o combate: aproveitaraõ-fe os inimigos, queimando, ou tomando todos os navios, que tinhaõ bloqueados. Chegando a Cochim a noticia defta perda, encheo a Cidade de fentimento, e o Rei de alguma indignaçaõ. O mefmo Vice-Rei o fentio, e procurou baldadamente tranquillizar a colera defte Principe, promettendo-lhe caftigar feu filho, no cafo que o achaffe culpado; e com effeito a penas chegou, lhe fez

Con-

Confelho de guerra; mas como D. Lourenço tinha ordem expreſſa de naõ emprehender nada ſem o voto da maior parte dos Cabos, e tivera a cautela de lhes pedir os pareceres por eſcrito, apreſentou a ſua defeza, e ſem cuſto ſe livrou: os Capitaens condenados pela ſua meſma aſſignatura, foraõ ſuſpenſos dos ſeus cargos.

Ann. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Foi ventura dos Portuguezes o contentarem-ſe os moradores de Cochim em deſafogarem a ſua dor com queixas; porém naõ ſuccedeo aſſim em Cananor; e ou lhes pareceſſe pouco caſtigo, o privarem Goes da capitania, como foi com effeito, ou eſtiveſſem nimiamente agaſtados para admittirem alguma ſatisfaçaõ, começaraõ a trabalhar ſurdamenre, e armar todas as diſpoſiçoens com o Samorim, para expulſarem eſtes eſtrangeiros. Era o Samorim habil em extremo para deſaproveitar taõ boa aberta, e fez logo offerta ao Rei de Cananor de 24 peças de artilheria, e 30ↀ homens.

Todas as circumſtancias do tempo eraõ fataes aos Portuguezes: naõ tinhaõ chegado náos de Portugal, como era coſtume, e os inimigos tomavaõ diſto grandes eſperanças fundadas

ANN. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

das no pronoftico dos feus feiticeiros, que nefte anno lhes promettiaõ grandes fucceffos. D. Lourenço tinha com effeito metido 60 foldados na Fortaleza, e provido a praça; mas era muito pouco contra tantos inimigos. O Inverno vinha entrando, e naõ podia efperar a Fortaleza mais foccorro até a vinda da Primavera, ao mefmo tempo, que o Samorim pondo em marcha as fuas tropas por terra, em qualquer tempo as podia mandar. Neftas circumftancias he certo, que os Portuguezes eftavaõ perdidos em Cananor, a naõ fer a traiçaõ de hum tio delRei, e de hum feu fobrinho, que, naõ dando ouvidos ás vozes do fangue, e da natureza, para os facrificar á fua ambiçaõ, e efperanças, facrificando ao mefmo tempo o feu Rei, e os feus parentes, lhes deraõ avifos, e foccorro a tempo, e na neceffidade, fendo por efte meio a caufa da fua falvaçaõ.

Eftava a Fortaleza de Cananor em huma ponta de terra, que o mar lavava por duas partes. Tinha hum defeito effencial, que era faltar-lhe agua, que fó lhe vinha de hum poço, que eftava entre a Cidade, e a praça, em que fenaõ pudera meter.

O

O Rei de Cananor, que conhecia que tinha os Portuguezes rendidos, se lhes pudesse cortar a communicaçaõ para o poço, antes de romper decladamente, com varios pretextos mandou abrir huma cava de praia a praia, deixando huma estreita passagem para o poço, e depois guarneceo toda esta linha de baluartes, e artilheria. Instruido o Governador dos seus designios por estes perfidos Principes, fez o mesmo da sua parte, naõ deixando para hir ao poço, que se achava entre estas duas linhas mais, do que huma simples ponte levadiça.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei.

Acabadas as obras de huma, e outra parte, começaraõ as hostilidades. No principio de Maio appareceo El-Rei de Cananor com 60☉ homens, que da primeira mostra fizeraõ mais algazara, que dano. Por hum mez foi o poço o campo de batalha, e o theatro, onde os mais valentes de ambos os partidos deraõ provas de seu valor, e ainda que os inimigos levassem ordinariamente o peor, com tudo os Portuguezes se viaõ na consternaçaõ de naõ tomarem agua, sem que lhes custasse sangue, e para a buscarem cumpria pegar em armas toda a guarniçaõ, o que lhe causava incri-

cri-

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

crivel fadiga, e a pouca quantidade, que se alcançava, era repartida com tanta conta, que mal chegava a matar a sede. O Governador, que mal chegava a ter quatrocentos homens entre Portuguezes, e Malabares, poupava as sortidas; e como isto augmentava a mingoa d'agua, obrigava aos infelices apertados da sede, a saltarem por sima dos muros, ou furtarem-se com risco á vigilancia das vigias, e muitos perderaõ assim a vida.

Conhecendo Brito, que pouco a pouco se lhe hia assim desbastando a gente, se via consternado; mas Thomaz Fernandes, que estava na Fortaleza, e fôra mandado da India como engenheiro, o salvou deste susto. Abrio huma mina grande, e alta, que chegava até ao poço ao nivel d'agua, e para que naõ lhe lançassem peçonha no poço os inimigos, fez huma abobada o mais secreto que pôde sobre a agua, e depois mandou arrazar o poço, e encher por sima. Esta acçaõ assim espantou o Gentio, que assentando, que os Portuguezes tivessem achado agua dentro na Fortaleza, nem se quer lhe veio á memoria similhante ardil.

Tirada ao inimigo esta esperan-

ça,

ça, voltaraõ os ſeus deſignios, aſſentando acometer a praça formalmente. Houve primeiramente muitos combates na tranqueira, que fizera Brito; mas derramando a artilheria dos Portuguezes os inimigos, as muitas perdas, que tiveraõ aſſim lhes eſmoreceraõ o ardor, que naõ tiveraõ mais ouzadia de apparecer. Para obviar eſte inconveniente inſpiraraõ os Mouros ao Rei, que mandaſſe preparar huma grande quantidade de balas de lá muito eſpeſſas, com que pudeſſem chegar-ſe cobertos. Tinha Brito noticia de todos eſtes apparelhos, cujo ſegredo deſcobrio por alguns inimigos, que ſe apanharaõ em hum cepo, que lhes armaraõ em huma ſortida; além diſſo era aviſado pelo Principe de Cananor, que lhe mandou hum dos ſeus confidentes, com dois bateis carregados de mantimentos: com tudo iſſo naõ deixou de ter algum effeito o ardil dos Mouros. Os tiros das peças grandes da artilheria deſſe tempo, a que chamavaõ esferas, e camelos, embaçavaõ nas ſaccas de lá, o que cauſou algum temor nos cercados, e deo ouzadia aos inimigos: tanto, que ſahindo do ſeu campo, e vindo em deſordem dar huma eſcalada á Fortaleza, já arrancavaõ os páos, que ſoſ-

ANN. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Ann. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

sostinhaõ a terra das trincheiras. Brito mandou mudar para o reparo algumas colubrinas, chamadas basiliscos, e mandando carregar algumas peças de metralha, desfez as balas de lá, deixando sem abrigo os que estavaõ de traz, e fazendo a artilheria carregada de cartucho grande estrago, encheo os inimigos de terror, e os pôz em desordem. Conhecendo isto Brito, deixou sahir hum corpo de soldados, que estavaõ já promptos para huma sortida, que pôz os inimigos em fuga, e voltou victorioso á Fortaleza.

Pelo decurso do cerco, que foi demorado, houve de parte a parte muitos assaltos, e sortidas: a mais celebre foi a de que se encarregou hum Fidalgo Castelhano, conhecido pelo appellido de Gadualajara sua patria. Escolheo huma noite tenebrosa, fria, e chuvosa, e dando sobre hum quartel inimigo, lhe matou 300 homens, e se recolheo carregado de despojo, e víveres. Outra sortida, que se fez em dia de Sant-Iago naõ foi taõ feliz para os Portuguezes: perderaõ nella alguns soldados, entre elles Gonçalo Vaz de Goes, que com o seu sangue pagou a acçaõ indigna, que accendera esta guerra, feliz em puri-

rificar esta nodoa com huma morte gloriosa.

Ann. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Bem que as diligencias dos inimigos tivessem taõ ruim successo, parece que a fortuna quiz combater a seu favor. Tendo hum Guarda do armazem posto por descuido fogo á Feitoria da Fortaleza, se ateou com tanta violencia, por encontar por toda a parte materia combustivel, que em poucas horas foi toda queimada com quasi todos os mantimentos, e muitas casas vizinhas.

Debalde trabalhou o Governador por encobrir esta perda aos inimigos, e aos seus proprios. Os inimigos a conheceraõ, e se aproveitaraõ, levando perto da tranqueira rebanhos, que incitassem a fome dos cercados, vendo coisa, que lha fartasse, e por este meio chamalos para cahirem nas ciladas, que lhes haviaõ armado. Quanto aos cercados, a pezar do soccorro do Principe de Cananor, que os fornecia de noite, estavaõ reduzidos a taõ grande fome, que naõ lhes fazia nojo o comer ratos, gatos, e toda a casta de immundicias.

Em breve tempo se viaõ obrigados a morrerem, ou a se renderem; mas neste aperto recorreraõ ás preces publicas, e fizeraõ votos á Mãi de Deos na Igreja, que D. Lourenço de Almei-

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Almeida fizera em ſua honra depois da victoria; e eſta Mái caritativa, ſempre favoravel aos que a imploraõ, parece que ouvio o ſeu rogo. No meſmo dia da ſua glorioſa Aſſumpçaõ ſe levantou hum vento do mar, que lhe lançou dentro da Fortaleza tanta quantidade de lagoſtas, que ſervio de farto mantimento por muitos dias: e como na India he huma comida muito ſadia, naõ ſómente lhes ſervio de remedio contra a fome, mas tambem contra as moleſtias cauſadas pela fome.

Eſte remedio ſeria leve, e inutil, ſe a eſtaçaõ naõ eſtivera taõ adiantada; mas receando o Samorim, e o Rei de Cananor, que com a volta do bom tempo chegaſſe o ſoccorro de Europa, aſſentaraõ prevenilo, unindo as ſuas forças, e pôrem a ultima diligencia para levarem a Fortaleza: com eſte fim deſpedio o Samorim huma armada, logo que ſe pôde conſervar no mar. Eſtava bem diſpoſta a ordem do ataque. Devia ter principio pela trincheira interior a fim de chamar para ahi todo o cuidado dos cercados, ſem deſconfiarem do fingimento; mas travada a acçaõ, a frota que eſtaria encoberta, devia vir fazer o ſeu deſembarque na ponta, e tomar a Fortaleza-

za-

za com huma escalada sem medo de encontro. Brito, que estava avizado das tençoens do inimigo pelos Principes, seus ordinarios espias, naõ se descuidou dos seus avizos. Chegado o dia do ataque, vindo a frota, conforme estava ajustado, bem que fosse forte, numerosa, e com algumas maquinas de novo artificio, foi recebida com tal valor, e taõ terrivel estrago de artilheria, que assombrados os Cabos de tal resistencia naõ esperada, se retiraraõ quasi sem batalha. Acodindo entaõ os Portuguezes, que defendiaõ este posto, á tranqueira, onde o Gentio começava a ter alguma vantajem, houve hum taõ rijo encontro, que naõ podendo os sitiadores soster o impeto dos cercados, foraõ obrigados a recolher-se, deixando muitos mortos.

Ann. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI.

O Rei de Cananor escarmentado depois desta acçaõ, só deo ouvidos a proposiçoens de paz, que se apressou mais com a chegada de Tristaõ da Cunha, que vindo de Portugal veio dar fundo neste porto. Com isto levantou o cerco, que durou quatro mezes, nos quaes Lourenço de Brito, e os valorosos Portuguezes, que com elle estavaõ grangearaõ grande gloria, e nome.

Fim do terceiro Livro.

HIS-

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS, E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES, NO NOVO MUNDO.

LIVRO IV.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

POR mais que ElRei D. Manoel se empenhasse, e por maiores despezas, que fizesse, para pôr em ordem os negocios da India, nem por isso se descuidava dos de Africa, que serviaõ como de caminho para aquelles. Ao mesmo tempo que estava com guerra aberta com os Mouros de Fez, e Marrocos, despachava continuadamente frotas para o Oceano, a fim de adiantar os descobrimentos, e fazer novas Feitorias por esta Costa. Quasi que

que já tinha torneado esta parte do Mundo, e havia penetrado até ao Cabo de Guardafú. Pelo mar Atlantico tudo estava em paz: gozava sem guerra dos seus dominios, e commercio. Este Principe levado de hum verdadeiro zelo, e piedade, nada o incitava mais do que arraigar alli a Religiaõ, e mandar Missionarios, os quaes fizeraõ grande fructo, maiormente no Reino de Congo, onde eraõ favoneados pelo Principe D. Affonso.

ANN. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Na Costa Oriental, onde os povos tinhaõ mais politica, e eraõ capazes de se defender, sendo quasi todos Mouros, havia repetidas pelejas, mas quasi sempre os Portuguezes levavaõ a melhor. O Rei de Melinde, e o Cheque de Moçambique conservavaõ fielmente a sua aliança: pelo contrario o Rei de Mombaça se defendia vigorosamente, e inquietava o Rei de Melinde seu vizinho, porque recolhia os Portuguezes, e lhes era affeiçoado. Ibrahim, Rei de Quiloa, a quem o Almirante fizera por força tributario de Portugal, fez esta aliança simulada, e naõ tardou em a quebrar. Mandando depois D. Manoel tres náos, cuja Capitania tinha Antonio de Saldanha, estes

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

estes navios se espalharaõ com tormenta. Diogo Fernandes Pereira, Capitaõ de hum, descobrio a Ilha de Socotorá até entaõ desconhecida aos Europêos, onde invernou antes de passar á India. Rui Lourenço Ravasco, que commandava o terceiro, fez guerra viva ao Rei da Iha de Zanzibar, bem que aliado da Coroa, lhe tomou varios navios, matou seu filho em huma briga, e obrigou este Principe a fazer-se tributario, pagando cada anno cem meticaes de oiro, e trinta carneiros ao Capitaõ, que fosse receber o tributo. Similhantemente pôz hum tributo de 500 meticaes de oiro cada anno á Cidade de Brava, que era huma modica Republica na Costa de Zanguebar; e encontrando-se com Antonio de Saldanha, ambos causaraõ tanto medo a ElRei de Mombaça, que se vio obrigado a fazer huma paz simulada com o Rei de Melinde, e depois passaraõ ambos á India.

Ibrahim usurpador do Throno de Quiloa, a quem a sua consciencia trazia inquieto pela má fé passada, se recolheo ao Certaõ, quando D. Francisco de Almeida Vice-Rei passava á India. Mahomet Anconin, a quem deixou o governo da Cidade, naõ ousou

fazer-

fazer-lhe cara; mas ſeguro pelo General Portuguez voltou com as tropas. Almeida, que ſabia quaõ grato elle era ao Povo, o coroou Rei em lugar do uſurpador fugitivo; pôz-lhe a Coroa na cabeça com grande ceremonial, obrigou aos ſeus novos vaſſallos a dar-lhe juramento de fidelidade, e depois diſſo o meſmo Rei fez omenagem a ElRei de Portugal, de quem ſe reconheceo vaſſallo.

ANN. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Neſte Principe ſe vio hum excellente exemplo de probidade, pois que conhecendo-ſe mais depoſitario da Coroa, do que Rei, pedio ao General mandaſſe reconhecer por Principe, e legitimo herdeiro do Eſtado, com excluſaõ de ſeu proprio filho, hum dos filhos do Rei Abulfail deſtronizado pelo uſurpador Ibrahim. Eſpantado Almeida da generoſidade deſte Mouro, que taõ altamente condenava a ordinaria ambiçaõ dos Principes, ſempre diſpoſtos a invadirem os Eſtados alheios, ambiçaõ, que tem aſſás de exemplos no Chriſtianiſmo, lhe concedeo o que pedia, com condiçaõ todavia, que elle foſſe ſenhor do Sceptro até á ſua morte, e governaſſe como Rei os Eſtados do ſeu pupillo.

Tendo erigido em Quiloa huma

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Fortaleza, que todavia foi depois necessario demolir, partio Almeida para Mombaça com tençaõ de castigar o Rei delle, e obrigalo ao que era justo. O Piloto, que mandou reconhecer a barra, foi recebido a tiros de artilheria, de que tinha algumas peças com as armas de Portugal, que o Rei de Mombaça tinha tirado de mergulho do navio S. Rafael, que ahi tinha naufragado: o inimigo estava disposto para se defender bem: tinha dentro 4ↀ homens, e ainda esperava maior soccorro: o que naõ obstante, pondo Almeida o fogo á Cidade por duas partes, a investio ao mesmo tempo por outras tres, e a entrou. O combate nas ruas foi disputado, e sanguinoso: morreraõ á espada 700 pessoas, e houveraõ 200 prizioneiros: o Rei fugio para o Certaõ, e offereceo algumas proposiçoens de paz, que naõ foraõ attendidas: a Cidade foi esbulhada, e achou-se hum grande despojo, do qual o General tomou unicamente huma frexa. Seu filho D. Lourenço se distinguio muito nesta tomada. Naõ quiz o General, que seguissem o alcance a ElRei: tinha os soldados cançados, e já naõ podiaõ mais. Contentou-se com tomar-lhe a artilheria,

ria, e seguio a viajem para a India.

O conceito, que entaõ se tinha, de que Sofala era o Ofir de Salomaõ, e que della se tirava quasi todo o oiro daquellas terras, fazia com que ElRei D. Manoel senaõ descuidasse de similhante sitio; para o que destinou huma esquadra, que partio pouco tempo depois da de Almeida. Capitaneava-a Pedro d'Anhaia, que devia ficar com o governo de Sofala. Constava a frota de 6 velas, das quaes tres eraõ navios grossos, que haviaõ de passar á India, quando Anhaia os pudesse escuzar; os outros tres deviaõ ficar de guarda costa na Ethiopia inferior, governados por Francisco d'Anhaia filho de Pedro.

ANN. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Pelo nome de Sofala se pode tomar huma Cidade, huma Ilha, hum Reino no paiz dos Cafres, muito além do Cabo de Boa Esperança, voltando para o Equador, entre o Cabo das correntes, e Moçambique. Formaõ a Ilha os dois braços do Cuama, que he hum ramo do Zambeze. Os habitadores saõ negros, de cabello encaracolado, saõ supersticiosos como os mais Negros, mais ladinos com tudo, com mais policia, e com alguma industria. Naõ obstante isto, saõ pobres

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

no meio de abundancia, cuja pobreza se demostra nas suas cazas, nas suas pessoas, e quasi em tudo; mas o paiz he verdadeiramente rico com o oiro das minas, que ha nas terras, e muito mais pelo que se saca dos rios, e lagoas, que correm por huma larga chapa de terra, onde dizem se descobrem edificios de forte construcçaõ, que tem resistido ao tempo, e de taõ remota antiguidade, que ainda que se descubraõ vestigios em certos caracteres, que ahi se vem gravados, estes mesmos caracteres, visto serem incognitos, convencem da sua antiguidade ser de muitos seculos.

Era este Reino antigamente do dominio de Monomotapa, cujo imperio ainda se estende por todos os largos paizes da baixa Ethiopia Oriental; mas sujeitos do caracter, que acabo de pintar, naõ eraõ proprios para se aproveitarem dos bens das suas terras, que pareciaõ destinadas para estrangeiros mais expertos. Os Mouros se haviaõ ultimamente apossado dellas, e ao principio tomaraõ assento com mostras de grande paz; e alguns generos daquelles, que o commercio geralmente traz, foraõ o com que os convidaraõ para serem bem recebidos. Querem

que

que os da Cidade Magadaxó fossem os primeiros, que lá fossem; mas tendo os Reis de Quiloa feito despejar estes, se apossaraõ da terra, e puzeraõ nella Cheques, e Governadores em seu nome. O que lá estava, quando lá entraraõ os Portuguezes, chamado José, tomou a independencia nos motins da ultima revoluçaõ de Quiloa, e se. fez Soberano; mas foi já tarde, e aproveitou-se pouco tempo.

Aportando Anhaia em Sofala, depois de vencidos alguns embaraços antes de chegar ao Paço do Cheque, que estava em huma povoaçaõ assás remota, tomou a resoluçaõ de lá hir com toda a sua gente, ao som de tambores, e trombetas. O Cheque, que de boa mente dispensára esta vizita, disfarçou, e lhe deo bom acolhimento: estava lançado em hum catel no interior do seu Palacio, e tinha ao lado hum feiche de flexas; no mais, bem que pobre, era muito modesto, e naõ havia na sua Corte coisa maior, nem mais attendivel do que elle. Era já adiantado em annos, pois contava 80, e cego; com tudo mostrava huma soberania, e sustentava a reputaçaõ, que tinha merecido.

Expôz-lhe Anhaia a sua mensagem,

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

gem: fez alardo da potencia do Rei de Portugal, e dos proveitos da ſua aliança, e concluio pedindo licença para edificar huma Fortaleza, que lhe ſerviſſe de eſcala para os navios, que foſſem ás Indias, de caza forte para eſtarem as fazendas, e de reparo contra as invaſoens dos inimigos do Cheque, de quem os Portuguezes pertendiaõ ſer fieis aliados.

Joſé naõ carecia do commercio dos Portuguezes, e ſabia que elles eraõ mais para temer, do que para amar, e iſto meſmo fez com que levemente lhes concedeſſe quanto pediaõ.

A licença de fazer a Fortaleza agaſtou ſummamente os Mouros, principalmente a Muſaph genro do Cheque, que tomou a liberdade de fallar mais ſoltamente a ſeu ſogro; mas o experimentado velho, que via tanto melhor com os olhos do eſpirito, quaõ pouco com os do corpo, lhe atalhou o impeto, fazendo-lhe tomar o pezo aos motivos da ſua politica. „ He fóra de tempo, lhe reſpondeo, „ oppor-nos por ora ao que naõ podemos impedir: naõ ha coiſa, que „ reſiſta a eſtes novos hoſpedes: he „ notorio o que fizeraõ em Moçam-

„ bi-

„ bique, Quiloa, Mombaça, e na
„ India: confeſſo que ſaõ hoſpedes
„ pezados, e ruins vizinhos, eu lhes
„ abro meios de ſe fortificarem, e eſ-
„ tabelecerem, concedo iſſo, mas com
„ que forças nos achamos nós para
„ começar-mos as hoſtilidades, e de-
„ fendermo-nos, ſe elles nos quizerem
„ opprimir? Eſperemos, deixemos que
„ o tempo trabalhe: aqui naõ fi-
„ caõ todos, pois vaõ deſtinados para
„ outra parte: o ar da terra mortal
„ a todos os eſtrangeiros, como nós
„ meſmos o experimentamos bem,
„ acabará muitos delles; e quando ſe
„ achar desfalcado o numero, quan-
„ do eſtiverem bem apalpados do
„ ar, entaõ telos-hemos ao noſſo ar-
„ bitrio, e nos desfaremos de taõ pe-
„ zados hoſpedes.

O vaticinio de Iſuph naõ tardou em cumprir-ſe em parte. Anhaia pôz o maior cuidado em terminar a Fortaleza, e os Cafres naturaes do paiz, lhe deraõ tal ajuda, que em pouco tempo, e com pouco cuſto a acabou. Deſpedio entaõ Barreto, que ſe fez á vela para a India com tres navios de carga, e mandou ſeu filho com outros tres andar ás prezas até Moçambique. Foi eſte taõ deſgraçado, que a mui-

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

muito custo se salvou em Quiloa, depois de perder dois navios, e alli o Feitor Pedro Ferreira o prendeo, como se os perdera por culpa sua. Hindo-se assim desfalcando pouco a pouco a guarniçaõ, o foi muito mais com as molestias causadas pelo ar apaulado, e pestilencial destas terras, que se fez mais pestifero com o romper das terras, de sorte que se vio reduzida a quarenta pessoas, muitas das quaes andavaõ em pé com muito trabalho.

Nem assim se portavaõ os Portuguezes com grande politica, e tinhaõ puchado a si todo o trato do oiro. Fizeraõ o mesmo regimento, que em outras partes os tinha feito taõ odiosos, e observavaõ com igual rigor, de sorte que escandalizados os Mouros, e valendo-se do credito de Musaph, resolveraõ ultimamente Isuph a que lançasse maõ da opportunidade do tempo para os expulsar.

Para segurarem melhor o tiro, a engrossarem as suas forças, convidou Isuph hum Principe vizinho, tributario do Imperador de Monomotapa, a quem mostraraõ os capitulos contra os Portuguezes, exhortando-o a que tomasse parte no seu desbarato, e des-

po-

pojo: pintaraõ-lhe esta empresa por huma parte taõ facil, e pela outra de tanto proveito, que foi o que bastou para avivar a cobiça do Cafre, que se pôz em campo com hum grande exercito.

Havia entaõ na Corte do Cheque hum homem nobre de muito credito, Abexim de naçaõ, que tendo sido cativado pelos Mouros de idade de dez annos, fòra por elles circuncidado, e criado na sua Religiaõ. Quando viò Anhàia na primeira audiencia, o acompanhou, e travou com elle estreita amizade, e para lhe dar provas da sua estimaçaõ, lhe fez presente de 20 Portuguezes, que tinha em seu poder, que eraõ de hum navio da sua frota, que tendo-se levantado contra o Capitaõ, tinhaõ sido cativos, querendo antes aventurar-se a todo o risco, que corriaõ em terra incognita, do que tornarem a embarcar-se com elle.

Arraigada com o tempo a amizade, sempre tinha sido do partido dos Portuguezes no Conselho, mas como naõ pode vencer, deo avizo a Anhaia de quanto se tinha acordado para sua ruina, e se lançou na Fortaleza com cem homens do seu mando, pouco antes de se começar o ataque, para

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

o qual Anhaia se apparelhou com todo o vagar.

Era a tençaõ dos inimigos pôrem o fogo á Fortaleza, que era sómente de páos, com flexas, faxinas inflammadas, e com effeito lançaraõ grande numero de frexas, e trouxeraõ muita faxina, com que quasi igualaraõ a altura do reparo. Anhaia, que tinha tomado as cautelas ordinarias contra o fogo, deixou chegar os inimigos sem estorvo, e disparou a artilheria tanto a tempo, que os Cafres naõ costumados ao estampido, e effeito destas maquinas, voltaraõ logo as costas, e se meteraõ em hum grande palmar; mas continuando o canhaõ a decepar as arvores, e a fazer maior estrago com os estilhaços, espinhados os Cafres de os terem convidado para virem fazer guerra naõ a homens, como elles se explicavaõ, mas a Deoses, converteraõ a sua furia contra os Mouros, esbulharaõ a povoaçaõ, e se recolheraõ ás suas terras.

Anhaia, mal satisfeito de se ver desembaraçado a taõ pouco custo, quiz vingar-se de seus inimigos, e inhabilitalos de lhe poderem ser danosos com mais vigoroso golpe, e escolhidos quinze Portuguezes, e vinte homens do Abe-

Abexim ſeu amigo fiel, dá na povoação do Cheque no quarto da modorra, entra até ao Paço, matando quantos encontrava; paſſa ao quarto do Principe, que, ainda que velho, e cego, naõ perdeo o acordo; e pondo-ſe em defeza, arroja as ſettas ſem tino, e fere levemente Anhaia no peſcoço. Seguio-ſe a prompta vingança deſte golpe. O Feitor Manoel Fernandes, homem deſtro, e bom ſoldado, ſe chega ao velho, e lhe corta a cabeça, que cravada em huma lança ſobre os muros da Fortaleza ſervio de eſpectaculo de terror.

Tendo eſta morte ſervido de ſe ajuſtar promptamente a paz, entrou logo a diſcordia entre os Mouros ácerca da ſucceſſaõ. Tendo cada hum dos filhos do Cheque o ſeu partido, Anhaia fez pezar para a parte de Solimaõ, que moſtrara ſempre mais affeiçaõ aos Portuguezes, e que de boa mente ſe ſujeitou á condiçaõ de ſe fazer tributario da Coroa de Portugal. Poucos dias depois morreo Anhaia do contagio do ar peſtilente deſte paiz. Tomou o governo Manoel Fernandes, eſperando ſer confirmado nelle em attençaõ aos ſeus ſerviços; mas o Vice-Rei da India, a quem pertencia a nomea-

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

nomeaçaõ, ſabendo da morte d'Anhaia pelos dois Capitaens dos navios, que mandara D. Manoel em buſca de Franciſco de Albuquerque, o tirou, e mandou para governar Nuno Vaz Pereira, levando ordem de paſſar por Quiloa, onde os motins, que ſe tinhaõ ſuſcitado, requeriaõ a ſua preſença, e remedio naõ retardado.

Com effeito Nuno achou em Quiloa as coiſas em grande deſordem. Mahomet Anconim, que com a ſua prudencia tinha tudo em boa ordem, depois de ſe ter ſalvado das emboſcadas dos do partido de Ibrahim, veio a ſer victima da ſua propria generoſidade para com hum Principe confederado do uſurpador deſapoſſado. Tinha Pedro Ferreira, Feitor, ou Governador de Quiloa, cativado hum filho do Rei de Tirendiconde, e o tratava mais como eſcravo, do que como priſioneiro. Mahomet, que naõ era homem de grande ſangue, e que queria ter hum protector, reſgatou eſte Principe moço, e o mandou a ſeu Pai com alguns preſentes. Eſte fingindo-ſe agradecido a eſta demonſtraçaõ de magnanimidade, convidou Mahomet para huma conferencia, com pretexto de tratar nella negocios de paz, e tendo-o

em

em ſeu poder, o mandou cruelmente aſſaſſinar em quanto dormia.

Ann. de J. C. 1506.

Morto Mahomet, e provavelmente tambem o moço Principe da deſcendencia de Abulfail, que fóra apontado herdeiro legitimo do Reino, pleitearaõ o Throno Hocem, filho de Mahomet, e Micante, ſobrinho do uſurpador Abrahim. Eſtes dois rivaes naõ ſómente repartiraõ entre ſi os Mouros, mas tambem os Portuguezes. Os principaes naõ aſſentavaõ que Hocem tiraſſe merecimento da afeiçaõ de Mahomet aos Eſtrangeiros, quando aliàs era tido em pouco, em razaõ do ſeu naſcimento, e aſſim ſe puzeraõ da banda de Micante com o Governador Ferreira, que neſte ponto naõ ajuizava como os demais da ſua naçaõ; mas naõ rebentava daqui o maior mal. ElRei de Portugal mal informado, tinha paſſado ordem, que ſenaõ tranſportaſſe fóra deſta Cidade alguma daquellas fazendas, que ſe levavaõ ordinariamente a Sofala, cujo commercio queria reſervar para ſi ſómente. Eſta ordem, a que ſe dava a mais exacta obſervancia, aſſim revoltou os animos, que em pouco tempo ſe vio a Cidade quaſi deſpovoada das principaes familias, que ſe refugiaraõ a Mom-

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

ANN. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Mombaça, a Melinde, e ás de mais Cidades vizinhas. Nuno, ainda antes de chegar a Quiloa, abolio esta ordem, e a mandou notificar hindo no caminho, o que produzio taõ bom effeito, que quando lá chegou levava de companhia mais de 20 velas carregadas destas familias fugitivas, que alegres se recolhiaõ a tomarem posse dos seus antigos bens. Por este modo tornou a Cidade ao seu antigo esplendor. Depois disto mandou Nunes, que cada hum dos pertendentes pleiteasse na sua presença; e naõ obstante o favor de Ferreira, pôz Hocem de posse do Sceptro, e depois partio para Sofala.

Tendo Hocem grangeado a estimaçaõ do povo com huma victoria, que alcançou pouco tempo depois, veio a ser taõ insolente, que suscitadas de novo as facçoens, o Vice-Rei mandou ordem para lhe tirarem o governo, e pôrem Micante em seu lugar. Portando-se este ainda peor que o seu rival, e dando todos os dias novos motivos de queixas pelos seus brutaes costumes, foi similhantemente deposto, e foraõ buscar o usurpador Ibrahim. Repugnou no principio fiar-se nos Portuguezes, e vir-se-lhes me-

meter nas maõs; mas vencida a desconfiança, reinou pacificamente, e viveo sempre depois com boa armonia com elles.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Nesta conjunctura partio de Portugal Tristaõ da Cunha para a India, a pôr de caminho com execuçaõ algumas ordens na Costa d'Africa. ElRei D. Manoel que o estimava, o havia nomeado antes de hir para a India como Vice-Rei; mas tendo cegado de vertigens, de que era acometido, foi Almeida nomeado em seu lugar. Tendo-o curado os Medicos, o nomeou ElRei General das náos da carga, que mandava ás Indias, dando-lhe algum lucro na mesma carga, e o despachou com huma armada de 16 velas, das quaes Affonso de Albuquerque commandava sinco.

Tendo-se Tristaõ metido em demaziada altura do Sul, descobrio algumas Ilhas, a que deo o seu nome, que ainda conservaõ, e depois chegou com bom successo a Moçambique; mas tendo perdido muito tempo na navegaçaõ, por naõ ter seguido o conselho de Albuquerque, perdeo a monçaõ de passar á India. Quiz resarcir esta perda, hindo reconhecer a Ilha de Madagascar, ou de S. Lourenço,

que

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

que Rui Pereira tinha defcoberto pela parte de dentro, e que depois o foi por fóra, e pela banda do Sul por Fernaõ Soares, que lá foi voltando das Indias.

Efta Ilha, fituada debaixo da Zona torrida, e do Tropico de Capricornio no mar da Ethiopia, correfponde ao paiz dos Cafres, e terá 350 legoas de comprido, e 80, ou 100 de largo: os feus habitantes parte faõ negros, parte brancos, ou baços: eftes moraõ na cofta do mar, e parecem fer Colonias Arabias. Os negros mais antigos no paiz provavelmente faõ oriundos dos Cafres, a quem faõ parecidos nos coftumes, e na Religiaõ. A terra he muito fertil de tudo quanto he neceffario para a vida, e util para o commercio, porém Triftaõ naõ achou alli as grandes riquezas da India, como tinha fantafiado. Os povos lhe fizeraõ ao principio bom acolhimento a fim de lhe armarem huma cilada, de que logo tomou vingança; mas vendo que alli aproveitava pouco, tornou a fahir, e perdeo alguns navios no recife da Ilha, que lança muito para fóra, e efteve em perigo de ficar tambem alli perdido.

Ten-

Ann. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Tendo achado tudo tranquillo em Quiloa, passou a Melinde. Estava entaõ ElRei de Melinde com guerra aberta com os Reis d'Hoja, e de Lamo, por interesses particulares, e antigas pertençoens; e persuadindo a Tristaõ, que era pelo favor, que tinha entaõ dado aos Portuguezes, obrigou este General a tomar parte nas suas desavenças, e Hoja foi saqueada, e morto o seu Rei na defeza. O de Lamo tirando liçoens da desgraça do vizinho, evitou igual ruina sobmetendo-se, e fazendo-se tributario da Coroa de Portugal.

A Cidade de Brava, que fica mais assima 50 legoas, seguio o exemplo d'Hoja, e teve a mesma sorte. Era grande, rica, povoada, e fortificada com hum muro, hum fosso, e algumas torres, defendidas por mil Mouros bem armados, e que deraõ mostras de valentes. Aceitára o ser tributaria de Portugal por alguns dos cabeceiras da Republica, que se acharaõ em Quiloa, como disse; mas ella teve esta acçaõ tanto a mal, que bem que fosse hum mero artificio para salvar huma náo ricamente carregada, onde vinhaõ pessoas da Cidade das de mais conta, assentou, que devia

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

dar desta acçaõ hum severo castigo aos que se acharaõ cumplices, e os privou dos seus cargos. Na resoluçaõ de se defender bem, quando Tristaõ da Cunha chegou, despedio com desdem o seu mensageiro. Todavia tendo ponderado melhor o Senado, se começou a tratar huma negociaçaõ com o General Portuguez; mas como esta se hia demorando com diversos pretextos, desconfiado o General destes vagares, á força de tormentos soube a verdade, do que andava nestes tratos, e vio que o entretinhaõ; porque nesta monçaõ reinava hum vento taõ forte, que naõ escaparia hum só vaso de dar á Costa.

Chamando Tristaõ a Conselho, assentou entrar a Cidade na noite seguinte. Toda a gente se embarcou nos bateis, e se formou em duas linhas. Levava Albuquerque a primeira composta de 400 homens, e Tristaõ a segunda com 600 homens, Chegaraõ a terra ao romper o dia; e por mais que quizessem encobrir a marcha, os da Cidade a perceberaõ, e se acharaõ 2[illegible] homens para lhes defender o desembarque, o qual se fez todavia com muita ventura, ainda que naõ fosse sem se derramar sangue. Os inimigos comba-

Ann. de J. C. 1507. D. Manoel Rei. D. Francisco de Almeida Vice-Rei.

bateraõ com valor; mas vendo-se apertados voltaraõ á Cidade, e entraraõ nella podendo fechar as portas, por quanto alguns se sacrificaraõ fazendo cara aos inimigos: entaõ se espalharaõ os Portuguezes ao longo dos muros; e reparando Albuquerque em huma especie de brecha em hum lugar, onde o muro era mais baixo, deo por alli o assalto, e subio o muro. Foi longo, e violento o combate pelas ruas; e entrando a Cidade pela sua banda Tristaõ, que a investio por outra parte, se fizeraõ os Mouros fortes na grande Praça, e Mesquita. Aqui se renovou a briga com mais ardor, e tendo durado até ao meio dia, se retiraraõ os Mouros, e sahiraõ da Cidade, deixando 500 mortos, e entre elles os cabeceiras da Republica. Tambem houveraõ muitos mortos da parte dos Portuguezes, e maior o numero de feridos, nos quaes entrou o proprio General, que no mesmo sitio em que foi ferido, quiz ser armado Cavalleiro com seu filho por Affonso d'Albuquerque, que lhe cingio a espada, e lhe deo a pranchada na fórma do antigo uso. O General armou depois alguns Cavalleiros dos que se tinhaõ mais distinguido nesta facçaõ.

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Triſtaõ naõ quiz, que ſe ſeguiſſe o alcance ao inimigo fóra da Cidade, e mandou fechar as portas; e como temia o furacaõ, com que o ameaçavaõ, deo a Cidade a ſaco, mandando deitar bando, que ſenaõ detiveſſem, pois lhe queria pôr o fogo. Acharaõ-ſe muitas riquezas de toda a caſta, mas foi tamanha a ambiçaõ dos ſoldados, e marinheiros, que naõ ſe fartando alguns, ſe viraõ cercados das chamas: naõ foi menor a crueldade, pois cortaraõ as maõs, e as orelhas a mais de 800 mulheres, e meninas, por naõ gaſtarem mais tempo em lhe tirarem os braceletes, e brincos. Eſta barbaridade deſgoſtou ſummamente o General, que para a evitar deo as ordens hum pouco tarde. Parece que Deos a naõ quiz deixar impunida, por quanto levando quinze deſtes marinheiros, e ſoldados hum batel muito carregado, o batel ſe foi ao fundo, e tornou aſſima da agua vazio, depois de todos afogados, e perdido quanto levava.

Naõ lhe quiz ceder em valor Magadaxo, outra Cidade ſituada a dez legoas de Brava, igualmente rica, e poderoſa, bem que tiveſſe razaõ para temer igual tratamento. Mal teve viſ-

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

ta da frota Portugueza ſe apparelhou, ou para vencer, ou para acabar, Leonel Coutinho, a quem o General mandou com as propoſiçoens, vendo a praia guarnecida de gente de pé, e de cavallo em boa ordem, naõ ſe quiz aventurar, e pôz ſómente em terra hum eſcravo, que foi logo feito em pedaços. Obrigado aſſim a voltar a bordo a dar diſto conta, convocou logo Triſtaõ da Cunha os Capitaens, que ſeguindo mais a luz da razaõ, do que o impeto do ſeu valor, foraõ de voto de deixar a vingança para outro tempo, e ſeguirem a ſua derrota até Socotorá, onde chegáraõ no mez de Abril de 1507.

Socotorá, que ſe julga ſer a Dioſcórida dos antigos Geografos, he huma Ilha, que fica na boca do mar Vermelho no eſtreito de Meca, formada pelo Cabo de Guardafu da parte de Africa, e pelo de Fartaque da banda da Arabia. Fica ſituada entre eſtes dois Cabos, e no meio delles diſtante quaſi trinta legoas de cada hum: tem vinte de comprimento, e nove de largura: o clima he quente, porém muito ſádio, porque he temperado com o vento do mar, que he alli ordinario: a terra he levantada, montuo-

ſa,

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

sa, seca, esteril, menos em alguns valles, onde se criaõ rebanhos. Ahi ha o melhor incenso, e aloe, do que em terra alguma: dá vermilhaõ, e ambar, que o mar arroja sobre a Costa; e tambem se colhem muitas tamaras, e milho, de que com o leite do gado se mantem os naturaes.

Estes saõ oriundos dos Arabios, e vivem em cazas subterraneas á maneira dos antigos Troglódytas: andaõ núz, e só trazem cubertas as partes pudendas, e tudo o mais condiz com a sua nudêz. Saõ timidos, preguiçosos, covardes, pouco atilados, e parecem nascidos para serem escravos, e miseraveis: a sua Religiaõ naõ era mais do que huma monstruosa mistura de Judaismo, Mahometismo, e Christianismo, de que se pode dizer que naõ tinhaõ mais do que as apparencias exteriores: taõ completa era a sua ignorancia! Contaõ que S. Thomé, quando foi ás Indias, tinha alli prégado a Fé, que os Jacobitas depois adulteraraõ. Sendo Christaõs sem Baptismo, conservavaõ ainda os nomes de Maria, e dos Apostolos, e davaõ grande culto á Cruz, tendo-a arvorada em muitos lugares, e trazendo-a ao pescoço.

Fa-

Faziaõ as ſuas oraçoens em Hebraico ſem o entenderem: tinhaõ huma ſó mulher, guardavaõ os jejuns, e feſtas, e conſervavaõ outros muitos veſtigios de huma Religiaõ, cujas noçoens verdadeiras eſtavaõ de todo gaſtadas no ſeu animo, e coraçaõ.

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Aproveitando-ſe o Rei de Caxem no paiz dos Fartaques da covardia deſtes pobres Inſulanos, ſe tinha apoſſado della, e impoſto hum peſado jugo, e para os pôr em termos de o naõ poderem ſacudir, tinha feito na Ilha huma Fortaleza, onde tinha por Capitaõ Ibrahim ſeu filho, Principe moço de grande ardimento, e valor varonil, de que tinha dado grandes provas.

Como hum dos principaes intentos delRei D. Manoel era arruinar de todo o commercio dos Mouros pelo mar Vermelho, por onde deviaõ paſſar quaſi neceſſariamente todos os ſeus navios, que vinhaõ da India, ou da Coſta Oriental da Africa, nada pertendia com maior ancia, do que fazer-ſe ſenhor deſte poſto, que o fazia dominar o eſtreito, e lhe dava hum abrigo para as frotas, que mandava para andar cruzando pela Coſta da Arabia. Eſte foi o principal deſignio

com

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei.

com que deſpachou o Cunha com ordem de lançar os Fartaques da Ilha, tomar-lhe a Fortaleza, e edificar outra em ſitio accommodado. Para iſto mandou carregar em nove navios de frota os materiaes de huma Fortaleza, que eſtava feita nos armazens de Lisboa, de forma que baſtava armala.

Tendo Triſtaõ da Cunha mandado propor a Ibrahim, que ſe rendeſſe, naõ deo outra reſpoſta, ſenaõ a de hum homem reſoluto, de ſorte, que foi forçoſo combater. Tomada eſta reſoluçaõ, mandou o General examinar a Coſta para buſcar ſitio mais proprio para o deſembarque, e como o mar quebrava muito, naõ achou outro ſitio mais accommodado, ſenaõ defronte de hum pequeno palmar, vizinho á Fortaleza, onde ſe reſolveo ſair em terra. O General devia mandar a primeira linha com os Capitaens da ſua eſquadra, cada hum delles embarcado no ſeu batel; e Albuquerque a ſegunda com os ſeus Capitaens.

No dia ſeguinte o General marchou, e endireitou para o ſitio, que deixára notado no dia antecedente, e Ibrahim próvido a tudo, ſahio com os ſeus Fartaques a defender huma

tran-

tranqueira, que mandára fazer de noite de páos, e oppor-se ao desembarque. Albuquerque, que lhe conheceo a tençaõ, em vez de seguir ao General foi desembarcar no porto, de fronte da Fortaleza, onde o mar estava mais quieto do que no dia antecedente, e lhe deo mais facil desembarque. Ibrahim, temendo que com esta manobra, que o proprio General ignorava, o ferissem de flanco, ou lhe cortassem a retirada, dividio a sua gente, e de cem homens, que tinha, mandou oitenta para a trincheira, e com os 20, que lhe ficavaõ, correo ao porto a fazer cara a D. Affonso de Noronha, sobrinho do Albuquerque, que tendo já desembarcado hia via da Fortaleza. Estes dois Capitaens, ambos mancebos, e ambos ardidos, parecia que andavaõ desafiados, e pelejaraõ muito tempo com igual valentia, mas por fim ficou Noronha vencedor.

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Vendo os da Fortaleza morto o seu Xeque, fizeraõ sinal de retirada, que era o unico remedio, que lhes restava. Tristaõ da Cunha tinha vencido a tranqueira, onde encontrou brava resistencia, e pôz os Mouros em fugida: muitos delles se recolheraõ á

For-

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Fortaleza, e outros ſe ſalvaraõ nos matos. Chegados os Portuguezes ás muralhas, pertenderaõ entrar: mandaraõ buſcar eſcadas para ſubirem, e petardos para arrombarem as portas. Os cercados ſe defendiaõ de ſima dos muros, lançando fogos de artificio, e pedras, huma das quaes deo tamanha pancada em Affonſo de Albuquerque, que lhe tirou os ſentidos, e a falla por muito tempo; mas tornando a ſi, e fazendo-ſe os Portuguezes ſenhores do muro, abriraõ as portas, e entaõ elle fez eſpantos de valor, como todos os mais, e ſalvou Noronha de hum golpe mortal, cobrindo-o com o ſeu eſcudo. Vendo os Fartaques perdida a Fortaleza, ſe retiraraõ ao Caſtello. Triſtaõ da Cunha lhes mandou offerecer a vida, e a liberdade, ſe ſe quizeſſem render, mas elles animados com a viſta de ſeus camaradas, que tinhaõ pelejado como Heroes, reſponderaõ com altivez, que os Fartaques naõ coſtumavaõ capitular: que tendo-lhes dado o filho de ſeu Rei o exemplo de morrerem como valentes, naõ lhe deviaõ ſobreviver, que ſe haviaõ defender até á ultima pinga de ſangue. Com effeito entrado o Caſtello, foraõ todos paſſados á eſpada, me-

menos hum ſó. Eſte homem era hum habil Piloto, que depois foi de muito preſtimo a Affonſo de Albuquerque.

Ann. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Acabado iſto, mandou o General chamar os da Ilha, a quem diſſe: „ „ Que elle os viera remir do jugo in„ ſoportavel, em que os tinhaõ os „ Fartaques: que ſabendo o Rei de „ Portugal, que elles eraõ Chriſtaõs, „ e que gemiaõ debaixo da tyrannia „ dos Muſulmanos, nada deſejava „ mais do que livralos della, e inſ„ truilos: que por fim eſtavaõ livres, „ pois ſe fizera ſenhor da Fortaleza, „ e que para os inſtruir lhes deixava „ hum Santo Miſſionario, que de boa „ vontade ſe encarregaria diſſo. „ Era eſte Miſſionario hum Religioſo da Ordem de S. Franciſco, por nome o Padre Antonio de Loureiro, que fez com effeito grande fructo entre eſte pobre povo. A Meſquita foi ſagrada em Igreja com o titulo de Noſſa Senhora da Victoria. D. Affonſo de Noronha foi nomeado Capitaõ da Fortaleza, conforme tinha ſido ordenado por S. Mageſtade, antes que a frota ſahiſſe de Lisboa.

Eſte o Eſtado dos negocios da Africa, quando Triſtaõ da Cunha partio para a India: naõ ſe deteve alli

mui-

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

muito tempo: a ſua vinda, como já diſſemos, accelerou a paz de Cananor, e fez levantar-lhe o cerco. Foi depois direito a Cochim, onde achou preſtes a carga, por haver hum anno, que naõ chegavaõ navios de Portugal; e por iſſo foi expedido com brevidade; mas antes de voltar, quiz achar-ſe em huma grande facçaõ, em que o Vice-Rei empenhava a peſſoa, o qual folgou de ſe acompanhar delle, e repartir a gloria.

Tendo o Vice-Rei avizo de que em Panane, diſtante 14 legoas de Cochim, eſtavaõ 15, ou 16 navios de Mouros, que eſtavaõ carregando, e para partir, aſſentou hilos alli queimar, e juntamente levar a ferro, e fogo a Cidade, que entaõ ſeguia a aliança, e obediencia do Samorim. Era arriſcada a empreza. Ficava Panane ſituada em hum rio eſtreito, que faz hum commodo porto huma legoa aſſima da ſua barra. Era perigoſa a ſua entrada em razaõ das muitas arêas, que junta; e os inimigos, que eſperavaõ ſerem atacados, tinhaõ fortificado naõ ſómente a praça, mas tambem a entrada do rio, fazendo-lhe de ambos os lados dois baluartes, onde aſſentaraõ artilheria groſ-

grossa. O Samorim lhes tinha além disso mandado muitas tropas, capitaneadas por hum Mouro, por nome Cutial, que tinha creditos de grande guerreiro, e os Mouros, que eraõ a flor do seu campo estavaõ taõ estimulados das continuadas perdas, que lhes causava o odio, que os Portuguezes lhes tinhaõ, que mais de 60 a maior parte Capitaens, e Officiaes de navios, tinhaõ rapado a cabeça, e a barba, o que entre elles he sinal de se obrigarem com juramentos, e execraçoens a morrerem, ou vencerem.

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

A frota dos Portuguezes, que se compunha de 12 navios, encheo os inimigos de espanto quando deraõ vista della na boca da barra, mas naõ esmoreceraõ: toda a noite trabalharaõ em fortificar as suas trincheiras, e dispor-se para a acçaõ. Tendo D. Francisco de Almeida mostrado ao Conselho dos Capitaens hum plano exacto do sitio, que houvera por via de espias, se resolveo que no seguinte dia 26 de Novembro de 1507, ao apontar da maré, em quanto as embarcaçoens maiores fechavaõ a barra, pois naõ tinhaõ fundo para entrarem, subissem primeiro pelo rio assima Pedro Barreto, e Diogo Peres cada hum

em

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei.

em ſeu batel, em que hiriaõ 80 homens dos mais reſolutos da armada. Que o primeiro poria o peito em terra no ſitio, onde os navios inimigos encalhados na praia eſtavaõ prezos huns aos outros; e o ſegundo aportaria ao pé do baluarte, donde faziaõ maior damno. D. Lourenço d'Almeida, e Nuno da Cunha filhos dos Generaes, cheios de emulaçaõ, regíaõ o corpo de batalha nos bateis, onde hiaõ repartidos o maior numero dos Capitaens, e Officiaes de ſeus Pais. Nuno devia ſuſtentar Barreto, e D. Lourenço de Almeida a Diogo Peres. Os Generaes ſe ſeguiaõ depois, e conduziaõ a terceira linha, que hia embarcada nas galés.

Tudo ſe executou muito bem, como eſtava projectado. Barreto, e Peres abalaraõ com a maré, e paſſaraõ por entre os reductos com os ſoldados baqueados ſobre os bancos, ſem que a artilheria, que jogava por ſima lhes fizeſſe damno. Mas ao tempo de deſembarcarem, lhes ſahiraõ do entrincheiramento os Mouros, que ſe tinhaõ amoucado, ſaltaõ na agua, que lhes dava pela cintura, e ſegurando nos bateis, davaõ tanto, que fazer aos ſoldados, que vendo-ſe muito

to apertados dentro nelles, onde naõ podiaõ desembaraçar-se bem, se viraõ obrigados a saltarem tambem á agua, onde se fez huma crua peleja. Chegado D. Lourenço, e D. Nuno cada hum ao seu posto, os soldados, que hiaõ em desordem, cobraraõ novo animo, e forças, e o combate foi entaõ mais cruento, pelejando todos desatinadamente, e como desesperados. Dizem que D. Lourenço matara seis da sua maõ com huma pequena lança, que manejava com destreza, e valentia. Como era o homem maior, e o mais bem feito, que entaõ havia na India, hum dos Gentios julgou pelo porte ser elle hum dos Capitaens, e arremeteo com elle, e cobrindo-se com a sua adarga, se chegou meio curvado com intento de lhe decepar as pernas. D. Lourenço, que era desembaraçado, se esquivou ao golpe, e com huma facha, que meneava com ambas as maõs o abrio da cabeça até ao peito; mas vendo-se ferido por outro no collo do braço, sitio onde ha mais nervos, e tendoens, se sentio hum pouco debilitado, doente, e com vomitos. Os Generaes, que naõ puderaõ chegar mais cedo, porque pedindo as gale-

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

ras mais agua, naõ pudéraõ entrar como os outros, chegando neſte tempo, e animando ſeus filhos com exhortaçoens, e reprehenſoens, Nuno pôz fogo aos navios inimigos, e os ſoldados de D. Lourenço entráraõ na tranqueira. Tendo-ſe depois desbaſtado, e mortos os que tinhaõ feito o voto, e juramento, ficando a maior parte traſpaſſados de feridas, todo o reſto ſe pôz em fugida: os navios foraõ conſumidos pelas chamas, como tambem a Cidade, e quaſi todas as ſuas riquezas, tendo-o o Vice-Rei mandado com apertadas ordens, com temor de que a ancia de roubar naõ foſſe cauſa da ſua perda. Tomadas as tranqueiras, ſe lhe tirou toda a artilheria.

Eſte foi ſem duvida hum grande feito d'armas, pois ainda que da parte dos inimigos naõ houveſſem mais do que 200, ou 300 mortos, e os Portuguezes perdeſſem dezoito homens, e houveſſem muitos feridos, em que entraraõ tambem os dois filhos dos Generaes, certamente nunca ſe vio nem mais valor, nem tantas acçoens boas entre os combatentes de ambas as partes, de que o Vice-Rei teve tanta ſatisfaçaõ, que quiz armar alguns

guns Cavalleiros em memoria desta acçaõ. Acabada ella, se fizeraõ á vela o Governador, e Tristaõ da Cunha para Cananor, onde as náos de viagem acabaraõ de tomar carga, e o Vice-Rei voltou para Cochim, e Cunha veio para Portugal, onde trouxe a alegre noticia deste successo.

Ann. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Voltemos á Costa da Arabia, onde nos está chamando a gloria do grande Albuquerque. Sigamo-lo nas suas primeiras expediçoens, cujo projecto parece, que nos está já annunciando as maravilhas, que depois fez este novo Conquistador da India. Seus troféos o vieraõ a emparelhar com os mais famigerados Heróes da antiguidade, que o tinhaõ precedido nestas conquistas.

Desdenhando andar a cosso nesta garganta do mar Roxo, conforme tinha por seu regimento, o que em certo modo era mais fazer officio de corsario; impaciente aliàs de se assignalar em alguma empreza digna delle, e mais util ao serviço do seu Principe, concebeo o projecto de se fazer senhor do Reino de Ormuz, e começou a pôr-se em estado de o executala, logo que a concebeo.

O Reino de Ormuz chamado as-

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

ſim da ſua cidade Capital, era entaõ hum Eſtado muito poderoſo. Começava no Cabo de Roſalgate na Arabia feliz, e ſe eſtendia pela outra banda pela Carmania, onde abarcava hum grande eſpaço. Mas o que o fazia mais conſideravel, era a propria ſituaçaõ da Cidade de Ormuz aſſentada na Ilha de Gerun, na boca do golfo Perſico, hum pouco mais de meia legoa diſtante da terra firme por huma parte, e quatro legoas por outra. A Ilha naõ tem de circuito mais de ſinco, ou ſeis; mas faz dois bellos portos ſeparados entre ſi por huma eſtreita lingua de terra, e tam bem aſſentados, que parecem terem ſido feitos para ſer a eſcala geral de todo o Oriente. A natureza contente com ter dado a eſta Ilha huma poſiçaõ taõ favoravel, parece lhe quiz derrogar tudo o mais, como ſe anteviſſe, que ſupprindo a arte todas as faltas, havia fazer com que foſſe hum dos mais apraziveis ſitios do mundo; por quanto bem que até lhe falte a agua, e com difficuldade creſça alli herva, a Cidade grande, rica, ſoberba, e magnifica, á profuſaõ das immenſas riquezas, que lhe mete dentro o commercio da Aſia, da Africa, e ainda da Euro-

Europa, junta huma pasmosa fartura de tudo quanto póde servir á utilidade, e ao commodo da vida, como se os mais paizes fossem depositadamente creados para supprir a esterilidade deste.

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Tendo sido o commercio quem construio esta Cidade, propriamente fallando era hum ajuntamento de estrangeiros de todas as naçoens, por modo todavia que os Arabios, e Persas mais vizinhos, dominavaõ alli com a Religiaõ de Mahomet, que era tambem a do Soberano.

Os homens eraõ muito bem feitos, e muito vivos, e naõ obstante o luxo da sua Cidade, e as pacificas inclinaçoens ao negocio, sabiaõ muito bem unir o valor varonil de criaçaõ guerreira, e de huma seita, que fez progressos com armas, com o amor ás Sciencias, e boas Artes, que saõ os fructos da paz, e tranquillidade.

Tendo Albuquerque posto em ordem as coisas de Socotorá, reprimido as facçoens dos Fartaquinos, que restavaõ na Ilha, partio com seis náos, e huma fusta capitaneadas por Officiaes de valor, em que levaria 470 Portuguezes. Com este pequeno corpo se meteo, ao largo endireitando para o Cabo de Rosalgate, onde daõ principio os

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Estados de Ormuz, e se apresentou diante de Calaiate, que lhe abre as portas, aceita as suas propostas, ou as elude com astucia. Curiate mais altiva experimenta a sorte das armas, e foi causa da sua ruina a confiança, que ella tinha nas suas proprias forças. Mascate, povoaçaõ mais consideravel, e mais capaz de resistir, se sujeita ao jugo por prudencia do seu Governador; mas 2ꝯ Arabios, que nella entraraõ na noite seguinte, a fizeraõ revoltar, por mais que o Governador trabalhasse pela salvar do inevitavel castigo da traiçaõ, de que lhe pertendiaõ pôr a culpa. Verificaraõ-se os seus vaticinos: os 2ꝯ Arabios ficaraõ vencidos, e causaraõ á Cidade as desgraças, de que a quizeraõ salvar. O Governador acabou combatendo, como valente contra a sua opiniaõ, e desejo; nem foraõ bastantes para o salvar todas as prevençoens do General; mas a attençaõ, que depois houve em tudo quanto lhe dizia respeito, seria huma especie de resarcimento, se ha resarcimento para quem com a vida perde tudo.

Soar, e Orfazam, ambas grandes, opulentas, e fortificadas com hum bom muro, e com hum castel-

lo

lo naõ tiveraõ coragem de se defender. Soar se sobmetteo ás condiçoẽs, que lhe quizeraõ sobscrever; porém os moradores de Orfazam se encheraõ de tamanho susto, que por maiores diligencias, que fizesse o seu Governador, que era hum Official de creditos, fugiraõ da Cidade, e se embrenharaõ para os matos. Os Portuguezes naõ achando dentro nem resistencia, nem submissaõ a esbulharaõ, e queimaraõ. Terminado isto, foi o victorioso Albuquerque dar fundo a 25 de Setembro á vista de Ormuz, levando diante de si o terror, e o espanto, que se augmentaraõ muito mais ao ouvir a descarga geral da artilheria, com que salvou a Cidade, e o Palacio Real.

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Immediatamente mandou hum recado a ElRei, significando-lhe os motivos de sua vinda „ Que naõ era, „ dizia elle, para lá levar a guerra, „ mas sim a paz: que na verdade naõ „ havia outro meio de a conseguir, „ senaõ sujeitando-se ao Rei de Portugal seu amo, e pagando-lhe o annual tributo, que os Reis de Ormuz pagavaõ aos Sofis. Mas que „ o Rei de Portugal era hum Rei tamanho, que era maior ventura obedecer-

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

„ decer-lhe a elle, do que manda
„ grandes Imperios. Que tanto que
„ fossem reconhecidos por seus vassal-
„ los, podiaõ esperar toda a protecçaõ
„ contra seus inimigos, assim como
„ deviaõ temer suas armas victorio-
„ sas, se fossem taõ cegos, que en-
„ geitassem as vantajens desta mesma
„ protecçaõ, que elle lhes offerecia,
„ estando prompto a aceitalos por seus
„ tributarios.

Occupava entaõ Ceifadim II. o throno de Ormuz, que herdara de seus pais, que o tinhaõ fundado; mas naõ lhe permittindo os poucos annos deste Principe, que elle se encarregasse do Governo, tinha por tutor hum Eunuco por nome Coge Atar, homem habil, e experimentado, e que nesta Corte tinha grangeado auctoridade superior a todos os concorrentes.

Na verdade, que a proposta do Capitaõ Portuguez tinha hum certo ar de extraordinario, e de coisa estranha. Porém Atar, que naõ ignorava as grandes coisas, que os Portuguezes tinhaõ obrado na Africa, e nas Indias, e que tinha exacta informaçaõ, do que Albuquerque fizera de caminho, intimidado aliàs com o medo de que os descontentes do governo presen-

presente naõ se aproveitassem da aberta para fazerem alguma mudança no Estado, seguio o partido da dissimulaçaõ, pertendendo ganhar tempo, a fim de poderem chegar as tropas de terra, e mar, que naõ estavaõ longe, e parte das quaes já tinhaõ chegado; pelo que despedio este Lingua com hum dos seus Officiaes com cartas, e grandes presentes. Albuquerque aceitou as cartas, e os presentes rejeitou-os com altivez, sem primeiro saber se devia tratar com elle como amigo, ou como inimigo.

Naõ escandalizou menos a Atar esta resposta, do que a primeira proposiçaõ. Continuou todavia a dissimular, até que tivesse dado fim ao que determinava. Mas tanto que se vio com 20ↀ homens de tropas, e recolhida a sua frota de mais de 60 navios de carga, e de 200 esquifes, chalupas, e outros navios, que antes estavaõ no porto, tirando entaõ a mascara começou prendendo os Portuguezes, que ousaraõ desembarcar com demaziada confiança, e mandou dizer ao General „ Que se espantava „ da ousadia das suas propostas, e da „ injustiça das suas petiçoens: Que „ os Reis de Ormuz, bem longe de

pa-

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

,, pagar tributo aos eſtrangeiros, que
,, ſe recolhiaõ nos ſeus portos, tinhaõ
,, coſtume de os cobrar delles. Que ſe
,, os Portuguezes queriaõ commerciar
,, como as de mais naçoens, ſe lhes
,, daria licença, e liberdade com as
,, meſmas condiçoens; mas que ſe el-
,, les emprehendiaõ fazer alguma vio-
,, lencia, naõ tardariaõ em aprender á
,, ſua cuſta, que ſe enganavaõ, ſe en-
,, tendiaõ, que o haviaõ com Cafres,
,, e Negros miſeraveis. ,,

A altivez deſta reſpoſta, e as diſpoſiçoens, que ſe faziaõ no porto, moſtraraõ ao General, que cumpria reſolver-ſe a romper com força deſcoberta. Convocou a Conſelho, onde tendo concluido acometer os navios inimigos, por onde era neceſſario dar principio, levanta ancora, immediatamente ſe faz á vela, e diſpoem os ſeus navios com juſtos intervallos para poderem fazer facilmente as ſuas evoluçoens, virarem facilmente de bordo, darem as ſuas bandas, e fazerem fogo com toda a ſua artilheria. Os inimigos repartidos per todos os navios pequenos formados em duas linhas, onde Atar mandava peſſoalmente, e a quem tinha feito tomar o largo para inveſtirem a frota Portugue-

gueza, ſem ſe aſuſtarem com o eſtrondo ſe avançaõ ouſados a pezar do eſtampido da artilheria. O meſmo fumo, que por algum tempo toldava a viſta ſem poder diviſar os objectos, lhes deo o modo de ſe chegarem tanto, que depois de terem lançado com boa ordem huma nuvem de ſettas vieraõ a bordagem. Os Portuguezes, a quem a innumeravel multidaõ deſtas frachas ferio muita gente, tiveraõ grande trabalho em ſe defenderem da actividade deſte primeiro aſſalto, em que foi neceſſario combater corpo a corpo a golpe de lança, de maças, fachas, e eſpada. Mas tendo ſido no tempo do combate mortos, ou precipitados no mar os mais deſtemidos, a artilheria d'entre as pontas, e as baterias baixas, que eſtavaõ ao nivel d'agua fizeraõ tamanho eſtrago neſtes pequenos vaſos, que Atar, que começou o combate com huma extrema confiança, e que animava a todos com a ſua preſença, vendo-os derramados, deſpedaçada, ou metida a pique a maior parte delles, tomou o partido de ſe recolher o mais caladamente, que pôde ao abrigo dos navios de carga: com tudo a ſua retirada naõ pôde ſer com tanto ſilencio,

ANN. de J. C. 1507.

D. MAMOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

cio, que naõ foſſe ſentido, e teve o deſgoſto de ver em pouco tempo imitado o ſeu máo exemplo.

Vendo-ſe Albuquerque livre da importunaçaõ deſtes pequenos vaſos, ſe encaminhou aos navios groſſos, entre os quaes haviaõ dois de 800 toneladas, e de quaſi 500 para 600 homens de equipagem. Ao primeiro chamavaõ o *Principe*, e era do Principe de Cambaia; ao ſegundo *Meris*, e era de Mélique Jaz, Senhor de Diu, de quem teremos occaſiaõ de fallar muito ao diante. O General atracou eſtas duas náos huma ſucceſſivamente á outra, e depois de bem diſputado o combate, meteo ambas no fundo. Os outros Capitaens imitando o exemplo do ſeu Chefe, abalroaraõ tambem diverſos navios, e entaõ naõ ſe via mais do que fogo, e confuſaõ, e briga a mais horrivel. O mar ſe vio em pouco tempo alaſtrado de navios, de cadaveres, e de agonizantes: o ſangue córou as aguas: era tal a deſordem entre os inimigos, que pelejavaõ huns contra outros, e entre a gente, que perderaõ, que ſe avalia em 3ф ſe acharaõ varios traſpaſſados com frechas, bem que da parte dos Portuguezes ſenaõ atiraſſe huma

huma só. Por fim os inimigos desampararaõ os navios, e se lançaraõ ao mar para se salvarem a nado; e tendo Albuquerque feito sinal aos seus, se meteraõ nos bateis, e naõ faziaõ mais do que matar nestes miseraveis, que andavaõ nadando, e os mais se afogavaõ. Espectaculo bem pavoroso, que tendo por testemunhas o Rei, e todo o povo, que guarnecia os muros, e a praia para verem o exito de taõ grande acçaõ, se fazia ainda mais horrivel com os gemidos, e gritos deploraveis, que esta multidaõ levantava aos Ceos.

Ann. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Dado fim ao combate, que durou oito horas, naõ vendo o victorioso Albuquerque quem ousasse fazerlhe cara, aproveitando-se desta vantajem mandou pôr fogo a todos estes navios abandonados, os quaes sendo levados pelo vento para longe do porto, que soprava de terra, foraõ mostrar outro objecto de horror ás Costas de Carmania, e da Arabia, onde se foraõ consumir, e dar á Costa. Dando depois volta ao porto, mandou o General igualmente pôr o fogo a 180 vasos de toda a especie, que ainda estavaõ nos estaleiros em estado de se lançarem ao mar; e ao passar por de-

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei.

defronte de hum pequeno Castello, ou Palacio, onde o Rei estava, despararaõ huma grande quantidade de flexas, com que encravaraõ alguns dos Officiaes, que estavaõ junto delle.

Era incomprehensivel a auctoridade dos Portuguezes. Alguns, que tinhaõ desembarcado, já tinhaõ posto o fogo em hum dos arrabaldes, onde ardeo huma Mesquita; e soltando o seu impetuoso, e fervente ardor, já estavaõ para entrar na Cidade de volta com os fugitivos; mas reparando Albuquerque no seu pequeno numero, e no estado, em que se achavaõ com a fadiga, mandou tocar a recolher, satisfeito com taõ bella victoria.

O excesso da presumpçaõ d'Atar decahio de repente, como succede de ordinario nas almas apoucadas, em hum desalento extremo, vendo o successo contrario á sua esperança. Atormentado nesta occasiaõ de crueis inquietaçoens, e apprehensoens tanto de fóra, como de dentro, se vio impaciente de ajustar a paz a qualquer preço, que fosse. Mandou immediatamente içar huma bandeira branca em huma das torres do Paço Real, e mandou em huma terrada com outra similhante bandeira dois Mouros de

con-

confiança, hum dos que foraõ expulsos de Granada na Hespanha, quando os Reis Catholicos se fizeraõ Senhores daquelle Reino. Albuquerque, que estava cançado, deixou a conferencia para o dia seguinte, e no emtanto o reteve em refens, e mandou o outro com licença, para apagar o fogo, e promessa de que naõ inquietaria coisa alguma, antes que ouvisse as proposiçoens.

Ann. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Voltando o Mouro no seguinte dia com mais outros quatro dos principaes, o General lhes deo audiencia publica a bordo do navio, que elle tinha mandado empavezar para esta ceremonia.

O que fallou, o fez quasi nesta substancia „ Senhor Capitaõ General delRei de Portugal, ElRei de „ Ormuz nosso Soberano nos envia „ a te dizer, que nas coisas, que se tem „ passado entre ti, e elle, e que tem „ causado tantos estragos, e a perda „ de tantos homens de valor, e de tantos navios, naõ tem desculpa, que „ te dar, senaõ a sua grande mocidade, a sua falta de experiencia, „ e os máos conselhos dos seus Ministros, que o obrigaraõ a naõ aceitar a paz, e a tua amizade, que „ lhe offerecias. Disto está muito ar-

re-

Ann. de J. C. 1507. D. Mamoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

„ rependido. E oxalá que o ſeu arre-
„ pendimento naõ tiveſſe cuſtado tan-
„ to a elle, e ao ſeu povo. Conſen-
„ te em que o Reino eſteja ás tuas
„ diſpoſiçoens, e do Rei de Portu-
„ gal, pois que tu o conquiſtaſte
„ com armas como Cavalleiro, e gran-
„ de Capitaõ. Deſeja entregar-ſe nas
„ tuas maõs a ſi, e aos ſeus Eſta-
„ dos, para que diſponhas delle como
„ te aprouver; ſómente te pede te-
„ nhas dó delle, e do ſeu povo,
„ que o trates como hum pai ſe ha
„ com ſeu filho deſobediente, a quem
„ perdoa, tanto que o vê ſubmiſſo, e
„ arrependido. Tem igualmente com-
„ paixaõ deſta pobre Cidade, e viſto
„ ſer já do dominio do Rei de Por-
„ tugal naõ acabes de a deſtruir. Aſ-
„ ſás merece compaixaõ, pois naõ ha
„ nella huma ſó caſa, onde com ra-
„ zaõ naõ haja que chorar. Quanto
„ a Coge Atar, primeiro Miniſtro, e
„ aos outros principaes officiaes da
„ Coroa, igualmente te daõ a ſaber,
„ que ſaõ teus eſcravos, e que ſendo
„ teu o Reino, ficaõ elles teus ſubdi-
„ tos, e á tua diſcriçaõ. „

Albuquerque para naõ perder oc-
caſiaõ, viſtas as boas diſpoſiçoens, que
inculcava ſimilhante diſcurſo, chama-
dos

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

dos os Capitaens a confelho, enviou immediatamente duas peffoas com o Lingua, com todos os poderes da fua parte. Ajuftou-fe immediatamente a paz com eftas condiçoens. „ Ceifadim „ fe fez tributario da Coroa de Portugal, e prometeo pagar de pareas „ todos os annos 15$ xerafins de oiro: „ além difto pagaria logo ao General „ mais 5$ para as defpezas da guerra: obrigava-fe mais a dar-lhe em „ Ormuz hum fitio para nelle conftruir „ huma Fortaleza, dando todo o dinheiro, materiaes, e mais precifo „ para ella: no emtanto fe dariaõ na „ Cidade cazas cómmodas, onde os „ Portuguezes moraffem, até que a „ Fortaleza eftiveffe acabada de todo. „ Da fua parte o Rei de Portugal recebia o Rei d'Ormuz debaixo da fua „ protecçaõ, e fe obrigava a defende-lo de todos feus inimigos. „ Difto fe fizeraõ dobrados inftrumentos gravados em chapas de oiro em lingoa Pérfica, e Arabiga. A bandeira Portugueza fe pôz na torre mais alta do Palacio Real. Efte Principe, e Albuquerque fe encontraraõ ambos, e mandaraõ reciprocos prefentes, e por fim a paz fe publicou com as demonftraçoens de alegria, que cabiaõ no nojo,

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

jo, que havia em toda a Cidade. O lugar para a Fortaleza foi escolhido na ponta daquella lingua de terra, que entra pelo mar entre os dois portos. Naõ podia estar mais bem assentada, pois que dominava ambos, como tambem o Palacio Real, a que ficava fronteira. Trabalhou-se sem perder tempo: ninguem era izento do trabalho desde o General até ao menor pagem do navio, e todos trabalhavaõ a gyros: hum corpo hia render outro ás horas assinaladas, e assim nunca cessava o trabalho: porém naõ foi bastante toda a prudencia do General para encobrir a pouca gente, que trazia. Atar, que o conheceo, se vio envergonhado, e penetrado de vergonha, e confusaõ de ter sacrificado o Estado, e o Soberano a taõ pequeno punhado de gente, armou desde logo o designio de reparar a sua falta por traiçaõ, e ardil.

Mais habil no manejo da politica, do que das armas, voltou todo o seu estudo a destruir os Portuguezes pelos mesmos Portuguezes, e se houve com tal manha, que quasi teve a ventura de o conseguir. Começou primeiramente pelos da mais infima qualidade, que tendo pensamentos menos elevados,

dos, e prezando em menos a honra, saõ menos capazes de resistir aos assaltos do interesse, que se lhes propoem. Pelo que, com dadivas corrompeo alguns fundidores de artilheria, e calafates, que desertaraõ, dos quaes se servio utilmente para as suas tençoens. O General os mandou pedir; mas o habil Ministro, que conhecia bem, que elle naõ romperia por taõ pouca coisa, sempre illudio as suas petiçoens. Os que se conservavaõ fieis naõ deixaraõ de nutrir alguma inclinaçaõ a hum homem, que affectava mostrar-se liberal, popular, e que se antecipava em tudo quanto podia ser de gosto. Dos pequenos passou aos Grandes, e encontrou muitos, que naõ se mostraraõ indifferentes aos seus dons, e agazalho, e se aproveitou delles mais do que se os fizesse claramente traidores, e transfugas; pois como só trabalhava por suscitar, e fomentar a discordia, naõ tardou para isso occasiaõ, de que elle se soube aproveitar.

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

A construcçaõ da Cidadella naõ avultava quanto se desejava: o astuto Ministro com a arte de se mostrar zeloso, e empenhado, fazia com que sempre faltasse de proposito tudo na

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

occaſiaõ mais neceſſaria : por outra parte Albuquerque naturalmente ſevero, e aſpero, naõ rebatia nada do rigor do ſerviço, de ſorte, que ſendo pouco amado dos Officiaes, e ſoldados, que ſe deſgoſtavaõ da ſua auſteridade, e que ſuſpiravaõ unicamente pelo momento de poderem ſahir a andarem a corſo para ſe enriquecerem das prezas, que entaõ fazia, muitos delles eſtavaõ deſcontentes. E como em circunſtancias taes he facil paſſar das primeiras queixas, e das murmuraçoens, a diſcurſos inſolentes, a revoltas, e a facçoens, aſſim ſe ateou o fogo em pouco tempo, que pouco faltára para romper em motim declarado. Os Capitaens, que deveriaõ conter os revoltoſos nos termos da ſua obrigaçaõ com o ſeu exemplo, e auctoridade, eraõ os primeiros, que os ſuſcitavaõ mais. Diſſimulou Albuquerque, e ſe contentou com mandar advertir ſecretamente áquelles, cujas diſpoſiçoens lhe eraõ notorias, que ſe acautelaſſem, e puzeſſem cobro em que em Ormuz ſenaõ preſumiſſem as ſuas diviſoens. Tudo foi baldado, e as coiſas chegaraõ a termo, que os amotinados tiveraõ a ouzadia de lhe mandarem apreſentar huma

ma Proteſtaçaõ, aſſinada pelos principaes Capitaens, e Officiaes, em que proteſtavaõ debaixo de ſuas conſciencias, para ſua ſegurança, e juſtificaçaõ das ſuas acçoens, que ſeria do ſerviço delRei, abrir maõ da empreza de Ormuz, e ſahir a andar a corſo no golfo Arabigo, conforme as ordens delRei, ou hir-ſe unir com o Vice-Rei na India. Albuquerque, cujo genio tomava mais vigor com a reſiſtencia, que encontrava, pegou neſta Repreſentaçaõ com hum riſo mofador, e para moſtrar a ſua indignaçaõ, e deſprezo, a mandou meter nos alicerces da porta de huma torre da Fortaleza, a que depois diſſo ſe chamou por eſcarneo *a Porta da Repreſentaçaõ*.

Ann. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Acaſo ao meſmo tempo, ou iſto foſſe tambem artificio de Atar, appareceraõ Embaixadores do Sofi, que vinhaõ cobrar os tributos, que o Rei d'Ormuz coſtumavaõ pagar todos os annos. A Corte aſſuſtada, ou fingindo que o eſtava, lhe mandou expôr o que temia por meio de Raix Noradim hum dos Miniſtros de Eſtado. Iſto foi novo aſſumpto aos ſedicioſos para ſe revoltarem; mas Albuquerque reveſtido de hum ar ſerio, e imperioſo, mandou immediatamente trazer huma gran-

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

de bacia cheia de bolas, granadas, ferros de lanças, de alabardas, de espadas, e de traçados, e disse para Noradim. „ Hide, levai este presente „ aos Embaixadores do Rei da Persia. Dizei-lhes, que este he o tributo, que o Rei de Portugal, e os „ Reis seus vassallos pagaõ a quem „ lho vem requerer. Segurai-os ao „ mesmo tempo, que tanto que esta „ Fortaleza estiver finda, eu entrarei no golfo Persico a avassallar para „ a Coroa do Rei meu amo, todas as „ praças, que saõ do Sophi. E tende „ cuidado em naõ lhe pagar outro tributo mais do que este, que lhe mando, senaõ quereis ser deposto do „ vosso emprego, e castigado com „ muita severidade. „

Tendo esta constancia d'Albuquerque junta ao desprezo, que mostrara da Representaçaõ, estimulado ainda mais os animos, degenerou o descontentamento em licença: as ordens, ou senaõ observavaõ, ou taõ mal, e taõ fóra de tempo, que o General naõ pôde deixar de conhecer, que o faziaõ ácinte pelo desgostar. Parecendo a Atar entaõ, que já tinha levado as coisas ao ponto, que elle desejava, tomava secretas medidas para sacudir

o jugo, e opprimir os Portuguezes, quando elles menos o esperassem. Mandara fundir muita artilheria pelos transfugas; introduzia na Cidade recatadamente soldados: por sua ordem se tinhaõ tirado do porto todos os navios, communicado por dentro todas as cazas, que ficavaõ fronteiras á Fortaleza, e só aguardava o momento para a sua entrepreza. Porém como nas Cortes dos Principes hajaõ sempre inimigos do presente Governo, Albuquerque, que trazia suas espias, foi advertido por huma a tempo, de todos os designios do inimigo.

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Sabido este aviso, chamou a Conselho, onde expôz aos amotinados o risco, em que elles proprios se tinhaõ metido por sua culpa; e avivando ao mesmo tempo no seu coraçaõ os estimulos de honra, representando-lhes a que eraõ obrigados para com o Rei, e para com sigo mesmos, os persuadio a que cuidassem da salvaçaõ propria, sem todavia conseguir o desvanecer de seus animos as ruins impressoens, que nelles tinha causado o rigor.

Passou-se ordem, para que todos os Portuguezes, tanto os que andavaõ metidos pela Cidade, como os que estavaõ occupados no trabalho da For-

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Fortaleza, se embarcassem com toda a sua fazenda, o mais sem motim que fosse possivel, e a ordem foi immediatamente cumprida. Vendo Atar frustrados os seus designios, naõ tardou em romper descobertamente: manda tocar a rebate, move-se com todas as suas tropas, póe fogo a hum navio, que o General tinha mandado varar em terrar para crenar, e corre ao porto, d'onde soltaraõ contra a frota, bem que inutilmente, huma nuvem de tiros.

Tendo-se Albuquerque queixado desta infracçaõ, e naõ se lhe dando satisfaçaõ, varejou a Cidade com a artilheria oito dias seguidos, e queimou os navios, que Atar tinha mandado salvar; mas vendo que com isto nada conseguia, formou tençaõ de pôr a Cidade em estado de padecer fome, embaraçando-lhe todo o soccorro. Como a Ilha naõ produz, como deixamos dito, mais do que alguma herva, que com difficuldade se cria, e naõ tendo os moradores outra agua para beberem mais do que a da chuva, conservada em algumas cisternas, era isto coisa muito facil. Com este designio cercou em certo modo a Ilha com os navios postos de distancia em distancia, e com os bateis,

que

que continuadamente andavaõ em gyro, com que elle fazia huma incessante ronda. Naõ deixaraõ de se aventurar alguns pequenos vasos dos inimigos, mas se alguns eraõ apanhados, mandava cortar aos prisioneiros as orelhas, e os narizes, e os lançava em terra, para que, apparecendo neste estado, servisse o seu exemplo de terror, que intimidasse aos mais ousados.

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Sabendo depois que em hum sitio da Ilha, chamado Torombac, distante da Cidade huma grande legoa, havia hum poço defendido por hum corpo de 200 homens, e 25 de cavallo, mandou de noite Jorge Barreto de Castro com 80 homens. Castro investio com elles ao romper do dia, destroçou o destacamento, e lançou nos poços os cadaveres dos homens, e cavallos para os entulhar.

Foi bella a acçaõ, porém o posto era de nimia importancia, para que os inimigos deixassem de fazer as maiores diligencias pelo recobrarem. O General da sua parte, que tinha igual razaõ para o conservar, mandou para este fim 20 homens capitaneados por hum valente Castelhano chamado Lourenço da Silva, a quem deo ordem que mandasse pôr no alto de hum te-

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

zo huma peça de artilheria, para onde ſenaõ podia hir ſenaõ por hum caminho muito eſtreito; mas iſto ſenaõ pôde executar bem a tempo; porquanto os inimigos acodiraõ em grande numero, vindo na frente delles, hum dos filhos de Raix Noradim, a quem o General alcançara o perdaõ, e fizera mandar recolher do degredo, a que fôra mandado por hum crime de Eſtado. Chegando neſte tempo Albuquerque por mar com quaſi 150 ſoldados eſcolhidos, fez capricho de hir aſſeſtar a peça de artilheria no ſitio, que tinha demarcado; mas tendo engroſſado o corpo dos inimigos com hum novo corpo de tropas muito maior, a quem capitaneavaõ em peſſoa ElRei, e Atar, houve huma das mais bem pelejadas eſcaramuças. Quaſi todos os Portuguezes ficaraõ feridos, e Albuquerque parou no eſcudo, e malha muitos golpes, e talvez ficaſſe proſtrado ao de huma maça, que manejava o filho de Noradim, ſe hum tiro, que levou o braço a eſte ultimo, o naõ livraſſe deſte inimigo. Eſte o maior perigo, que elle confeſſou depois ter corrido em toda a ſua vida: retirou-ſe nos bateis com quaſi toda a ſua gente, deixando a ſeus ini-

mi-

migos a gloria de o terem feito fugir, e aos Capitaens, que tinhaõ sido contra esta empreza, a maligna satisfaçaõ de verem, que teve este leve desgosto.

Ann. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Com tudo o mar se guardava com aperto, de sorte que naõ passava soccorro algum, e a Cidade reduzida a consternaçaõ extrema, estava a ponto de se amotinar: todos os dias cercava o Paço Real huma tropa de mulheres, e de crianças, abrigadas de huma multidaõ de ociosos, que nestas occasioens saõ os valentes, e ora com rogos, ora com ameaças pediaõ, ou a paz, ou paõ. Atar os consolava algumas vezes, e os entretinha com a esperança da proxima chegada de huma frota, e algumas vezes se vio obrigado a fazelos retirar por força. Naõ se ignorava na frota de Albuquerque o estado, em que a Cidade se achava, e que se veria obrigada a recorrer á sua clemencia. Vinha-se aproximando o prazo, quando pela covardia mais indigna, principalmente em pessoas de distinçaõ, vio Albuquerque roubaremlhe das maõs taõ bella preza trez Capitaens seus, que antepondo em seus animos o odio, e ciume á obrigaçaõ, o desampararaõ vergonhosamente,

e

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

e se fizeraõ á vela para a India, onde querendo justificar perante o Vice-Rei a sua deserçaõ, accrescentaraõ á infidelidade, com que se tinhaõ comportado para com o seu General, a vileza de o carregarem com as mais atrozes calumnias.

Naõ se póde exprimir o desprazer, que causou a Albuquerque esta noticia, que fazia mais sensivel o ter levado hum dos Capitaens comsigo os viveres da frota, e todos os bastimentos, que hiaõ para se prover a guarniçaõ da Ilha de Socotorá, que estava em extrema necessidade. Isto naõ obstante, a mesma desesperaçaõ fez com que se obstinasse mais em querer continuar a reduzir a Cidade ao ultimo extremo: e bem que os demais Capitaens, que lhe restavaõ, naõ tivessem melhores disposiçoens, do que os que o tinhaõ desamparado fez algumas entradas na Ilha de Queixome, d'onde os sitiados esperavaõ algum soccorro. Na primeira esbulhou hum Palacio do Rei, onde este Principe tinha duzentos Besteiros, e trinta homens de cavallo, que foró passados todos ao fio da espada. Na segunda desbaratou hum corpo de 1500 homens, que vinha capitaneado pelos dois sobri-

bri-

brinhos do Rei de Lar, os quaes pelejando como valentes ficaraõ mortos. Sabendo o General que elles tinhaõ partido com o designio de soccorrerem Ormuz, e aventurarem as vidas em sua defensa, mandou meter os corpos destes dois Principes, e das pessoas mais principaes da tropa em hum batel, que entregou a hum Calandar, ou velho Santaõ, com ordem de dizer da sua parte a Coge Atar, que assim lhe havia mandar todos quantos emprehendessem vir em seu soccorro. Porém acalmando hum pouco o excesso da sua colera, reflectindo no debil estado de forças, que tinha, temendo a chegada da frota com que Coge Atar esperançava sempre os sitiados, tomou o partido de se retirar, e se fez á vela para Socotorá, onde chegou pelos fins de Janeiro de 1508.

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Os successos quasi seguidos, que os Portuguezes tinhaõ tido até entaõ nas Indias, foraõ interrompidos no principio deste mesmo anno com hum golpe, que experimentaraõ, que se lhes fez tanto mais sensivel, por ter feito grande bulha, e recearem com razaõ, que isto lhes fizesse huma total revoluçaõ á sua fortuna. Para o referir

com

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

com miudeza, convém tomar as coisas mais de longe.

Desde que começaraõ os progressos dos Portuguezes no Indostaõ, os Mouros, que por elle estavaõ derramados, e estabelecidos havia já alguns seculos, e que estavaõ de posse do seu maior commercio, começaraõ a antever, e ter presentimentos de que estes Estrangeiros vinhaõ para sua ruina: confirmou-os mais neste pensamento o verem engrossarem suas frotas, fazerem-se senhores dos mares, darem leis aos Reis da India, levantarem Fortalezas por toda ella, embaraçarem que outrem tomasse carga, sem que elles primeiro tivessem a sua, que se navegasse por aquelles mares sem seu consentimento, e salvos conductos, e por fim naõ era coisa encuberta, que a sua intençaõ fosse impedir absolutamente o seguimento do commercio do mar Roxo, e golfo Persico: que sendo inimigos dos Mouros por Religiaõ, e por interesse, lidavaõ com todas as forças pelos destruir, tomando-lhes continuadamente prezas, esbulhando, ou queimando os seus navios, muitas vezes sem respeito aos mesmos passaportes, que por temor tiravaõ, naõ faltando ruins pre-

pretextos para colorar as ſuas injuſtiças, que muitas vezes vinhaõ acompanhadas da crueldade.

Por tanto, naõ ſe vendo os Mouros com forças equivalentes para ſe livrarem de huns inimigos, que logo aos primeiros paſſos ſe tinhaõ dado a conhecer pelo aſcendente, que tinhaõ tomado, aſſentaraõ recorrer a huma potencia ſuperior, cujos intereſſes unidos aos delles podeiſſem ſer ſufficiente motivo para a obrigar a pôr as maiores diligencias. Com eſte fim perſuadiraõ ao Samorim, que mandaſſe huma embaixada ao Sultaõ do Egypto, pois ſendo a parte mais perjudicada, tomaria vivamenre calor, e poderia dar efficaz remedio ao mal commum Deo o Samorim ouvidos á propoſiçaõ, e mandou ao Cairo hum Santaõ por nome Maimane, homem ſabio, de credito, e entre os da ſua ſeita de reconhecida virtude. Poſto eſte em caminho, recebeo de paſſagem cartas de recommendaçaõ dos Reis de Cambaia, d'Ormuz, e d'Adem, e de outros Principes Muſulmanos, que reconheciaõ o Califa, ou Sultaõ do Egypto como Chefe da ſua Religiaõ, e que eſtando ſenhores das melhores eſcalas deſtas Coſtas, eraõ os mais

per-

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

perjudicados pela interrupçaõ do commercio, e todos tinhaõ queixas pessoaes, que lhe fazer.

Campson, que se pode dizer, que he o ultimo Califa da gente dos Mamelucos, que se estabeleceraõ no Egypto no tempo das Cruzadas, occupava entaõ o throno: tinha dilatados Estados, pois comprehendiaõ além do Egypto, e huma parte da Africa septentrional, toda a Syria até ao Eufrates, e parte da Arabia. Naõ podiaõ passar as fazendas da India, e da Asia para a Europa, senaõ pelos seus dominios, ou em frotas, ou em caravanas: em todas as Cidades, onde entravaõ, se cobrava ao menos 5 por cento de direito de entrada, e sahida, e nas do Mediterraneo cobrava dobrados os direitos dos Venezianos, e Catalaens, que eraõ os unicos, que tinhaõ o commercio de Levante. Pelo que, sendo as principaes rendas deste Principe os direitos das Alfandegas, naõ podia deixar de sentir perda, ou diminuiçaõ pela interrupçaõ deste commercio. Por outra parte, como os Mouros das Indias tinhaõ correspondencias em todas as escalas das Cidades do Egypto, e de Syria, naõ podiaõ padecer huns, sem padecerem

os

os outros. As quebras, que vieraõ a ser frequentes, e necessarias, pois eraõ huma consequencia do embaraço da circulaçaõ, estimularaõ os animos contra os auctores deste embaraço.

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Chegando em conjuncturas taes Maimane ao Egypto, achou tudo disposto, e todas as coisas favoraveis para ser attendido. Naõ posso occultar aqui, como fiel historiador, que alguns Auctores imprudentes, e temerarios ousaraõ calumniar as Potencias Maritimas da Europa, que tinhaõ entaõ o commercio de Levante, e que na verdade tinhaõ grande quebra em elle acabar, de terem apoiado as queixas de Maimane, e tambem animado encubertamente ao Califa, para se oppor com todas as forças ao progresso dos Portuguezes, e ter introduzido nas Indias Officiaes habeis para servirem os Infieis contra os Christaõs. Porém os Auctores Portuguezes mais prudentes, e menos suspeitos, tem justificado estas Potencias da indignidade de taes accusaçoens. Com effeito naõ he provavel, que estas Potencias, que tantos seculos se tem conservado com a sua prudente politica, que sempre mantiveraõ estreita aliança com a Coroa de

Por-

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Portugal, cahiſſem na baixeza de acçoens taõ indignas dellas. Até parece, que o Rei D. Manoel nunca acreditou tal impoſtura, com que as pertenderaõ denegrir, pois que ao meſmo tempo apparelhou huma frota á ſua cuſta para as ſoccorrer contra as invaſoens dos Turcos. Se alguns miſeraveis renegados Européos ſe comportaraõ entaõ taõ mal, e foraõ igualmente infieis á ſua Patria, e á ſua Religiaõ, naõ ſe deve imputar antes a ſua perfidia a eſtas Potencias, do que á Coroa de Portugal a traiçaõ de tantos Portuguezes, que imitando eſtes transfugas em deſampararem a Fé, e obrigaçoens do ſeu naſcimento, buſcaraõ os Reis da India para os ſervirem contra ſeus concidadaõs, e ſeus proprios irmaõs.

O Califa, que era hum Principe pacifico, e moderado, querendo primeiro tentar os meios de brandura, mandou aſtutamente eſpalhar pelos ſeus Eſtados a vóz de que elle paſſava a deſtruir os lugares Santos, e até apagar os veſtigios dos ſanctuarios, e monumentos conſagrados com a preſença de J. C; e vedaria todo o commercio com os Chriſtaõs eſtrangeiros, e mandaria ſahir dos ſeus Eſtados todos

os

os que nelles havia, ou senaõ obrigalos hia a se fazerem Musulmanes. O Superior do Mosteiro do Monte Sinai, chamado Mauro, Religioso da Ordem de S. Francisco, homem muito de bem, mas pouco lidado nas maquinaçoens de Cortes, tendo ouvido esta noticia, a tomou de véras, e se passou ao Cairo cheio de susto. Isto era o mesmo, que o Califa pertendia, o qual depois de lhe ter posto grande difficuldade, consentio por fim em suspender os effeitos da sua justa vingança, com tanto, que se lhe desse satisfaçaõ. E como este Religioso dava grandes esperanças da sua intervençaõ para com o Papa, e proprio Rei de Portugal, approvou o Califa, que elle viesse a Roma, e lhe deo huma excellente carta para sua Santidade.

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Leo-se a carta em pleno Consistorio: começava com titulos magnificos, com que o Califa se intitulava, e com outros, que dava ao Papa, que naõ eraõ menos honrosos, e que tem aqui seu lugar „ O grande Rei, Senhor „ dos Senhores, Rei dos Reis, Espa- „ da do mundo, Herdeiro dos Reinos, „ Rei da Arabia, e da Persia, e da „ Turquia, Sombra do Deos Altissimo, „ e sua figura sobre a terra, Distribui-

 „ dor

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

„ dor dos Imperios, Flagello dos rebel-
„ des, e hereges, Soberano Pontifice
„ dos Templos, que estaõ sob o seu do-
„ minio, Potencia da Fé, Pai da Vi-
„ ctoria, Canaçaõ Algauri (este era o
„ nome de Campson) cujo Reino Deos
„ perpetue, e estabeleça o throno so-
„ bre a constellaçaõ Gemini; a ti Papa
„ Romano, excellentissimo, e espiri-
„ tual, grande na Fé antiga dos Chris-
„ taõs fieis de Jesu, &c. „

„ Depois deste exordio, expunha
„ o Califa muito por extenso os justos
„ motivos de queixa, que tinha dos
„ Reis Catholicos Fernando, e Isabel,
„ e delRei de Portugal, que pareciaõ
„ ser os mais crueis inimigos d'huma
„ Religiaõ, de que elle era Chefe, que
„ elles perseguiaõ a ferro, e sangue até
„ nos ultimos termos do mundo, sem
„ que elle lhes tivesse dado a mais le-
„ ve causa para isso. Que a sua hon-
„ ra, o seu zelo por esta Religiaõ o o-
„ brigavaõ a despicar-se com todo o seu
„ poder, pela mesma razaõ de ser Che-
„ fe della. Pelo que o advertia, que
„ se pelo credito, que elle tinha com
„ todos os Principes, que seguiaõ a lei
„ de J. C, os naõ obrigava a mudar
„ de procedimento, ver-se-hia obrigado
„ a usar de represalia, destruir os luga-

„ res

„ res Santos, e expulsar todos os Chris-
„ taõs dos seus Estados, ou violentalos
„ a abraçar a lei de Mafoma.

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

O Papa Alexandre VI, que entaõ occupava a Cadeira de S. Pedro, e todo o Sacro Collegio, assustados com estas ameaças, que elles temiaõ ver cumpridas, deputaraõ logo o mesmo Religioso para Hespanha com a copia da Carta, que tinda trazido, a que accrescentaraõ outras, que julgaraõ capazes de fazerem impressaõ no animo dos Principes, a quem eraõ escritas. Naõ sei qual foi a resposta delRei D. Fernando. D. Manoel folgou de ver, que o Califa se valia de queixas, e daqui tirou huma prova das suas poucas forças: respondeo ao Papa por hum tal teôr, que lhe tirou os vaõs, terrores, segurando-o „ que
„ o Califa nada ousaria executar de
„ quanto parecia tencionar contra os
„ santos Lugares, com medo de se pri-
„ var de huma das suas maiores ren-
„ das. Provou-lhe, que o zelo da Re-
„ ligiaõ em nada entrava nos motivos
„ da sua Embaixada, pois que demora-
„ ra mais de vinte annos em se quei-
„ xar do que Fernando, e Isabel fi-
„ zeraõ contra os Mouros de Granada.
„ Que o porque unicamente suspirava,

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

„ era a perda, que lhe causava a interrupçaõ do seu commercio. Pelo que, „ bem longe de tornar atrás do começado, cada vez se confirmava mais na „ resoluçaõ, em que estava, de fazer „ viva guerra a estes inimigos de Jesu „ Christo, sendo justo, que depois dos „ estragos, que elles tinhaõ causado na „ Europa, e dos terriveis flagellos, cujos effeitos a Hespanha experimentara por tantos seculos, se levassem os „ estragos á sua mesma caza, e se lhes „ fizessem cem vezes mais, se fosse possivel, do que elles tinhaõ causado. „

Com effeito D. Manoel desde logo redobrou as suas forças, e quasi por este tempo mandou D. Francisco de Almeida para a India. Quanto ao Frade de S. Francisco, depois de ter feito inutilmente duas vezes a viajem de Roma, voltou ao Egypto, onde naõ pôde deixar ruim conta da sua negociaçaõ. Vendo o Califa, que cumpria recorrer a meios efficazes, se resolveo a mandar huma frota ao mar das Indias: custou-lhe despeza immensa; pois como o Egypto, e o maritimo do mar Roxo naõ cria madeira para navios, era necessario mandar cortar á Asia menor toda o madeira precisa.

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

cisa. A frota do Egypto, que a conduzia a Alexandria, composta de 25 navios, foi encontrada pelo Balío de Portugal André d'Amaral, Chanceller Mór da Ordem de S. Joaõ de Jerusalem, que sahio de Rhodes com huma esquadra de seis navios, e quatro galés da Religiaõ. Amaral desbaratou a armada do Califa, meteo a pique sinco navios, tomou seis, e afugentou o resto, que foi entrar em Alexandria em Damiata. Conduzida dalli a madeira ao Cairo, e transportada depois sobre camelos até Suez em sincoenta dias, se armou alli huma frota de quatro navios grandes, hum galeaõ, duas galeras grandes, e tres galeotas. O Califa nomeou para Capitaõ, hum dos seus Emires, chamado Hocem, homem de merecimento, e de quem fazia confiança. Com esta frota, em que além da chusma, hiaõ 500 Mamelucos, todos Christaons arrenegados, atravessou o mar Roxo, costeou a Arabia, e foi dar fundo em Diu no Reino de Cambaia pelos fins do anno de 1507.

Melique Jaz, Governador, ou Senhor de Diu, recebeo Hocem com o possivel contentamento, tendo-o já por libertador da India. Jaz era hum

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

hum homem de fortuna, e de raro merecimento; era oriundo de Sarmacia, nascido de pais Christaons, e tinha sido cativado pelos Turcos ainda no berço. Foi educado na Religiaõ Mahometana, e depois o venderaõ como escravo ao Rei de Cambaia. Jaz grangeou a benevolencia delRei de Cambaia, por ser muito destro em tirar o arco; e assim se soube fazer lugar no seu agrado com os seus modos meigos, que chegou á maior confiança. Tendo depois alcançado o Governo de Diu, e outras Praças no continente, assim soube insinuar-se com os Mouros Asiaticos, e Europêos, que fez da sua Cidade huma das mais celebres escalas das Indias, e quasi se pôz a par dos Reis pelo seu valimento, e riquezas.

Tendo Hocem, e Jaz unido suas forças, resolveraõ buscar os Portuguezes sem perderem tempo, e investirem-nos achando-se desapercebidos. Por desgraça sua estava D. Lourenço de Almeida mais ao seu alcance. Depois que Tristaõ da Cunha se apartou delle, naõ fez mais do que andar ás prezas dos Mouros, a quem tinha tomado, e metido a pique muitos navios; e depois de ter cobrado tributo

da

da Cidade de Dabul, e navios, que alli estavaõ, se retirou a Chaul, onde esperava 20 navios de Cochim, a quem devia comboiar. Chaul era entaõ huma Cidade de grande trafego, situada nas margens de hum grande rio, duas legoas sobre a sua boca, e 50 legoas distante da Cidade de Diu. Era do senhorio de Nizamaluco, hum dos tyrannos, que tendo-se soblevado contra o Rei de Decan, se tinhaõ feito pequenos Soberanos no districto do seu Governo. Este Princepe folgava muito de chamar ao seu porto estrangeiros, e pela estimaçaõ, que fazia dos Portuguezes, lhes tinha franqueado o seu porto.

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

D. Lourenço, que ignorava que tinha inimigos, que temer, estava alli com toda a segurança, e gastava o seu tempo em festas, jogos de barra, e outros exercicios militares, e de divertimento; quando lhe deraõ noticia de ter chegado huma armada de Rumes mandada pelo Califa, e que estava em Diu. Chamavaõ entaõ Rumes, ou Romanes aos Turcos, ou Musulmanes da Europa, que se estabeleceraõ sobre as ruinas do Imperio dos Gregos, os quaes capricharaõ de pôr á sua Capital o nome de nova

Ro-

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Roma, e qualificar o ſeu Imperio como Imperio Romano; aſſim como chamavaõ Francos, ou Frangues todos os Latinos ſem diſtinçaõ, deſde que os Francezes emprehenderaõ as Cruzadas contra a Terra Santa, cujo eſtrondo ſe eſpalhou até os extremos da Aſia.

Eſta primeira noticia, que no principio naõ foi mais do que huma vóz ſurda, e incerta, foi depois confirmada a D. Lourenço por Brito Governador da Fortaleza de Cananor, que tinha ſido avizado por Timoja, e pelo Vice-Rei, que mandou a Pedro Cam por Chaul com ordem a D. Lourenço, para que foſſe pelejar com eſta frota, antes, que ella chegaſſe a Chaul, e deſſe coragem ao Samorim. O Vice-Rei fez niſto grande erro, pois devia vir peſſoalmente incorporarſe com ſeu filho com todas as ſuas forças. Naõ obſtante taes aviſos, D. Lourenço, e ſeus Capitaens tiveraõ eſta noticia por quimera, pois lhes parecia incomprehenſivel como o Califa podia fazer paſſar huma frota do Mediterraneo ao mar Vermelho, maiormente naõ ſendo eſte capaz de navios groſſos, em razaõ de ſer muito aparcellado; e muito menos ſe perſua-

ſuadiaõ que eſta frota fizeſſe o gyro da Africa. Com tudo D. Lourenço naõ deixou de paſſar ordem aos navios para carregarem com preſteza.

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

No emtanto appareceo a armada d'Hocem. Quando D. Lourenço, e ſeus Capitaens deraõ viſta della, ainda ſenaõ podiaõ capacitar, que foſſe a frota do Egypto, e entenderaõ, que ſeria Affonſo de Albuquerque, que ſe eſperava todos os dias; mas depois que começou a dobrar a ponta, a reconheceraõ pelas flamulas, e bandeiras vermelhas, e brancas ſemeadas de luas negras: vinha toda empavezada, e ornada de bandeiras de ſeda, como de feſta. Entaõ ſe prepararaõ de veras, e tiveraõ tempo baſtante para ſe diſporem para os receberem bem. Os oito, ou nove navios da armada de Almeida ſeparados entre ſi com juſtos intervallos tinhaõ todos a poppa ſobre a praia. D. Lourenço os deixou neſta fórma, contentando-ſe com pôr o ſeu mais ao largo, e de pôr mais longe no meio do rio o de Pedro Barreto, naõ deixando mais que hum eſpaço entre os dois para paſſar a armada inimiga.

Hocem pela fiel Relaçaõ, que tinha da ſituaçaõ da frota Portugueza,

za,

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

za, tinha ordenado a ſua pelo meſmo modo, que tinha regulado a ordem do ataque. Hia na vanguarda, para abalroar com o navio de Almeida: o reſto ſe ſeguia em fila com as galeras entreſachadas entre os navios de alto bordo. Tanto que chegaraõ a tiro, deraõ huma temeroſa ſalva com toda a ſua artilheria, ſeguida de huma denſa nuvem de flexas, panelas de polvora, e toda a caſta de artificios; porém foi-lhe correſpondido tanto a tempo, e com taõ bom ſucceſſo, que Hocem, que o naõ eſperava, e que ficou eſpantado de ſe ver cercado de mortos, e agonizantes, paſſou a diante, e ſe pôz junto á Cidade, pondo-ſe na defenſiva, eſperando, que Melique Jaz, que ficou na boca do rio, ſe vieſſe incorporar com elle. Com eſte penſamento ordenou todos os navios pelo porto aſſima, de modo que ficou hum pouco mais avançado, e com vigas fez huma eſpecie de ponte para ſe communicar de hum navio a outro.

O ataque, ainda que curto, tinha ſido activo, e em ambas as armadas havia grande numero de feridos, que ſe curaraõ toda a noite; porém D. Lourenço, que tinha conce-

ce-

cebido grandes esperanças da victoria, assentou investir com o inimigo no seguinte dia. Consultou o seu projecto com os Capitaens, repartindo por elles os postos, para que cada hum delles se dispuzesse para a acçaõ. Tanto que o vento refrescou, abalou a armada, e principiou o combate com muita furia. Vendo-se o Emir apertado por Almeida, e por Barreto, foi para terra, onde sabia, que naõ podiaõ chegar. Com effeito os navios Egypcios eraõ de differente fundo, e de quilha chata, o que se fez de proposito para salvar os baixos do mar Vermelho. Por outra parte o Emir tinha mandado aliviar o seu de noite; pelo que demandava menos agua do que os dos Portuguezes, que tinhaõ maior bojo. Acalmando ao mesmo tempo o vento, D. Lourenço, e Barreto naõ puderaõ afferrar, o que foi para elles grande desgraça; porque como o navio de Hocem era muito mais alteroso, e defendido em roda com arrombadas de cordas, que faziaõ huma especie de ponte á maneira do Levante, atiravaõ cobertos de sima para baixo, o que causou grande estrago no navio de D. Lourenço, ficando elle mesmo ferido de duas fre-

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

frechadas, de huma dellas no rosto: Naõ se podendo sustentar este posto, se afastaraõ D. Lourenço, e Barreto alguma coisa. Naõ obstante esta desgraça, se combatia nas outras partes com muita vantajem: os outros Capitaens meteraõ no fundo algumas galeras, e atracaraõ mais outras: por outra parte empregavaõ-se tam bem os tiros da artilheria, que desamparando os Mouros os seus navios, se lançaraõ a nado para se salvarem em terra. Tinhaõ assim segurado os Portuguezes a victoria, quando Francisco d'Anhaia entendendo, que obrava bem, lha tirou das maõs, metendo a sua caravela entre os navios inimigos, e a praia, e metendo-se no seu batel. Dalli entrou a perseguir ás lançadas todos estes infelices, que pertendiaõ salvar-se em terra a nado, fez parar os outros, que queriaõ imitar-lhe o exemplo, e obrigou a maior parte delles a tornarem aos seus navios, onde começaraõ a pelejar como desesperados. D. Lourenço de Almeida cahio da sua parte em outra falta, pois podia ter queimado todos os navios inimigos, e este era o parecer de todos os seus Capitaens; mas o desejo de se fazer senhor delles, e apparecer

com

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

com elles ante ſeu Pai, como hum excellente monumento da ſua victoria, o eſtorvou de abraçar eſte conſelho, que foi cauſa da ſua perda.

Tendo aſſim durado o combate até á noite, entrou a apparecer a frota de Melique Jaz, que coſteando por terra, ſe foi unir á do Emir. Eſte politico, que queria conſervar-ſe com ambos os partidos, ſe conſervou na barra do rio, e naõ quiz tomar partido ſenaõ depois de ter a certeza da parte, a que inclinaria a victoria. Compunha-ſe a ſua frota de 40 fuſtas de remos, bem providas de artilheria, e de toda a caſta de muniçoens de guerra, e de boca, mas principalmente de gente eſcolhida, hindo em cada uma repartidos trinta e tres homens.

Perturbaraõ-ſe os Portuguezes vendo eſta nova frota, de que até entaõ naõ tinhaõ mais do que aviſos incertos: moſtrou-ſe com a meſma pompa que a de Hocem, e o que acabou de os deſconcertar foi, que ao meſmo tempo que ella começou as ſuas hoſtilidades, a Cidade, que até entaõ ſe conſervava neutral, ſe declarou pelos inimigos.

Tendo a noite apartado o ardor dos combatentes, D. Lourenço chamou

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

mou os Capitaens a conſelho. Todos votaraõ, que viſto o ſeu pequeno numero, e a multidaõ dos inimigos, o muito numero de feridos, que já tinhaõ, o cançaço dos outros, cumpria retirar-ſe ſem eſtrondo, mandando recado aos navios de Cochim, que ſahiſſem diante. O maior numero de votos queria que ſe fizeſſe á entrada da noite; mas Lourenço, e outros mais, naõ querendo que iſto pareceſſe fuga, inſiſtiraõ em naõ partir ſenaõ ao aclarar do dia. Os navios mercantes paſſaraõ com bom ſucceſſo: os da frota os ſeguiraõ; mas D. Lourenço, que devia hir na ſua retaguarda, tendo teimado em querer levantar a ancora, que eſtava perto do navio de Hocem, em vez de picar a amarra, dando os inimigos tino do deſignio delle, lhe meteraõ no fundo o batel, que tirava a ancora. Entaõ cortou a amarra o Piloto, mas já tarde: eſtava deſacordado de medo, e o empenho de ſe afaſtar do inimigo o mais que pudeſſe, fez perder ao navio o rumo, e hir para a Coſta, de ſorte que deo em hum recife, ou cabeço de peſcaria, onde foi a pique. Como Meliqne Jaz, que o naõ largava, lhe tinha feito hum rombo á flor d'agua debaixo

do

do leme, e já eſtava meio alagado, foraõ inuteis todas as diligencias de Paio de Souſa, que lhe dava reboque. Tendo-ſe quebrado o cabo, ou foſſe com a força dos remadores, ou porque o medo obrigaſſe a algum delles a cortalo, porque Melique Jaz, que tinha em ſeguro o navio, mandou duas fuſtas contra Paio de Souſa, ficou o navio ſem eſperança de ſoccorro; porque por mais que o Souſa, Diogo Peres, e alguns outros fizeſſem, nunca puderaõ vencer a força da corrente, que ſendo muito violenta, e rapida os alongou muito bem contra ſua vontade.

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Eſtando neſte aperto inſtaraõ os Officiaes com D. Lourenço para que ſe ſalvaſſe no eſquife, que eſtava prompto, repreſentando-lhe, que a victoria conſiſtia toda em ſe elle ſalvar; porém o novo Heróe, que receava mais hum deſar na ſua honra, do que a morte, engeitou conſtantemente fazelo, e até ameaçou ferir com huma lança curta, que tinha na maõ, todo aquelle, que continuaſſe em fallar-lhe aſſim; e continuando a dar as ordens mui ſenhor de ſi, ainda ſabendo, que o navio ſe alagava todo, dos trinta homens, que lhe reſtavaõ, pois já tinha perdido ſetenta, fez tres corpos,

que

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

que repartio pelos castellos de popa, e proa, ficando elle defendendo a ponte.

Tendo-se dirigido contra este unico navio toda a attençaõ, e diligencias do inimigo, faziaõ sobre elle hum horrivel fogo. Correspondia a resistencia ao vigor do ataque: huma bala levou a coxa da perna a D. Lourenço, e este tiro, que o prostrou, naõ lhe quebrantou o animo. Mandou vir para o pé do mastro grande huma cadeira, onde se sentou, e continuando a animar os seus, veio huma bala, que dando-lhe no peito perto do braço direito, o lançou morto em terra. Lançado o cadaver entre as pontes, para naõ ser visto, durou ainda o combate com calor muito tempo; e tendo os inimigos quatro vezes chegado a abordar, foraõ outras tantas rechaçados. Com tudo á quinta vez se fizeraõ senhores delle, e entaõ veio o combate a ser mais terrivel: a agua crescia cada vez mais; e ao mesmo tempo se afogaraõ todos quantos estavaõ entre as duas pontes, tanto Portuguezes feridos, como inimigos. Com tudo compadecido Melique Jaz dos valentes soldados, que ainda estavaõ vivos, acabou

o

o combate, dando fim a esta carniceria.

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Contaõ-se duas excellentes acçoens de dois homens, que se assinalaraõ nesta occasiaõ. A primeira de hum pagem de D. Lourenço, que ferido de huma frecha no olho, naõ se afastou do corpo de seu amo, enchugando-lhe com huma maõ as feridas, e com a outra as lagrimas, até que investido dos inimigos entre as duas pontes, cahio sobre hum montaõ de cadaveres, que tinhaõ sido victimas da sua vingança. A segunda foi de hum marinheiro, que ainda que ferido, e sem huma maõ, se defendeo dois dias e meio de sima das gaveas, onde estava sem se render, senaõ a Melique Jaz, depois que este o segurou com toda a formalidade.

Custou esta victoria aos inimigos 600 homens, e aos Portuguezes quasi 140; mas a maior perda destes foi a do seu General. Tinha o porte, que se costuma dar aos Heróes, e era dotado de muitas, e excellentes qualidades, que o faziaõ amado, e estimado: já se, tinha assinalado com muitas acçoens excellentes, e estando ainda na primavera da idade, era o Portuguez, de quem havia melho-

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

res esperanças. Os inimigos perderaõ tambem hum homem, a quem elles acatavaõ muito, e era Maimane, aquelle Santaõ, que fôra enviado com a Embaixada á Corte do Califa, e que sempre depois acompanhou o Emir. Acabou de hum tiro de artilheria, estando fazendo a sua *Zala*, e invocando o seu falso Profeta para alcançar a victoria aos seus. Depois da sua morte se lhe fez a sua apotheóse, e se lhe erigio huma Capella como a Santo, onde se lhe penduraraõ muitas alampadas em honra sua.

Mandava a politica, que os vencedores fossem no alcance dos vencidos, e navegassem direitos a Calecut, para incorporar as suas forças com as do Samorim. Desejava-o Hocem, e trabalhou muito para que se seguisse esta opiniaõ; mas Melique Jaz tinha differentes tençoens, e assim se oppôz, e veio a concluir, que a armada fosse para Diu.

Como além de muita esperteza, tinha tambem muita politica, e aquelle ar de affabilidade, com que muito tempo se distinguiraõ os Mouros, tratou os prisioneiros com summo cuidado, curando-os das suas feridas, cuidando na sua sustentaçaõ, e naõ se

es-

esquecendo de coisa, que lhe pudesse suavizar o cativeiro. Mandou tambem buscar o corpo de D. Lourenço, para lhe mandar dar honrada sepultura, porém nunca foi possivel encontralo, e reconhecelo. Por fim escreveo ao Vice-Rei huma carta ácerca da morte de seu filho, consolando-o da sua perda com todos aquelles motivos, que se podem apontar nestas occasioens, e que he motivo de consolaçaõ para hum Pai, que préza a gloria de saber que o filho, que perdeo, naõ desmereceo delle, morrendo na cama da honra.

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICÉ-REI

O Vice-Rei antes de receber esta carta estava inquieto, por naõ saber qual fôra o destino do seu filho. Chegada a Cochim a frota fugitiva, soube todas as circumstancias da acçaõ, e o desastre da Capitania, mas ninguem o podia desenganar se D. Lourenço ficára morto, se prisioneiro. Nesta perplexidade mais atormentadora do que a clara, e distincta certeza, mandou partir hum Jogue para Cambaia. Tendo este encontrado os prisioneiros no caminho, entregou a hum delles, sem que ninguem o presentisse huma bala de cêra, dentro da qual hia huma carta do Vice-Rei,

——— dizendo-lhe, que dahi a dois dias viria buscar a resposta; e com effeito appareceo, e levou ao Vice-Rei a triste relaçaõ do que se tinha passado.

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Soffreo Almeida com magnanimidade em quanto esteve em publico o golpe taõ cruel ao seu coraçaõ; e ainda que o merecimento de seu filho brilhasse mais que nunca na occasiaõ, em que o perdeo, como a luz, que parece redobrar o seu brilho quando está para se apagar, soube sopear a sua dor, fallando como Heróe Christaõ sobre este successo, e como homem, em quem a educaçaõ dá vigor aos pensamentos elevados, que inspira o nascimento illustre; mas recolhido ao seu gabinete, dando talvez demaziadas largas ás suas tristes reflexoens, e talvez ás suas lagrimas, esteve tres dias inteiros fechado, talvez temendo, que lhe escapassem alguns sinaes de menos constancia. Chegou a ter necessidade de algumas admoestaçoens, que recebeo bem, para sahir desta triste melancolia.

Pelo contrario os vencedores andavaõ como alagados de alegria: resoava por toda a India o éco da sua victoria: naõ se fallava senaõ do Emir,

e

e do Melique: Seus nomes ſe celebravaõ nos verſos das Cantilenas, que ſe entoavaõ em ſeu louvor. Todos os Reis, e Principes do Indoſtaõ lhe mandaraõ Embaixadores a cumprimentalo: os povos exaltavaõ o ſeu triunfo com feſtas, e alegrias publicas; tinhaõ-nos por ſeus Deoſes tutelares, e todos ſe capacitavaõ terem chegado ao ponto de ficarem reſgatados.

Ao Vice-Rei, a quem era notorio o que ſobre iſto paſſava, cada dia ſe lhe aggravava mais a dôr; e ajuizando por outra parte de quanta importancia era rebater a altivez de ſeus inimigos, e aguar-lhes a gloria, que elles aſſoalhavaõ, pois do contrario ſe aventurava naõ ſe deixaſſem levar da torrente ſeus meſmos aliados, movido de huma parte do deſdoiro, em que recahia a naçaõ, eſporeado por outra do deſejo de deſpicar a honra com huma vingança, que deſſe brado, ſe applicou todo a juntar as forças, para pôr em execuçaõ o ſeu deſignio. Por ventura lhe chegaraõ ao meſmo tempo de Portugal as náos de dois annos ſeguidos, por quanto as do anno precedente ſe viraõ obrigadas a invernar no caminho.

Eſtando as coiſas neſtes termos, che-

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

chegou a Cananor Affonſo de Albuquerque com Proviſoens delRei, que o nomeavaõ Governador General da India. Eſte grande Capitaõ trouxera Proviſoens occultas para ſucceder a Almeida, quando acabaſſe o ſeu governo; mas tinha neſte ponto guardado hum profundo ſilencio, e talvez demaziado quando ſahio de Lisboa com Triſtaõ da Cunha; pois ſe deixaſſe tranſpirar alguma coiſa, ſem duvida encontraria mais reſpeito, docilidade, e reverencia naquelles, a quem as faltas, em que cahiraõ a ſeu reſpeito, foraõ depois cauſa de infinitos deſgoſtos para levarem ao fim os primeiros paſſos. Naõ obſtante eſtas Proviſoens, Affonſo de Albuquerque aſſentou, que todavia era bem eſperar novas ordens.

Quando ſe tornou a Socotorá, proveo a Fortaleza, reprimio a audacia dos Fartaques, que ficaraõ na Ilha, e foi andar ás prezas ſem fructo por trez mezes para o cabo de Guardafú. Por fim tendo recebido os provimentos, que eſperava, e encontrado com tres navios, que hiaõ para a India, ſe foi com elles. Antes porém de paſſar ao ſeu deſtino, quiz viſitar Ormuz; naõ porque ſe viſſe com for-

forças ſufficientes para a ſubjugar; mas ſim para ver o eſtado das coiſas, e fazer-lhe todo o mal poſſivel, por deſgoſtar Coge Atar. Foi primeiro a Calaiate, e para ſe vingar de o terem outra vez inſultado com côr de paz, a esbulhou, e tendo alguns dias depois deſtroçado Zafaradim, que viera de noite dar-lhe de ſalto na frente de 1000 homens, acabou de deſafogar a ſua colera contra a Cidade, queimando-a com 27 embarcaçoens, que eſtavaõ no porto.

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Paſſando dahi para defronte de Ormuz, teve o deſgoſto de ver, que Coge Atar tinha aproveitado o ſeu trabalho, acabando a Fortaleza, que elle começara, e guarnecendo-a de boa artilheria, como tambem a Cidade, que tinha guarnecida com huma boa tranqueira, e fortes baterias. Porém mais o mortificou ainda, quando Coge Atar lhe participou cartas, que o Vice-Rei da India lhe eſcreveo; em cujas cartas deſapprovava tudo quanto Albuquerque tinha feito na guerra de Ormuz, prometendo-lhe queixar-ſe ao Rei de Portugal, e de ſe lhe fazer juſtiça, pedindo-lhe a ſua amizade, e huma correſpondencia reciproca entre as duas Naçoens.

Con-

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Conjecturando elle destas cartas as ruins disposiçoens do Vice-Rei a seu respeito, lhe serviraõ de funesto presagio dos desgostos, que devia esperar. Resoluto todavia em seguir viajem exposto a todo o successo, depois de fazer grandes estragos nas vizinhanças de Ormuz, foi dar hum golpe em Nabanda, praça, que fica nas Costas de Carmania, onde estavaõ dois Officiaes de Ismael, Rei de Persia, na frente de 500 homens escolhidos, que vinhaõ em soccorro de Ceifadim. Investio-os em huma noite escura, julgando, que os achava desapercebidos; mas achou-os dispostos para a peleja, o que naõ obstante, assim apertou com elles, que os desbaratou, ficando os dois Officiaes entre os mortos. A acçaõ pareceo taõ excellente ao mesmo Sofi, que quando lhe deraõ conta della, mandou hum expresso a cumprimentar Albuquerque, mas quando chegou, já elle tinha partido para a India, por cuja causa naõ póde satisfazer a sua mensagem.

O Vice-Rei, ou porque tivesse algum ciume interno contra Albuquerque, e lhe fosse desaffeiçoado; ou porque foi de genio, e caracter muito suscepti-

ptivel de preoccupaçoens, fez nelle demaziada impressaõ o que lhe disseraõ os Officiaes, que o tinhaõ abandonado; e bem fóra de punir a sua desobediencia, aceitou todas as suas deposiçoens, e começou por instruir o seu processo formalmente, sem ouvir as partes. Estimulado depois de hum secreto desprazer de se ver substituido por hum sujeito, a quem elle já tinha taõ maltratado, ouvida esta noticia, que para elle, e para seus Officiaes culpados foi hum raio, que os aterrou, aceitou as opposiçoens, que elles lhe puzeraõ, como se fosse coisa contra o serviço delRei entregar o Governo a hum homem, que era capaz de deitar tudo a perder; e concebeo o ousádo designio de o trazer prezo a Portugal, tençaõ, que teria dado á execuçaõ, se Siqueira, a quem ElRei tinha dado huma pequena armada para hir reconhecer Malaca, quizera ficar interinamente com o Governo da India, até que ElRei provesse.

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Isto naõ obstante, fez bom gazalhado a Affonso de Albuquerque quando chegou; porém quando este General lhe propôz o entregar-lhe a elle o governo na fórma das ordens, que trazia, repugnou com altivez; e se desculpou com

razo-

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

razoens aſſás frivolas, deixando-o para depois da ſua expediçaõ contra Hocem: e como Albuquerque ſe offereceo cortez a acompanhalo, como voluntario ſujeito ás ſuas ordens, lho agradeceo friamente, e lhe ordenou que foſſe para Cochim com pretexto de que neceſſitava deſcançar de tantas lidas.

Ao meſmo tempo que todos deſamparavaõ Albuquerque por comprazerem com o Vice-Rei, ficava aquelle embebido em triſtes reflexoens, e eſte ufano de ſe ver capitaneando huma formoſa armada de 19 navios mandados por Officiaes de nome, e de merecimento, em que havia 1300 Portuguezes, e 400 Malabares de Cochim, ſe fez á vela a 12 de Dezembro em buſca do inimigo. Tendo no caminho queimado alguns navios de Calecut, quando ſe achou na altura de Dabul, reſoluto em dar hum caſtigo ao Sabaio, a quem ella pertencia, e que em todas as occaſioens ſe tinha moſtrado parcial contra os Portuguezes, e neſta ultima occaſiaõ tinha deſafogado em muitas demonſtraçoens de alegria pela victoria do Emir, cahio de repente ſobre eſta Cidade, e veio ſurgir no ſeu porto. Dabul ſituada, quaſi ſimi-

ſimilhantemente a Chaul, ao pé de huma montanha agradavel, e fertil, em hum rio eſpaçoſo, e navegavel, em diſtancia de duas legoas da ſua boca, era Cidade grande, bem aſſentada, rica, negociante, e populoſa. Tinha-a o Sabaio mandado cercar de huma trincheira, e de hum profundo foſſo, pondo a eſpaços outras fortificaçoens, e boas baterias: tinha dentro nella hum Capitaõ de credito com 6♁ homens de preſidio, entre os quaes havia 500 Rumes Turcos, ou Chriſtaós renegados.

Anx. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Eſte Capitaõ eſtava taõ confiado em ſi meſmo, que nem quiz conſentir que ſe fechaſſem as lojas, nem ſe tiraſſe nada da Cidade, nem dos ſeus arrabaldes, como ſenaõ tiveſſe perigo, de que ſe temer; e mandou vir do campo para a Cidade a ſua mais eſtimada concubina, para a divertir com a alegre viſta da ſua victoria.

Tanto que Almeida deſembarcou, o veio elle buſcar fóra das portas com toda a ſua guarniçaõ. He verdade que pelejou como valente, e acabou ſem moſtrar medo. O combate ſe conſervou igual em quanto ſe combatia de longe; mas tanto que chegaraõ ás armas brancas, tudo foi deſordem, e matan-

Ann. de J. C. 1508.

D. Mamoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

tança. Os Portuguezes entrando de volta na Cidade com os moradores, a encheraõ de ſangue: naõ ſe perdoou nem a ſexo, nem a idade, a meſma eſpoſa do Commandante naõ pôde comprar a vida a preço de todas as ſuas riquezas. O vencedor inſolente aſſim ſe enfureceo contra eſte miſeravel povo, que folgava de eſmagar nas paredes os meninos arrancados dos peitos das máis, de ſorte que a ſua cruëldade ficou em proverbio na India, coſtumando os Indios dizer nas ſuas imprecaçoens.,, Aſſim deſafogue, e caia ,, ſobre ti a colera dos Frangues, co- ,, mo cahio ſobre Dabul. ,, Quando o ſoldado eſteve ſatisfeito de matar, cuidou em cevar a ſua avareza, e para os retirar da Cidade foi Almeida obrigado a mandar-lhe pôr o fogo, que acabou de pôr por terra, o que eſcapou ás maõs do avido ſoldado.

Tendo por alguns dias talado os lugares circumvizinhos, ufano o Vice-Rei de taõ belo enſaio, ſe fez á vela, e veio ſurgir defronte de Diu no ſegundo de Fevereiro, de 1509. Quiz Hocem ſahir ao mar a offerecer-lhe batalha no largo. Melique, que eſtava em ſua caſa, e queria ficar de guarda na Cidade, tentou inutilmente eſtorva-

lo,

Ann. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

lo, reprefentando-lhe que era mais prudencia ficar no porto, onde feria foccorrido pela artilheria dos baluartes, e das baterias, foccorrido de frefco continuadamente com novas tropas, que elle lhe mandaria da terra, e onde por fim teria hum afylo, fe a fortuna naõ foffe favoravel ás fuas diligencias. Naõ tendo eftas razoens feito impreffaõ em hum homem altivo, e que confiava em huma frota de mais de 100 velas de toda a cafta, as pôz todas fóra do molhe de Diu; porém faltando-lhe o vento as formou ao longo da terra, onde já eftavaõ quatro navios de Cambaia ancorados, alem de hum baixo, que fahia para o mar. Tendo igualmente acalmado o vento ao Vice-Rei, chamou os feus Capitaens a Confelho, e acabado elle, foi lançar ancora no maior alcance de artilheria dos inimigos, ficando o baixo entre ambos. Entaõ os navios de remo, que fahiraõ do porto, vieraõ tambem ancorar ao pé da frota Portugueza, e começaraõ a difparar contra ella a fua artilheria, no que tambem os ajudou a artilheria do molhe, e das mais baterias, que eftavaõ na praia, o que durou até á noite.

Mudando Hocem de refoluçaõ naquel-

ANN. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

quella noite, tornou a recolher-se no porto, e naõ deixou além dos baixos senaõ os quatro navios de Cambaia, e o de Melique Jaz. Depois formou as suas velas junto da praia em duas linhas, a primeira composta dos navios maiores da frota atados dois a dois, e o seu no meio. Naõ podendo os Portuguezes hir a elles senaõ enfiados huns apôs os outros, Almeida a instancias dos seus Officiaes, que attentasse pela sua conservaçaõ, de que dependia a salvaçaõ da armada, e o ganho da victoria, foi obrigado a ceder o mando de Almirante, que hia na vanguarda, em Nuno Vaz Pereira seu amigo, a quem deo para o ajudar Diogo Peres, que foi seu marinheiro, e elle ficou na retaguarda dando as ordens.

Tendo-se levantado pelas tres horas da manhã hum vento fresco, mandou o Vice-Rei fazer o final, e todos os navios abalaraõ, menos o de Jorge de Mello, que por malicia do seu Piloto naõ se achou prestes. Começando entaõ a disparar a artilheria inimiga com hum terrivel estampido, fumo, e algazarra, mataraõ a Nuno Vaz 6 homens na vela grande: comtudo naõ deixou de passar ávante.

Ten-

Tendo nesta occasiaõ, Hocem quando o vio chegar, feito afastar o navio, que lhe servia de marinheiro para o meter entre dois fogos, Nuno, que ainda devia hir mais ávante, antes que se viesse prolongar por elle, mandou atirar ao tal navio hum tiro de artilheria grossa tanto a tempo, que o furou á flor d'agua de parte a parte. Tendo ao mesmo tempo lançado arpéos os dois navios de Hocem, e de Nuno, ficaraõ assim atracados. Os Portuguezes mais expeditos, tendo saltado dentro no do Emir, se fizeraõ senhores do castello de proa, e levaraõ os inimigos a encurralalos na coxía; mas como tinhaõ por sima huma ponte de cabos em fórma de rede, foi para elles huma grande vantajem. Aqui se demorou o combate com muita animosidade de parte a parte, e os Portuguezes tiveraõ assás de lida, porque tendo ao mesmo tempo outro navio do Emir puchado o cabo, tomou o navio de Nuno pelo outro bordo. Nuno, que foi hum dos primeiros, que saltou no navio de Hocem, animava todos os seus com o exemplo; mas como estava cançado, e esganado com o barbote do capacete, que o suffocava, tendo-o levantado para tomar

Ann. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI.

Ann. de J. C. 1509.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

mar ar, lhe atiraraõ huma settada á garganta, de que morreo dahi a tres dias.

A ferida do Capitaõ naõ fez esmorecer o ardor dos combatentes, antes pelo contrario fez mais furioso o combate por chegar Francisco de Tavora, que arribando sobre a náo de Hocem saltou dentro acompanhado da sua gente com tanto impeto, que foraõ todos de narizes ao chaõ.

Naõ andava nas outras partes menos travada a briga: os mais Capitaens todos tinhaõ abalroado sua embarcaçaõ, menos Jorge de Mello, que de longe atirava aos dois navios de Cambaia, e o Vice-Rei, que fazendo tambem o mesmo, meteo a pique hum grande navio. Naõ era igual o successo em toda a parte, porém os Portuguezes em toda a parte tinhaõ a melhor; e naõ se acabava de declarar a victoria, porque Melique Jaz, que andava pela praia, estava sempre soccorrendo com tropas de refresco, e matava, ou feria os seus, que se tinhaõ lançado ao mar para escaparem.

No maior calor do combate, o Vice-Rei, naõ obstante o resguardo, que se tinha tomado para a sua conservaçaõ, se vio exposto ao maior risco; porque além de ser sobre quem fa-

fazia mais effeito a artilheria da Cidade, que o varejava, eftava cercado dos navios de Calecut, e das fuftas de Melique Jaz. O feu navio eftava todo em fogo, pois como era de tres pontes, e tinha tres baterias huma fobre outra, a fua artilheria andava taõ prompta, que dizem que elle fó atirou 1900 tiros de artilheria. Andava o Vice-Rei com huma cota d'armas de veludo carmezim fobre a couraça, com o elmo na cabeça, o efcudo no braço efquerdo, e hum alfange na direita, taõ attento, que parecia, que voava de hum cabo do navio a outro, para animar todos com a fua prefença.

Por fim a victoria fe declarou pelos Portuguezes, quando fe rendeo o navio do Emir. Tendo-fe afaftado o navio, que o viera foccorrer, os foldados de Hocem perderaõ o animo: elle proprio fugio ferido, e chegando a terra, temendo que Melique o entregaffe ao Vice-Rei, montou a cavallo, e fe retirou disfarçado á Corte de Cambaia. As náos de Calecut deraõ depois o primeiro exemplo fugindo: torneáraõ a Ilha, e naõ pararaõ fenaõ em Calecut, para onde os acompanharaõ as fuftas de Melique. Rui Soares lhe foi dando caça, e fez

Ann. de J. C. 1509

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

huma excellente acçaõ; porque alcançando duas, lhes lançou duas ancoras, e as trouxe assim a reboque ao navio do Vice-Rei, á vista de toda a armada.

Restava sómente o navio de Melique Jaz, que era o maior de todos, de madeira muito forte, e todo cuberto de couros untados de azeite para embaraçar a abordagem; que com effeito se tentou inutilmente, pelo que o Vice-Rei se resolveo a mandar-lhe atirar: até a mesma artilheria fazia pouco effeito, e por ventura tendolhe a caravela de Garcia de Sousa feito dois rombos á flor d'agua, foi a pique.

Com isto teve fim o combate, que durou até á noite. Os inimigos perderaõ nella perto de 4ꝏ homens, e em particular os Mamelucos, que todos ficaraõ mortos: dos Portuguezes morreraõ poucos, e ficaraõ 300 feridos; e além dos dois navios, que meteraõ a pique, tomaraõ mais tres da armada do Emir, duas galeras, e dois navios de Cambaia.

No dia seguinte mandou Melique Jaz, pedir paz ao Vice-Rei, mandando para este fim hum Mouro por nome Cid-Alle, a quem o Vice-Rei conhe-

conhecêra em Hespanha no tempo da guerra de Granada. Tendo este Mediador trazido, e exposto as proposiçoens de ambas as partes, aceitou Melique todas aquellas, que naõ lhe feriaõ a honra: entregou os prizioneiros, que tinha; entregou algumas galeras; prometteo naõ tornar a recolher as armadas do Califa; mas nunca quiz entregar as pessoas, que tinhaõ buscado o seu abrigo.

Ann. de J. C. 1509.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei.

Ratificada a paz, se tornou o Vice-Rei a Cochim: de caminho cobrou o tributo de Nizamaluco, e de mais alguns Principes daquella Costa, que tinhaõ escuzado de pagar até entaõ; porém murchou os seus lauros com a sua crueldade; pois chegando á vista de Cananor, mandou enforcar muitos prisioneiros, dos que trazia, e despedaçar outros, mandando-os atar á boca das bombardas. Que taõ verdade he, ser coisa bem difficil sopear as paixões na prosperidade!

O successo do Vice-Rei naõ lhe adoçou o animo a respeito de Albuquerque, antes pelo contrario tudo isto concorreo para o estimular mais, havendo entre elles lanços assás dissaboreados, que me parece justo deixar de referir circumstanciadamente. Basta

 di-

Ann. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

dizer, que deixando-se o Vice-Rei levar do ruim conselho de aduladores, o mandou primeiramente prender, e confiscar-lhe em casa todos os papeis, e bens, e depois de prezo, o mandou para a Fortaleza de Cananor, sem lhe consentir mais, do que tres creados, e tambem mandou prender, e perseguio por varias fórmas todos os seus favorecidos.

Eraõ já passados tres mezes, que Albuquerque estava assim aggravado, e tendo padecido muito na sua prizaõ, porque o Governador Lourenço de Brito era creatura do Vice-Rei, quando aportou em Cananor Fernaõ Coutinho Graõ Marechal do Reino com quinze navios, e tres mil homens d'armas.

Foi a coisa mais feliz, que podia succeder a Albuquerque. O Marechal era seu parente, seu amigo, e trazia recentes ordens de Lisboa em seu favor. Bem se póde considerar qual seria a indignaçaõ do Marechal quando soube por miudo do mesmo Albuquerque a relaçaõ das suas desgraças; mas como naõ havia tempo, que perder, e senaõ tratava de discursos, logo o fez reconhecer por Governador General, sendo elle o primeiro, que o re-

co-

Ann. de J. C. 1509.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

conheceo, trazendo ordem para em tudo lhe obedecer: depois o meteo na sua náo, e o conduzio a Cochim.

O Vice-Rei recebeo o Marechal com muitas demonstraçoens de estimaçaõ, e naõ pôz duvida em obedecer ás ordens delRei. O Marechal trabalhou quanto pôde da sua parte por reconciliar estes dois grandes homens, a quem naõ havia mais que censurar do que as suas desavenças. Albuquerque mostrou esquecer-se generosamente do que lhe tinhaõ feito seus subalternos; mas foi difficil em se accommodar a respeito do Vice-Rei. Este se mostrou resentido, pois desde que lhe fez entrega do governo, se recolheo ao seu navio, d'onde naõ tornou a desembarcar. Pelo que, julgando segundo o que se vio, a sua reconciliaçaõ foi assás fria, e pouco sincera, como saõ de ordinario as reconciliaçoens dos Grandes.

A maior parte dos Officiaes, que tinhaõ tomado partido contra Albuquerque, fazendo conceito do animo deste pelo seu delles, naõ se affoitaraõ a experimentar a sua generosidade, e expor-se ao seu resentimento, e se vieraõ a Portugal com o Vice-Rei. Mas o Vice-Rei, que tinha adquirido

Ann. de J. C. 1509. D. Manoel Rei. D. Francisco de Almeida Vice Rei

do tamanha gloria na India, se deixou matar (como hum temerario) pela gente mais miseravel do mundo. Por quanto aportando á aguada de Saldanha perto do cabo de Boa Esperança, tendo a chusma do navio, que mandou a terra para resgatar algumas coisas dos Cafres daquellas praias, insultado os mesmos, estes se puzeraõ em defeza, e feriraõ alguns. Assentando o Vice-Rei, que devia tomar despique por conselho dos mesmos Officiaes, que o tinhaõ envolvido nas discordias com Albuquerque, perdeo a bandeira Real, e ficou morto com onze Capitaens, e mais 50 pessoas, a maior parte Nobres, que acabaraõ ás maõs dos Cafres mais brutaes daquella Costa, e armados sómente de pedras, páos, e frexas. Perda que causou maior desar, e mais consideravel para os Portuguezes, do que nenhuma das que experimentaraõ nos encontros, que tiveraõ na India.

Fim do quarto Livro, e Tomo primeiro.